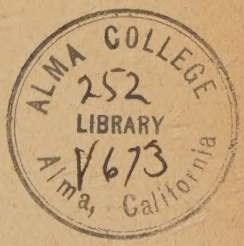
Obras completas do Padre ANTONIO VIEIRA

SERMÕES

VOLUME XI

Revisto pelo Rev. Padre Gonçalo Alves

Prègador, ou S. Paulo, ou Vieira
D. Luiz de Sousa, Arc. de Braga.



PORTO
LIVRARIA CHARDRON
De Lello & Irmão, editores
R. DAS CARMELITAS, 144
—
1908

0113

IMPRENSA MODERNA, de Manoel Lello
Rua da Rainha D. Amelia, 61 — PORTO

Composto em machina americana
((MERGENTHALER))

SERMÃO SEXTO

Beatus venter qui te portavit: Quinimo beati qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud. [1]

I

Uma das coisas mais notaveis, antes a mais notavel de quantas disse David, são aquellas palavras do Psalmo 70.°: *Adjiciam super omnem laudem tuam.* [2] Quer dizer: Eu, Senhor, vos louvarei de tal maneira, que sobre todo o vosso louvor, ainda hei de accrescentar mais. Chamei a esta proposição notavel, e devera-lhe chamar contraditoria e impossivel. Deus é todo poderoso: e perguntam os philosophos, se póde Deus fazer tudo quanto póde? Uns negam, outros affirmam, e uns e outros se implicam. Porque depois de Deus fazer tudo o que póde, ou póde fazer mais alguma coisa ou não? Se não póde, deixou de ser Deus, porque não ha Deus sem omnipotencia. E se póde, segue-se que aquillo que fez, não era tudo. O mesmo se infere desta proposição de David, em que diz que ha de accrescentar sobre todo o louvor de Deus. Porque, ou David ha de accrescentar, ou não? Se não accrescenta, é falsa a sua proposição: e se accrescenta, segue-se que o louvor de Deus, sobre o qual accrescentou, não era todo: porque sobre o que é tudo não póde haver mais.

Assim é com evidencia. E se me perguntaes a que fim começo hoje com um tal exordio? Digo, senhores,

---

[1] *Luc.*, II.
[2] *Psal.* LXX, 14.

que para me retratar do que disse no sermão passado; e para confessar que o que lhe aconteceu a David com os louvores de Deus, me succedeu tambem a mim com os do Rosario. No sermão passado cuidei que tinha prégado a maior de todas as excellencias desta soberana devoção da Virgem Senhora nossa. Porém estudando mais em seus milagres, e examinando melhor as maravilhas sobre todo o excesso grandes e estupendas, que por meio do seu Rosario tem obrado a mesma Senhora; por cima da que julguei que era a maior das maiores, achei ainda outra maior. E esta é a que hei de prégar hoje. Aos que louvam o Santissimo Sacramento, diz Santo Thomaz, que não tenham medo de dizer muito, e que se atrevam quanto poderem; porque aquelle Senhor sacramentado é maior que todo o louvor: *Quia maior omni laude, nec laudare sufficis.* E quem prega de um assumpto, que é maior que todo o louvor, quando cuida que tem dito, ainda acha, como David, que póde dizer mais: *Adjiciam super omnem laudem tuam.*

O que vos disse, e provei ultimamente, se bem vos lembra, foi que o meio mais efficaz para guardar os mandamentos de Deus, é a devoção do Rosario. E como a guarda dos mandamentos de Deus é o meio necessario e unico para alcançar a bemaventurança, e não ha nem póde haver maior bem, que a mesma bemaventurança; pareceu-me que esta excellencia do Rosario era tambem a maior que delle se póde dizer. Mas se o não é, como suppõe a minha retratação; que excellencia póde haver nem imaginar-se, que seja maior que esta? Se vos occorre alguma, folgaria eu muito de a ouvir. Mas porque vos não quero cançar o discurso, nem suspender a admiração, pergunto: Se ser o Rosario o meio mais efficaz para guardar os mandamentos de Deus, é fazer bemaventurados os que os guardam; não seria maior a sua efficacia, e mais admiravel a sua virtude, se não só fizesse bemaventurados os que guardam os mandamentos, senão tambem os que os não guardam? Claro está que sim. Pois isto é o que de novo digo, e o que, se Deus me ajuda, hei de provar. A regra geral de Christo é que os que guardarem os mandamentos de Deus alcançarão a bemaventurança: porém esta regra geral tem uma excepção, que diz: se a Virgem do Rosario não ordenar o contrario; porque no tal caso até os

que não guardaram os mandamentos serão bemaventurados. Isto posto, com licença do bemditissimo Filho da mesma Virgem, assim como o Senhor replicou ao *Beatus venter*, dizendo: *Quinimò beati;* assim eu me atreverei a replicar tambem por parte da Senhora, e a trocar o logar ao mesmo *Quinimò*. Christo disse com regra geral por parte de Deus: *Beati qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud:* e eu digo com excepção particular por parte da Mãe de Deus: *Quinimò beatus venter qui te portavit.* Para declarar este altissimo privilegio, que todo é graça, peçamos a da mesma Senhora: *Ave Maria.*

II

Beati qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud. Quinimò, Beatus venter qui te portavit.

Então é maior a misericordia, quando? Quando as acções da misericordia se parecem com as da injustiça. A misericordia e a justiça não são virtudes encontradas. Deus infinitamente justo, e infinitamente misericordioso, tão misericordioso é como justo. Mas quanto a misericordia tem menos de justiça, e quanto se parece mais com a injustiça, tanto tem mais de misericordia.

Quando Christo Senhor e Legislador supremo promulgou a sua Lei (que foi em outro monte como Moysés), a todas as virtudes prometteu por premio a bemaventurança, como aquelle que só a podia dar, e fazer bemaventurados: *Beati pauperes, beati mites, beati qui lugent:* [1] e assim das demais. E' porém muito digno de reparo, que só aos misericordiosos e esmoleres prometteu a bemaventurança com nome de misericordia. Aos pobres de espirito prometteu a bemaventurança com nome de reino: aos que choram seus peccados, com nome de consolação: aos que teem fome e sêde, com nome de fartura: aos limpos de coração, com nome de vista de Deus: e só aos misericordiosos com nome de misericordia *Beati misericordes, quoniam ipsi misericordiam consequentur.* [2] Pois se a bemaventurança, que a nenhum homem é devida, em

[1] *Math.*, v, 3.
[2] *Ibid.*, 7.

todos é misericordia; porque só se chama misericordia, quando se dá aos misericordiosos e esmoleres? Porque só nelles é misericordia de tal genero, que totalmente parece injustiça. Oiçamos a sentença do dia do Juizo: *Venite, benedicti Patris mei, possidete regnum: esurivi enim, et dedistis mihi manducare: sitivi, et dedistis mihi bibere:* [1] Vinde, bemditos de meu Padre, para o reino do céu, porque tive fome e me déstes de comer, tive sede, e me déstes de beber. Assim ha de dizer o supremo Juiz aos da mão direita: e voltando-se para os da esquerda, dirá tambem do mesmo modo: *Discedite à me maledicti in ignem æternum: esurivi enim, et non dedisti mihi manducare, sitivi, et non dedistis mihi potum:* [2] ide, malditos, para o fogo do inferno; porque tive fome, e não me déstes de comer, tive sede, e não me déstes de beber. De sorte que toda a sentença do dia do Juizo, assim de uma, como de outra parte, se vem a resolver em *dedistis mihi*, ou *non dedistis mihi*. Se déstes, absoltos; se não déstes, condemnados. E não é isto o que costumam fazer os juizes injustos, e subornados? Assim é, e tanto assim, que não duvidou dizer S. João Chrysostomo: *Judex noster per pauperes corrumpitur:* que o nosso Juiz Christo se deixa subornar e corromper, e que os canos por onde recebe os subornos, são os pobres, a quem se dá a esmola. E porque a misericordia com que Deus dá a bemaventurança aos esmoleres, se parece tanto com a injustiça; por isso esta misericordia como singular, e não só grande, mas superior a todas, se chama por excellencia misericordia: *Beati misericordes, quoniam ipsi misericordiam consequentur.*

Mas ainda este exemplo, sendo tão grande, e tão universal, é curto. Vamos ao maior de todos, e que só podia caber na immensidade do coração de Deus. A maior acção da misericordia divina (e que ainda depois de obrada, só a póde crêr a fé, e a razão não póde provar que era possivel) foi a da Redempção do genero humano por meio da Encarnação e Morte de seu proprio Filho. E que circumstancias concorreram nesta prodigiosa resolução da misericordia, que

[1] *Math.*, XXV, 34 e 35.
[2] *Ibid.*, 41.

não pareçam manifestas injustiças? Vender o Filho, para resgatar o escravo? Condemnar o innocente, para absolver o culpado? Matar o justo, para que vivesse o peccador? Se esta acção não fôra de Deus, e a fizera o pae ou o rei mais santo, quem haveria que a não julgasse por injustissima? Sem sahir do mesmo caso: porque foi injusto Caiphaz? Porque foi injusto Herodes? Porque foi injusto mais que todos Pilatos, senão porque executou como sua esta mesma sentença? Se Pilatos em condemnar a Christo, e absolver a Barrabaz, commetteu a maior injustiça; que menos fez o Eterno Padre, condemnando a seu Filho, para libertar os filhos de Adão do peccado de seu pae, e dos seus? Mais digo. Pilatos lavou as mãos; mas o Eterno Padre não as pôde lavar. Porque Pilatos obrou forçado, e o Eterno Padre muito por sua vontade: Pilatos confessou a innocencia de Christo: *Innocens ego sum à sanguine justi hujus:* [1] e o Eterno Padre poz em Christo, e sobre Christo os peccados e maldades de todos os homens: *Posuit in eo iniquitatem omnium nostrûm.* [2] Pois isto quer, isto resolve, isto manda, isto executa um Deus, que é a mesma justiça, com tantas circumstancias ou apparencias de injustiça? Sim; porque assim era necessario para sublimar e exaltar Deus a soberania da sua misericordia sobre a mesma justiça. A misericordia que não excede, e encontra as leis da justiça, é misericordia vulgar, e quasi indigna da piedade infinita de Deus. Qual é logo a misericordia digna do seu coração, ou como lhe chama Zacharias, das suas entranhas: *Per viscera misericordiæ Dei nostri?* [3] E' uma misericordia que verdadeiramente pareça injustiça: e quanto mais similhança tiver de injustiça, tanto mais terá de divina.

Assim o entendeu altamente Drogo Hostiense, e o declarou por bocca do Bom Ladrão, como testemunha de vista. Em que fundou o Bom Ladrão a esperança, de que sendo ladrão e malfeitor, havia de ser Christo tão misericordioso com elle, que lhe désse o seu reino? Fundou-a não só na misericordia de Christo, mas no genero de injustiça com que consi-

[1] *Math.*, XXVII, 24.
[2] *Isai.*, LIII, 6.
[3] *Luc.*, I, 78.

derou, que a sua mesma misericordia o condemnára: *Video in te magnam, et tuam, hoc est, competentem tibi misericordiam, quæ te mihi ad mei consimilem condescendere fecit miseriam. Ego digna factis recipio, tu autem quid fecisti? Video te mihi in pœna similem, quem actu video tam dissimilem.* Vejo em vós. Senhor (diz o Ladrão), vejo em vós, a quem já reconheço por Deus, uma misericordia tão grande, tão divina, tão vossa; que só ella póde ser digna de quem vós sois, pois vos fez meu companheiro na mesma miseria. A mim poz-me a justiça em uma cruz, e justamente, porque sou culpado: a vós poz-vos a misericordia em outra cruz; mas injustamente, porque sois a mesma innocencia: e quando eu vejo que a vossa misericordia foi tão injusta comvosco, que sendo innocente, vos fez similhante a mim na pena; por isso espero tambem que será tão injusta commigo, que sendo eu culpado, me faça similhante a vós na gloria. Assim o considerou subtilmente o Ladrão, e assim lhe succedeu. De maneira que a similhança de injustiça que o Ladrão considerou na misericordia que condemnou a Christo, essa foi a que lhe deu esperança de que a mesma misericordia o salvaria a elle: *Video te mihi in pœna similem, quem actu video tam dissimilem.* E esta misericordia que tantas circumstancias teve, ou tantas apparencias de injusta; esta mesma, e por isso mesmo foi a maior misericordia, a mais alta, a mais divina, e a mais digna de quem Deus é, que todas as suas: *Video in te magnam, et tuam, hoc est, competentem tibi misericordiam.* E se aquella misericordia que tanto se parece com a injustiça é a misericordia propria das entranhas de Deus; *Per viscera misericordiæ Dei nostri:* não será muito que pareça tambem hoje injusta a misericordia da que trouxe a Deus em suas entranhas: *Beatus venter qui te portavit.*

III

Para que vejamos estas que parecem injustiças da Virgem Senhora nossa nas misericordias do seu Rosario; infinitos são os exemplos, que me offereciam as Historias Ecclesiasticas, assim nas Chronicas geraes e particulares da Sagrada Religião de S. Domingos,

como em muitos outros Auctores, de que só os da nossa são mais de vinte. Deixados pois outros casos do mesmo genero, só referirei um que por real deve preferir aos demais. Houve um grande rei, diz o Beato Alano, e calla o nome da pessoa e do reino por reverencia da dignidade, a que o mesmo que se coroava com ella nenhum respeito, nem decoro guardava. Era mau e vicioso de todos os quatro costados, que são as quatro obrigações de que se compõe a dignidade real, ou o rei digno. A primeira para com Deus, a segunda para com os estranhos, a terceira para com os vassallos, a quarta para comsigo. Mas todos estes quatro elementos estavam corruptos naquelle indigno principe, com que vinha a ser a peste da sua republica. Para com Deus era impio e blasphemo: para com os estranhos ambicioso e soberbo: para com os vassallos avarento e cruel: e para comsigo todo entregue ás demasias da gula, e ás outras intemperanças que desta se seguem. Assim viveu este monstro coroado alguns annos, e assim (que assim havia de ser) veiu a morrer sem emenda. Em quanto se celebravam as exequias do corpo presente, foi presente a infeliz alma ante o Tribunal Divino, chorando os dois Anjos de sua guarda, e triumphando com tão grande preza a caterva dos demonios que a cercavam. Assistia ao pé do throno S. Miguel com a balança; e foi coisa maravilhosa, ou lastimosa, que pondo-se de uma parte infinitas más obras, da outra não houve uma só boa com que se contrapezassem. Condemnado pois o miseravel rei pelos peccados de rei, que eram os maiores, e pelos de homem, que eram gravissimos, quando já os ministros infernaes lhe iam arrebatando a alma para a levar e sepultar no inferno, eis que apparece cercada de resplandores a gloriosissima Mãe de Deus com um Rosario na mão. E que Rosario era este? Coisa estranha e não imaginada, e de que no Juizo se não tinha feito caso. Se algum signal de christandade havia dado o rei em sua vida, era trazer sempre pendente do cinto um Rosario de contas grossas, as quaes porém nunca rezava. Assim o nota e pondera o Santo historiador, advertindo juntamente, que á imitação do rei todos usavam tambem trazer publicamente o Rosario, e não só por gala, ou cerimonia como elle, porque todos o rezavam e offereciam á Senhora. Este Rosario pois não rezado, mas occa-

são sómente de que outros o rezassem, poz a Mãe de misericordia por sua propria mão na outra parte da balança, e foi tal o peso que da mesma mão soberana tinha recebido, que logo a inclinou e levou abaixo, subindo a das más obras, como se foram mui leves. Aqui se acabou de entender então a verdade e propriedade com que tinha dito o Apostolo Santiago: *Misericordia superexaltat judicium.* [1]

O sentido destes Textos todos os Padres e Expositores entenderam sempre que queria dizer, que a misericordia prevalece, e é superior á justiça, mas as palavras do mesmo Texto parece que se não accommodam a este sentido; porque ellas dizem que a misericordia exalta, e levanta a justiça: *Misericordia superexaltat judicium:* logo se a justiça é a exaltada e levantada, ella é a que fica superior, e não a misericordia. Por esta difficuldade são infinitas as exposições e ainda versões, que se teem inventado para declarar o mesmo Texto: mas todas violentas e improprias. A propria e verdadeira, é a que se mostra na balança; a parte que sóbe é a vencida e que fica debaixo; e a que desce a que prevalece, e fica de cima. E este é o modo com que a misericordia levanta a justiça: *Misericordia superexaltat judicium. Sicut in statéra una lanx pondere aliquo depressa elevat altéram, et adversam, ita misericordia elevat judicium*, diz o Cardeal Caetano. E não é maravilha, que entre os Expositores, elle désse unicamente neste pensamento, como Doutor da Familia do Rosario: o qual Rosario no nosso caso o mostrou e confirmou com tão milagrosa experiencia.

Mas que fariam os demonios á vista desta subita mudança, tão contraria á victoria, e ao despojo com que já triumphavam? Duas coisas refere a historia, ambas notaveis: uma é, que furiosos arremetteram á balança, que tinham carregado com as más obras do rei, trabalhando com toda a força pela fazer descer, e que pezasse mais que o Rosario: a outra, que não aproveitando nada com todas as suas forças, atrevidos e blasphemos clamaram contra a Senhora dizendo a grandes vozes: *Maria, injustè fecisti, fecisti inæqualitatem:* Maria, fizestes uma grande injustiça, isto não é ra-

[1] *Jacob.*, II, 13

zão, nem egualdade. Mas assim como Deus permitte aos demonios, que blasphemem, sem por isso lhes dar novo castigo, assim a Mãe de Deus, não fazendo caso daquellas blasphemias, e voltando-se para a alma do rei já livre da condemnação, lhe disse: que se tornasse a unir ao corpo, e que a vida que d'alli por diante se lhe concedia, a empregasse em taes obras, que satisfizessem a culpa e escandalo das primeiras. Assim se fez: e com assombro de toda a nobreza do reino, que assistia aos officios funeraes, se levantou do tumulo o rei defunto vivo, dizendo em alta voz, e com as mãos levantadas ao céu: *O' benedictum sit Rosarium Virginis Mariæ, per quod sum liberatus à damnatione gehennæ:* O' bemdito seja o Rosario da Virgem, pelo qual fui livrado da condemnação do inferno.

Este foi o prodigioso caso, de cujas circumstancias só pede o nosso assumpto, que examinemos e ponderemos a allegação dos demonios, a qual, posto que atrevida e blasphema, parece que foi posta em razão, e justificada. E a justiça e a razão, nem ao demonio se ha de negar. Em outro caso similhante de um ecclesiastico, por nome Baslo, cuja alma patrocinava a Virgem depois de morto, allegaram os demonios á mesma Senhora, que sendo Mãe da verdade, e da eterna justiça, lhes não podia tirar das mãos aquelle homem, que era seu. E como em prova de que era seu, o accusassem de um peccado grave, que nunca tinha confessado; diz S. Pedro Damião (que é o auctor da historia) que reconhecendo a Senhora ser assim, parára um pouco, e não replicára, como em referencia da verdade, posto que affirmada pelos paes da mentira: *Quod peccatum cùm Beata Virgo licet ab authoribus mendacii veraciter recognovisset, modestè paulisper obticuit, et quodammodo veritati reverentiam præbuit.* Assim que, sem offensa da Mãe de Deus, posto que os demonios foram os que disseram: *Maria injustè fecisti;* nem por isso havemos de deixar sem exame as apparencias de razão que tiveram: antes será, não só licito, mas conveniente, argumentar e instar pela mesma parte, para que as misericordias da Senhora e do seu Rosario, quanto mais parecer que involvem de injustiça, tanto mais gloriosamente nos manifestem quanto teem de excellente misericordia.

IV

Consideradas pois todas as circumstancias da misericordiosa salvação, que referimos do rei morto, condemnado, absolto, resuscitado, e finalmente salvo; por todas ellas parece que foi a sentença injusta. Injusta por parte das leis, injusta por parte do réo, injusta por parte do Juiz, e mais injusta por parte da Advogada e do motivo, que foi a Senhora e o seu Rosario.

Começando pelas leis, basta por todas as do nosso Evangelho: *Beati qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud.* A Lei universal de Christo é, que se salvem só os que guardarem os mandamentos de Deus, e que sejam condemnados para sempre, e que vão penar eternamente no inferno os que os não guardarem. Isto mesmo repetem a cada regra todas as Escripturas, e é artigo de fé. Pois se aquelle rei em toda a vida não guardou as Leis de Deus, desprezando tão impia, tão insolente, e tão escandalosamente, não só uma (que bastava) senão todas, e assim perseverou obstinado até á hora da morte, sem emenda nem arrependimento; como se não executou nelle a pena das mesmas leis? Isto é que os demonios chamaram injustiça: *Maria injustè fecisti;* e o mesmo parece que tinham razão de dizer e clamar todos os condemnados do inferno. Que Deus nos condemnasse, porque vivemos e morremos desobedientes a seus mandamentos, é muito justo: *Justus es, Domine, et rectum judicium tuum:* [1] porém que não haja de padecer a mesma pena quem commetteu as mesmas e maiores culpas; que justiça é esta? Até os bemaventurados do céu podem fazer a mesma queixa. Naquelles operarios da parabola de Christo, chamados á vinha a differentes horas, são significados todos os que se salvam, e hão de salvar; porque todos receberam o denario, o qual se chama assim, porque é a satisfação e premio com que Deus paga a observancia dos dez mandamentos. E com tudo diz o Texto, que depois de receberem esta paga, alguns delles murmuravam contra o Pae de familias, que é Deus: *Accipientes mur-*

[1] *Psal.*, CXVIII, 137.

murabant adversus Patrem familias. [1] Mas se estes, que já tinham recebido a paga (como bem replica S. João Chrysostomo), se estes, que já tinham recebido a paga, já estavam no céu, e já eram bemaventurados e o Pae de familias é Deus, como murmuram contra o Pae de familias? No céu ha murmuração, ou podem os murmurados murmurar contra Deus? E' certo: que nem murmuram, nem podem; mas declara a parabola com a sem razão deste nome, a razão verdadeiramente apparente com que parece se podiam queixar da differença e desegualdade que Deus usou entre uns e outros; *Hi novissimi una hora fecerunt, et pares illos nobis fecisti, qui portavimus, pondus diei, et æstus?* [2] Estes vieram na ultima hora, nós supportamos todo o pezo do dia, e da calma, e no cabo fazeil-os eguaes comnosco? Que diriam, se fallassem do nosso caso estes mesmos bemaventurados? Se chamam desegualdade a levarem o mesmo premio os que trabalharam todo o dia na vinha, e os que vieram a ella na ultima hora: que haviam de dizer comparados com o mau rei, que nem na ultima hora veiu, antes todos os dias da sua vida tinha empregado todo o seu poder em arrancar, decepar, e destruir a vinha? Vêde se tinham apparente, e mais que apparente occasião para se queixar, e murmurar da Mãe como do Pae, e dizer pelos mesmos termos á Senhora: *Fecisti inæqualitatem.*

Mas taes como estas são as que parecem injustiças da misericordia de Deus, e da Virgem do Rosario. O que respondeu o Pae de familias a um dos murmuradores em nome de todos, foi: *Amice, non facio tibi injuriam: nonne ex denario convenisti mecum? Tolle quod tuum est, et vade. Volo autem et huic novissimo dare sicut et tibi: aut non licet mihi quod volo, facere?* [3] Amigo, eu não te faço injuria, pois te pague: o que prometti, e ajustei comtigo. E se pago egualmente a este que não trabalhou tanto, o que lhe dou de mais a elle, não o tiro a ti. Contenta-te com o que é teu, e do meu deixa-me fazer o que quero, pois me é licito. Esta foi a resposta do Senhor da vinha, tão senhoril como justificada, e vem a dizer

[1] *Math.*, xx, 11.
[2] *Ibid.*, 12
[3] *Math.*, xx, 13, 14 e 15.

em summa: que a liberalidade não é divida, e que quando Deus usa de maior graça, e de maior misericordia com uns, nem por isso faz aggravo ou injuria aos outros; porque a graça não é injuria, nem a misericordia injustiça. Mas se assim é, como é; porque razão Christo Senhor nosso (que foi o sapientissimo Artifice da parabola, e a podia formar como quizesse) porque razão onde não havia injuria, introduziu a queixa, e onde não havia injustiça, a murmuração? Por isso mesmo, dizem S. Jeronymo e S. Gregorio. Porque queria o Senhor encarecer a mesma graça e a mesma misericordia sua, que era o fim de toda a parabola: e a graça que póde parecer injuria, é maior graça; a misericordia que póde parecer injustiça, é maior misericordia. Taes são, como dizia, as graças e misericordias de Deus, e principalmente quando o Senhor as concede por mão de sua Santissima Mãe, e procuradas (como no nosso caso) pela mesma Senhora. E' novo e não menor reparo na mesma parabola.

Quem sahiu a chamar e conduzir os operarios para a vinha, e quem fez o concerto com elles, foi o mesmo Pae de familias; *Qui exiit primo mane conducere operarios in vineam suam:* [1] porém as pagas que occasionaram a murmuração, mandou-as fazer pelo seu Procurador: *Dixit procuratori suo.* [2] Pois se o Pae de familias fez os pactos por sua propria Pessoa, as pagas porque as não fez tambem elle por sua mão? Porque eram pagas deseguaes, umas de justiça, outras de graça, e de tão excessiva graça, que deram occasião á queixa. E posto que o fazer os pactos e as leis pertença primitivamente a Deus que é o Pae de familias; quando essas leis se hão de exceder em parte, ou dispensar em todo, estas dispensações e graças extraordinarias não as costuma Deus fazer immediatamente por si mesmo, senão por mão do seu Procurador, ou da nossa Procuradora, que é a Virgem Santissima. Assim o dizem e apregoam expressa e encarecidamente S. Bernardo, S. Anselmo, S. Epiphanio, S. Boaventura, e todos os Santos em todos seus escriptos. Bastem pelo testemunho de todos as palavras de S. Ger-

[1] *Math.*, xx, 1.
[2] *Ibid.*

mano, Arcebispo de Constantinopla, que verdadeiramente são germanissimas, fallando com a mesma Senhora: *Quis post Filium tuum, ita humani generis curam gerit, sicut tu? Nullus enim est qui salvus fiat, ó sanctissima, nisi per te: nemo est qui liberetur à malis, nisi per te: nemo est, cujus misereatur gratia, nisi per te.* Quem ha, depois de vosso Filho, ó Virgem Santissima, que assim procure o bem do genero humano, como vós? Porque ninguem se salva, senão por vós; ninguem se livra dos males, senão por vós; ninguem alcança misericordia ou graça, senão por vós. De sorte que todas as graças e misericordias que excedem as leis da justiça, e ainda parece que a encontram, não as faz Deus immediatamente por si mesmo, senão por mão de sua Santissima Mãe. Mãe tambem, e Procuradora nossa, como o fez o Pae de familias por mão do seu Procurador: *Dixit Procuratori suo.*

Isto quer dizer, e encarecer aquelle *nisi per te, nisi per te, nisi per te*, tantas vezes repetido. Mas porque neste curar de nós, e procurar de nós, dá o Santo o segundo logar á Senhora, e o primeiro a seu Filho: *Quis post Filium tuum, ita humani generis curam gerit; sicut tu;* parecia-me a mim que no nosso caso se devem trocar estes logares. No caso da parabola o Procurador só fez o que lhe mandou o Senhor da vinha: porém no nosso caso a nossa soberana Procuradora não só excedeu o que o mesmo Senhor manda; mas procurou que se fizesse e conseguisse tudo o contrario. Comparemos em um e outro caso o que fez o Pae das misericordias, que é o Pae de familias, com o que fez a Mãe de misericordia, que é a Mãe do mesmo Pae. O Pae de familias, no caso da parabola, excedeu o justo: a Virgem Maria, no nosso caso, excedeu o injusto. Ora notae. O Pae de familias, aos que chamou em segundo logar, e d'ahi por diante, não lhes prometteu o jornal de todo o dia por inteiro, senão o que fosse justo: *Quod justum fuerit dabo vobis.* [1] E como aos que só serviram poucas horas, ou uma só hora, deu inteiramente o jornal de todo o dia, bem se vê que excedeu o justo. Porém a Senhora, no nosso caso, indo por fóra de todos os exemplos da pa-

[1] *Math.*, xx, 4.

rabola, e fazendo que o mesmo jornal e a mesma paga (que é o denario da bemaventurança) se désse não só a quem não tinha servido, mas a quem tanto tinha desservido e offendido a Deus, como aquelle mau rei, manifestamente excedeu o injusto. O dar a quem não serviu é liberalidade: mas o pagar a quem não serviu, é injustiça; porque a paga suppõe serviço, assim como o premio suppõe merecimento. E se pagar a quem não serviu, é uma injustiça, pagar a quem desserviu e offendeu, são duas, e não só é fazer, senão exceder o injusto. Isto pois que não mandou o Pae de familias, nem fez o seu Procurador, procurou a Senhora do Rosario, e fez que se executasse contra todas as leis geraes do que Deus manda. E quem haverá á vista deste excesso de misericordia, que, trocando a blasphemia dos demonios em louvor digno de o cantarem os Anjos, se não atreva a dizer confiadamente á sua Rainha e nossa: *Maria injustè fecisti.*

V

O que só se póde responder, é que a Senhora mandou ao rei que depois de resuscitado emendasse na segunda vida os erros da primeira. Mas isto mesmo foi quebrar outra lei. A lei universal de Deus, é que os homens não tenham mais que uma vida, e uma morte: *Statutum est hominibus semel mori.* [1] Tanto assim, que até o mesmo Rosario se não atreve a pedir á mesma Mãe de Deus outra coisa: *Sancta Maria, Mater Dei, ora pro nobis peccatoribus nunc, et in hora mortis nostræ.* Pedimos á Mãe de Deus, que rogue por nós peccadores, agora, que é esta vida, e mais na hora da morte; porém depois da morte não pede tal coisa o Rosario. Mas não fôra a Senhora do mesmo Rosario tão misericordiosa, e tão poderosa como é, se nos não concedera o que pedimos, e o que não pedimos tambem. Por ventura Martha e Maria pediram a Christo que resuscitasse seu irmão? Nem tal pediram, nem tal lhes passou pelo pensamento. O que só desejaram (e não pediram) foi que o Senhor lhe ac-

[1] *Hebr.*, IX, 27.

cudisse antes de morrer, e o sarasse da enfermidade. Assim o significava o recado: *Ecce quem amas, infirmatur:* [1] e assim o diseram depois uma e outra: *Domine, si fuisses hic, frater meus non fuisset mortuus.* [2] Comtudo, sem as irmãs se atreverem a pedir, nem ainda a esperar a resurreição de seu irmão, o Senhor, movido de sua propria misericordia, o resuscitou: porque? Bem creio que nem a vós vos vem ao pensamento a razão. Mas a razão foi, porque nesta resurreição, quiz fazer um ensaio particular, e dar um testemunho publico das que depois havia de obrar em graça de sua Santissima Mãe.

Antes de Christo nesta hora entrar em Bethania, parou, e mandou por Martha, que alli o foi receber, que fosse chamar a sua irmã Maria: *Magister, adest, et vocat te.* [3] Mas se as duas irmãs tinham repartido entre si as duas cerimonias daquelle acto, Martha a da cortezia, sahindo a receber o Senhor, e Maria a do nojo e sentimento, ficando encerrada em casa; porque a mandou o Senhor chamar, e quiz que viesse primeiro? Excellentemente S. Pedro Chrysologo: *Mittitur Martha ad Mariam, quia sine Maria, nec fugari mors poterat, nec vita poterat reparari. Veniat Maria, veniat materni nominis bajula; ut videat homo Christum virginalis uteri habitasse secretum: quatenus prodeant ab inferis mortui, mortui exeant de sepulchris.* Excellentemente outra vez. Mandou o Senhor chamar a Maria, porque como Lazaro estava morto, e se lhe havia de restituir a vida, nem sem Maria se podia lançar fóra a morte, nem a vida se podia resturar sem Maria: *Quia sine Maria nec fugari mors poterat, nec vita poterat reparari.* Notae muito aquelle *nec poterat* duas vezes repetido. Não porque Christo, soberano Senhor da morte e da vida, não podesse absolutamente dar agora vida a este morto, como no fim do mundo a ha de dar a todos, mas porque estes mesmos poderes os tem communicado a sua Mãe com tão irrevocavel delegação, que assim como a Senhora não póde dispôr da morte e da vida sem o concurso superior de seu Filho, assim o Senhor o não faz jámais sem companhia de

---

[1] *Joan.*, XI, 3.
[2] *Ibid.*, 21.
[3] *Ibid.*, 28.

sua Mãe. De sorte que esta resurreição (diz Chrysologo) não se fez em graça de Maria irmã de Lazaro, senão por graça e privilegio de Maria Mãe de Deus: *Veniat Maria, veniat materni nominis bajula.* E para que? Que o *porque* já está dito: *Ut videat homo Christum Virginalis uteri habitasse secretum, quatenus ab inferis prodeant mortui, mortui exeant de sepulchris.* Agora acabou de dizer o Santo o que só faltava para a inteira propriedade do nosso caso. Para que entendam os homens, que o fim porque Deus se fez homem no sacrario virginal do ventre de Maria, foi para que as almas dos mortos subam do inferno, e os corpos sáiam vivos das sepulturas: *Quatenus ab inferis prodeant mortui, mortui exeant de sepulchris.*

Isto é o que a Senhora do Rosario obrou no nosso caso, com maior privilegio e maior milagre que o da resurreição de Lazaro. Porque sendo Lazaro morto, e o rei tambem morto, eguaes na resurreição: o inferno de que o Senhor livrou a alma de Lazaro, era o Limbo; porém o de que a Senhora livrou a alma do rei, era propriamente o inferno dos condemnados, a que já estava tambem condemnado por sentença do supremo Juiz: *Quatenus ab inferis prodeant mortui.* Duas vidas deveu Lazaro a Christo: a primeira de que morreu enfermo; a segunda de que morreu martyr, em ambas santo. Mas as duas vidas que o rei deveu á Senhora, teem muito mais de misericordia, porque não tiveram nada de justiça. A um homem que viveu e morreu justo, justamente se lhe torna a dar vida: mas a um rei, o qual tem maiores obrigações que as de homem, depois de viver e morrer em tantas e tão enormes maldades, sem nenhum arrependimento dellas, com que justiça se lhe póde perdoar uma vida, e conceder outra? Mas estes são os excessos de misericordia com que a Senhora qualifica as do seu Rosario. Vêde com quanta razão podia dizer este rei com o rei David: *Melior est misericordia tua super vitas: labia mea laudabunt te:* [1] Eu, Virgem do Rosario, ainda que o trazia commigo, a minha bocca não o rezava; mas ella d'aqui por diante o fará: *Labia mea laudabunt te:* confessando que á vossa misericordia não só devo a vida, senão as vidas: *Melior est misericordia tua su-*

[1] *Psal.* LXII, 4.

per vitas. As vidas que deveu Lazaro a vosso Filho, foram grande misericordia; mas as vidas que eu vos devo, uma tão boa, sobre outra tão má; uma tão pouco merecida, sobre outra de tanto desmerecimento, ainda são maior misericordia em vós, como melhor em mim: *Melior est misericordia tua super vitas*. Assim o conta e canta El-rei David, como se fallára litteralmente do nosso; e por isso conclue milagrosamente o mesmo Psalmo com a alegria e triumpho do Rei, e com a tristeza e confusão dos demonios, que lhe queriam levar a alma, e tornaram sem ella para o inferno: *Ipsi verò in vanum quæsierunt animam meam, introibunt in inferiora terræ: partes vulpium erunt: rex verò lætabitur in Deo?* [1]

VI

A segunda circumstancia que parece faz injusta esta misericordia, é a consideração do reu. Já vimos quão escandalosa era a vida daquelle mau rei, e quão estragada em todo o genero de vicios, sem outra apparencia de piedade christã, mais que trazer o Rosario no cinto. Mas esta mesma apparencia de piedade o fazia mais impio, e mais reu: *Reatus impii est pium nomen*, disse sentenciosamente S. Salviano. E dá a razão muito propria do nosso caso: *Magis damnabilis est malitia quam titulus bonitatis accusat*. Os peccados que commettia o rei não se accusavam uns aos outros; mas aquella especie de bondade estava sempre accusando as suas maldades, e as mesmas contas do Rosario com que as queria dissimular, eram cento e cincoenta testemunhas contestes que o condemnavam. Pois se por isto mesmo era mais digno de condemnação: *Magis damnabilis;* como foi esta mesma a causa de não ser condemnado? Absolver pela mesma razão de condemnar, como póde ser justiça? Apertemos bem este ponto, e passemos-lhe o Rosario do cinto ao pescoço; que o cinto e o Rosario ambos podem ser laço.

O Rosario trazido e rezado é devoção, mas não re-

[1] *Psalm.* LXII, 10, 11 e 12.

zado e trazido, é hypocrisia: *Omnis hypocrita palliat sanctitatem in veste, quam non habet in mente:* o hypocrita, diz S. Bernardo, traz a santidade no vestido, porque a não tem no espirito. E tal era a hypocrisia deste rei. Vestia o Rosario, mas não o rezava. Que importa trazer os mysterios nas contas, se as contas não se rezam, nem os mysterios se meditam? Eram os quinze mysterios deste Rosario, como o mysterio que trazia escripto na testa aquella má mulher no Apocalypse, vestida de purpura, chamada por S. João a mãe de todas as torpezas e maldades, com quem podéra ser bem casado este rei. E se ella foi condemnada justissimamente, como póde elle ser absolto com justiça? Chamou um Anjo a S. João, para que fosse vêr a condemnação daquella má mulher: *Veni, ostendam tibi damnationem meretricis magnæ.* [1] E do mesmo modo nos chama a nós a Rainha dos Anjos, para que venhamos vêr a absolvição deste mau homem. Posto pois o absolto á vista da condemnada, e sendo as culpas de ambos tão similhantes, que juizo se póde fazer de uma e outra sentença? Se a condemnação executada em um dos reus foi tão justificada, a absolvição concedida a outro, como póde ser justa, não havendo de differença mais que um Rosario não rezado?

Accrescento, que ainda que fôra rezado, e bem rezado, sendo o rei tão mau como era, aquelle acto de religião sómente exterior, não podia ser grato a Deus. A historia só diz, que o Rosario era grande: mas não diz de que materia fosse: *Portabat illud, et quidem magnum in zona sua, quod tamen non recitabat:* e eu digo, que ainda que o rezasse, e o Rosario fosse de calambuco, ou de ambar, não podia cheirar bem a Deus. Do sacrificio que offereceu Noé depois do Diluvio, diz a Escriptura que subiu a Deus um cheiro muito suave: *Odoratus est Dominus odorem suavitatis.* [2] E pelo contrario, dos sacrificios que se offereciam a Deus no Templo em tempo de Isaias, diz o mesmo Isaias, que o incenso era abominavel a Deus: *Ne offeratis ultra sacrificium frustra: incensum abominatio est mihi.* [3] Os sacrificios antigos, ou na Lei da natureza, como o

[1] *Apoc.*, XVII, 1.
[2] *Gen.*, VIII, 21.
[3] *Isai.*, I, 13.

de Noé, ou na Lei escripta, como os do Templo, não eram outra coisa, que umas rezes lançadas no fogo, e queimadas. Pois o cheiro das rezes queimadas era suave a Deus, e o cheiro do incenso abominavel? Sim. Porque o olfato de Deus é muito diverso do nosso. Noé era santo, os sacerdotes do Templo eram sacrilegos: e tudo o que offerecem os bons, ainda que seja carne queimada, cheira bem a Deus: pelo contrario, tudo o que offerecem os maus, ainda que sejam incensos, e thimiamas, cheira-lhe muito mal. O mesmo passa no Rosario. Ainda que as contas sejam calambucos, e o que se reza por ellas sejam rosas, se o que se reza é mau, não podem cheirar bem, nem ser gratas a Deus.

A razão não é outra senão a que dizíamos. Bons exteriores com mau interior são hypocrisias: e este é o peccado que Deus mais aborrece, mais abomina, menos perdôa, e mais condemna. Seis vezes repete Christo no Evangelho: *Væ vobis hypocritæ, væ vobis hypocritæ:* [1] o que não diz de algum outro vicio, nem de todos juntos. E porque razão? Porque aquelle *væ* na bocca do supremo Juiz é sentença de condemnação abreviada em um ai, que depois será estendido por toda a eternidade: e os hypocritas, como os que não teem fé, antes da condemnação já estão condemnados: *Qui non credit, jam judicatus est.* [2] Tanto assim, que no fôro judicial do Tribunal Divino, hypocrita quer dizer condemnado, e condemnado quer dizer hypocrita. Segundo este formulario fallou Isaias, que é o mais curial de todos os Prophetas: *Possedit tremor hypocritas: quis poterit habitare de vobis cum igne devorante: quis habitabit ex vobis cum ardoribus sempiternis?* [3] E o que mais é, o mesmo Juiz Christo, fallando da condemnação do mau servo: *Dividet eum, partemque ejus ponet cum hypocritis: illic erit fletus, et stridor dentium.* [4] Pois se esta é a justiça do Filho por tantos e tão temerosos modos ratificada, como póde fazer o contrario justamente a misericordia da Mãe? Aquelle Rosario, que foi todo o fundamento ou mo-

---

[1] *Math.*, XXIII, 15.
[2] *Joan.*, III, 18.
[3] *Isai.*, XXXIII, 14.
[4] *Math.*, XXIV, 51.

tivo da absolvição do reu, não só era hypocrisia, senão dobrada hypocrisia. Uma vez hypocrita dos outros vicios, porque sendo o rei impio e blasphemo, o ostentava devoto: e hypocrita de si mesmo, porque sendo sómente ostentado, e não rezado, fingia-se Rosario sem ser Rosario. E sendo aquella falsa ostentação dobrada hypocrisia, e por isso dobrada causa de justa condemnação, com que justiça podia ser absolto o reu, e absolto depois de já condemnado? Assim o diz declaradamente a historia: *Cum contra eum daretur sententia condemnationis.* Eu não nego que a Virgem Senhora nossa, é a unica esperança de todos os peccadores, mas tambem é certo, que se tira por excepção a esperança dos hypocritas, como está escripto no livro de Job: *Spes hypocritæ peribit.* [1]

VII

Todas estas apparencias de injusta teve no nosso caso a misericordia da Senhora do Rosario considerada da parte do reu. E se por isso foi maior misericordia, sendo o reu tão digno de condemnação, nem por isso foi menos justificada: porque? Porque ainda que era reu, era rei. Bem vejo que vos admira a resposta: mas a razão della é porque tem grande pezo diante de Deus os bons exteriores dos reis, ainda quando lhes falta o interior da virtude. Mandou Deus pelo Propheta Elias notificar a El-rei Achab a pena de Talião em castigo da injusta morte que tinha dado ao innocente Nabot, com tantas circumstancias de tyrannia: e como Achab rasgasse a purpura, e se vestisse de sacco, e cobrisse a cabeça de cinza, bastou esta demonstração para Deus suspender a sentença. Agora pergunto: Esta demonstração de penitencia em Achab foi verdadeira penitencia? Não: que assim o mostraram logo os effeitos. E a verdadeira penitencia não consiste em rasgar e mudar os vestidos, senão em mudar e rasgar o coração: *Scindite corda vestra, et non vestimenta vestra.* [2] Pois se não foi verdadeira

[1] *Job.*, VIII, 13.
[2] *Joel.*, II, 13.

penitencia, porque suspendeu Deus o castigo? Porque Achab era rei, e ainda que no interior não estava penitente, os exteriores eram de penitencia. Assim o disse Deus ao mesmo Elias: *Nonne vidisti humiliatum Achab?* [1] Não vistes humilhado a Achab? Humilhado disse, e não humilde: porque a humildade é o interior da humiliação, assim como a humiliação é o exterior da humildade. E bastou que o rei se mostrasse penitente neste exterior, ainda que o interior lhe faltasse, para que Deus suspendesse a sentença.

E se nos é licito entrar nos arcanos dos conselhos divinos, e inquirir que motivos tenha Deus para usar desta razão de estado com os reis, o mesmo Deus a declarou naquella palavra *Vidisti: nonne vidisti humiliatum Achab?* Não viste humilhado a Achab? Do que os subditos vêem no rei, tira Deus grandes consequencias, e tem grandes utilidades. E taes foram as que a Senhora considerou e estimou no Rosario do nosso rei. Porque ainda que não era Rosario rezado, era Rosario visto. Tão poderosos são os bons exteriores dos reis, e tão efficaz é nos vassallos a vista só dos mesmos exteriores! São os reis como a serpente de Moysés levantada no meio do povo, que bastava pôrem os olhos nella, e ser vista, para dar saude a quantos a viam: *Pone eum pro signo: qui percussus aspexerit eum.* [2] São os reis como os prototypos e exemplares, que sómente vistos e sem obrar, dirigem as acções do artifice, e aperfeiçoam as obras: *Inspice, et fac secundum exemplar, quod tibi in monte monstratum est.* [3] Por isso os hebreus sendo governados por Deus, pediram rei que fosse diante delles: *Da nobis regem, et egredietur ante nos:* [4] porque Deus era rei invisivel, e queriam rei que podessem vêr. E por isso El-rei David pedindo a Deus mercês extraordinarias, o que allegava era que o veriam: *Videbunt me et lætabuntur, quia in verba tua super speravi.* [5] D'onde infere elegantemente Santo Ambrosio: *Quam pulchrum ergo: si videaris, ut prosis?* Porque não póde haver coisa

[1] *3.º Livr. dos Reis*, XXI, 28.
[2] *Num.*, XXI, 8.
[3] *Exod.*, XXV, 40.
[4] *1.º Livr. dos Reis*, VIII, 6 e 20.
[5] *Psalm.* CXVIII, 74.

mais gloriosa, que aproveitar a muitos só com ser visto. Isto era o que fazia aquelle rei com o Rosario que trazia publicamente á vista de todos, bastando só que fosse visto, posto que não rezado, para que os demais o rezassem, como não só refere, mas pondera o mesmo historiador: *Videntes universi regem suum Rosarium portare, fecerunt et ipsi similiter; et quod magis est, illud orabant.*

Notae muito estas ultimas palavras. Porque o rei trazia o Rosario, todos o traziam; e posto que elle o não rezava, todos o rezavam. Quando Moysés viu o fogo na sarça, e que a sarça não se queimava, disse: *Vadam, et videbo visionem hanc magnam:* Quero ir vêr esta grande visão. Ide embora, Moysés, e vêde bem que essa visão ainda tem mais que vêr. Dizeis que é grande visão, mas ainda é maior. E porque era aquella visão maior que grande? Era grande, porque estando o fogo na sarça, não queimava a sarça; e era maior, porque onde estava, não queimava, e onde não estava, santificava. Não queimava a sarça, e santificava a terra: *Locus enim in quo stas, terra sancta est.* [1] Tal era o Rosario que o rei trazia no cinto: a elle que o não rezava, não fazia devoto, mas fazia devotos aos vassallos que o viam, e o rezavam: a elle não fazia santo, porque continuava nos vicios, e á sua terra e ao seu reino santificava, porque rezando o Rosario, viviam christãmente: *Locus in quo stas, terra sancta est.* Vêde o que faz um Rosario trazido no cinto do rei, e visto nelle, posto que não rezado.

Fallando o Propheta Rei com outro Rei maior que elle, disse-lhe que cingisse a espada, porque só a vista, de lh'a verem cingida seria tão poderosa, que renderia tudo: *Accingere gladio tuo super femur tuum, potentissime: specie tua, et pulchritudine tua, intende, prosperè procede, et regna.* [2] Porém S. João no seu Apocalypse vendo este mesmo Rei (que era o Rei dos reis) viu que trazia a espada na bocca, e que era espada de dois fios: *Et de ore ejus gladius utraque parte acutus exibat.* [3] E que espada é esta, que não se traz

---

[1] *Exod.*, III, 3.
[2] *Psalm.* XLIV, 4 e 5.
[3] *Apoc.*, I, 16.

na mão, senão na bocca, ou na cinta? Outros lhe dão varios sentidos todos allegoricos, mas nas circumstancias do nosso discurso nenhum lhe quadra melhor que ser o Rosario. E' o Rosario espada de dois fios; porque, como muitas vezes dissemos, por uma parte é oração vocal, e por outra oração mental; e porque por ambas as partes é oração, por ambas é espada. Se esta espada se traz na bocca, é o Rosario rezado; se se traz cingida, é o Rosario no cinto, como o trazia este rei. Mas basta que se traga no cinto, para ser, não só poderoso, mas poderosissimo: *Accingere gladio tuo super femur tuum, potentissime:* basta que se traga no cinto, para que só com a sua vista consiga o rei felizmente todos seus intentos: *Specie tua, et pulchritudine tua intende, prosperè procede et regna.*

Os intentos pois do nosso rei, em tudo o mais nada pio, eram, como diz a sua lenda, de promover e cultivar a devoção do Rosario: *Volens familiam suam inducere ad orandum Beatæ Mariæ Virginis Rosarium.* [1] O meio que tomou para esta pia cultura, e lavoura do céu na terra, foi semear o mesmo Rosario nos olhos dos seus vassallos. Lá diz a Escriptura, que o semear nas lagrimas, tem muito certa e abundante a colheita: *Qui seminant in lachrymis, in exultatione metent.* Mas o rei, com invento novo, semeava o Rosario nos olhos, que por isso o trazia sempre á vista, e de contas muito grandes, para que todos as vissem. E com esta vista só, *Specie tua*, conseguiu tão felizmente o seu intento, *Intende prosperè*, que primeiro no seu mesmo palacio (que é a terra mais esteril), e depois em toda a Côrte, e ultimamente em todo o reino nasceu, cresceu, e se dilatou a devoção do Rosario, não só visto, mas rezado: porém rezado nos vassallos, porque visto no rei.

Mas como podia ser que um Rosario não rezado produzisse Rosarios rezados? A duvida é vossa e minha, a resposta é de Christo. Ponderou Christo Senhor nosso, que o grão de trigo morto dá muito fructo: *Si mortuum fuerit, multum fructum affert:* [2] e neste caso imitou a graça a natureza. O Rosario que trazia o rei era morto, porque o não rezava; semeado porém nos

---

[1] *Psalm.* CXXV, 5.
[2] *Joan.*, XII, 25.

olhos dos vassallos, produzia fructos vivos, e muitos. Nem podia deixar de ser, sendo o lavrador soberano. Quando os antigos consules de Roma, depois de levarem diante de si as varas, e as segures, tornavam a cultivar o seu campo, diz Plinio, que vendo-se a terra lavrar com arados laureados, respondia com mais copiosas novidades. O mesmo acontecia ao nosso lavrador coroado na cultura das suas terras. Com cada conta (que na lingua latina se chamam *grana)* ia semeando Rosarios: e assim como no anno de mil e quinhentos e setenta e cinco, nasceu em Hibernia uma arvore que dava Rosarios inteiros e enfiados por fructo; asim foram infinitos os que daquelle Rosario do rei nasceram e se multiplicaram em todo o seu reino. De cada conta nascia uma arvore, de cada Rosario Rosarios sem conto.

E d'aqui se fica bem entendendo a razão de justiça e egualdade, ou quando menos de equidade, que teve da parte da Senhora aquelle excesso de misericordia, que os demonios accusavam de injusta e iniqua: *Fecisti injustè, fecisti inæqualitatem.* Verdadeiramente parecia grande desegualdade, que posto um só Rosario na balança, e esse não rezado, pezasse tanto como todas as maldades do rei. Mas não era assim; porque aquelle Rosario não era um só Rosario, senão um numero grandissimo de Rosarios, quantos eram os vassallos do rei, que á sua imitação o traziam. E não era um só Rosario não rezado, senão muitos, e rezados, porque todos suppondo, pelo que viam no exterior, que o rei o rezava, elles tambem o rezavam. E finalmente, não era um só Rosario junto com más obras, senão uma grande multidão de Rosarios juntos nos que devotamente o rezavam, com muito boas obras a que a virtude do mesmo Rosario os excitava. E como estes effeitos de piedade e religião eram consequencias do Rosario que o rei trazia publicamente, a fim de promover em todo o seu reino a devoção da Senhora, sendo o mesmo exemplo do rei um pregão mais poderoso que qualquer outro preceito ou lei com que efficazmente obrigava os vassallos, e o mesmo Rosario um prégador mudo, mais efficazmente que toda a eloquencia, com que todos os dias os excitava, ensinava, e persuadia a ser o que elle não era; não ha duvida que esta demonstração tão continuada em um rei, posto que não chegasse a ser merecimento, era com-

tudo uma disposição muito relevante diante de Deus, e de sua Mãe, para vir a conseguir ultimamente a grande misericordia que alcançou.

Não rezava o Rosario, é verdade, mas considero eu, que por este modo rezava o *Miserere*, se bem com a ordem trocada. Para David alcançar perdão de seus peccados, não só pedia a Deus a sua misericordia grande, senão a multidão de suas misericordias: *Miserere mei Deus secundum magnam misericordiam tuam: et secundum multitudinem miserationum tuarum dele iniquitatem meam.* [1] E que é o que offerecia e promettia a Deus este rei peccador, quando tanto lhe pedia? Offerecia e promettia a Deus, que em agradecimento ou recompensa de tamanhas misericordias, ensinaria os maus a ser bons, e os impios a ser pios: *Docebo iniquos vias tuas, et impii ad te convertentur.* [2] Por aqui acabou David aquella sua petição, e por aqui começou o nosso rei a sua. Com o exemplo do seu Rosario prégava todos os dias a devoção do Rosario a seus vassallos; e por meio do mesmo Rosario ensinava-os a conhecer os erros dos caminhos de suas vidas: *Docebo iniquos vias tuas:* e que tendo sido impios, se convertessem a Deus: *Et impii ad te convertentur.* E como este rei fazia o que o rei David promettia a Deus; injustamente é accusada a Senhora, de que por aquelle grande Rosario lhe alcançasse a misericordia grande: *Miserere mei Deus secundum magnam misericordiam tuam:* e que por aquella multidão de Rosarios lhe alcançasse a multidão de misericordias: *Et secundum multitudinem miserationum tuarum dele iniquitatem meam.*

VIII

A terceira circumstancia que será tambem a ultima (porque as outras duas que propuz, vão insertas nestas tres), é da parte do Juiz. E nesta parte tanto mais apparencias tem de injusta a sentença e absolvição do rei, quanto o Juiz que primeiro o condemnou, e depois o absolveu, não só é justo, senão a mesma

[1] *Psalm.* L, 3.
[2] *Ibid.*, 15.

justiça. Ameaçando David aos reis, e avisando-os que vejam como vivem, e como satisfazem a suas obrigações: *Et nunc reges intelligite: erudimini qui judicatis terram:* [1] o que principalmente lhes põe diante dos olhos, é que a vara do Juiz que os ha julgar é de ferro: *Reges eos in virga ferrea.* [2] De ferro, porque é vara que se não dobra; e de ferro, porque elles são vasos de barro, e os póde quebrar facilmente: *Et tanquam vas figuli confringes eos.* Pois se a vara do supremo Juiz é tão recta que se não dobra, e tão forte que ninguem a póde dobrar; como se dobrou tão de repente no nosso caso? E se os reis, como mais poderosos, são aquelles a quem principalmente ameaça a justiça desta vara; como essa mesma justiça se trocou de tal sorte em tudo, que tendo condemnado um rei morto; segundo o merecimento de seus delictos, condemnado o absolveu do inferno, e morto o restituiu á vida. A primeira sentença não ha duvida que foi justa e justissima. E se foi justa e justissima a primeira, como póde não ser injusta a segunda? Perdoar-lhe depois de condemnado, não foi absolver o reu, foi condemnar a condemnação: e já não cáe a segunda condemnação sobre o julgado, senão sobre o Juiz, e sobre a sentença.

O tempo e logar em que foi revogada, ainda se oppõe mais ás leis da justiça; porque foi em tempo em que já não tem logar a misericordia. Pede misericordia a Igreja ao justo Juiz; mas quando, ou para quando lh'a pede? *Juste judex ultionis, donum fac remissionis ante diem rationis.* Antes do dia da conta se póde alcançar perdão do justo Juiz: mas depois de tomada a conta, examinada a causa, e pronunciada a sentença em juizo d'onde não ha appellação, instando e clamando a parte, e pedindo justiça, como se lhe póde negar justamente? O Rosario que appareceu depois, nenhum merecimento accrescentou á causa, nem fez variedade nella; porque ainda que foi novo para os accusadores, não foi novo para o Juiz, de quem nada se esconde. Pois se o processo e os autos na primeira e na segunda sentença eram os mesmos, como podiam ser ambas justas, sendo tão contrarias?

---

[1] *Psalm.* II, 10.
[2] *Ibid.*, 9.

E senão, consideremos ao mesmo Juiz como Juiz, e como julgado. Assim o considera Santo Agostinho elegantemente: *Sedebit Judex qui stetit sub judice, et damnabit reos qui falso damnatus est Reus.* No Juizo universal em que Christo ha de julgar a todos, e no particular, em que julga a cada um, estará assentado como Juiz, o que já esteve em pé diante do Juiz, e condemnará justamente os reos, o que injustamente foi condemnado por reo. Mas em que consistiu esta injustiça, que Pilatos usou com Christo? Todos dizem que em condemnar o innocente conhecido por tal: e assim foi na execução. Porém no dictame do juizo, em que propriamente consiste a justiça ou injustiça, ainda foi mais injusto juiz Pilatos. E porque? Porque julgou que pelos mesmos autos podia condemnar ou absolver a Christo: *Nescis* (lhe disse) *quia potestatem habeo crucifigere te, et potestatem habeo dimittere te?* [1] Não sabes que tenho poder para te crucificar, e que tenho poder para te absolver? Não, Pilatos: não sabe isso Christo, ainda que sabe tanto como Deus. O juiz só póde condemnar o culpado, sendo culpado, e absolver o innocente, sendo innocente; mas condemnar ou absolver o mesmo homem pelos mesmos autos, isso não póde ser em nenhum juizo. E isto que não póde ser, é o que temos no nosso caso. O mesmo rei, e pelos mesmos autos condemnado: e o mesmo rei, e pelos mesmos autos absolto! E que isto fizesse não outro, senão aquelle mesmo Juiz de quem cantam as Escripturas: *Cum sancto sanctus eris, et cum viro innocente innocens eris, et cum electo electus eris, et cum perverso perverteris!* [2] Se cada um na sua boa ou má vida, leva comsigo a sua boa ou má sentença ao juizo de Deus; como no mesmo juizo de Deus um rei de tão má vida levou primeiro a má sentença, e logo a boa?

IX

Tudo o que atéqui arguimos contra a justiça do Filho, foram encarecimentos da misericordia da Mãe,

---

[1] *Joan.*, XIX, 10.
[2] *Psalm.* XVII, 26 e 27.

e dos poderes do seu Rosario. E tudo no mesmo Rosario, na mesma Mãe, e no mesmo Filho tão justificado, como agora veremos, por mais que as vozes do inferno clamem blasphemamente: *Injustè fecisti.* Respondendo pois, e começando pelo ultimo Texto, que ainda nos atroa os ouvidos, como tão famoso; confesso que no sentido em que o alleguei, tem por si todos os Doutores. Mas para que eu o interprete differentemente, basta-me o mesmo exemplo em que estamos, como acção do proprio Legislador, que é o melhor interprete das suas leis. Que quer dizer: *Cum sancto sanctus eris, etc. et cum perverso perverteris?* Quer dizer (dizem todos) que como cada um se houver com Deus, assim o experimentará comsigo: se fôr bom, será Deus para com elle bom: *Cum sancto sanctus eris:* e se fôr mau, será Deus para com elle mau, isto é, rigoroso: *Cum perverso pervertéris.* Eu não digo assim. Digo que quer dizer o Propheta, que é Deus tão justo e tão misericordioso com todos, que para os bons será bom, que isso é ser justo; e para os maus tambem será bom, que isso é ser misericordioso. Não diz Christo allegando-nos o exemplo de seu Padre: *Qui solem suum oriri facit super bonos, et malos?* [1] Pois o mesmo digo eu no nosso exemplo, e o provo com as mesmas palavras do Texto: *Cum perverso pervertéris:* diz que Deus no juizo com o perverso perverterá: e quando perverte o Juiz no juizo? Quando julga conforme a lei? Não. Quando julga contra ella, então é que perverte a lei, perverte a ordem, perverte a regra com que se devêra conformar. Isto é pois o que diz o Texto; e isto é o que fez Christo no nosso caso, dispensando como Juiz e Legislador supremo na sua mesma lei. O rei era mau, e Christo foi para com elle bom: o rei era perverso, e Christo tambem perverteu: *Cum perverso pervertéris.*

Mas notae que o Texto não diz sómente que perverterá, senão propria e nomeadamente, que será pervertido. Isso é *pervertéris.* E assim succedeu no nosso caso. Porque se Christo perverteu a lei, sua Mãe o perverteu a elle, ou o obrigou a que a pervertesse. Mas nem por isso injustamente. Antes d'aqui se segue que entrando nesta mudança a auctoridade e pa-

[1] *Math.*, v, 45.

trocinio da Mãe de Deus, o que parece perversão não foi perversão, mas razão: *Perversio, quam putas, ratio est*, disse em outro pleito Tertulliano. E a razão de ser razão uma e outra sentença, sendo tão diversas, qual é? Porque na primeira julgou Christo como justo, na segunda como misericordioso. Chama-se Deus nas Escripturas, Deus dos castigos, e Pae das misericordias: *Deus ultionum, Pater misericordiarum.* [1] E porque dos castigos Deus, e das misericordias Pae? Porque as misericordias nascem delle: os castigos não nascem delle, nascem de nós. E' o que tambem disse o mesmo Tertulliano profundamente: *Deus de suo optimus, de nostro justus:* [2] o ser bom, e o fazer bem, tem-no Deus de si; o ser justo, ou o fazer justiça, vem-lhe de nós. E essas foram as duas razões, ambas justificadas, de uma e outra sentença. Na primeira condemnou o rei, como Deus justo, por suas culpas; na segunda absolveu-o sem merecimentos seus, como Pae das misericordias. Mas de tal modo como Pae, que a misericordia neste caso foi filha de Pae e de Mãe. De Mãe, porque a Mãe das misericordias a pediu: de Pae, porque o Pae das misericordias a concedeu.

Comtudo parece que ainda está em pé aquelle primeiro Texto da vara de ferro: *Reges eos in virga ferrea.* Se a vara de Christo Juiz se chama de ferro, porque se não dobra, nem ha quem a possa dobrar; como se dobrou tão facilmente? Não dobrou. A misericordia não é contraria á justiça, nem a justiça á misericordia. Foram dois golpes da mesma vara, mas ambos rectos. Moysés com a sua vara bateu duas vezes a pederneira, e do segundo golpe sahiram fontes: *Percutiens virga bis silicem, egressæ sunt aquæ largissimæ.* [3] Se do segundo golpe, que foi o milagroso, sahiram fontes, do primeiro, que foi natural, sendo pederneira, porque não sahiram faiscas? Porque a vara de Moysés não era de ferro; porém a de Christo, que era de ferro, *In virga ferrea*, obrou conforme a natureza da vara, e conforme a da mão que a movia. No primeiro golpe, que foi natural, tirou faiscas, e condemnou o rei ao fogo do inferno; e no segundo, que foi o

---

1 *Psalm.* XCIII, 1. *2.ª ad Corint*, 1 e 3.
2 Tertull. Libr. de Ressur. carnis, Cap. 14.
3 *Num.*, XX, 11.

milagroso, fez fontes com que apagou o mesmo fogo, de que o absolveu e livrou. Nem faz em contrario, o que accrescenta o mesmo Texto: *Et tanquam vas figuli confringes eos:* antes accrescenta maior primor, e nova propriedade á comparação. Diz que desfará com a vara de ferro os maus reis, não como quaesquer vasos de barro, senão como aquelles que ainda estão nas mãos, ou na officina do oleiro: *Tanquam vas figuli.* E que differença ha de um barro, a outro barro, e de uns vasos a outros? Muito grande. O barro que está na mão do official, ou na officina, e ainda não foi ao fogo, póde-se reformar; porém depois que foi ao fogo, já não tem remedio. Não é a similhança e a differença menos que do mesmo Deus.

Mandou Deus ao Propheta Jeremias que fosse á officina de um oleiro, porque alli lhe queria fallar. Foi o Propheta, e como visse que um vaso que o oleiro estava lavrando, se lhe descompoz e quebrou entre as mãos, e elle amassando outra vez o barro, o tornara a reformar; então lhe fallou Deus, e lhe disse desta maneira: Assim como viste o barro nas mãos daquelle official, assim está o povo e reino de Judá nas minhas: já descomposto, já quebrado, e sem a fórma que eu lhe dei; mas capaz ainda de emenda e reforma, se a quizer acceitar; e assim lhe prégarás de minha parte. Porém se elle perseverar na obstinação com que me offende; para isso pedirás aos sacerdotes outro vaso de barro já cosido: *Lagunculam figuli testeam:* [1] e quebrando-o ás portas de Jérusalem, dirás em alta voz a todos tambem em meu nome: Asim como este vaso depois de endurecido no fogo, e quebrado, se não póde restaurar, nem tem remedio, assim o não terá este povo: *Sic conteram populum istum, sicut conteritur vas figuli, quod non potest ultra instaurari.* [2] Se o rei condemnado por suas culpas estivera já no fogo do inferno, nenhum remedio tinha; porque, *In inferno nulla est redemptio:* mas por isso a Senhora do Rosario chegou ao mesmo ponto em que os demonios lhe queriam arrebatar a alma, para que tornando á vida, a reformasse e emendasse como emendou; e por este modo, de vaso que era de ira, se trocasse, como trocou, em vaso de mi-

[1] *Jerem.*, XIX, 1.
[2] *Ibid.*, 11.

sericordia. Fallo por bocca de S. Paulo, o qual diz, que do mesmo barro de Adão fez Deus uns homens para vaso de ira, que são os que se condemnam: *In vasa iræ, apta in interitum:* [1] e outros para vasos de misericordia, que são os que se salvam: *In vasa misericordiæ, quæ præparavit in gloriam.* E com que poder, e com que justiça faz isto Deus? Com aquelle poder, e com aquella justiça (responde o mesmo S. Paulo) com que o official que tem o barro nas mãos póde fazer delle uns vasos para o fogo, e outros para o altar! *Aliud quidem vas in honorem, aliud verò in contumeliam.* [2] Oh força da previsão e predestinação divina! Oh poderes da Mãe de Deus, e do seu Rosario! O rei commettendo tantas maldades se descompoz e dispoz para o fogo como vaso de ira: e a Mãe de Deus pondo nelle as rosas do seu Rosario, o compôz para o altar como vaso de misericordia! Por isso resuscitou, exclamando: *O' benedictum Rosarium Virginis Mariæ, per quem sum liberatus à damnatione gehennæ!*

X

Temos respondido e justificado a causa com a declaração dos Textos. Resta por fim satisfazer ás razões ou apparencias em contrario; que se o juizo não fôra de tal Juiz, poderam ser mais que apparencias. Era a primeira, que depois de dada a sentença, condemnado o reu, e decretado o castigo; já não havia tempo, nem logar para ser revogado. Mas quem isto diz, nem conhece a soberana auctoridade da Virgem Maria, nem quão superiores são a toda a outra razão as que Deus tem de não negar coisa alguma a sua intercessão, e aos merecimentos do seu Rosario. Tinha El-rei Assuero sentenceado á morte todos os hebreus de seus reinos: estavam já passados os decretos, e firmados com o annel ou sello real, e publicado o dia da execução de que aos mesmos condemnados não era licito appellar (como tambem não appellou o nosso reu); mas apparecendo a rainha Esther diante do rei, só

[1] *Rom.*, IX, 22.
[2] *Ibid.*, 21.

com a declaração da sua vontade se revogaram os decretos, e ficaram absoltos os condemnados. Isto é o que refere a Historia Sagrada; mas não é esta mudança, com ser tão notavel, o que mais se deve notar e ponderar nella. Era lei inviolavel dos Persas e Medos, que depois de o rei passar algum decreto, nem elle mesmo o podia revogar. Assim se lê no livro de Daniel; e essa foi a causa porque o mesmo rei o não pôde livrar do lago dos leões: *Scito rex, quia lex Medorum atque Persarum est, ut omne decretum, quod constituerit rex, non liceat immutari.* [1] Pois se os decretos do rei uma vez passados e firmados por elle, eram tão severamente irrevogaveis naquelle imperio, como os fez revogar Esther, e tão façilmente?

Razão que justifique a Assuero, e o livre de pouco observante das leis que tinha jurado, ninguem ha que a dê cabal na historia; mas na allegoria, e no que a mesma historia representava, todos. Santo Thomaz, S. Gregorio Nicomediense, S. João Damasceno, Santo Anselmo, S. Bernardino, e todos commummente dizem, que Assuero, o maior monarcha do mundo naquelle tempo, representava a Deus, e a rainha Esther a Rainha dos Anjos, não por uma, senão por muitas prerogativas. Esther quer dizer: *Pulchra ut luna:* [2] e esse é o titulo de Maria só inferior ao sol. De Esther diz o Texto: *Invenit gratiam in conspectu illius:* [3] a Maria disse o Anjo: *Invenisti gratiam apud Deum:* [4] De Esther o Texto: *Adamavit eam rex plusquam omnes mulieres:* [5] a Maria o Anjo: *Benedicta tu in mulieribus.* [6] Esther coroada por rainha dos Persas e Medos; Maria com a corôa do universo: Esther redemptora do seu povo, Maria Corredemptora do genero humano: em fim, a Esther disse o rei, que aquella lei feita para todos não se entendia nella: *Non pro te, sed pro omnibus hæc lex constituta est:* [7] e sendo Maria a excepção sobrehumana das leis geraes de Deus,

---

1 *Dan.*, VI, 15.
2 *Cant.*, VI, 9.
3 *Esther.*, II, 9.
4 *Luc.*, I, 30.
5 *Esther.*, II, 17.
6 *Luc.*, I, 28.
7 *Esther*, XV, 13.

não é muito que o mesmo Deus quebre decretos, revogue sentenças, e absolva condemnados por sua intercessão, e a seu respeito. Só se podia desejar que entrassem nos motivos de tão extraordinaria dispensação os merecimentos do seu Rosario; mas tambem nesta circumstancia não faltou a historia. Nota o mesmo Texto que Esther para mais agradar ao rei em negocio tão difficultoso, entrou á sua presença com a formosura, de que tão singularmente era dotada, revestida de côr de rosas: *Ipsa autem roseo colore vultum perfusa, et gratis ac nitentibus oculis.* [1] E a que fim faz este reparo o Texto, sendo que em toda a Escriptura só esta unica vez se acha tal palavra? Sem duvida para que a propriedade da historia não faltasse nesta parte a uma tão particular circumstancia da allegoria. E para que entendessemos que aquella côr de rosas em tão manifesta significação do Rosario, fôra um novo e não córado titulo, senão legitimo, de se revogar o decreto, e absolver o condemnado; e com que mais agradou e obrigou ao soberano Juiz a soberana intercessora: *Ipsa autem roseo colore vultum perfusa, et gratis, ac nitentibus oculis.* Assim que, aquella tão extraordinaria graça não só a alcançou a Virgem Maria como Rainha, como Esposa, e como Mãe, senão como Senhora do Rosario: *Roseo colore perfusa.*

Mas que diremos áquella fortissima instancia da condemnação e absolvição pelos mesmos autos? Digo que não é novo em Deus dos mesmos motivos tirar contrarias resoluções, primeiro em quanto justo para castigar, depois em quanto misericordioso para absolver. Mas no tal caso (de que só temos um nas Escripturas) tambem tem a sua parte a Virgem do Rosario. O maior castigo que Deus executou neste mundo, foi aquelle em que afogou o mesmo mundo na inundação universal do diluvio. E que motivo teve Deus para um tão notavel castigo? O mesmo Deus o disse, e mandou escrever por Moysés: *Videns Deus quod cuncta cogitatio cordis intenta esset ad malum: delebo, inquit, hominem à facie terræ:* [2] vendo Deus que todos os pensamentos do coração humano, eram inclinados e applicados ao mal, resolveu de acabar com o ho-

[1] *Esther.*, XV, 8.
[2] *Gen.*, VI, 5 e 7.

mem, e tiral-o da face da terra. Esta foi a primeira resolução de Deus. E depois della executada, resolveu mais alguma coisa? Resolveu: mas tudo contrario; porque decretou que não houvesse mais outro diluvio. E porque motivos? Aqui está o ponto da admiração. Pelos mesmos motivos sem differença alguma, porque tinha resoluto o primeiro diluvio. Ouvi as palavras, que totalmente são as mesmas: *Nequaquam ultra maledicam terræ propter homines: sensus enim, et cogitatio humani cordis in malum prona sunt:* [1] Não quero (diz Deus) que haja outro diluvio, que inunde a terra, e afogue os homens; porque todos os pensamentos do coração humano são inclinados e applicados ao mal. Pois se este foi o motivo porque Deus destruiu o mundo com o diluvio, como toma agora o mesmo motivo para resolver firmemente, que não haverá outro diluvio? Se o motivo fôra outro para uma resolução tão encontrada; isso póde fazer a razão e a conveniencia: mas duas resoluções totalmente oppostas, ambas pelo mesmo motivo? Sim, porque as mesmas causas, que são justo motivo á justiça de Deus para castigar, podem ser motivo tambem justo á sua misericordia para absolver. No tempo de Noé condemnados os homens ao diluvio, porque os seus corações eram inclinados ao mal: *Quod cuncta cogitatio cordis intenta esset ad malum:* e depois livres para sempre os mesmos homens do diluvio; porque os seus corações são inclinados ao mal: *Sensus enim, et cogitatio humani cordis in malum prona sunt.*

Deste modo, persistindo os mesmos motivos assim naquelle caso, como no nosso, usou Deus primeiro de sua justiça, e depois de sua misericordia. E para que vejamos a parte que nella teve a Senhora do Rosario, oiçamos ao mesmo Deus: *Arcum meum ponam in nubibus, et erit signum fœderis inter me, et inter terram:* [2] porei (diz Deus) o meu arco nas nuvens, e este será o signal entre mim e o mundo, da promessa e mercê que lhe fiz de o livrar para sempre de outro diluvio. E que arco é este de que Deus falla, e chama seu? Historicamente é o Iris de tres côres, que por reflexão dos raios do sol apparece nas nuvens. Al-

[1] *Gen.*, VIII, 21.
[2] *Ibid.*, IX, 13.

legoricamente é a Virgem Maria que concebeu em si ao Sol divino, e de quem recebeu toda a graça. Assim o dizem S. Efrem, Santo Antonino, S. Bernardino de Senna. E mais especialmente é a mesma Virgem em quanto Senhora do Rosario, cujos mysterios se representam nas tres côres do Iris: na verde os Gososos, na vermelha os Dolorosos, na azul os Gloriosos. Esta imagem pois da Senhora do Rosario pinta Deus nas nuvens, todas as vezes que ellas se orvalham para começar a chover em signal daquella grande misericordia que usou com o mundo, quando tendo sómente motivos para o castigar, e os mesmos motivos porque já uma vez o tinha castigado, lhe perdoou comtudo o mesmo castigo, e mudou a sua sentença. Quando os homens vissem toldar o céu de nuvens, podiam temer que perseverando nelles os mesmos motivos porque Deus tinha alagado o mundo, assim como se tinha arrependido da primeira execução, assim se arrependesse outra vez de não executar a segunda. E para os livrar deste justo temor, deu-lhes por fiadora a Virgem do Rosario, dizendo que no tal caso poria os olhos nella, com que estariam seguros: *Cumque obduxero nubibus cœlum, apparebit arcus meus in nubibus; et videbo illum, et recordabor fœderis mei vobiscum.* [1] Taes são os poderes da Virgem Maria, e tal a valia para com Deus do seu Rosario, que nelles se podem segurar os homens de que as mesmas más obras porque uma vez foram condemnados, não sejam outra vez impedimento para serem absoltos. Assim succedeu no caso do diluvio, e assim no nosso. A primeira vez condemnado o reu, e excluido da bemaventurança por não guardar os preceitos divinos conforme a lei universal de Christo: *Beati qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud:* a segunda vez absolto, e admittido á mesma bemaventurança conforme o privilegio particular da Mãe do mesmo Christo: *Quinimò beatus venter qui te portavit.*

XI

Parece-me que tenho provado o que prometti: mas com que utilidade? Que se póde colher de tal vida,

[1] *Gen.*, IX, 14, 15 e 16.

de tal morte, e de tal salvação? Nem a vida é boa para o exemplo, nem a morte para o desengano, nem a salvação para a esperança. Que utilidade podem logo tirar de um caso tão estupendo os devotos da Virgem Santissima? Por ventura que se descuidem de a imitar em ser santos, e se deixem viver, e ainda morrer em peccado, fiados na virtude do seu Rosario? Nem da fé, nem do entendimento dos que me ouviram, nem ainda da má consciencia de algum presumo tal erro. Similhantes prodigios da misericordia mais são para a admiração, e ainda para o temor, que para a imitação e confiança. São para dar o parabem á Mãe de Deus de tão soberano poder, e para dar as graças a seu bemdito Filho de tão immensa bondade. Mas porque não fique este panegyrico de ambos sem alguma doutrina propria do mesmo discurso; havendo sido o venturoso sugeito de todo elle um rei devoto do Rosario, e nem bem devoto, nem bom rei; concluamos com dois documentos, um para os reis, outro para os devotos.

O que considero por parte dos reis, e se não póde considerar sem grande dôr, é o muito que perde Deus e o mundo, por falta de bons intentos nos que tudo podem. Se não sabem ser bons reis, saibam ao menos ser bons vassallos. Santifiquem as vontades e vidas alheias, se não se atrevem, nem teem valor para mortificar os appetites proprios. E' a circumstancia digna de toda a admiração e reparo, que querendo a Senhora introduzir e estender em todo aquelle reino a devoção do seu Rosario, não escolhesse por instrumento para esta obra, nem algum Santo que fizesse milagres, nem algum Bispo ou Prelado de grande zelo, nem algum prégador famoso de grande eloquencia e espirito, senão um rei, e de não boa vida. Mas a razão conhecida e experimentada, e digna de tão soberana Rainha, foi porque para promover o serviço de Deus e culto divino, posto que os reis sejam seculares, são mais aptos e mais proporcionados instrumentos, que os ecclesiasticos. A fabrica do Tabernaculo não a encommendou Deus a Arão, que era o Summo Sacerdote, senão a Moysés que era o supremo governador do povo. O Templo não o edificou o Summo Sacerdote Sadoc, senão El-rei Salomão. Os officios divinos, o canto ecclesiastico, o ministerio levitico pertencente ao altar, e aos sacrificios não o ordenou o Summo Sacerdote Abiathar, senão El-rei David. E não obram isto melhor e

mais efficazmente os reis por mais zelosos ou mais pios, senão por mais poderosos, por mais obedecidos, e tambem por mais adulados: que tanto importam até a Deus as dependencias humanas. Esta foi pois a razão divinamente politica, porque a Senhora quiz fundar e propagar naquelle reino o seu Rosario por meio do rei, sem fazer caso de que nelle não concorressem outros exemplos de piedade, fiando que bastaria só o respeito e agrado real para plantar em todos a devoção a que elle se mostrava tão inclinado. Oh! como é certo com experiencias lastimosas de cada dia, que por falta de similhantes demonstrações se perdem infinitos augmentos da religião e christandade, os quaes poderam conseguir e promover os principes com mais leves diligencias ainda, que a de trazer um Rosario pendente do cinto!

E para que os devotos do Rosario se confirmem mais na sua devoção, e os que o não forem, de hoje por diante a anteponham a todas as outras; considerem, que se por um Rosario publico, sómente exterior, e não rezado, a piedosissima Virgem resuscita mortos, revoga sentenças, absolve condemnados, confunde o inferno, e reduziu ao caminho certo da salvação uma alma tão desesperada della, e lhe alcançou o perdão de tantos e tão enormes delictos diante do tribunal severissimo da Divina Justiça; que fará a mesma Senhora por qualquer outro peccador, que rezando e meditando o mesmo Rosario com dôr e detestação de ter offendido a Deus, invocar seu poderosissimo patrocinio? Diz S. Boaventura, que no patrocinio das causas se vê a excellencia do advogado, em tres circumstancias: Se o Juiz é justo e sabio, o adversario sagaz e astuto, e a causa desesperada: *Sapientia, et eloquentia advocati manifestatur in tribus, primo scilicet, quod obtineat apud justum, et sapientem judicem: secundo, contra adversarium astutum, et sagacem: tertio, quod in causa desperata.* [1] E todas estas circumstancias foram as mesmas do nosso caso. O Juiz, tão justo e sabio como o mesmo Christo: o adversario tão sagaz e astuto como o demonio; e a causa tão desesperada como aquella que já estava sentenciada a final castigo: *Sed Maria* (continua o mesmo Santo, como se concluira commigo

[1] D. Boavent, Serm. 2.º de Dominic. in Passione.

este Sermão) *obtinuit apud sapientissimum, et justum judicem Deum, contra astutissimum adversarium diabolum, et in causa desperatissima inter Deum, et hominem.* E se a sabedoria, a eloquencia, e o poder da soberana Advogada dos devotos do Rosario, com o Rosario refuta o demonio, com o Rosario convence a Deus, e com o Rosario na causa mais desesperada, a peccadores já sentenciados e condemnados livra do inferno, nenhum haja tão desconfiado de sua salvação, que a não espere firmemente do patrocinio e intercessão da mesma Senhora, e dos poderes do seu Rosario: porque na falta da observancia dos divinos preceitos, a que o Filho promette a bemaventurança: *Beati qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud;* supprirá com a dôr de os não termos guardado, o merecimento e graça da Mãe, até nos levar, como tantas vezes lhe pedimos, onde com as vozes de todos os bemaventurados lhe cantemos eternamente: *Beatus venter qui te portavit.*

SERMÃO SETIMO

Salmon autem genuit Booz de Rahab. [1]

I

Salvarem-se os prégadores, e perderem-se os ouvintes; ou salvarem-se os ouvintes, e perderem-se os prégadores, casos são e desegualdades que podem ter acontecido muitas vezes no mundo. Mas assim como perderem-se os prégadores e os ouvintes seria a maior desgraça; salvarem-se uns e outros não será a maior felicidade que se póde desejar? Claro está que sim. Pois tal é a que por meio do seu Rosario nos promette neste sermão a Virgem Senhora nossa. Queira a misericordia e bondade de seu bemditisimo Filho que não falte por parte do prégador. Mandando Deus ao Propheta Ezechiel que fosse prégar ao seu povo, disse-lhe com eleição e nome notavel, que o tinha feito sentinella da republica de Israël: *Fili hominis speculatorem dedi te domui Israel.* [2] E porque são ou devem ser sentinellas os prégadores? Porque teem as mesmas obrigações, e os mesmos encargos. A sentinella está vigiando do alto para toda a parte, e se vê vir os inimigos, dá rebate, toca a arma, e avisa a cidade a grandes brados. Esta é a sua obrigação. E os encargos quaes são? Os que logo declarou o mesmo Deus ao Propheta. Se vires o perigo, e o não avisares á ci-

[1] *Math.*, I.
[2] *Ezech.*, III, 17.

dade; perecerá a cidade, e tu tambem perecerás; porque te hei de pedir conta della, e de todos seus moradores. Porém se tu avisares como deves, e a cidade se não armar nem defender, ella se perderá por sua culpa, e tu porque a não tiveste, ficarás livre. Tão perigoso como isto é o officio de prégador, e tanto egualmente o perigo dos ouvintes, senão se aproveitarem do que elle lhes prégar! E póde haver, além destes, outro terceiro caso? Sim, póde, e felicissimo, o qual tambem apontou o mesmo Deus. Mas se tu, diz o Senhor, fizeres tua obrigação bradando, e a cidade e seus moradores fizerem a sua, crendo o que lhe disseres, armando-se, resistindo, e vencendo, neste caso tu e mais elles todos sereis salvos. Isto é o que Deus principalmente pretende, e este o fim e officio dos prégadores. Os prégadores são as sentinellas da Igreja, os templos as suas fortalezas, as guaritas d'estas fortalezas os pulpitos, e as prégações de verdadeira, zelosa e importante doutrina os rebates com que avisam e admoestam aos ouvintes do estado perigoso de sua salvação. Assim o determino fazer hoje, com tanta esperança de se aproveitarem muitas almas, como no principio disse: e não sem novo e grande exemplo, no mesmo thema que propuz. Chegado Josuë á vista da Terra de Promissão, mandou duas sentinellas que occultamente fossem explorar a cidade de Jericó, que era a primeira que havia de ser conquistada. Entraram na casa de Rahab, que estava pegada aos muros, avisaram-na do seu perigo, e de toda a cidade e foi com tão feliz successo de ambas as partes, que as sentinellas, sendo vistas e buscadas, escaparam das mãos dos inimigos, e Rahab, sendo destruida e abrazada a cidade, só ella, com toda a sua familia, se livrou do incendio. Dizem agora os Expositores, que as sentinellas de Josuë são os prégadores de Jesus; e Rahab e sua familia os ouvintes que fazem o que elles dizem. Mas o que faz mais admiravel o caso é que, assim os prégadores, como os ouvintes, todos foram salvos pelo mesmo instrumento. Este nos dirá o discurso, que foi o Rosario: *Ave Maria.*

II

Salmon autem genuit Booz de Rahab.

Estamos com o Evangelho em Jericó, remota mas original patria da Virgem Maria, e na qual prophetisou a mesma Senhora as exaltações do seu Rosario: *Exaltata sum quasi plantatio rosæ in Jericó.* [1] E porque razão mais em Jericó, que em outra terra fertil tambem de rosas? Porque entre todas as rosas do mundo, só as de Jericó (de que já outra vez citei os auctores) nascem vestidas de cento e cincoenta folhas. Assim que, a terra de Jericó onde estamos, nas rosas nos dá o nome do Rosario, e nas folhas o numero ou as contas delle. Os effeitos maravilhosos veremos agora.

Salmon autem genuit Booz de Rahab. Esta Rahab, de quem diz o Evangelista, que Salmon, principe da tribu real de Judá, gerou a Booz, não só era gentia de nação cananea, mas publicamente de ruim vida. E assim este exemplo, como outros tres que se leem no mesmo Evangelho, o de Thamar, o de Ruth, e o de Bersabeé, deram justo motivo aos Santos Padres para inquirir a causa porque na genealogia de Christo e de sua Santissima Mãe, se nomeem declaradamente estas quatro mulheres, todas notadas de acções culpaveis e affrontosas, callando-se outras conhecidamente santas, e de vida louvavel. Se se nomea Rahab, mãe de Booz; porque se não nomea Sara, mãe de Isaac? Se se nomea Ruth, mãe de Obed; porque se não nomea Rebecca, mãe de Jacob? Se se nomea Thamar, mãe de Farez e de Zaram; porque se não nomea Lia e Rachel, mães das cabeças mais nobres das doze tribus? E se tambem de Bersabeé se faz menção; porque se não faria de outras mulheres mais leaes a seus maridos, do que ella foi a Urias? Póde-se responder, e com razão, que onde na arvore da geração de Christo, e no cume mais alto della se vê com o Filho de Deus nos braços Maria, *De qua natus est Jesus*, [2] toda a ou-

---

[1] *Eccles*, XXIV, 18.
[2] *Math.*, I, 16.

tra santidade, por grande que seja, desapparece e se occulta: e tudo o que apparece e se descobre, mais é vicio que virtude. A' vista da bondade de Deus ninguem é bom: *Nemo bonus nisi solus Deus:* [1] á vista da sua infinita pureza, até a dos Anjos parece culpa: *In Angelis suis reperit pravitatem:* [2] e o mesmo que se diz de Deus absolutamente, com a devida proporção se póde tambem dizer de sua Mãe. O que eu digo confiadamente, é que á vista da mesma Senhora todas as mulheres santas se occultam, porque a santidade de Maria as escurece: e só apparecem, e são vistas as peccadoras, porque o seu resplandor as allumia. Quando a primeira vez foi vista no mundo a Virgem Maria, o que disseram admirados, e lhe cantaram a dois coros o céu e a terra, foi, que era formosa como a lua, e escolhida como o sol: *Pulchra ut luna, electa ut sol.* [3] E porque é comparada a mesma Senhora a tão differentes planetas, um que preside ao dia, e outro que preside á noite? Porque o sol escurece as estrellas, a lua allumia as trevas. E isto é o que faz neste formoso amphitheatro, ou neste hemispherio do Evangelho, quando se pronuncia no fim delle o nome de Maria. Não apparece Sara, Rebecca, Rachel, nem Lia, que eram as estrellas da virtude, porque Maria como sol as escurece, e só apparecem e são vistas, Rahab, Thamar, Ruth, e Bersabeé, que foram as trevas dos vicios, porque Maria como lua as allumia. As escurecidas pelo que são; as allumiadas pelo que foram, e todas melhoradas e honradas pelo resplandor de Maria.

III

Isto é o que eu dissera. Porém a razão ou resposta commum dos Doutores com S. Jeronymo, Santo Ambrosio, S. João Chrysostomo, e outros Padres, é que se não contam na genealogia de Christo algumas mulheres santas, senão sómente as de vida em outro tempo culpavel; para que no seu mesmo nascimento mostrasse o Filho de Deus, que pois se dignava nas-

---

[1] *Luc.*, XVIII, 19.
[2] *Job.*, IV, 18.
[3] *Cant.*, VI, 9.

cer de peccadores, vinha a livrar a todos de seus peccados. As palavras de S. Jeronymo são estas: *Notandum in genealogia Salvatoris nullam Sanctarum assummi mulierum, sed eas quas Scriptura reprehendit: ut qui propter peccatores venerat, de peccatoribus nascens, omnium peccata deleret.* Acceitada, pois, e reverenciada, como devo, esta razão, não posso deixar de admirar e ponderar nella duas coisas em que muito reparo. Os defeitos de que foram notadas ou infamadas estas quatro mulheres, todos pertencem á honestidade. Ruth, que foi a menos murmurada, é certo que sollicitou o thalamo de Booz: a culpa de Bersabeé notoriamente foi adulterio, a de Thamar incesto, e o da nossa Rahab commercio de si mesma, publico e vago, como declara o nome de Rahab meretriz. Pois se em muitos dos outros ascendentes desta larga genealogia se acham outros peccados de todo o genero, e não poucos ainda mais graves; porque se faz sómente memoria, e se trazem só por exemplo os que encontram e offendem a honestidade? Não foi a Redempção de Christo tão copiosa, como lhe chama o Propheta, que nos remiu e livrou de todos os peccados, e se foram mais e maiores tambem nos livraria delles? Sim: e as mesmas palavras o dizem: *Ut de peccatoribus nascens, omnium peccata deleret;* porque se faz menção logo deste só peccado, quando se diz que nasce Christo de peccadores, porque vem a salvar de todos os peccados?

Porque é tal o peccado da honestidade, que, ou elle só comprehende todos os peccados, ou todos se contém nelle. Não foi este o peccado da Magdalena? Este foi, como todos sabem. E comtudo o Evangelista S. Lucas, sem reparo nem escrupulo, lhe chama absolutamente a peccadora: *Mulier in civitate peccatrix.* [1] Pois um peccado particular em certa especie merece o nome e censura universal de todo o peccado? Nesta especie sim, e assim o qualificou o Evangelista; porque o peccado da sensualidade é um compendio universal de todos os peccados, e uma supposição certa de todos. Por isso se refere no mesmo Evangelho, que Christo lançara do corpo da Magdalena sete demonios: *In qua ejecerat septem dæmonia.* [2] E que sete demonios

[1] *Luc.*, VII, 37.
[2] *Marc.*, XVI, 9. *Luc.*, VIII, 2.

eram estes? Eram, diz S. Gregorio, os sete demonios que presidem aos sete peccados capitaes, ou os mesmos sete peccados capitaes, peores que os mesmos demonios, os quaes são companheiros inseparaveis do vicio da torpeza. Os outros vicios podem andar separados uns dos outros, e ainda encontrados; porém o vicio da torpeza, ou juntos em si, ou encadeados apoz si, sempre os traz todos comsigo. E' doutrina e conclusão esta de todos os Padres sem faltar um só. Oiçamos por todos a Santo Agostinho: *Nulla virtus, nulla bonitas, nulla sapientia cum luxuria stare potest, sed omnis perversitas in ea regnat.* Ninguem cuide, diz Agostinho, que a torpeza é um só vicio, uma só maldade, um só erro, e uma só ignorancia. Porque? Porque é um vicio que se oppõe a toda a virtude: *Nulla virtus:* é uma maldade que destroe toda a bondade: *Nulla bonitas:* é um erro e ignorancia que cega e escurece toda a sabedoria: *Nulla sapientia:* em fim, é um peccado em que dominam e reinam todos os peccados: *Omnis enim perversitas in ea regnat.*

E para que fique mais clara esta tão importante verdade, vejamol-a com S. João admiravelmente retratada no seu Apocalypse. Diz S. João que viu uma mulher assentada sobre um monstro, encobertado de purpura, o qual tinha sete cabeças, e dez pontas: *Vidi mulierem sedentem super bestiam coccineam, habentem capita septem, et cornua decem.* [1] As galas de que vinha vestida a mulher eram tão ricas, como o costumam ser as que se compram para o corpo vendendo a alma: *Circundata purpura, et auro, et margaritis.* Trazia na mão uma taça de oiro cheia de todas as abominações e delicias torpes: *Habens poculum aureum in manu sua plenum abominatione, et immunditia.* [2] E o que fazia com esta taça era brindar a todos os reis do mundo; os quaes e quantos della bebiam, todos perdiam o juizo: *Cum qua fornicati sunt reges terræ, et inebriati sunt qui inhabitant terram de vino prostituionis ejus.* Quem fosse ou representasse esta mulher, ninguem haverá que o não tenha entendido. S. João lhe chama a grande meretriz: *Meretricis magnæ:* e ella mesma publicamente e sem nenhum

[1] *Apoc.*, XVII, 3.
[2] *Ibid.*, 4.

pejo trazia escripto na testa um lettreiro, que dizia: *Babylon magna, mater fornicationum:* Eu sou a grande Babylonia, mãe de todas as torpezas. Nota particularmente o Evangelista, que todos aquelles a quem ella brindava, em vez de lhe fazerem a razão, a perdiam: *Et inebriati sunt de vino prostitutionis ejus;* porque o primeiro e mais pernicioso effeito da torpeza é entorpecer e tirar o juizo a todos os que se lhe entregam: *Cum luxuria semel mentem invaserit, nullum bonum cogitare permittit*, diz S. Gregorio Papa. E este é o mysterio porque a sensualidade vinha assentada sobre um bruto, que é o appetite bruto, e irracional, que se não distingue della: *Sedentem super bestiam.*

Mas esse mesmo bruto, a cujos passos ella caminhava para a condemnação, como diz o Texto; porque o pintou Deus ao Evangelista com sete cabeças, e dez pontas: *Habentem capita septem, et cornua decem?* Parece que o numero das pontas havia de responder ao das cabeças, e serem sómente sete pontas; ou o numero das cabeças havia de responder ao das pontas, e serem tambem dez cabeças. Pois se as cabeças eram sete, porque eram as pontas dez? Bem se mostra ser Deus o pintor de uma figura tão natural. Nas cabeças eram significados os poderes com que a sensualidade domina, e nas pontas as armas com que peleja, e os estragos que executa. A sensualidade entre os sete peccados capitaes tem um só logar, que é o terceiro; e contra os dez mandamentos tem tambem um só, que é o sexto: mas porque sendo um só peccado capital, domina em todos sete; por isso tem sete cabeças: *Capita septem:* e porque oppondo-se a um só mandamento, destroe e desbarata todos dez; por isso tem dez pontas: *Et cornua decem.* De sorte que sendo um só peccado, e encontrando um só mandamento, assim entre os peccados, como contra os mandamentos, é um que póde tanto como todos. E como o peccado da deshonestidade é um peccado em que se contém e resumem todos; por isso com grande propriedade faz só menção o Evangelista dos peccadores deste genero, quando diz que nasce Christo para Salvador de todos os peccados: *Ut omnium peccata deleret.*

IV

Aqui porém entra agora o meu segundo reparo, que não é menos bem fundado que o primeiro. Que se faça sómente menção do peccado da deshonestidade, porque nelle vão compendiados e resumidos todos os outros, bem está. Mas nesta mesma genealogia temos Judas, Booz, David, Salomão, e a outros muitos homens, que tambem delinquiram no mesmo peccado. Pois porque se não introduzem e allegam os exemplos ou escandalos dos homens, senão os das mulheres? Porque nas mulheres, assim como é mais affrontoso este peccado, assim é mais perigoso e mais pernicioso. Considerae todos os estragos que tem feito no mundo o peccado da deshonestidade, e achareis que as mulheres foram a origem e as mulheres a causa. Descreve S. Bernardo o vicio da sensualidade assentado em uma carroça, e diz que esta carroça se move sobre quatro rodas, que tiram por ella dois cavallos, e que os governa ou desencaminha um cocheiro. Eu na applicação destas partes me desvio alguma coisa da idéa do artifice; mas creio que elle o haverá por bem. As quatro rodas sobre que se move a carroça da sensualidade, são a abundancia, a gula, a ociosidade, e a delicia. Os dois cavallos fortes e bem pensados que tiram por ella, um é o gosto do presente, outro o esquecimento do futuro. O cocheiro que os governa, é o appetite não só cego de seu nascimento, mas sobre isso com os olhos vendados. Não leva as redeas na mão, porque aquelles cavallos não soffrem redeas: e só se serve do açoite incessantemente, com que os esperta e incita a que corram a toda a furia, a que se precipitem, a que se despenhem. Nesta carroça, pois, tão mal guiada, peleja, e por isso mesmo vence a sensualidade, e porque raramente é vencida, como diz Santo Agostinho, nella triumpha e triumphou sempre do mundo desde seu principio.

A primeira figura que apparece neste lastimoso triumpho, é Adão vestido de pelles, lançado do Paraiso, e despojado do imperio do mundo por uma mulher, e essa não alheia, mas propria. Oh quantos filhos o seguem sem cabeça, porque a não tiveram! Mas as mesmas que lh'a fizeram perder, para maior ostentação e publicidade as levam nas mãos. Dina

leva na mão a cabeça de Sichem: Jael a cabeça de Sisara: Dalila a de Samsão: Judith a de Holofernes: Bersabeé a de Urias: Thamar a de Amon, filhos ambos de David: e Herodias, a maior cabeça que nasceu entre os nascidos, a do grande Baptista. Mas que muito que cada mulher destas em differentes edades, ou désse ou occasionasse a morte a cada um destes homens tão notaveis no mundo; se a quantos hoje são, a quantos foram, e a quantos hão de ser, uma só mulher os matou a todos, Eva? ! Admiramo-nos de que uma só Helena com dez annos de cruelissima guerra abrazasse finalmente a Troya; e não advertimos que em todas as partes do mundo houve Troyas e Helenas. Helena foi da Asia, Semiramis em Babylonia; Helena da Africa, Cleopatra no Egypto; Helena da Europa, Lucrecia em Roma; e Helena de Hespanha, não Florinda, mas Cava. Aquella com o sceptro de Romulo acabou de uma vez todos os reis romanos, e esta com o de Rodrigo captivou por oitocentos annos o florentissimo dos Godos. E se a intemperança de uma só mulher, ou voluntaria, ou rendida, faz tamanhos estragos, que fará a de muitas juntas? Não fallo nos poderosissimos exercitos, nem de Moysés em Moab, nem de Annibal em Capua, nem de Antiocho nas suas bodas, feridos e desbaratados desta peste; porque tudo desapparece á vista do que agora vejo. Vejo fluctuar todo o mundo dentro em uma arca, e todo o genero humano, não nadando, mas afogado debaixo do diluvio. E de um castigo tão universal, tão estranho, tão horrendo, tão novo, e nunca repetido, qual seria a causa? A causa, diz o Texto sagrado, que foi a universal corrupção, que só se podia curar com a universal sepultura: *Omnis quippe caro corruperat viam suam:* [1] e se perguntarmos á mesma Escriptura qual foi a causa dessa corrupção? Com a mesma clareza responde, que não foi outra senão a descompostura das filhas dos homens, que corromperam a virtude dos filhos de Deus: *Videntes filii Dei filias hominum quod essent pulchræ.* [2]

Já não tem mais mundo para onde correr a sensualidade, pois já o assolou e destruiu todo, e já aqui

---

[1] *Gen.*, VI, 12.
[2] *Ibid.*, 2.

podéra parar o seu infame e portentoso triumpho; mas quer levar atado ás rodas da sua carroça, como o maior tropheu de todo elle, a sabedoria de Salomão em estatua com a sua mesma sentença: *Mulieres apostatare faciunt sapientes.* [1] Quem cuidará, diz o nosso portuguez Santo Antonio, que aquelle mesmo homem, a quem Deus tinha escolhido para lhe edificar o Templo de Jérusalem, na mesma Jérusalem havia de edificar outros templos e levantar outros altares aos idolos de suas concubinas, e não na mocidade, senão na velhice? Oh quão perigosa está a fé, onde tanto reina e domina este maldito contagio? Por isso os hereges antigos (e o mesmo fazem os modernos) vendo que não podiam impugnar a fé catholica com força de verdadeiras razões, por traça e conselho verdadeiramente sahido do inferno, trocaram as armas, e lhe fizeram a guerra por meio de mulheres. Assim o fez Simão Mago por meio de Silenne, assim Montano por meio de Maximilla, assim Appelles por meio de Filomena, assim os Originistas por meio de Melania, assim os Arianos por meio de Constança, assim os Priscilianistas por meio de Agape e Galla, e assim Marcion e Nicoláu Antiocheno por meio, não de uma mulher, ou duas, senão de muitas, como escreve S. Jeronymo. Desta maneira os hereges, assim como a serpente não accommetteu por si mesma a Adão, senão por meio de Eva, assim elles, passando os seus mesmos argumentos das suas linguas ás das mulheres, hervaram astutamente as settas, e lhes deram com o doce veneno a força de matar, que por si mesmas não tinham.

Note porém o sexo feminino (para que se conheça) que aquellas enganadoras tambem eram enganadas; e que antes de brindarem a taça de Babylonia, primeiro a bebiam. As abelhas picando morrem, e maior é o damno que recebem, que o que causam. O que fazem padecer, é de fóra; o que padecem, de dentro. Que importa que atirem settas de fogo, se lhes fica o inferno no coração? O carvão que não arde, não queima. Por isso Salomão comparou este genero de gente ás brazas: *Nunquid potest homo ambulare super prunas, ut non comburantur plantæ ejus? Sic qui ingreditur ad mulierem.* E' sem duvida, que quanto Virgilio es-

[1] *Eccles.*, XIX, 2.
[2] *Prov.*, VI, 27, 28 e 29.

creveu da rainha Dido, foi falso testemunho e fabula. Mas o que disse do fogo, dos incendios, da inquietação, do desassocego, da perpetua imaginação e cuidados, com descuido e esquecimento de tudo o mais, eram effeitos verdadeiros e proprios da paixão que suppunha e descrevia. E senão dispamol-os da magestade, e vejamol-os em sujeito menos indecente. Tanto que a Samaritana conheceu a Christo por quem era, foi logo levar a nova aos da sua cidade, e as palavras que lhes disse, foram estas: *Venite, et videte hominem, qui dixit mihi quæcumque feci:* [1] Vinde vêr um homem, o qual me disse tudo quanto fiz em minha vida. O que Christo tinha dito a esta mulher, foram sómente as amizades passadas, em que tinha vivido torpemente, e a ultima e presente em que agora continuava: e não lhe disse mais. Pois isto é tudo o que esta mulher tinha feito em sua vida? A palavra *Quæcumque* ainda aperta mais a duvida, que se dissera *omnia:* porque *omnia* quer dizer tudo em geral, e *quæcumque* não só significa tudo geralmente, senão todas as coisas, e cada uma dellas em particular. Pois se Christo não lhe fallou mais que nas suas ruins amizades, como diz que lhe dissera quanto tinha feito? Não tinha feito outra coisa em toda sua vida esta mulher?

Não. Porque as mulheres de similhante vida tudo o que fazem, é isto. Tanto que o appetite mulheril se entrega a similhantes divertimentos, ou se diverte e empenha o amôr em similhantes cegueiras, isto é o que faz em quanto faz, e isto só, e nenhuma outra coisa. Aqui emprega toda a vida, e toda a alma; aqui todas as potencias, e todos os sentidos; aqui todos os pensamentos, todas as palavras, e todas as obras. Se obra com a memoria, disto só se lembra: se com o entendimento, nisto só cuida: se com a vontade, isto só ama. Se vê, para isto só olha: se oúve, isto só escuta: se conversa, nisto só falla: se dorme, isto só imagina, e com isto sonha. E como não ha alegria sem tristeza, nem desejo sem temôr, nem esperança sem duvida; se está alegre, estes são os seus gostos; se triste, estas são as suas lagrimas, e se prevalece no coração qualquer outro affecto (sempre vario, e sem-

[1] *Joan.*, IV, 29.

pre o mesmo), estes são os seus cuidados, estes os seus desvelos, estas as suas ancias: sem descanço, sem quietação, sem socego: ardendo em fim, e penando perpetuamente naquelle fogo infernal, cego e furioso; o qual no coração feminil, como mais brando, prende com maior facilidade; como mais estreito, queima com maior violencia; como mais frio, dura com maior contumacia. Na mesma Samaritana se viu esta differença. O fogo que pegou aos homens, apagou-se, que por isso foram cinco os amigos que já não eram: e o seu, em que ella dentro em si mesma ardia, como fogo do inferno, não se extinguiu, e ainda durava: *Et quem habes, non est tuus vir.* [1]

Sendo pois o vicio e peccado da sensualidade em todo o genero humano o mais universal, e no genero feminino o mais pernicioso; com razão, deixados todos os outros vicios e peccados, nos representa o Evangelista particularmente só este, e debaixo destas mesmas circumstancias, quando nos diz, que nasce Christo de peccadores para os remir e salvar de todos seus peccados: *Ut omnium peccata deleret.*

V

Mas porque não basta ter Christo remido o genero humano de todos os peccados, se nós tornamos a cahir nelles; que importará ter mostrado tão largamente o perigo, se não houver quem nos descubra e nos ensine o remedio? Isto é o que agora havemos de vêr, desenrolando a historia de Rahab, a que o mesmo Evangelista succintamente se refere nas poucas palavras que propuz: *Salmon autem genuit Booz de Rahab.* Era Rahab uma mulher não só de vida pouco honesta, mas publicamente peccadora, como já dissemos: estava condemnada por sentença, não menos que do mesmo Deus, para arder com todos os mais da cidade de Jericó: escapou comtudo ella só da morte e do incendio, por meio de um cordão vermelho, que distinguiu a sua casa de todas as outras. E que cordão vermelho foi este? Assim como o incendio de Jericó

[1] *Joan.*, 18.

toda abrazada em chammas vivas, foi figura do inferno; e assim como Rahab, condemnada a arder nas mesmas chammas, foi figura dos que se condemnam pelo peccado da sensualidade; assim digo que aquelle cordão vermelho foi figura do Rosario da Virgem Senhora nossa, por meio do qual os que delle se valem, se livram do fogo eterno. Peço attenção a todos, e muito particularmente m'a devem dar os que teem fundamento para se temer deste vicio.

Falla David da Virgem Senhora nossa, debaixo do nome e metaphora de Jérusalem (porque Jérusalem e Maria, ambos foram morada de Deus), e depois de tomar por assumpto quão gloriosas são as maravilhas que da mesma Senhora se teem dito: *Gloriosa dicta sunt de te, civitas Dei:* [1] aquella que põe em primeiro logar, é prometter a Mãe de Deus, que até de Rahab e de Babylonia se lembrará, se ellas a conhecerem: *Memor ero Rahab, et Babylonis scientium me.* [2] E em que desmereceram Rahab e Babylonia a lembrança da Virgem Maria, para ser tão glorioso encarecimento de piedade na sua memoria o lembrar-se dellas? Não serão necessarias muitas palavras para o declarar, pois já temos dito quem é Rahab, e quem foi Babylonia. Babylonia foi a grande meretriz que viu S. João; Rahab tambem foi meretriz, e não pequena: Babylonia foi aquella que trazia escripto na testa: *Babylon magna, mater fornicationum:* Rahab foi aquella, cuja casa na primeira entrada da cidade de Jericó tinha por insignia: *Rahab meretrix:* E que até destas duas mulheres tão dissolutas e depravadas, uma mãe, e outra filha da torpeza, prometta a Santissima e Purissima Virgem ter de memoria, se ellas a conhecerem: *Memor ero Rahab, et Babylonis scientium me;* não ha duvida, Mãe da divina graça, que entre todas as glorias de vossa benignidade e grandeza, justamente a conta David (que tambem teve necessidade della) como a primeira: *Gloriosa dicta sunt de te: memor ero Rahab, et Babylonis.*

Onde se deve advertir e ponderar muito aquella palavra *dicta sunt*, na qual nota David, e quer que

---

[1] *Psalm.* LXXXVI, 3.

[2] *Ibid.*, 4. De nostra Rahab intellegunt. S. Aug. S. Ambr. Theodoret, et alii.

nós notemos, que esta acção gloriosa da Senhora, não é coisa nova, que elle agora diga ou haja de dizer, senão antiga, e que já estava dita: *Dicta sunt de te.* Mas quando estava dita, e por quem? Estava dita por Josuë, que floresceu mais de quatrocentos annos antes de David, quando o mesmo Josuë escreveu a historia de Rahab, que é a do Texto do nosso Evangelho; na qual foram representadas estas glorias da Virgem Senhora nossa, e do seu Rosario, como agora veremos.

VI

Chegaram pois as duas sentinellas dos Hebreus, e entraram em casa de Rahab como casa publica: disseram-lhe que eram exploradores do conquistador daquellas terras, a quem o verdadeiro Deus Creador do céu e da terra as tinha dado, e debaixo desta fé (que logo recebeu) concertaram com pacto, de que depois lhe dariam a vida, que ella os encobrisse ás rondas dos Cananeus, que já lhes andavam nos alcances, e os puzesse em salvo. Fel-o assim Rahab escolhidamente. E diz o Texto sagrado, que lançando da muralha (para onde tinha janella) um cordão vermelho: *Funiculus coccineus:* [1] por elle se desceram segura e occultamente os dois aventureiros, e se salvaram. Esta foi atéqui a historia; vamos agora á significação, que já imos enfiando o Rosario, ainda que não se veja.

Perguntam os Santos Padres primeiramente: este cordão, e vermelho (o que facilmente não podia ser acaso), que é o que significava? E respondem S. Jeronymo, Santo Ambrosio, Santo Agostinho, e os demais, que o cordão significava a Christo, e o vermelho o sangue da Redempção. Bastem por todos as palavras elegantes de Santo Ambrosio: *Vidit hæc meretrix, quæ in excidio civitatis remedia desperaret salutis, quia fides vicerat signa fidei, atque vexilla Dominicæ Passionis attollens, coccum in fenestra ligavit, ut species cruoris mystici, quæ foret mundum redemptura, vernaret.* [2] Foi significado Christo Senhor nosso e com-

[1] *Josuè*, II, 18.

[2] Hier. Epist. 2.ª ad Nepot. Aug. in Psalm. 86. Ambr. Livr. 5.º De Fide, Cap. 5.º.

para-se com grande propriedade ao cordão, porque o cordão forte e bem formado compõe-se de tres ramaes, e tal é o composto ineffavel de Christo. Os outros homens compoem-se só de duas partes, como de dois fios, que são corpo e alma: Christo porém que não só é homem, senão homem e Deus juntamente, compõe-se de tres, que são corpo, alma e divindade. Assim como Deus em quanto Deus (diz S. Bernardo) [1] é um em substancia, e trino em Pessoas, assim o mesmo Deus feito homem, é um em Pessoa, e trino em substancias: e assim como em Deus, nem a Trindade divide a unidade, nem a unidade diminue a Trindade; assim em Christo, nem a Pessoa confunde as substancias, nem as substancias dividem a Pessoa. Finalmente, conclue o Santo: *Verbum, et anima, et caro in unam convenere Personam, et hæc tria unum, et hoc unum tria.* Não podéra dizer mais, nem menos, se definira um cordão de tres ramaes. Assim como no cordão de tres ramaes um são tres, e tres são um; assim no composto, divino e humano de Christo unido o corpo á alma, e o corpo á alma e divindade, estes tres são um, e este um são tres: *Hæc tria unum, et hoc unum tria.* Nem esta comparação ou este nome é novo, porque do mesmo Christo, como entendem graves Auctores, fallava Salomão, quando disse, que o cordão de tres fios difficultosamente se rompe: *Funiculus triplex difficile rumpitur.* [2] Mas se a união da divindade e humanidade em Christo de sua natureza é indissoluvel, e nunca se rompeu, nem ha de romper; como podia Salomão fallar de Christo, quando admitte no cordão rotura, posto que difficultosa? Essa mesma é a energia, e a maior graça da comparação. Porque no composto de Christo ha duas uniões, uma entre a divindade e humanidade, que nunca se rompeu, e outra entre o corpo e alma, que se rompeu na morte: e como a maior difficuldade daquelle tremendo mysterio, era poder-se romper esta união, e haver de morrer Deus; por isso Salomão admiravelmente admittindo a rotura do cordão, lhe chamou difficultosa: *Difficile rumpitur.*

Rompeu-se o cordão na morte, mas logo se soldou

[1] D. Bernard. Serm. 3.º in Vigilia Nativitatis.
[2] *Eccles.*, IV, 12.

na Resurreição. Foi porém necessario que Christo morresse, e derramasse o sangue; para que o corpo se tingisse, e tinto de vermelho, fosse o remedio da Redempção: *Ut species cruoris, quæ foret mundum redemptura, vernaret.* Verdadeiramente, que na circumstancia desta côr bem se vê que era pincel divino, o que no remedio e salvação d'aquelles dois homens pintava já então a de todos. Para os dois exploradores salvarem as vidas, não importava a côr do cordão, pelo qual desceram e se salvaram; mas para a significação do mysterio que nelles se representava, foi tão necessaria a côr vermelha, como foi necessario o sangue de Christo para a salvação do genero humano. Sendo porém Adão e o genero humano um, parece que tambem havia de ser um e não dois, os que aqui se salvaram por este meio. Ora vêde como serem os exploradores dois, foi nova valentia da pintura, e maior propriedade do mysterio. O genero humano dividiu-se em dois povos, os quaes naquelle mesmo caso concorriam: o povo judaico, que eram os hebreus, e o povo gentilico, que eram os cananeus. E porque o Messias não só havia de remir o povo judaico, como elles cuidavam, senão tambem o gentilico; por isso na liberdade dos dois exploradores se representou a salvação dos dois povos.

Os dois primeiros exploradores da Terra de Promissão, a quem estes segundos succederam na mesma conquista, foram os dois valentes soldados Josuë e Caleb, os quaes para demonstração da fertilidade do terreno trouxeram o grande cacho de uvas aos hombros, atravessado em uma lança. E que significava esta nova pintura? O fructo prodigioso pendente da lança, significava a Christo pendente da Cruz: os dois que o levavam aos hombros, significavam os dois povos: o de diante o judaico, que foi o primeiro, e de traz o gentilico, que veiu depois. E diz mais alguma coisa a figura? Ainda falla admiravelmente. O povo gentilico, que ia detraz, levava o fructo diante dos olhos; porque estimou e recebeu a Christo: e o judaico, que ia diante, levava-o de traz das costas; porque o desprezou, e lhe voltou o rosto, e não o quiz receber: *Duo bajuli duo sunt testamenta: præcunt Judæi, sequuntur Christiani: salutem hic ante conspectum suum gerit, ille post dorsum: hic obsequium præfert, ille contemptum:* disse com tanto applauso

Santo Agostinho, que lhe tresladaram o pensamento Santo Ambrosio, S. Cypriano, S. Jeronymo, S. Prospero, S. Bernardo, Ruperto. Estes são pois os dois povos, em que se divide o genero humano; e se o quizermos não dividido, senão unido em um só, tambem o temos no mesmo Texto. Quando Rahab os escondeu para que os não descobrissem as rondas, diz assim o original hebreu ao pé da lettra: *Acceperat autem mulier viros illos, et abscondit illum:* [1] levou a mulher aquelles dois homens, e escondeu-os. Se eram dois, havia de dizer, *escondeu-os*, e não *escondeu-o*. Pois porque diz, *abscondit illum*, escondeu-o a elle, e não a elles? Porque aquelles dois homens significavam os dois povos, em que se divide o genero humano, e o mesmo genero humano em quanto dividido, são dois; em quanto unido, é um: em quanto dividido, é elles: em quanto unido, é elle: *Abscondit illum.*

VII

Esta foi a propriedade com que na primeira parte da historia de Rahab se representou a Encarnação e Morte de Christo, e a Redempção do genero humano. E esta é a materia de que a Virgem Senhora nossa formou o seu Rosario, não mudando nem accrescentando nada ao mesmo cordão, mas dispondo-o sómente de tal modo, que assim como elle tinha sido o instrumento universal da Redempção do mundo, assim o fosse particular da salvação dos peccadores. E esta é a segunda parte da mesma historia. Tinha Rahab assentado com os exploradores, que na destruição de toda a cidade de Jericó seria exceptuada a sua casa, e que para ser conhecida entre as demais, tivesse por signal na janella o mesmo cordão vermelho por onde os tinha descido. Fez-se assim com a pontualidade e vigilancia de uma e outra parte, que o caso e o perigo pedia: e arrasados os muros só com o som das trombetas de Josuë, entram os soldados victoriosos levando tudo a ferro e a fogo, e no meio de tão grande tumulto o que se ouvia sómente, era uma voz que dizia: *Sola Rahab vivat:* [2] morram todos,

[1] *Josuè*, II, 4.
[2] *Josuè*, VI, 17.

e só viva Rahab. Assim o dizia a voz, assim o tinha jurado a promessa, e assim se cumpriu á risca; porque não ficando da cidade mais que as cinzas, só Rahab escapou, e viveu, e com a sua familia foi recebida em triumpho nos arraiaes vencedores.

Quando Deus mandou ao Anjo que degolasse todos os primogenitos do Egypto, havia um grande perigo e difficuldade nesta execução; porque como os Hebreus moravam juntamente com os Egypcios, á volta dos Egypcios podia a espada do Anjo levar tambem os Hebreus. E de que modo facilitou Deus esta difficuldade, e os livrou deste perigo? Era o mesmo dia, ou a mesma noite, em que, conforme a lei, em todas as familias dos hebreus se comia a primeira vez o Cordeiro Paschal: e como uma das cerimonias da mesma cêa, era que todos rubricassem as suas portas com o sangue do mesmo Cordeiro; observando o Anjo este signal e divisa, matou todos os primogenitos Egypcios, e ficaram livres todos os Hebreus. O mesmo succedeu em Jericó d'ahi a quarenta annos, não só pelo mesmo modo, mas tambem com a mesma significação. Porque assim como o sangue do cordeiro que tingiu de vermelho as portas dos Hebreus, significava o sangue de Christo, assim o cordão vermelho que pendia da janella de Rahab, significava o mesmo sangue. E assim como ella se salvou do incendio universal, em que pereceram todos, em virtude daquelle mysterioso cordão; assim digo que se salvarão todos os que rezarem o Rosario em virtude do mesmo Rosario, que no mesmo cordão era significado.

Esta ultima palavra *que no mesmo cordão era significado*, parece difficultosa de provar, mas a prova é tão authentica, que ninguem lhe porá duvida. Falla Christo com sua Santissima Mãe no Cap. 4.º dos Canticos, e diz assim, conforme o Texto dos Setenta Interpretes, que é o de que o mesmo Christo usou sempre no Evangelho: *Sicut funiculus coccineus labia tua, et eloquium tuum decorum.* [1] As vossas palavras, Mãe e Esposa minha, são para mim de grande decoro e respeito; porque na bocca de quem as pronuncia são como o cordão vermelho na janella de Rahab. Assim commenta este logar, fallando com a mesma Senho-

[1] *Cant.*, IV, 3.

ra, o mais insigne doutor de seu tempo, Ruperto Abbade: *Ecce Rahab meretrix dulcis eloquii tui funiculum coccineum in fenestra sua ligavit, dum Ecclesia quondam peccatrix, et idolatriæ meretricio sordida dulce eloquium tuum, pignus salutis, jugiter personat.* Quando Rahab, a publica peccadora, atou da sua janella o cordão vermelho, o mesmo cordão, Virgem Santissima, era composto das vossas doces palavras, e por isso a Igreja convertida da gentilidade (que é a Catholica), em prenda de sua salvação, continuamente as reza. Não podéra fallar mais claro, se nomeára o Rosário (que é a mais propria oração da Senhora, e que mais continuamente se reza todos os dias): mas no tempo de Ruperto ainda não tinha este nome. E para que a sua exposição não pareça singular, a mesma teem Theodoreto, Justo Orgelitano, Philo Carpacio, e Rabbi Salomão, os quaes todos affirmam que o cordão vermelho, de que neste logar falla o Espirito Santo, é o *Funiculus coccineus de Rahab.*

E que similhança tem o Rosario com o cordão vermelho na janella de Rahab para ser significado nelle como em sua propria figura? Não só uma similhança, senão todas. Lembremo-nos do que fica dito. Aquelle cordão (como vimos com todos os Padres) significava a Christo, e os mysterios da Redempção do genero humano: e desses mesmos mysterios se compõe o Rosario. Aquelle cordão era composto de tres ramaes: *Funiculus triplex:* e esta mesma composição é a do Rosario repartido em tres terços: Gososos, Dolorosos, Gloriosos. Aquelle cordão era vermelho, não só pela côr, senão pela substancia do sangue de Christo: *Funiculus coccineus:* e com o mesmo sangue está rubricado o Rosario em todas as tres differenças dos mesmos mysterios: na primeira com o sangue que Christo tomou nas entranhas da Virgem: na segunda, com o que derramou na cruz: na terceira, com o que tornou a tomar na Resurreição. Aquelle cordão estava na janella de Rahab, *In fenestra:* e que outra coisa é o cordão na janella, senão o Rosario e a oração na bocca, diz Theodoreto? *Signum hoc sponsus in ore sponsæ tanquam in fenestra collocatum intuetur, sicut funiculus coccineus labia tua.* Finalmente (e esta é a maior e principal similhança), aquelle cordão era uma divisa que distinguia a casa de Rahab de todas as outras, para que no incendio geral da cidade, em que

todos morreram, pereceram, e se abrazaram, só ella se salvasse; e o Rosario é um dos mais certos signaes da predestinação, por meio do qual se livram dos incendios eternos os peccadores, e muito particularmente os do peccado da sensualidade (como Rahab) que é o que mais povôa e enche o inferno. Quando S. João viu aquella infame mulher, em que era representada a sensualidade, disse um Anjo que viesse vêr a condemnação da grande meretriz: *Veni ostendam tibi damnationem meretricis magnæ:* [1] porque todas as filhas daquella mãe, e que seguem seus passos, pelos mesmos passos caminham á condemnação eterna. E sendo Rahab uma destas publica e conhecida por tal, *Rahab meretrix*, porque estava patrocinada e defendida da divisa do Rosario, *Funiculus coccineus*, ella só escapou e se salvou da condemnação universal de todos os mais, e com excepção e declaração expressa do nome e vida de meretriz: *Sola Rahab meretrix vivat.*

Um dos mais notaveis portentos que se leem nas Escripturas, é mandar Deus ao Propheta Oseas que se casasse com uma meretriz, e sobre meretriz adultera: *Vade, sume tibi uxorem fornicationum:* [2] e depois fallando da mesma: *Adhuc vade, et dilige mulierem dilectam amico, et adulteram.* [3] Obedeceu o Propheta, assombrados todos tanto do preceito, como da obediencia. Porém a maior razão do assombro (a qual no exterior se não entendia), era que Oseas neste caso significava e representava a Deus, como o mesmo Deus logo declara: *Dilige mulierem dilectam amico, et adulteram, sicut diligit Dominus filios Israel, et ipsi respiciunt ad Deos alienos.* [4] Recebeu em fim o Propheta por mulher a meretriz e adultera: e porque naquelle tempo e naquella nação costumavam os maridos comprar as mulheres, como Jacob a Rachel, e David a Michol, diz Oseas, que comprou esta sua por quinze dinheiros: *Et emi eam mihi quindecim argenteis.* [5] Aqui está o grande reparo. Não em Deus se desposar com uma tal peccadora (que esse é o seu amôr e a

---

1 *Apoc.*, XVII, 1.
2 *Oseas*, I, 2.
3 *Ibid.*, III, 1.
4 *Ibid.*
5 *Ibid.*, 2. Text. Hebr.

sua bondade); mas em que a compre e faça sua, e não com maior ou menos preço, nem com maior ou menos numero, senão com quinze dinheiros: *Quindecim argenteis?* O preço da graça com que Deus chama, converte e une a si as almas alongadas de seu serviço, e de escravas dos vicios feios e torpes, as faz amadas esposas suas, todos cremos e sabemos que são os merecimentos infinitos da vida, morte e sangue de Christo. Pois se este preço é infinito, porque se reduz a numero, e não a outro numero, senão o certo e determinado de quinze? Porque quinze são determinadamente os mysterios em que esse mesmo preço da vida, morte e sangue de Christo está multiplicado no Rosario, e repartido nelle. E é virtude propria, e particular do mesmo Rosario, de almas meretrizes e adulteras, como a que comprou para si, e recebeu por sua Oseas, fazer esposas muito presadas e amadas de Deus. Assim explica e applica este logar um Auctor não muito antigo, mas muito douto e pio: *Deus bone* (exclama elle) *quoties Christus Dominus in Osea significatus perditissimas animas mediis quindecim sanctissimi Rosarii decadibus sibi arctissimo amoris vinculo copulavit?* [1] Quer dizer: que por meio do Santissimo Rosario, composto de quinze decadas, e quinze mysterios, traz Christo a si muitas almas, não só perdidas, mas perdidissimas, e como esposas muito queridas as une e ata comsigo com um estreitissimo vinculo. E este vinculo é o cordão mysterioso de Rahab, tão perdida da vida como no nome, por meio do qual, não só a livrou e salvou Christo, mas verdadeira e realmente aparentou com ella, desposando-a com Salmon, da tribu real de Judá, de que o mesmo Christo nasceu: *Salmon autem genuit Booz de Rahab.*

VIII

E para que vejaes com os olhos o cumprimento destas antigas figuras, não em outra pessoa, ou em outro vicio, senão na de uma famosissima meretriz; passemos de Jericó a outra maior e melhor cidade, não gen-

[1] *Cartagena de Rosar. Virg.*

tilica, nem só christã, mas cabeça da christandade. Depois do grande fructo, que o grande prégador da Virgem Senhora nossa tinha feito em França com o seu Rosario, passou S. Domingos a Italia, e fazendo os mesmos sermões em Roma como em cidade santa, e côrte ecclesiastica, foi ainda maior o fructo, e maior a brevidade com que o colheu. Os Monsenhores, os Bispos, os Cardeaes, e até o mesmo Summo Pontifice, todos se fizeram não só devotos, mas servos do Rosario. Havia neste tempo na mesma Roma uma mulher moça, das que lá se chamam cortezãs, a mais famosa e celebrada de todas as daquella infeliz profissão, dotada por extremo de todos os ornatos da natureza, com que mais se costuma enlouquecer o amôr profano. Chamava-se esta mulher Catharina; e não houve Catilina, nem tyranno algum de Roma, que tanto a destruisse e arruinasse, como esta tyranna a arruinava e destruia. Nero poz o fogo a Roma, mas não lhe abrazou mais que os edificios; esta tyranna tambem punha fogo a Roma, mas abrazava-lhe as almas. Nero atormentava os martyres, mas mandava-os para o céu; esta tyranna tambem atormentava os homens, mas mandava-os para o inferno. Nero fazia adorar os idolos, e violentava os homens, para que o fizessem; esta tyranna, ella mesma era o idolo, e fazia-se adorar sem violencia. De maneira que quem estivesse em Roma naquelle tempo, e visse por uma parte o grande fructo que fazia nas almas S. Domingos com sua prégação; e por outra o grande estrago que fazia nellas esta tyranna com seu pernicioso exemplo; poderia duvidar com muita razão de qual das duas se havia de admirar mais; ou da astucia do demonio, que metteu em Roma esta mulher para fazer opposição ao Rosario, ou da Providencia particular de Deus, que metteu em Roma o Rosario para fazer guerra a esta mulher. Mas não foi esta a vez primeira em que as rosas tiraram sangue a Venus.

No meio deste descuido da alma, no meio deste esquecimento do céu, no meio desta desbaratadissima vida, com que aquella pobre mulher corria tanto á redea solta pela estrada larga da perdição, no meio de tantos vicios, e tantas miserias, tinha comtudo uma coisa boa, que era ser inclinada a ouvir sermões. Como S. Domingos prégava em Roma com tanto applauso, achava-se ella sempre ás suas prégações. E porque

o Santo muitas vezes depois do sermão repartia Rosarios aos ouvintes, coube-lhe tambem á publica peccadora um dia o seu Rosario. Já Rahab leva na mão o cordão vermelho, e já eu começo a esperar melhor, e a não ter tanta desconfiança de sua salvação. Que vos parece que faria do seu Rosario uma tão perdida mulher? Por ventura enfial-o-hia com grande curiosidade, enfital-o-hia e enfeital-o-hia com muitos listões de ouro e prata para o lançar ao pescoço por gala? Tral-o-hia alguns dias dobrado nos dedos, como costumam as de devoção alentada, para depois o dar por prenda a algum dos que a galanteavam, e fazer mais um devoto, não do Rosario, mas seu? Ainda mal, porque ha loucas tão impias e tão sacrilegas, que até do Rosario da Virgem purissima, de que fogem os demonios, fazem laços ás almas! Não o fez assim esta mulher, posto que tão desgarrada e tão perdida; antes fazia o que eu muitas vezes vos aconselho. Ainda que gastava as vinte e tres horas e meia do dia com o mundo, com a vaidade, com seus gostos e appetites, todos os dias tomava meia hora para a sua alma, posto que tão pouco a amasse, e se retirava para o logar mais escuro de sua casa, e alli se punha a rezar o seu Rosario. Os muros da casa ainda eram de Jericó, mas o cordão já pendia da janella.

Sahiu pois Catharina um dia a espaço, como dizem em Italia, e indo passeando por uma daquellas formosas estradas, que se estendem pelos arrabaldes de Roma, viu que ia juntamente pelo mesmo caminho o mais gentil homem, o mais airoso, o mais bizarro mancebo que vira em sua vida, e por ventura que nunca se tinha visto no mundo tão grande gentileza. Travaram pratica os dois, e quanto Catharina mais via e ouvia, o companheiro mais se lhe ia affeiçoando, e rendendo-lhe a alma. Experimentava porém nesta affeição e neste amôr muito differentes effeitos, que nos outros seus: porque era uma affeição cheia de respeito, de reverencia, e se bem os affectos eram os maiores que podiam ser, todos se continham dentro das raias do coração, nenhum passava ao appetite. Em fim, pediu a cortezã ao mancebo que lhe fizesse favor de querer ir cear a sua casa aquella noite, o que elle acceitou e agradeceu, e apartaram-se. Não é industria nova em Josuë explorar primeiro por si mesmo a terra, e depois entrar á conquista. Estava a

cêa preparada como para tão notavel hospede. Veiu elle á hora assignalada: puzeram-se á meza: e a mulher cada vez mais admirada da gentileza da pessoa, da discrição das palavras, da graça com que as dizia, e sobretudo da compostura, do recato, e da magestade de todas suas acções. Disse-lhe: Senhor, se o amôr que deveis ter conhecido em mim, merece comvosco alguma coisa, peço-vos que me digaes quem sois: respondeu o mancebo, que como ficassem sós, então lh'o diria. Iam comendo, e tudo o que tocava o hospede mudava a côr, e ficava tinto em sangue. Já o cordão se começa a tingir de vermelho. Pareceu a Catharina que se teria cortado, e querendo accudir ao sangue, e remediar o golpe, respondeu o que de outro bem differente modo estava ferido, que não se cortára, mas que a razão do que via, era porque tudo o que come o christão, deve ser molhado no sangue de seu Deus.

Levantou-se a meza, apartaram-se os que serviam: eis que subitamente o mancebo se converteu em um Menino Jesus com uma corôa de espinhos na cabeça, com as mãos, e os pés, e o lado aberto, com uma cruz maior que os hombros ás costas, inclinado todo, e como gemendo debaixo do pezo della. Com esta figura por uma parte tão amorosa, e por outra tão lastimosa, lhe disse assim: Até quando, irmã minha, até quando has de continuar em me offender? Quando has de acabar de me ser ingrata? Olha o que padeci por ti, olha o que me custas. Desde esta edade em que me vês, trouxe sempre por ti esta cruz ás costas, até que depois de trinta e tres annos me pregáram nella. Dizendo isto, o que era menino se converteu em homem, e a cruz que trazia ás costas a suspendeu nos braços. Estava com os pés e mãos encravadas, com o rosto pallido, com os olhos cerrados, com a bocca emmudecida. Se com a primeira visão ficou assombrada a mulher, com esta segunda ficou muito mais attonita e pasmada. As palavras que ouviu na primeira, a magoaram e enterneceram muito; mas este silencio agora lhe penetrava o mais interior da alma, e lh'a traspassava toda. Não dizia, não fazia nada, porque não sabia que dissesse, nem que fizesse: só o coração lhe estava rebentando dentro no peito de dôr e de contrição de seus peccados. Ia como outra Magdalena para se abraçar com a cruz, quando o Crucificado de

repente resuscitou, e passando a cruz das costas á mão direita, como em signal de triumpho, appareceu revestido todo de gloria, e mais que humana magestade. As cinco chagas pareciam cinco soes, o resplandor de formosura do rosto não parecia a nada, porque tudo o que ha formoso na terra, tudo o que ha resplandecente no céu, era feio e escuro em sua comparação. Posto nesta representação tão gloriosa, tornou a fallar á peccadora, e disse-lhe estas palavras: Acaba já, acaba de ser cega. Olha para mim, e olha para ti: olha para mim, e olha para os teus amadores; e vê se é razão que pelos buscares a elles, me deixes a mim. Vê bem o que estás vendo, e acaba de conhecer se é maior a formosura do Creador, ou a das creaturas. Deteve-se um pouco mais, para que a mulher visse bem a differença, e desappareceu.

Desappareceu Christo, e ficou só Catharina, ou para o dizer melhor, não ficou, porque tambem desappareceu. Desappareceu, porque a que estava alli, já não era a que fôra, senão muito differente do que d'antes era. Em nada era perecida a si, em tudo similhante á Magdalena. Não fallava palavra, porque não era tão pequena sua dôr, que lhe coubesse pela bocca; partia-se-lhe o coração de dôr e de arrependimento da vida passada, e assim despedaçado lhe sahia pelos olhos chorando infinitas lagrimas. Sae como uma louca de casa (que quem fez loucuras pelo mundo, razão é que as faça por Deus), lança-se aos pés de S. Domingos, confessa-se geralmente de todos os seus peccados, torna para casa com a resolução que o caso merecia, toma as galas e as joias, reparte-as aos pobres, veste-se em um habito de penitencia (vêde se lhe servia aqui bem o cordão); mette-se entre quatro paredes, sem admittir, nem outra vista, nem outra conversação; e alli só por só com o seu novo amante, só comsigo e com o seu Deus (tão seu) passou os dias que lhe restaram de vida, que foram muitos, sem outra companhia mais que a do seu Rosario, que como nelle achára o remedio, assim nelle tinha todo o allivio. Repassava-o conta por conta, e na memoria de cada uma lembrava-se do que viram seus olhos, e eram duas continuas fontes. Desta maneira viveu santa muitos annos, a que tantos tinha vivido tão peccadora, e chegando-se em fim a hora da morte, assistiu-a nella em Pessoa a Virgem Maria, que recebendo-lhe

a alma nos braços, a levou comsigo ao céu. Ditosa mulher, e ditosissima alma, pela qual desceram do céu uma vez o Filho de Deus, e outra vez a Mãe de Deus: o Filho de Deus para a converter, a Mãe de Deus para a levar!

IX

Este foi o caso, Christãos, do qual eu podéra tirar muitos pontos de doutrina que vos advertir. Podera-vos advertir de quão rebelde e obstinado peccado é o da sensualidade, pois para converter uma mulher captiva deste vicio, foi necessario que o mesmo Deus viesse do céu á terra. Podera-vos advertir de quanto importa o ouvir a palavra de Deus, e não perder nenhuma occasião de assistir a ella, pois não tendo esta mulher outra inclinação, nem obra boa, dessa lançou mão Deus para a salvar. Podera-vos advertir quão divina é a efficacia da devoção do Rosario, e quão bem empregada é a meia hora que se gasta em o rezar, pois a meia hora que esta mulher dedicava ao Rosario todos os dias, foi a que lhe grangeou a eternidade. Finalmente, podera-vos advertir e encarecer a grande misericordia de Deus, que taes modos e taes traças busca, e a taes transformações se sujeita para ganhar nossas almas. Para buscar a Magdalena, transformou-se em hortelão: para reduzir os Discipulos de Emaüs, transformou-se em peregrino: para affeiçoar esta peccadora, transformou-se em amante humano, e tão humano, sem reparar nos primeiros disfarces, ou ainda quasi indecencias desta metaphora. Quando Christo converteu a Samaritana, diz o Texto que, *Mirabantur Discipuli, quia cum muliere loquebatur:* [1] que admiração seria a sua, se o vissem, não na estrada, senão em casa; não na fonte publica, senão á meza; não em habito de propheta, senão com galas de amante? Oh bemdito sejaes, amôr de nossas almas, que tanto vos perdeis pelas ganhar!

Todas estas doutrinas poderamos colher deste exemplo; mas eu só uma coisa quero perguntar-vos. Dizei-

[1] *Joan.*, IV, 27.

me, se Christo vos apparecera na fórma e nas fórmas em que appareceu a esta peccadora, por mais que estejaes tão captivos de vossos vicios, como ella estava; havieis de vos converter, ou não? Não ha duvida que todos estaes dizendo que vos havieis de converter. Pois sabei, os que vindes aqui rezar o Rosario, que todos os tres dias se vos representa Christo interiormente nas mesmas transformações. Em tres fórmas se representou Christo áquella peccadora: a primeira foi de menino, e esses são os mysterios da Encarnação, os mysterios Gososos: a segunda foi de morto, e esses são os mysterios da Paixão, os mysterios Dolorosos: a terceira foi de resuscitado, e esses são os mysterios da Resurreição, os mysterias Gloriosos. Estas, estas, e tão verdadeiras como aquellas, são as transformações em que Christo se nos mostra nos mysterios do Rosario, se nós abrirmos os olhos da consideração para as vêr. Nos mysterios Gososos representa-se-nos Menino nas entranhas de sua Mãe, Menino nascido em um presepio: e está dizendo a cada uma de nossas almas: Irmã minha, até quando me has de offender? Quando has de acabar de me ser ingrata? Olha o que me custas, olha o que por ti padeci. Esta lapa, esta mangedoura, esta pobreza, esta humildade, este frio, este desamparo. Nos mysterios Dolorosos mostra-se-nos morto e crucificado, e posto que não falla palavra, aquelle mesmo silencio são os maiores brados com que está dando vozes a nossas almas. Deus morto, e morto por amôr de mim? Deus crucificado, e crucificado por amôr de mim? E que tenha eu vida para o offender? Que gaste eu a vida em o não amar? Oh cegueira! Oh loucura! Finalmente, nos mysterios Gloriosos mostrando-nos aquella formosura immortal, celestial e divina, ainda confunde mais a loucura e cegueira de nossos pensamentos. Vê, homem, a quem deixas, e por quem. Deixas a formosura divina pela vileza humana, deixas a formosura do céu pela miseria da terra, deixas a formosura immortal por aquellas apparencias caducas, que o que são, descobre a morte. Olha para um corpo morto, e ahi verás o que amas: aquella corrupção, aquella deformidade, aquelles horrores, aquelle ferver de bichos, aquelles ossos meios descarnados, aquella caveira enorme, feia, medonha.

Ah, Senhor, abri os olhos aos homens cegos, para

que vejam o que amam, e o que deixam. E vós, Virgem purissima, que tanta efficacia déstes ao vosso Rosario para converter almas perdidas, e perdidas particularmente pelo vicio da sensualidade, como a Catharina, que foi a Rahab de Roma, e a Rahab, que foi a Catharina de Jericó; vêde Senhora, quanto arde o mundo naquelle infernal incendio, que já começa, e continua na terra para nunca se acabar, nem extinguir no inferno. Ouvi, christãos, o que reservei para estas ultimas palavras, para que o leveis mais impresso na memoria, e se não póde ouvir sem tremer. S. Remigio, primeiro Apostolo de França, e que a converteu á fé de Christo, diz assim fallando do vicio da sensualidade: *Demptis parvulis, ex adultis pauci propter hoc vitium salvantur:* tirando os meninos innocentes, dos já adultos, e da maioridade, são muito poucos os que se salvam, e todos os mais se condemnam por este vicio. E S. Francisco Xavier escrevendo da India, diz que bemaventurados são lá os que morrem antes dos quatorze annos, porque os que chegam áquella edade, quasi todos geralmente se perdem, e se condemnam pelo vicio da torpeza. Vejam agora os que nascem ou vivem na America, se se podem ter por melhores que os da Asia, e se pela qualidade do clima, pela facilidade das occasiões, e pela dissolução geral dos costumes, estão no mesmo perigo, e podem temer a mesma sentença. Mas tornando-me a vós, Virgem Santissima, Purissima, Poderosissima, ponde, Senhora, vossos misericordiosos olhos em tão universal e perigosa cegueira. Chova do céu a graça de vosso divino Esposo, pelo sangue de vosso Filho, que apague este infernal incendio. Ouvi as vozes dos peccadores, e tambem as destes innocentes, e communicae-nos efficazmente os poderosos effeitos de vosso santissimo Rosario, que uns e outros todos os dias vos offerecem. Em honra dos Gososos, dae-nos, Senhora, que nos gosemos só das coisas do céu, e desprezemos as da terra: em honra dos Dolorosos, que nos doamos com grande e verdadeira contrição de nossos peccados: em honra, finalmente, dos Gloriosos, que vivamos com tal pureza de corpo e alma, que por meio da graça nos disponhamos para a gloria. Amen.

SERMÃO OITAVO

COM O SS. SACRAMENTO EXPOSTO

—

Extollens vocem quædam mulier de turba, dixit illi: Beatus venter qui te portavit, et ubera quæ suxisti. [1]

I

Uma circumstancia de religião mui frequentemente inculcada nas Divinas Lettras, é querer a Magestade Divina, que só é digna de louvor, ser louvada na Igreja: *In medio Ecclesiæ laudabo te: Apud te laus mea in Ecclesia magna: laus ejus in Ecclesia Sanctorum.* [2] Todos estes Textos e outros são de David. Mas isto que antigamente se dizia, não é o mesmo que hoje sôa. Igreja entre nós significa vulgarmente templo: e no tempo de David não havia templos; porque em todo o reino e povo de Israël não houve mais que o templo de Jérusalem, edificado a primeira vez por Salomão, filho do mesmo David, depois de sua morte. Diz comtudo David, que louvava e louvaria a Deus na Igreja: porque Igreja não é nome de logar, senão de pessoas, e significa ajuntamento, ou congregação de gente, principalmente da mesma fé ou crença, ou seja na casa, ou na praça, ou no campo, ou em logar consagrado a Deus, como este em que estamos.

Isto supposto, qual fosse o logar em que succedeu a historia do nosso Evangelho, não se sabe com cer-

---

[1] *Luc.*, XI.
[2] *Psalm.* XXI, 23 e 26. *Ibid.*, CXLIX, 1.

teza; porque o não referem os Evangelistas. Consta porém, que onde quer que succedesse, foi na Igreja; porque foi em um ajuntamento de muita gente da Judéa, que eram os fieis daquelle tempo, os quaes em grande numero tinham concorrido a vêr o combate de Christo com o endemoninhado mudo, que pela resistencia do mesmo demonio, deu tempo á fama e ao concurso. E esta é a multidão de que falla o Evangelho, quando diz: *Quædam mulier de turba.* Foi pois o caso, que vencida a resistencia do demonio contumaz, e lançado do castello (como disse o mesmo Senhor) em que tão fortificado estava, e se defendia, exceptos alguns hereges, que foram os Escribas e Phariseus, toda a outra Igreja fiel reconheceu e admirou o milagre: *Et admiratæ sunt turbæ.* Mas como esta admiração pouco animosa parasse toda no pasmo, e no silencio; então levantou a voz uma mulher de humilde condição, mas de sublime espirito, a qual louvando o soberano Auctor de tão prodigiosa maravilha, e juntamente a venturosa Mãe, que tal Filho trouxera em suas entranhas, e creára a seus peitos, disse: *Beatus venter qui te portavit, et ubera quæ suxisti.*

Este foi em summa o fim do successo, e seus effeitos: sobre o qual noto uma coisa, e duvido outra. O que noto, é que sendo aquella mulher uma só, deu ella mais gloria a Christo, que toda a multidão ou Igreja presente. Porque a multidão só louvou mudamente a Christo com a admiração: *Et admiratæ sunt turbæ:* e a mulher levantando a voz sobre todos: *Extollens vocem*, não só disse quanto elles reconheciam e callavam, mas muito mais, louvando publicamente o Filho, e pelo Filho a Mãe: *Beatus venter qui te portavit.* Isto é o que noto ou nota o mesmo Texto. E passando daquella Igreja á nossa; o que duvido é, se assim como neste caso uma mulher, que era uma pequena parte daquella multidão, fez mais que a mesma multidão toda junta; assim possa uma só mulher, ou um só homem em algum caso, não sómente egualar, mas exceder o que faz em louvor de Deus toda a multidão dos fieis, que é a Igreja universal? A razão de duvidar é o exemplo do Evangelho. Mas como o exemplo foi obrado em um canto da Judéa, e a Igreja universal está estendida por todo o mundo; parece difficultosa coisa admittir que possa fazer mais um fiel, que toda a multidão dos fieis e que haja de louvar

mais a Deus um devoto em particular, que toda a Igreja em commum? Se esta questão se me propuzera antes de haver na mesma Igreja a devoção do Rosario, havia de responder sem mais duvida, que a proposta era impossivel. Porém na consideração do que é, e do que faz o Rosario; digo que absolutamente não póde ser, mas em algumas, e em muitas circumstancias, sim. O que determino, pois, e espero mostrar neste discurso, é que comparada a devoção do Rosario com a de toda a Igreja; em algumas circumstancias muito notaveis della, faz mais um devoto do Rosario em particular, que toda a Igreja universal em commum. O assumpto por si mesmo está pedindo a graça: *Ave Maria.*

II

Extollens vocem quædam mulier de turba, dixit illi: Beatus venter qui te portavit. Grande é o assumpto que prometti. E para eu provar uma tão grande excellencia do Rosario, onde posso ir buscar a prova, senão a S. Domingos? Uma das mais singulares prerogativas desta sagrada Religião, como devotissima da Virgem Senhora nossa, é que no mesmo dormitorio (e antigamente descalços como Moysés diante da sarça) dão a primeira alvorada á Aurora de que nasceu o divino Sol, cantando o seu Officio. Succedeu pois, que ao tempo em que entoavam o Invitatorio pelo estylo e rito commum da Igreja romana, dizendo *Ave Maria gratia plena*, appareceu em presença de todos os Religiosos a Rainha dos Anjos, e atalhando aquellas vozes com a sua, lhes disse: *Non sic, fratres mei:* não haveis de dizer assim, meus devotos. Pois como, Senhora? *Sed Regem Virginis Filium venite adoremus:* o que haveis de dizer é: Ao Rei Filho da Virgem, vinde, e adoremol-o. Assim o quiz e ensinou a mesma Virgem: e desde então se mudou o Invitatorio antigo, e se conserva na Religião Dominicana este segundo, e singular entre todas. A razão desta mudança diremos logo. Mas se aquelle estylo era então, e é ainda hoje o universal de toda a Igreja, como o variou a Senhora, e não quiz que se fizesse assim, senão por outro modo? Para que entendamos que na devoção particular de uma Communidade ou Instituto póde

haver alguma tal circumstancia, pela qual Deus e sua Mãe se sirvam e agradem mais della, que da universal de toda a Igreja. Tal foi a que a Mãe de Deus de novo instituiu: e tal é a que eu hei de mostrar na devoção do Rosario. Mas para que melhor a vejamos e ponderemos, saibamos primeiro a razão que a Virgem Senhora nossa teve para fazer aquella mudança.

A razão sem duvida foi, como das mesmas palavras se collige, porque quando se dizia: *Ave Maria gratia plena*, louvava-se a Mãe expressamente, e o Filho só por consequencia; mas quando se diz: *Regem Virginis Filium venite adoremus*, louva-se expressamente o Filho, e tambem expressamente a Mãe. E este é o louvor perfeito com que a Mãe quer ver louvado a seu Filho, e o Filho ver louvada a sua Mãe. E' verdade, como bem diz S. Bernardo, que nos louvores de Jesus e Maria basta fallar de um para louvar ambos; porque o louvor do Filho é gloria da Mãe, e o louvor da Mãe honra do Filho. Mas a devoção que aspira ao melhor e maior, não se contenta com essas consequencias, como se não contentou a devota oradora do nosso Evangelho. A victoria da omnipotencia com que foi vencido o demonio mudo, e o triumpho da eloquencia com que ficaram convencidos os calumniadores, ambas foram acções de Christo somente, e não de Christo menino, qual a Senhora o concebeu em suas entranhas; nem de Christo mudo, e com as mãos atadas, qual o creava a seus peitos; senão de Christo homem perfeito, e tão crescido no saber e poder. Logo o applaudido, o acclamado, e o louvado parece que havia de ser sómente o Filho, e não a Mãe, ou bastava que a Mãe fosse por consequencia. Mas a devoção inteira, e não de meias, a devoção heroica e perfeitissima, qual era a daquelle excellente espirito, não se contenta com consequencias, que são louvores mudos. A vozes louvou expressamente o Filho, e a vozes expressamente a Mãe: *Beatus venter qui te portavit, et ubera quæ suxisti.*

Isto é o que fez a Virgem Senhora nossa na mudança da primeira fachada do seu Officio. E isto o que faz o Rosario, ou o que fez nelle, como em instituto seu, o ritual da mesma Senhora. Porque deixadas as duas orações, em que o Filho e a Mãe são expressa e distinctamente louvados e invocados; qual é a materia soberana de que o mesmo Rosario se compõe, senão

as vidas egualmente de ambos, ordenadas e distribuidas nos principaes e mais insignes mysterios? Mas porque os mesmos mysterios, e não outros, da vida de Christo, e sua Santissima Mãe são tambem os que celebra a Igreja universal, e não privada, senão publicamente, com toda a pompa e magestade de cerimonias sagradas, santidade de sacrificios, concurso dos fieis, harmonia de vozes nos coros, e eloquencia nos pulpitos; que circumstancia póde haver na devoção particular do Rosario, que com este culto universal da Igreja, por tantos modos divino, se deva comparar, quanto mais dizer-se que o possa preferir? Assim o disse, e torno a dizer, não absolutamente (como já adverti), mas por uma certa e singular circumstancia, a qual não só não é vencida nesta mesma comparação, mas sem controversia incomparavel. E qual é? E' que a Igreja universal celebra todos esses mysterios da vida de Christo, e sua Santissima Mãe, mas em um anno; o Rosario celebra-os cada dia. Somme agora quem quizer os dias do anno, e multiplique a differença.

III

Tendo Deus decretado um grande castigo a todo o povo de Israël; para que todos conhecessem o que haviam de padecer, ordenou que o Propheta Ezechiel o representasse, e padecesse em si mesmo publicamente onde fosse visto de todos. E porque o castigo havia de durar muitos annos, reduziu-lhe a Divina Providencia os mesmos annos a dias: de sorte que o que o Propheta padecesse em um só dia (fosse o que todos haviam de padecer em um anno. Assim o mediu e dispoz Deus, e as palavras com que o declarou ao Propheta, foram breves, mas notaveis: *Diem pro anno, diem, inquam, pro anno dedi tibi:* [1] Sabe, Ezequiel, que no que te mandei fazer, te dei dia por anno: *Diem pro anno;* e torno a dizer, que dia por anno: *Diem, inquam, pro anno dedi tibi.* Esta repetição na bocca de Deus, e este modo de fallar novo e desuzado, não póde deixar de ter grande significação. Não bastava

[1] *Ezech.*, IV, 6.

declarar uma vez ao Propheta, que lhe dava dia por anno: *Diem pro anno?* Porque torna a repetir o mesmo, *Diem, inquam, pro anno*, como quem encarecia o mysterio, e queria que elle o entendesse bem, e ponderasse muito? E se o que lhe mandava fazer era verdadeiramente um grande trabalho, e uma grave penitencia que lhe impunha; porque diz: *Dedi tibi*, e lhe põe nome de dadiva, como se fôra alguma mercê ou graça muito particular que lhe concedia? Porque verdadeiramente bem entendida a empreza, assim era. Queria Deus que merecesse Ezequiel padecendo em um só dia, o que todo Israël havia de padecer em um anno, e que sendo os annos muitos, como haviam de ser, elle os egualasse todos em outros tantos dias: e não póde haver maior industria de obrar, nem mais alto artificio de merecer, que chegar o trabalho particular de um homem em um só dia a egualar o universal de todos em um anno inteiro: *Diem pro anno, diem, inquam, pro anno dedi tibi.*

Isto ordenou Deus a Ezequiel, sendo maior o merecimento que lhe dava, que o trabalho que lhe pedia: e com a devida submissão e reconhecimento, o mesmo que Deus disse ao Propheta, póde qualquer devoto do Rosario dizer a Deus, quando lh'o offerece: *Diem pro anno, diem, inquam pro anno dedi tibi.* Neste Rosario, Senhor, em que se contém os mysterios da vida de vosso bemdito Filho, e de sua bemdita Mãe, vos dou (em quanto uma creatura póde dar a Deus) não só uma vez dia por anno, senão duas vezes: *Diem pro anno, diem, inquam, pro anno.* Porque se a Igreja seguindo o curso do anno natural, celebra pela roda do anno os mesmos mysterios; eu reduzindo o anno natural, e o anno ecclesiastico á roda do meu Rosario, os medito e celebro todos em um só dia. A Igreja celebra os passos da vida de Christo, e sua Santissima Mãe, como signos verdadeiramente celestes, pelo zodiaco do sol, que faz seu curso em um anno; e eu celebro os mesmos passos, e corro os mesmos signos pelo zodiaco do Rosario, que faz não outro, senão o mesmo gyro em um dia: *Diem pro anno dedi tibi.* O anno consta de trezentos e sessenta e cinco dias: e que faça o Rosario em um dia, o que faz a Igreja em trezentos e sessenta e cinco! Vêde se é grande a differença. As hebdomadas de Daniel eram semanas, que se formavam de sete annos, computando-se os an-

nos por dias. E é coisa notavel, que lhe chame o Propheta semanas abreviadas: *Septuaginta hebdomades abbreviatæ.* [1] Parece que se haviam de chamar semanas, não abreviadas, senão estendidas; porque os dias se estendiam em annos. Mas chama-lhes o Propheta abreviadas, porque não eram os dias os que se estendiam, senão os annos os que se abreviavam nelles. Não eram dias annos, senão annos dias, como os do Rosario. Porque o que no universal da Igreja são annos, no particular do Rosario são dias: *Diem pro anno, diem, inquam, pro anno dedi tibi.*

Mas se os dias do Rosario são annos abreviados em dias, constando o anno de tantos dias, segue-se que cada dia do Rosario ha de constar tambem de muitos dias. Conheço a força e difficuldade da consequencia; mas eu a concedo e a provo. Louva David a Deus no Psalmo sessenta e sete, e diz que seja Deus bemdito e louvado no dia cada dia: *Benedictus Dominus die quotidie.* [2] Todos reparaes no dito. Se dissera o devotissimo Propheta: seja Deus louvado cada dia no anno, ou cada hora no dia, bem se entendia este affecto do seu espirito; porque o anno compõe-se de dias, e o dia de horas; mas que seja Deus louvado no dia cada dia: *Die quotidie?* Sim: porque ha dias que se compõem de muitos dias: e estes são os dias do Rosario. Que haja dias compostos de muitos dias, as mesmas palavras do Propheta o suppõem, porque só nesta supposição se póde louvar a Deus no dia cada dia: *Die quotidie.* Mas que estes dias sejam os do Rosario, d'onde se póde provar? Não de outra Escriptura buscada ou trazida de mais longe, senão do mesmo Psalmo.

A materia do Psalmo 67.º, como dizem todos os Padres e o confirma S. Paulo, é um cantico triumphal e prophetico, em que se descreve a jornada do Filho de Deus ao mundo, e suas victorias e conquistas. Como se levantou do seio do Padre; como desceu feito homem á terra; como fez guerra ao peccado; como o desfez com sua presença em fumo; como prégou em Jerusalem; como fertilisou seus montes com o proprio sangue, que sendo vermelho, os fez mais alvos que a neve; como finalmente, carregado de gloriosos despojos, e acom-

[1] *Dan.*, IX, 24.
[2] *Psalm.* LXVII, 20.

panhado de innumeraveis exercitos de Anjos, levando livres diante de si os captivos que tinha resgatado, entrou triumphante no ceu, d'onde mandou o Espirito Santo, derramando os dons de sua graça sobre todos os que nelle creram. Esta é a ultima clausula da historia, como tambem o foi da vida de Christo, a qual refere S. Paulo pelas mesmas palavras do Propheta: *Ascendens in altum captivam duxit captivitatem, dedit dona hominibus.* [1]

Supposto pois que na narração do dito Psalmo se contém não allegorica, senão litteralmente o principio e fim das divinas e humanas acções do Verbo Encarnado, desde que sahiu do céu e do seio do Padre, até que tornou ao mesmo ceu, e de lá mandou o Espirito Santo: o que muito se deve notar, é que immediatamente depois desta ultima clausula, então rompeu David naquelle extraordinario affecto, e nunca ouvida sentença: *Benedictus Dominus die quotidie:* louvado seja Deus no dia cada dia. Chamei-lhe affecto extraordinario, e sentença nunca ouvida; porque nem em todos os Psalmos, nem em outro logar ou Texto da Sagrada Escriptura se lê similhante. Pois que motivo teve David para neste passo (e só neste passo) desejar como Santo, e pronunciar como Propheta, que seria Deus louvado no dia cada dia? Dê outra melhor razão quem a souber. Mas é certo que neste passo, e só neste passo se cerraram os ultimos mysterios da vida de Christo na Gloria. E tambem é certo que estes mysterios Gloriosos são os ultimos com que se resa o Rosario. Logo o Rosario é aquella unica devoção em que Deus é louvado no dia cada dia, porque os dias do Rosario não são dias como os outros dias, que se compoem de horas; mas dias como annos, que se compoem de dias: *Diem pro anno, diem, inquam, pro anno dedi tibi.*

IV

Muito era que o Rosario fizesse em um só dia o que a Igreja faz em trezentos e sessenta e cinco dias, quantos tem o anno; mas bem repartido este anno, e bem

[1] *Ephes.*, IV, 8.

sommados estes dias, tambem se não póde negar, que a Igreja os não emprega todos em celebrar os mysterios de Christo, e sua Mãe. Faz a Igreja nestas solemnidades, o que notou com grande advertencia o Ecclesiastico que fazia Deus nas antigas. Excita uma curiosa questão este grande Sabio (que muitos querem fosse o mesmo Salomão), e pergunta, porque hão de ser uns dias melhores que os outros: *Quare dies diem superat?* [1] E a razão de duvidar que elle aponta, é porque todos os dias são feitos pelo mesmo sol, *à sole.* Mas declarando que não falla dos dias naturaes, senão dos dias ecclesiasticos; responde, que a Sabedoria Divina depois de feito o sol, é a que fez esta grande differença e distinção: *A Domini scientia separati sunt, facto sole: et immutavit tempora, et dies festos ipsorum: et ex ipsis exaltavit, et magnificavit Deus, et ex ipsis posuit in numerum dierum.* [2] Deus, como Senhor e Auctor dos tempos, é o que fez esta separação de dias a dias, ordenando que uns fossem de descanço, outros de trabalho; uns festivos, outros feriaes; uns santos, outros vulgares; uns honrados, e celebrados, e exaltados sobre todos os outros, e os demais sem honra, nem celebridade, e que só servem de encher o anno, e fazer numero. Assim o ordenou Deus, e assim o executa santissimamente a Igreja ensinada e governada por elle. D'aqui é que nos não devemos admirar, senão venerar como disposição divina, quando vemos que os mesmos mysterios da vida de Christo e sua Santissima Mãe, que o Rosario medita e celebra todos os dias, a Igreja universal os distribue somente por certos dias do anno, applicando e consagrando um dia a cada um. Um dia ao mysterio da Encarnação, outro á Visitação, outro ao Nascimento, outro á Presentação no Templo, outros, e uma semana inteira, aos mysterios da Paixão, outro á Resurreição, outro á Ascenção, outro á vinda do Espirito Santo, e outro, finalmente, á Assumpção e Coroação da Virgem Senhora nossa, que são todos os do Rosario.

Declara-se com grande propriedade esta distribuição da Providencia Ecclesiastica com um exemplo da natureza (de que tambem Deus é o Auctor) excellente-

---

[1] *Eccles.*, XXXIII, 7.
[2] *Ibid.*, 8.

mente notado por S. Isidoro Pelusiota. Não vêdes (diz elle) a ordem, a harmonia, e o compasso com que a natureza distribuiu os tempos aos fructos da terra, e os mesmos fructos aos tempos? O janeiro e o fevereiro deu-os ás sementeiras e ás raizes; o março e o abril ás flores; o maio e o junho aos fructos temporãos; o julho e o agosto á sega e ao trigo; o setembro e o outubro ás vindimas; e o novembro e dezembro aos fructos serodios, e mais duros. E porque repartiu assim a natureza os mezes, uns frios, outros temperados, outros calmosos, e não quiz que os fructos crescessem, amadurecessem, e viessem sazonados todos juntamente? *Nam si cuncta confestim ad vigorem suum pervenirent, profecto agricolæ industria ob temporis brevitatem, in angustias veniret.* A razão é (responde o Santo) por que se os fructos viessem todos juntos, afogar-se-ia a industria dos lavradores, e impedindo-se uns aos outros, seria maior a perda, que a colheita. Na agricultura espiritual succede o mesmo. O fim para que a Igreja celebra os mysterios da vida de Christo, e da vida da Mãe do mesmo Senhor, ambas santissimas e ferteis de divinos exemplos, é para que dellas colhamos os fructos com que sustentemos as nossas almas: e para que o possamos fazer sazonada e pausadamente, sem que a mesma multidão e grandeza delles confunda e afogue a estreita capacidade de nossos entendimentos, antes vá penetrando pouco a pouco a dureza e divertimento das vontades; não só foram convenientes estes espaços intercalares, ou entre meios, em que a repetição, não continuada, mas nova, de anno em anno, com a mesma novidade nos excite o fervor, e convide á consideração dos mesmos mysterios. Tal é o conselho e a razão da Igreja universal, tão alta e bem fundada como sua.

Comtudo se houvesse algum lavrador tão industrioso e diligente que os mesmos fructos que a natureza repartiu por todos os mezes, ou tempos do anno, elle os apresentasse juntos ao senhor do pomar cobertos de flores; não ha duvida que esta offerta, como de todo o campo mettido em um açafate, e de todo o anno recopilado em um dia, lhe seria muito agradavel. Assim o fez a el-rei Salomão a lavradora do Libano, quando ás portas do bosque real, chamado, *Saltus Libani*, [1]

[1] *3.º Livr. dos Reis*, x, 17.

lhe apresentou de uma vez quanto dentro nelle nascia em todos os tempos do anno: *In portis nostris omnia poma, nova, et vetera, dilecte mi, servavi tibi:* [1] Aqui vos offereço, Senhor, juntos neste dia todos os fructos de todo o anno, assim os velhos, como os novos, assim os temporãos, como os serodios. E quem é esta lavradora do Libano, senão a Virgem Senhora nossa, a qual quando instituiu o seu Rosario, offereceu a Deus (coberto de flores e rosas), e nos ensinou a que nós lhe offerecessemos junto em um dia, tudo o que a Igreja divide e reparte em um anno? A Igreja e o Rosario, ambos dão a Deus dia por anno, *Diem pro anno;* mas com grandes differenças. O anno da Igreja dá um dia a cada mysterio; e quando o Rosario déra sómente um mysterio a cada dia, era differença quasi incomparavel: porque vae muito de dar tantos dias aos mysterios quantos são os mysterios, ou dar tantos dias aos mysterios quantos são os dias. Mas o Rosario ainda faz muito mais; porque se a Igreja dá um dia a cada mysterio, o Rosario não só dá a cada mysterio um dia, senão todos os dias a todos. Isto sim, que só é dar dia por anno; porque quem não dá todos os dias do anno, não dá o anno, dá partes delle sómente.

Diz a Igreja, que faz esta variedade por se accommodar ao fastio dos homens: *Qui temporum das tempora, ut alleves fastidium.* Mas se a Igreja reparte os dias e os mysterios, para se accommodar ao fastio dos homens, o Rosario ajunta os mysterios, e mais os dias, para se accommodar ao gosto de Deus. O gosto de Deus não é como o nosso. O mesmo comer continuado cada dia, que a nós nos causa fastio, para Deus é o seu maior gosto. No Cap. 28.º dos Numeros, mandava Deus aos Sacerdotes que a elle (isto é, ao mesmo Deus) lhe déssem de comer todos os dias. E' Texto notavel, e expresso no original hebreu: *Oblationem meam, panem meum, ignitiones meas:* o que tudo na nossa phrase vem a ser: *Victimas Deo oblatas, et incensas: hæ enim sunt panis, idest, cibus Dei:* como litteral e genuinamente commenta o A' Lapide. De sorte que o comer de Deus eram as victimas que lhe offereciam os Sacerdotes; e quando as mesmas victimas ardiam, e as consumia o fogo, então as comia Deus, o qual appareceu em

[1] *Cant.*, VII, 13.

fórma de fogo a Moysés: e por esta causa se praticava entre os Hebreus naquelle tempo, que Deus era fogo, que comia: *Deus noster ignis consumens est.* [1] Supposta esta erudição (que para muitos será nova) que vinha a ser o que Deus comia? Ou de que mandava que lhe fizessem o prato? O mesmo Texto o diz: *Agnos anniculos immaculatos duos quotidie, unum mane, et alterum ad vesperum.* Eram dois cordeiros de um anno, ambos immaculados, um de manhã, outro de tarde, e isto cada dia. Pois cordeiro todos os dias sem variar, quando Deus ordena por si mesmo o que quer que lhe ponham á meza? Cordeiro de manhã, e cordeiro de tarde, e sempre cordeiro, e só cordeiro? Sim. Porque aos homens o mesmo comer continuado cada dia, ainda que seja o manná, causa fastio; e a Deus não só lhe não causa fastio com a continuação de todos os dias, mas ha de ser o mesmo e continuado cada dia, para lhe dar gosto.

Que significavam pois estes dois cordeiros de manhã e de tarde, ambos immaculados, ambos de um anno, e ambos de cada dia? Primeiramente é certo que o cordeiro significava a Christo, cordeiro immaculado em quanto Deus, que é a santidade por essencia, e cordeiro immaculado em quanto homem, que é a summa santidade por graça, e sempre sem macula de imperfeição ou peccado, porque elle é o cordeiro de Deus, que tira os peccados do mundo. Até aqui não ha duvida. Mas se Christo é um só, porque eram os cordeiros dois, um sacrificado de manhã, outro de tarde? Porque nestes dois cordeiros, como diz com grande propriedade S. Bernardo, se representavam os dois estados da vida de Christo, em que foi offerecido e sacrificado a seu Padre. Um da manhã, que é o principio da vida, e o tempo da infancia, em que foi offerecido no Templo: e outro da tarde, que é o fim da vida, e o tempo da morte, em que foi sacrificado na Cruz. Porém se a vida e edade de Christo foi de trinta e tres annos; o cordeiro porque havia de ser de um anno nomeadamente? Porque todos os trinta e tres annos da vida de Christo e seus mysterios, queria Deus que se reduzissem a um anno, dentro do qual todos fossem re-

[1] *Deut.*, IV, 24. *Hebr.*, XII, 29. *2.º Machab.*, II, 10. *2.º Paralip.*, VII, 1. *Levit.*, IX, 24. *Num*, XXVIII, 3 e 4.

presentados e celebrados; como com effeito os representa e celebra a Igreja, dentro no mesmo termo, todos os annos. E contentou-se Deus só com isto? Não. Mas sobre esta representação universal, e de todos os annos quiz que houvesse outra mais particular, e de todos os dias, *Quotidie:* e esta é só (porque não ha outra) a que se faz na devoção do Rosario.

E se quizermos saber quanto mais agrada esta circumstancia do Rosario a Deus, só por ser de cada dia; no mesmo sacrificio o acharemos. Tinha tanta dignidade este sacrificio, como consta da Escriptura, só pela circumstancia de ser de cada dia, que elle unicamente preferia a todos os outros sacrificios, que se offereciam a Deus em differentes tempos, e dias do anno, ainda que pelo numero e grandeza das rezes, e pela celebridade das festas fossem mais solemnes. Preferia aos sacrificios do sabbado, que eram de cada sêmana; preferia aos sacrificios das Neomenias, que eram de todos os mezes; preferia ao sacrificio, *Pro peccato*, e ao do Cordeiro Paschal, que eram uma vez no anno; preferia em fim aos sacrificios chamados hostias pacificas, que eram muitos e varios em qualquer tempo, ainda que fossem dos sacerdotes, dos reis, e de todo o reino ou republica. E tal é a prerogativa do Rosario pela circumstancia sómente de ser de cada dia. E' verdade que os mesmos mysterios do Rosario se celebram publicamente na Igreja com a grandeza, com a pompa, com a magestade e despezas que no Rosario não ha: mas como aquellas solemnidades são de alguns dias sómente, e a devoção do Rosario de todos os dias, basta só a circumstancia de cada dia, *Quotidie*, para nella e por ella ser mais acceito e agradavel a Deus.

V

Mas porque nesta interpretação não pareça que me aparto da mais commum sentença dos Santos, e mais natural allegoria d'aquelle sacrificio; tão fóra está elle de contrariar o que digo do Rosario, que antes o confirma mais. Nem podia ser, que quando o Divinissimo Sacramento se dignou de auctorisar com sua real presença a celebridade deste dia, fosse para diminuir as prerogativas da maior devoção de sua Santissima Mãe,

senão para mais as engrandecer com o seu exemplo, e mais confirmar com a sua auctoridade. S. Jeronymo, S. Irineu, S. Hypolito, Theodoreto, Primasio, e mais commummente os Padres e Expositores, dizem que naquelle sacrificio foi significado o do corpo e sangue de Christo, que, consagrado e offerecido é sacrificio, e conservado, como o temos presente, é Sacramento. Prova-se do mesmo Texto; porque o rito ou cerimonia com que os sacerdotes sacrificavam aquelle cordeiro, era lançando-lhe em cima duas quantidades certas, uma de farinha de trigo, outra de vinho, nas quaes se significavam propriissimamente os accidentes do Sacramento, como no cordeiro a substancia. A duração e continuação que o ritual do Texto prescrevia áquelle sacrificio, eram tambem as mesmas do Sacramento. Porque quanto á duração, assim como Christo nos prometteu nelle, que a sua assistencia comnosco havia de ser perpetua: *Ecce ego vobiscum sum usque ad consummationem sæculi;* [1] assim mandava Deus que fosse perpetuo aquelle holocausto: *In holocausto sempiternum.* [2] E quanto á continuação, assim como o Sacrificio da Sagrada Eucharistia se consagra e offerece na Igreja todos os dias, assim aquelle tambem se havia de offerecer cada dia, *quotidie*, e por isso se chamava com nome que lhe poz o mesmo Deus: *Juge sacrificium*, [3] sacrificio continuo. Toda esta explicação ou applicação do que antigamente foi figura, e hoje é realidade, se declara admiravelmente na prophecia de Daniel: o qual diz que o Anti-Christo quando dominar o mundo, ha de tirar de todo elle o sacrificio continuo: *Cum ablatum fuerit juge sacrificium.* E como o Anti-Christo ha de fazer guerra a Christo, e á sua Igreja, que isso quer dizer Anti-Christo, e elle se ha de chamar Messias dos Judeus, segue-se que o *juge sacrificium*, que ha de tirar do mundo, não é o sacrificio continuo da Lei velha, que era o cordeiro, senão o da Lei da graça, que é o corpo de Christo.

Assim é com evidencia; mas aqui parece que falta, ou quando menos fraquea a excellencia da nossa com-

---

[1] *Math.*, XXVIII, 20.
[2] *Num.*, XXVIII, 3.
[3] *Dan.*, XII, 11.

paração. Porque o culto e veneração dos mysterios do Rosario, sendo na Igreja os mesmos, só dizemos que preferem no Rosario pela circumstancia de serem nelle de cada dia, e na Igreja de alguns dias sómente. E esta differença parece que não tem logar ou exemplo no Sacramento; porque se bem é sacrificio de cada dia, ao modo do Rosario, não tem outro mysterio de egual dignidade, com o qual se possa comparar, e ao qual por esta circumstancia deva preferir. Está bem duvidado: mas espero que a solução seja maior que a duvida. Ouvi o mais que se póde encarecer, assim no Sacramento como no Rosario, a circumstancia de serem de cada dia.

Falla o Propheta Zacharias á lettra de Christo Redemptor nosso, e diz assim: *Quid bonum ejus, et quid pulchrum ejus nisi frumentum electorum, et vinum germinans virgines?* [1] Que coisa fez Christo boa, e que coisa fez formosa, senão o pão dos escolhidos, e o vinho que gera virgens? O pão dos escolhidos é o Santissimo Sacramento, debaixo de especies de pão: e chama-lhe o Propheta pão dos escolhidos, porque o outro pão é dado a todos, ou tenham fé, ou não tenham fé, ou estejam em graça, ou não estejam em graça: aquelle divino pão só é dos que Deus escolheu para a fé, que são os catholicos, e entre estes particularmente só é d'aquelles que escolheu para a sua graça; porque os que estão fóra della, não lhes é licito comer daquelle pão. Do mesmo modo o vinho que gera virgens é o mesmo Sacramento Santissimo debaixo das especies de vinho: e chama-lhe o Propheta vinho que gera as virgens, porque o outro vinho naturalmente é incentivo de appetites torpes, por onde disse S. Paulo: *Nolite inebriari vino in quo est luxuria:* [2] e só aquelle purissimo licôr, e verdadeiramente divino, tem virtude de gerar temperança e castidade. Assim, que o que diz Zacharias, e o que conclue expressa e declaradamente neste grande epifonema, é que tudo o bom, e tudo o formoso que Christo fez é o divinissimo Sacramento. E se fallára das obras de Christo em quanto Deus, nenhuma difficuldade nem encarecimento continha este tão resoluto e absoluto

[1] *Zach.*, IX, 17.
[2] *Ephes.*, V, 18.

dito. Todas as coisas que Deus creou, a propriedade universal em que se parecem com seu Auctor, é em serem boas e formosas: e tão boas e tão formosas, que porque os homens vêem a sua bondade e formosura, e não vêem a de Deus, por isso deixam ao Creador pelas creaturas. Porque deixou Eva a Deus? Porque viu que o fructo da arvore vedada era bom e formoso: *Vidit igitur mulier quòd bonum esset lignum ad vescendum, et pulchrum oculis.* [1] D'aqui nasceram as idolatrias do sol e das estrellas, e tantas outras do céu abaixo. E posto que os nossos olhos se ceguem tão facilmente com o bom e formoso das creaturas, não ha fé de tão fraca vista, que não veja esta mesma cegueira, e que não conheça a infinita vantagem com que é bom e formoso, sobre todas as coisas creadas aquelle soberano mysterio, em que toda a bondade e formosura, não só humana, mas divina, estão encerradas.

Em que está logo a grandeza e difficuldade do encarecimento? Está em que o Propheta falla das obras de Christo em quanto Deus, e em quanto Homem, e determinadamente das que o mesmo Senhor obrou nos ultimos dias de sua vida depois que entrou triumphante em Jérusalem; porque o exordio com que começa o que aqui conclue, são aquellas animosas palavras: *Exulta satis filia Sion: Ecce Rex tuus veniet tibi justus, et Salvator: ipse pauper, et ascendens super asinam.* [2] E basta que peguemos na palavra *Salvator*, para pôr ao Propheta uma objecção que parece indissoluvel. A obra da Redempção do genero humano, e o sacrificio da cruz, quando menos é tão bom e tão formoso como o do Sacramento. Digo quando menos; porque se o sacrificio da cruz, e o do altar, em quanto á bondade é egual, e o mesmo; para comnosco, o da cruz foi melhor; porque o da cruz remiu-nos do peccado e do inferno, e o do altar não; e o da cruz deu-nos a primeira graça, e toda a graça, e o do altar não nos dá a primeira, porque só foi instituido para augmento della. E se quanto á formosura, que no Sacramento do altar está encoberta (como a do Thabôr com a nuvem) se disser, que no Calvario com os tor-

[1] *Gen.*, III, 6.
[2] *Zach.*, IX, 9.

mentos da Paixão e da Cruz esteve escurecida e afeiada; é certo que para a luz da fé, e para os olhos do amôr nunca esteve Christo mais formoso. Diga-o Santo Agostinho: *Christus est pulcher in cœlo, pulcher in terra: pulcher in utero, pulcher in manibus parentum: pulcher in miraculis: pulcher in flagellis: pulcher invitans ad vitam: pulcher non curans mortem: pulcher deponens animam, pulcher recipiens: pulcher in ligno: pulcher in sepulchro.* [1] Pois se a bondade e formosura do sacrificio da cruz quando menos é egual á do Sacramento, como diz tão affirmativamente Zacharias, que o mesmo Sacramento debaixo dos accidentes da hostia e do calix, é tudo o que Christo fez bom, e tudo o que fez formoso: *Quid bonum ejus, et quid pulchrum ejus nisi frumentum electorum, et vinum germinans virgines?*

A razão que já deve estar entendida, é porque o sacrificio da cruz foi sacrificio de um só dia, o sacrificio do altar é sacrificio de todos os dias. E é tão relevante circumstancia esta de ser cada dia, que ainda que os mysterios na substancia e na dignidade sejam os mesmos; os que são de todos os dias avultam tanto, que os que são de um só dia quasi desapparecem. Assim parece que não viu, ou não attendeu o Propheta ao mysterio da Cruz, posto que no apparato das acções, e ainda na utilidade publica fosse mais insigne; porque lhe levou toda a vista, e toda a admiração o do Sacramento. Logo, ainda que os mysterios que celebra e festeja a Igreja com tanta solemnidade, sejam os mesmos que os do Rosario: como a cada um daquelles se dedica um só dia, e a todos no Rosario todos os dias; esta circumstancia de cada dia tem tanta bondade e formosura nos olhos de Deus, que não é muito que lhe sejam mais agradaveis. Na principal oração do Rosario, nos manda o mesmo Deus, que lhe peçamos o pão para cada dia: *Panem nostrum quotidianum da nobis hodie.* E porque para cada dia, e não para muitos dias, ou para alguns, quando menos? Porque gosta Deus de que lhe peçamos cada dia, e tem por mais dar menos cada dia, que dar muito por uma vez. Nem pára aqui o desejo que Deus tem, e a estimação que faz deste *quotidie.* Assim como no

[1] S. Aug. in Psalm. 44.

Padre nosso quer que lhe peçamos cada dia o sustento para a vida: *Panem nostrum quotidianum da nobis hodie;* assim quer tambem na Ave Maria, que peçamos a sua Mãe cada dia o soccorro para a morte: *Ora pro nobis peccatoribus nunc, et in hora mortis nostræ.* E desta maneira tanto nas orações, e em cada oração, como nos mysterios, e em cada mysterio, sempre segue e conserva o Rosario a singular circumstancia de ser cada dia.

VI

De todo este discurso podemos colher, se quizermos (e é bem que queiramos), um documento tão necessario como util, e tão util como admiravel. Supposto que nos dias do Rosario vale tanto para com Deus um dia como um anno: *Diem pro anno dedi tibi;* segue-se que para recuperar os annos perdidos, e mal gastados, não ha meio mais efficaz e mais certo, que rezar o Rosario.

S. Paulo escrevendo aos Ephesios, dá-lhes um conselho notavel: *Videte, fratres, quomodo cautè ambuletis, non quasi insipientes.* [1] Meus irmãos (diz o Apostolo), andae com grande cautela, e vivei como prudentes, e não como nescios. E porque ha varios modos de cautela e de prudencia entre os homens, em que as cautelas são enganos, e as prudencias ignorancias; a que eu vos ensino e aconselho é, que trateis de resgatar o tempo, porque os dias de vossa vida atégora teem sido maus: *Redimentes tempus, quoniam dies mali sunt.* [2] O *sunt* aqui é o mesmo que *fuerunt.* Mas como póde ser, que o tempo que já passou, se resgate? Suppõe S. Paulo, que o tempo que passou, ainda que está morto para a vida, está vivo para a conta. E tambem suppõe, que se foi mal gastado, está captivo; e assim é. Está captivo o tempo passado, ou porque sendo livre, e nosso, nós o vendemos ao demonio: *Venundatus est ut faceret malum:* [3] ou porque sendo nosso, e muito precioso, nós o não defendemos, e o deixamos roubar, como disse o outro philosopho a um amigo que lhe tomava o tempo sem pro-

[1] *Ephes.*, v, 15.
[2] *Ibid.*
[3] *3.º Livr. dos Reis,* xxi, 25.

veito: *Abi hinc fur temporis.* Supposto pois que o tempo mal gastado está captivo, e se póde resgatar, como se ha de fazer este resgate?

S. Jeronymo dá o modo, e diz assim: *Quando tempus in bono consumimus, emimus illud, et proprium facimus, quod venditum fuerat: sicque dies malos in bonos vertimus, et facimus illos non præsentis sæculi, sed futuri.* Quando gastamos o tempo em boas obras, compramos o mesmo tempo, e tornamos a fazer nosso o que tinhamos vendido. E deste modo os dias que foram maus se convertem em bons, e os que pertenciam ao mundo e ao inferno pertencem ao céu. O mesmo diz Santo Anselmo. E d'aqui se segue, que o tempo se resgata dando tempo por tempo, e dias por dias: tempo bem gastado, por tempo mal gastado, e dias bons, por dias maus. Mas como o tempo e os dias da vida são incertos nos moços, e nos velhos impossiveis, quem haverá que tenha ou se possa prometter cabedal seguro para tão comprido resgate? Por isso digo, que só no Rosario é certo; porque nos outros modos de recuperar os annos perdidos, e resgatar os mal gastados, dão-se dias por dias; no Rosario dão-se dias por annos: *Diem pro anno.* Grande Texto em Isaias.

Spiritus Domini super me, eo quòd unxerit Dominus me, ut prædicarem captivis indulgentiam, ut prædicarem annum placabilem Domino, et diem ultionis Deo nostro. [1] Em logar de *ultionis* lê o original hebreu, *compensationis:* e quer dizer: Veiu sobre mim o Espirito do Senhor, e ungiu-me, para que consolasse aos tristes, e prégasse redempção aos captivos, annunciando a todos, que Deus promette indulgencia de um anno em recompensa de um dia: *Annum placabilem Domino, et diem compensationis Deo nostro.* Alguns quizeram que fallasse aqui o Propheta em seu nome; mas é certo e de fé que fallou em nome de Christo, o qual, como refere S. Lucas, lendo na Synagoga diante de muitos Rabinos este Texto, disse que elle era de quem fallava a prophecia de Isaias, e que naquelle dia se cumpria: *Hodie impleta est hæc scriptura in auribus vestris.* [2] De maneira que diz Christo que veiu a resgatar captivos, e declarando o preço do resgate,

---

[1] *Isai.*, LXI, 1 e 2.
[2] *Luc.*, IV, 21.

diz que dará Deus anno por dia. Os captivos que Christo veiu resgatar, são os homens: logo parece que havia de cortar o preço dos homens, e não dos annos. Pois porque não diz o preço de cada homem, senão o preço de cada anno? Porque Christo não só veiu resgatar os homens, senão tambem os tempos. O preço dos homens não o declarou, porque era muito caro, e lhe tocava só a elle: o preço dos tempos sim, porque era muito barato, e nos pertencia a nós. Era muito caro o preço dos homens, porque cada homem se havia de resgatar por todo o sangue de Deus: e era muito barato o preço dos tempos, porque se havia de dar a indulgencia e perdão de um anno inteiro pela pensão de um só dia: *Annum placabilem Domino, et diem compensationis Deo nostro.* E isto é o que faz um só dia do Rosario, e o Rosario cada dia, e todos os dias.

Oh se Deus nos abrisse os olhos! Quantos exemplos lemos e temos ouvido de almas que Christo e sua Santissima Mãe resgataram do captiveiro de muitos annos, e de toda a vida só pela pensão do Rosario de cada dia! Que homem ha, não digo dos velhos, senão de todos, que se lhe offereceram um remedio com que tornar a viver os annos de toda sua vida, o não comprasse a todo o preço? E se este remedio se puzesse em leilão no inferno, ou no purgatorio, que dariam por elle não só as almas, que estão ardendo temporalmente, senão as que hão de arder por toda a eternidade? Pois este remedio é o Rosario, e remedio de cada dia. Tanta é a força das suas orações, e da meditação de seus mysterios! Notificou o mesmo Propheta da parte de Deus a El-rei Ezechias, gravemente enfermo, que morreria sem duvida: *Morieris tu, et non vives;* [1] e vendo-se elle chegado ao ultimo dia, que faria? Oh que boa resolução, e melhor, se não se deixar para tão tarde! *De mane usque ad vesperam finies me: sicut pullus hirundinis sic clamabo, meditabor, ut columba.* [2] Supposto que me não resta mais que um dia de vida, da manhã até á tarde, o remedio que só posso ter é meditar e orar: *Meditabor ut columba, sicut pullus hirundinis, sic clamabo.* Meditou e orou, que

[1] *Isaias*, XXXVIII, 1.
[2] *Ibid.*, XIII, 14.

são as duas partes de que se compõe o Rosario: e deu-lhe Deus quinze annos de vida, como se fôra em honra dos quinze mysterios. O certo é que fez o rei proposito (senão foi voto) de continuar a sua oração todos os dias: *Domine, salvum me fac, et psalmos nostros cantabimus cunctis diebus vitæ nostræ.* [1]

Mas estes quinze annos foram accrescentados e futuros. O que eu digo é, que a oração e meditação faz tornar a viver os passados. Assim o experimentou neste mesmo caso, e o disse o mesmo Ezechias: *Recogitabo tibi omnes annos meos in amaritudine animæ meæ: Domine si sic vivitur.* [2] Supposto (diz o rei fallando com Deus) que nestes apertos de tempo em que me vejo, não tenho outra coisa com que satisfazer o passado: meditar-vos-hei, Senhor, todos os annos da minha vida. Aqui ponto. E logo accrescentou, já que assim se vive. Notavel razão! Ezechias estava morrendo, e parece que havia de dizer, meditar-vos-hei todos os annos de minha vida, já que assim se morre: pois porque não diz, já que assim se morre, senão, já que assim se vive: *Domine, si sic vivitur?* Porque meditar os annos da vida passada é o unico remedio para os tornar a viver. Chegado o rei áquelle ultimo e temeroso dia, desejava o que todos desejam debalde, quando se veem nelle. Desejava desandar, se podesse, o caminho e os caminhos de toda a vida. Desejava tornar a viver os annos vividos e passados, para os viver de outro modo. Mas como isto era impossivel; ao menos, Senhor (dizia), já que não posso viver os meus annos, quero-os meditar e orar. Quero-os meditar, e offrecer-vol-os meditados, que isso é *recogitabo tibi omnes annos meos:* e quero orar, e pedir-vos perdão delles, que isso é *in amaritudine animæ meæ.* E quando ia para dizer: e assim morrerei; illustrado com maior lume do céu disse: e assim viverei: *Domine, si sic vivitur.* Porque o cuidar deste modo, é viver: e o recuidar, reviver. Elle dizia: já que não posso reviver os meus annos, quero-os recuidar, e o recuidal-os era revivel-os: *Recogitabo tibi omnes annos meos: Domine, si sic vivitur.*

[1] *Isaias*, XXXVIII, 20.
[2] *Ibid.*, XXXVIII, 16.

VII

Pois se cuidar, e recuidar os annos proprios já vividos, meditando e orando, é tornal-os a viver: que será meditar desta maneira, não os annos proprios, e mal gastados, senão os annos purissimos e santissimos da vida de Christo, e de sua Mãe, como se faz no Rosario? O Rosario não diz: *Recogitabo tibi omnes annos meos*, senão: *Recogitabo tibi omnes annos tuos: Omnes annos tuos*, fallando com o Filho de Deus, e *Omnes annos tuos*, fallando com a Mãe de Deus. Oh como me arrependo já do pouco que disse, e do assumpto que tomei a medo, parecendo-me grande e muito encarecido, quando comparei os dias do Rosario com os annos da Igreja? Que muito é, que um dia do Rosario seja tão grande como um anno da Igreja, se é tão capaz e tão immenso, que abraça todos os trinta e tres annos da vida de Christo, e todos os sessenta e tres da vida de sua Mãe? E se os annos que se meditam, e tornam a meditar se vivem, e revivem em um dia; que vidas e que annos serão os que vive em um só dia o verdadeiro devoto do Rosario, meditando a vida, e vivendo os annos de Christo: e meditando a vida, e vivendo os annos da Virgem Maria? Christo instituiu o Santissimo Sacramento, para que nós vivessemos pela sua vida, assim como elle vive pela do Padre; e a Virgem Maria instituiu o Rosario como outro Sacramento, para que nós vivessemos a vida de seu Filho, e mais a sua. E assim como Christo no Sacramento não contente com viver em nós por graça, quiz tambem viver em nós por memoria, *In mei memoriam facietis*, assim a Virgem Santissima no Rosario se não contentou sómente com que rezassemos as orações, senão que meditassemos os mysterios, para que por meio da meditação da vida de seu Filho e sua, vivessem ambos em nós, e nós em ambos por memoria e graça.

Vejam agora os que não rezam o Rosario, ou o rezam só de bocca, e o não meditam, que meditações são as dos seus dias, e dos seus annos: *Omnes dies nostri defecerunt: anni nostri sicut aranea meditabuntur.* [1] Passaram-se os nossos dias (diz David), e quasi

[1] *Psalm.* LXXXIX, 9.

se têm passado os annos, e todas as nossas meditações são como as da aranha. Toda a meditação da aranha é estar urdindo e tecendo redes. E para que? Para tomar uma mosca. Pois, aranha vã e altiva, que sempre buscas o mais alto da casa, estas são as tuas meditações, e estes os teus cuidados? Para isto fias, para isto teces, para isto te desentranhas? Sim. E mais razão tenho eu (diz a aranha) de estranhar as meditações dos homens, do que elles as minhas. Eu medito em tomar uma mosca com que sustentar a minha vida, elles meditam em tomar moscas com que perdem a sua. A esta meditação da vaidade de nossos dias e annos, ajunta David no mesmo logar outra da brevidade delles, que para os que rezam o Rosario é de casa, porque é da rosa: *Manè sicut herba transeat, manè floreat, et transeat, vespere decidat, induret, et arescat.* [1] De manhã nascida, de dia florente, á tarde murcha e secca: *De mane usque ad vesperam finies me*, disse El-rei Ezechias; [2] e o mesmo póde dizer a rainha das flôres. Pela manhã magestade, ao meio dia febre, á noite desengano; e tudo isto em um dia. Boa meditação para quando se toma nas mãos o Rosario. Sobre este conhecimento da vaidade e brevidade da vida: primeiro, meditar os nossos annos para resgatar os passados: depois, meditar os de Christo e sua Mãe, para multiplicar e segurar os futuros. Este é o Rosario de que fallei: e o que não é este não é o Rosario da Virgem Senhora nossa, o qual não consiste em fallar, senão em meditar e orar. A mesma Senhora se digne de orar por nós agora, e na hora de nossa morte. Amen.

[1] *Psalm.* LXXXIX, 6.
[2] *Isai.*, XXXVIII, 13.

SERMÃO NONO

Maria de qua natus est Jesus. [1]

Ascendens Jesus in naviculam, transfretavit, et venit in civitatem suam. [2]

I

Com grande harmonia e natural consonancia concorrem estes dois Evangelhos, ambos de S. Matheus, neste dia, neste logar, e em tal tempo. Digo neste logar, porque dentro de quatro taboas nos achamos todos no meio do vastissimo Oceano. E digo em tal tempo, porque temos entrado nos primeiros dias de outubro, mez tão formidavel a todos os mareantes por suas tempestades, como memoravel por seus naufragios. Os mesmos nomes dos Santos, a quem nos costumamos soccorrer nos trabalhos, não só parece que nos estão avisando, mas ameaçando com elles. No principio do mez, as grandes tempestades que chamamos de S. Francisco; no fim do mez, as maiores de S. Simão; e no meio delle, as das onze mil Virgens, que em tão pequena travessa como de Inglaterra a Bretanha, arrebatadas da furia dos ventos por aquelle tão estreito como temeroso canal, foram cahir nas mãos dos Hunos. No meio porém destes temores, de quê

---

[1] *Math.*, I.
[2] *Malh.*, IX.

não ha no mar hora, nem momento seguro, nos animam egualmente as palavras de um e outro Evangelho. O primeiro com o nome de Maria, da qual nasceu Jesus: *Maria de qua natus est Jesus:* o segundo com a viagem que fez o mesmo Jesus embarcado, navegando, e chegando felizmente á sua patria: *Ascendens Jesus in naviculam, transfretavit, et venit in civitatem suam.*

O nome de Maria (que como tão grande e tão mysterioso, não tem só uma significação), segundo Santo Ambrosio, significa: *Domina maris;* Senhora do mar: segundo Santo Isidoro, significa, *Stella maris*, Estrella do mar. E que navegante haverá, guiado de tal estrella, que tema o mar dominado de tal Senhora? O mesmo Jesus, que della nasceu, *De qua natus est Jesus*, quer dizer Salvador, e em phrase dos mesmos mareantes promette a todos o chegar a salvamento, e a porto de salvação, que é o que todos os dias com estas mesmas palavras lhe pedem. E' tão antiga esta phrase entre os homens do mar, que já os Discipulos na barquinha, apertados da tempestade, disseram ao mesmo Jesus em seu tempo: *Salva nos, perimus:* [1] e delles a tomou a Igreja no perigo do seu piloto: *Qui salvasti Petrum in mari, miserere nobis.* Assim que, na Virgem Maria, como estrella e como Senhora do mar, e como Mãe de seu Filho, tem a ancora da nossa esperança uma amarra de tres cabos fortissimos, com que deste pégo sem fundo nos levará a dar fundo no porto desejado.

A viagem com que Christo Senhor nosso se embarcou, navegou, e chegou prosperamente hoje á sua patria, nos promette a mesma segurança, e nos assegura a mesma felicidade: *Transfretavit, et venit in civitatem suam.* Para passar o mar como Creador e Senhor de todos os elementos, não tinha necessidade Christo de embarcação. Assim o mostrou, quando indo soccorrer os Discipulos, caminhou sobre as ondas, como por terra solida e firme. Embarcou-se porém hoje (diz S. Pedro Chrysologo) não porque elle tivesse necessidade do navio, mas porque o navio tinha necessidade delle: *Non Christus indiget navi, sed navis indiget Christo.* [2] Quanta necessidade tenham de Christo todos os ma-

[1] *Matth.*, VIII, 25.
[2] Crysol. Serm. 50.

reantes, os nossos portuguezes o confessam cada dia cantando ao romper da alva, e repetindo uma e outra vez: Não ha tal andar como buscar a Christo: Não ha tal andar como a Christo buscar. E eu accrescento a esta boa doutrina pelo que toca ao perigo em que estamos, que não basta só buscar a Christo, senão se busca tambem a Mãe do mesmo Christo. Esta cidade que o Evangelista chama *civitatem suam*, diz o maior interprete das Escripturas, S. Jeronymo, que era a cidade de Nazareth; porque ainda que Nazareth estava distante do Porto, ia Christo a visitar sua Santissima Mãe, que morava em Nazareth. E como a nau em que navegava o Senhor do mar levava a prôa na Estrella do mar, não podia a viagem deixar de ser felicissima.

Bem claramente o provou este successo na differença de outro. Duas vezes nos referem os Evangedistas, que se embarcou Christo neste mesmo navio, que era o de S. Pedro, e neste mesmo mar, que era o de Tiberiades. Em uma viagem porém, que foi esta de hoje, passou e chegou o navio com grande bonança, e na outra padeceu tão forte tempestade, que quasi o sossobravam e mettiam a pique as ondas: *Ita ut navicula operiretur fluctibus.* [1] Pois se o navio era o mesmo, e o mar o mesmo, e em uma e outra passagem ia o mesmo Christo, Senhor do mar e dos ventos, como foi tão differente o successo? Porque ainda que em ambas as viagens ia Christo na pôpa do navio, em uma levava a prôa na Estrella do mar, e na outra não. Taes são os privilegios que o mesmo Christo quiz que tivesse sobre o mar (ainda quando elle navega) a Mãe de quem nasceu: *Maria de qua natus est Jesus.* Christo era Senhor do mar, Maria tambem é Senhora do mar: e para ter e não correr fortuna no mar, antes navegar e chegar com prosperidade, parece que quiz entendessemos o Senhor do mesmo mar, que não basta só o dominio delle, senão o dominio e mais a Estrella. Isto é o que só no nome de Maria se acha junto: *Maria Domina maris, Maria Stella maris.*

[1] *Math.*, VIII, 24.

II

Ainda não está dito tudo. Christo na viagem de noje não só levava a prôa e a vista em sua Mãe, mas em sua Mãe na cidade de Nazareth: *In civitatem suam.* Pois a Virgem Maria em Nazareth e fóra de Nazareth não é a mesma? Sim, e não. Em Nazareth e fóra de Nazareth é a mesma, porque é a mesma Mãe de Christo: mas em Nazareth e fóra de Nazareth não é a mesma; porque em Nazareth é a Senhora do Rosario, fóra de Nazareth, não. Nazareth, quer dizer, *Florida*, Florida: e quando a Senhora está em Nazareth, quando está cercada de flôres e rosas, então é Senhora do Rosario. O mesmo Rosario o diga quanto ao nome, quanto aos mysterios, e quanto ás orações de que é composto. O Rosario, quanto aos mysterios, começou no mysterio da Encarnação: o mesmo Rosario, quanto ás orações, começou na saudação do Anjo S. Gabriel: *Ave gratia plena.* E onde teve principio uma e outra coisa? Ambas em Nazareth: *Missus est angelus Gabriel in civitatem Galileæ, cui nomen Nazareth.* [1] Em Nazareth teve seu principio o Rosario quanto aos mysterios, e em Nazareth quanto ás orações: e por isso tambem em Nazareth quanto ao nome, porque as flôres e a Rainha das flôres lhe deram em Nazareth o nome de Rosario. Que muito logo que quando Christo hoje levava a prôa em Nazareth, atravessasse aquelle golfo, e chegasse a tomar porto com maré de rosas: *Transfretavit, et venit in civitatem suam?*

O mesmo Evangelista S. Lucas, que descreveu o logar de Galilêa, onde teve seus principios o Rosario, dizendo: *Missus est angelus Gabriel in civitatem Galileæ, cui nomen Nazareth;* escrevendo tambem o logar em que succedeu aquella grande tempestade, notou que fôra na parte opposta e contraria á mesma Galilêa: *Navigaverunt ad regionem Gerasenorum, quæ est contra Galilæam.* [2] De sorte que ainda historialmente e sem allegoria, quando os navegantes no mesmo navio,

[1] *Luc.*, I, 26.
[2] *Luc.*, VIII, 26.

e no mesmo mar, se encaminharam ao logar onde teve principio o Rosario, navegaram prosperamente, e chegaram sem perigo: e quando puzeram a prôa na parte contraria, e se apartaram e deixaram aquella derrota, então padeceram a tempestade, de que só por milagre escaparam. Para que entendam todos os que andam sobre as aguas do mar, e vejam na differença de um e outro successo, que é e foi desde seus principios virtude propria do Rosario, livrar aos que navegam das tempestades e perigos, e leval-os seguros e com bonança ao porto de seu desejo.

Tambem não ponderámos ainda a propriedade daquella palavra *Transfretavit*. *Transfretavit* deriva-se de *fretum*, que é um dos quatro nomes do mar. O mar chama-se, *mare*, chama-se, *pontus*, chama-se, *æquor*, chama-se *fretum:* E porque? Os grammaticos, a quem pertencem estas etymologias, o dizem e distinguem com grande propriedade.

Cum fremit esse fretum, dices; mare cum sit amarum:
Pontus ponte caret; sed ab æquo dicitur æquor.

Chama-se o mar *mare*, porque é amargoso: chama-se *pontus*, porque é incapaz de ponte: chama-se *æquor*, quando está egual e sereno: chama-se *fretum*, quando está bravo e furioso, e como leão dá bramidos. Não é isto o que tememos, e o que ameaçam os tempos? Sim. Ora vejamos como este mesmo mar, ou este mesmo monstro por virtude do Rosario, por mais que esteja bravo, se amansa; por mais que esteja furioso, se enfrea; e por mais que dê bramidos, se calla; e aquella mesma bocca voraz, com que quer comer os navios inteiros, e tem comido tantos, a cerra e emmudece. Tudo isto quer dizer: *Transfretavit, et venit in civitatem suam:* e tudo isto é ser Maria *Domina maris: Maria de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.*

E posto que o concurso de um e outro Evangelho nos tem dado bastante fundamento, para que assim o esperemos, por mais que o tempo e o logar prometam ou ameacem o contrario: comtudo, porque o temor é incredulo e desconfiado, e a materia tão importante, e de sua natureza duvidosa; para que o temor se anime, a incredulidade se persuada, e a desconfiança se assegure: passemos do mar de Tiberiades a este

nosso, e das flôres de Nazareth ás do do Rosario: e na fé das Escripturas e experiencia dos exemplos, não só quero que oiçamos, senão què vejamos com os olhos, quão grandes são os poderes do mesmo Rosario nestes conflictos, e quão certos e infalliveis seus effeitos contra o mar, contra os ventos, e sobre todas as tempestades.

III

Aquelle famoso carro de Ezechiel. cujo pavimento era um céu de crystal, fundado sobre quatro rodas, cada uma de quatro faces, e tiradas de quatro animaes ou monstros, cada um de quatro rostos, o que principalmente representava, é esta vastissima campanha em que ao presente nos achamos, onde os mais furiosos elementos se dão as batalhas, o mar. Não é consideração ou interpretação minha, senão do mesmo Texto. Fallando das rodas, diz expressamente, que eram similhantes ao mar: *Aspectus rotarum, et opus eorum quasi visio maris.* [1] Eram rodas, porque o mar não tem quietação nem consistencia: eram azues, parte claro, parte escuro; porque esta é a côr do mar, ou pacifico, ou turbado: eram de quatro faces eguaes: porque egualmente se move o mar para as quatro partes do mundo, para onde as leva o vento. Se o vento é sul, corre para o Septentrião: se norte, para o Meio-Dia: se leste, para o Levante: se oeste, para o Poente: e isto mesmo diz o Texto: *Quocumque ibat spiritus, illuc eunte spiritu, et rotæ pariter elevabantur.* [2] Os quatro animaes ou monstros de quatro rostos tambem eram ou representavam o mar. Por isso diz o mesmo Texto, que quando batiam as azas, como se batessem as praias, o som que se ouvia era de muitas aguas: *Quasi sonum aquarum multarum.* [3] Os quatro rostos eram de homem, de touro, de leão, de aguia; porque é o mar, como lhe chamou Tertulliano, traidor de muitas caras, já de homem, quando manso; já de toiro, quando bravo; já de leão, quando dá

1 *Ezech.*, 1, 16.
2 *Ibid.*, 20.
3 *Ibid.*, 24.

bramidos; já de aguia, quando se levanta ás nuvens. E a causa de todas estas mudanças é a maior ou menor força com que os move ou açoita o cocheiro desta grande carroça, o vento. O mesmo Texto outra vez: *Ubi erat impetus spiritus, illuc gradiebantur.* [1]

Sobre estas quatro rodas, e sobre estes quatro monstros estava fundado o pavimento em fórma de um céu: porque no meio do mar, como agora estamos, se olharmos em roda para todos os horizontes, parece que o céu por toda a parte se levanta do mar, e que sobre elle estriba e se sustenta. E nota Ezechiel (coisa muito digna de admiração e reparo), que sendo o céu de crystal, olhando para elle, mettia medo: *Et similitudo super capita animalium firmamenti, quasi aspectus crystalli horribilis.* [2] Um céu de crystal claro, diaphano e transparente, parece que visto não podia causar horror. Mas diz comtudo o Propheta, que era horrivel, e que visto mettia medo, porque era céu sobre mar sem se vêr outra coisa. E este é o primeiro horror que experimentamos nelle os navegantes. Quando nos apartamos da vista da terra, e até as torres e montes mais altos se nos escondem, esta mesma solidão immensa, em que se não vê mais que mar e céu, ainda que o céu esteja limpo, e sem nuvem, e tão claro como um crystal, naturalmente causa aquelle horror, que por si mesmo se insinua nos corações humanos. Assim o ponderaram sem mais expressão que a da mesma natureza os mais entendidos poetas. Virgilio: *Maria undique, et undique cœlum.* Ovidio: *Cœlum undique, et undique pontus:* e o nosso com maior experiencia que todos neste mesmo mar: *Não vimos emfim mais que mar e céu.*

Pois se o céu claro, resplandecente e formoso, neste logar em que nos achamos causa horror; que será escuro, feio e coberto por toda a parte, ou envolto em nuvens espessas e negras, sem que de dia se veja sol, nem de noite estrella? Se o mar quieto e pacifico, ou encrespado sómente de uma viração branda e galerna, é temeroso; que será assoprado furiosamente do maior pezo e impeto dos ventos, levantando montes que sobem ás estrellas, e abrindo val-

---

[1] *Ezechiel*, I, 12.
[2] *Ibid.*, 22.

les que descobrem as aréas, e jogando a pella com uma nau da India, quanto mais com um lenho tão pequeno, como este nosso? E se em junho e julho, quando parece que os ventos dormem, e os mares descançam, não ha hora nem momento seguro sobre um elemento, e debaixo de outro, ambos tão inconstantes; que se póde temer na entrada do inverno, quando todos os vapores recolhidos no verão se desatam em furias e tempestades? Bem o viu e experimentou o mesmo Propheta na primeira entrada com que se lhe mostrou á vista esta nova e prodigiosa machina do seu carro: porque o que trazia diante de si, era o medo, o terror, o assombro, em uma tormenta e tempestade desfeita, de nuvens, de ventos, de fogo, de relampagos, de trovões, de raios: *Et vidi: et ecce ventus turbinis veniebat ab aquilone; et nubes magna, et ignis involvens, et splender in circuitu ejus.* [1]

Este é, amigos e companheiros, o logar, o tempo, e o perigo imminente em que estamos todos com muito duvidoso e fraco soccorro na arte e nas forças humanas. Tel-o-hemos porém muito poderoso, muito certo, e muito seguro, como dizia, nas divinas: as quaes viu o mesmo Ezechiel na parte superior e triumphante da mesma carroça. Sobre o pavimento della viu um throno de saphiras: *Super firmamentum quasi aspectus lapidis sapphiri similitudo throni.* [2] Sobre o throno viu um homem formado de oiro e prata por outro nome de electro: *Et super similitudinem throni quasi aspectus hominis desuper: et vidi quasi speciem electri.* E em roda do throno e da magestade que nelle assistia, viu uma iris ou arco celeste: *Velut aspectum arcus, cum fuerit, in nube in die pluviæ: hic erat aspectus splendoris per gyrum.* [3] Este throno pois de saphiras, este homem de oiro e prata, e esta iris ou arco celeste, superior tudo, e dominante sobre o mar e sobre todos os ventos, que significava? O throno de saphiras significava a Virgem Maria, o Homem de oiro e prata significava o Filho de Deus e seu, o arco celeste significava o seu Rosario, e tudo junto significava o poder e dominio soberano que tem a Mãe de Deus por meio do seu Rosario sobre o mar, sobre

---

[1] *Ezech.*, I, 4.
[2] *Ibid.*, 26.
[3] *Ibid.*, 28

os ventos, e sobre as tempestades e perigos dos que nelles navegam. Provemos tudo por partes, e descubramos em cada uma dellas as propriedades mysteriosas, que em si encerram.

IV

O throno de saphiras é a Virgem Maria Senhora nossa. Assim o dizem Santo Agostinho, S. João Damasceno, S. Bernardo, e particularmente S. Boaventura sobre este mesmo logar de Ezechiel: *Ipsa est thronus ille sapphirinus, qui sicut in Ezechiele legitur super firmamentum exaltatus est.* [1] E chama-se propriamente throno de saphiras; porque as saphiras são da côr do mar, em que se representa, não só o nome de Maria, mas a significação delle: *Domina maris.* O Homem que se via sobre este throno, é o Filho de Deus feito Homem. Assim o diz e prova além dos outros Padres, S. Pedro Damião: *Fecit thronum, uterum videlicet intemeratæ Virginis, in quo sedit illa majestas. Hanc sessionem Filii et cognovit, et probavit Pater, ipso dicente: Tu cognovisti sessionem meam: et thronus tuus Deus in sæculum.* [2] E era este homem formado de electro, o qual, como dizem os auctores da historia natural, e com elles S. Gregorio, se compõe de oiro e prata, para que na differença e união destes dois metaes, um mais precioso que outro, se significasse a divindade e humanidade do composto inefavel de Christo. Finalmente, a iris ou arco celeste, representa o Rosario, não só por uma ou algumas propriedades, senão por todas.

A materia e propria substancia do arco celeste, como concordemente ensinam todos os philosophos, não é verdadeiramente outra, mais que os raios do sol reverberados nas nuvens. E tal é toda a materia do Rosario, o qual se compõe dos mysterios e acções do verdadeiro Sol Christo, reverberadas na nuvem de sua humanidade, como feita de vapores da terra elevados á união e alteza da Divindade. A fórma do

---

1 D. Bonav. in Specul. B. Virg. Cap. II.
2 P. Dam., Serm. de Nativit. Virg.

mesmo arco são as côres que resultam dos raios do sol, e seus reflexos, tantas e tão varias, como bem as pintou quem disse: *Mille trahit varios adverso sole colores:* sendo mais ainda em numero e variedade as acções prodigiosas de Christo, as quaes por testemunho de S. João não caberiam escriptas em todo o mundo, como não cabe nelle o mesmo arco. Mas assim como as côres deste se reduzem particularmente a tres, verde, vermelha, e azul, assim aquelles mysterios se dividem no Rosario com outras tantas differenças, que principalmente os distinguem. Os da infancia de Christo, que são os Gososos, e pertencem á côr verde: os de sua Morte e Paixão, que são os Dolorosos, e pertencem á côr vermelha: e os de sua Resurreição e subida ao Céu, que são os Gloriosos, e pertencem á côr azul.

Esta é a materia e a fórma do Rosario. E os effeitos quaes são? Os mesmos que havemos mister, e com razão nos tem em tanto cuidado, que são, assegurarnos o mesmo Rosario com propriedade de verdadeiro arco celeste, do furor dos ventos e tempestades, e do temor de seus perigos. Com o mesmo arco celeste assegurou Deus aos homens de não haver jámais outro diluvio, que foi a maior tempestade que houve no mundo: *Arcum meum ponam in nubibus; et recordabor fœderis mei.* [1] E não só por instituição divina, como naquelle caso; mas tambem por razão natural (como bem notou Santo Thomaz) nos assegura o mesmo Arco, de que nem as nuvens, nem o ar, nem o fogo (que são as tres parte elementaes, com que se variam as suas côres) se poderão resolver em tempestade grande. E porque? Porque as grandes tempestades não se fazem senão com nuvens crassas e grossas, e a iris não apparece senão em nuvens raras e leves: e as grandes tempestades cobrem e escurecem o sol, e sem sol e suas reflexões não póde haver iris. Por isso o antiquissimo Pithagoras lhe chamou, *serenitatis præludium*, preludio e prenuncio da serenidade. Assim que na iris, ou arco celeste, não só se representa o Rosario e seus mysterios, senão juntamente o maravilhoso effeito de serenar as tempestades, e nos assegurar de seus perigos.

---

[1] *Gen.*, XIII, 15.

Só a figura do mesmo arco parece que é impropria desta significação. Porque o arco celeste, como vemos, e como o descreve Plinio, fórma sómente um meio circulo: *Nec unquam nisi dimidia circuli forma:* e a figura do Rosario é um circulo perfeito. Mas a esta objecção acudiu maravilhosamente o mesmo Ezechiel, dizendo que a iris que cercava o throno triumphal da sua carroça, não era formada sómente de meio circulo, senão de circulo inteiro: *Velut aspectum arcus, cum fuerit in die pluviæ: hic erat aspectus splendoris per gyrum.* Notae a palavra, *Per gyrum:* á roda, e em roda do throno e do Senhor, que nelle estava assentado; porque não era só meio circulo, como o que vemos no arco celeste, senão circulo perfeito, como o que fórma o Rosario. De sorte que assim como os pintores para pintarem a Virgem Senhora nossa do Rosario, pintam a mesma Senhora com seu bemdito Filho nos braços, e um Rosario em roda; assim o Propheta Ezechiel sobre o seu carro, em que se representava o mar movido e alterado dos ventos, pintou o throno de saphiras, que é a Senhora, e sobre o throno o Homem, Deus, que é seu Filho; e em roda de ambos uma iris ou arco celeste de circulo perfeito, que é o Rosario. Nem isto é contra a natureza do mesmo arco, antes muito conforme a ella; porque assim como o circulo do Rosario se aperfeiçoou e cerrou quando Christo e sua Mãe subiram ao céu, assim quando o sol está no zenith, o mesmo arco se estende circularmente por toda a redondeza dos horizontes, como diz o Ecclesiastico: *Gyravit cœlum in circuitu gloriæ suæ.* [1]

Sendo pois virtude propria do Rosario da Virgem Maria, segundo a propriedade do seu mesmo nome, *Domina maris*, dominar os mares, moderar os ventos, e serenar as tempestades: posto que o tempo e conjunção em que nos achamos, as promettam e ameacem grandes; se por meio do mesmo Rosario invocarmos o soberano patrocinio da Senhora do mar, elle nos defenderá tão poderosa como seguramente de todos seus perigos. E para que a consideração das causas naturaes e seus poderes, nos não desanimem como costumam, saibamos que a mesma natureza, que na

[1] *Eccles.*, XLIII, 13.

materia, na fórma, nos effeitos, e na mesma figura do arco celeste com tão exquisitas propriedades, ou pintou, ou ideou o Rosario, tambem se não esqueceu desta circumstancia do tempo, como a mais temerosa e formidavel, e de cujo efficaz remedio mais necessitamos.

Tudo quanto temos dito atégora do arco celeste, é segundo a philosophia de Plinio, que elle chama manifesta: *Manifestum est radium solis immissum cavæ nubi repulsa acie in solem refringi, colorumque varietatem mixtura nubium, aeris, igniumque fieri. Certè nisi sole adverso non fiunt, nec unquam nisi dimidia circuli forma.* [1] E diz mais este grande interprete da natureza? Sim, e tão claramente como se hoje e nesta mesma circumstancia fallára comnosco: *Fiunt autem hyeme, maximè ab æquinoctio autumnali die decrescente.* Quer dizer: que no principio do inverno, depois do Equinocio autunal, quando os dias começam a ser menores, então apparece mais frequentemente o arco celeste. Tal é pontualmente a circumstancia e conjunção do tempo em que nos achamos. Pouco ha que passou o Equinocio autunal, já entrou o inverno, já começaram a minguar os dias, e crescer as noites, e com ellas a ser o tempo e o mar mais temeroso; mas nestas mesmas circumstancias ordenou o céu que se instituisse a festa e memoria do Rosario, para que elle, como arco celeste agora mais frequente, nos serene ae tempestades, ou nellas nos assegure dos seus perigos.

Dê-nos o primeiro exemplo aquelle mesmo principe, cuja victoria no mar deu este dia ao Rosario, como o Rosario lhe tinha dado a victoria neste mesmo dia.

V

A occasião porque este dia se dedicou á solemnidade do Rosario, foi, como todos sabem, a victoria que o mesmo Rosario alcançou contra todo o poder ottomano na famosa batalha naval do mar de Lepanto, em que o principe Dom João de Austria foi o Josuë que pelejou com a espada, o Papa Pio V o Moysés, que venceu com

[1] *Plin.*, II, 59.

as orações, e a Senhora do Rosario a vara de Arão florescente, que na mesma hora da batalha, levada em procissão por todas as cidades da Christandade, ao passo que dava a victoria, ia ostentando o triumpho. Mas assim como David tantas vezes victorioso nas tempestades de sangue se temia mais das tempestades de agua: *Non me demergat tempestas aquæ;* [1] assim lhe succedeu ao mesmo principe austriaco, não longe do mesmo logar no mesmo mar Mediterraneo.

Passando de Napoles para Tunis com grossa armada, foi tal naquella travessa a furia da tormenta, que os pilotos desconfiados de todo o remedio e industria humana, se deram por perdidos. [2] Recorrendo porém todos aos soccorros do céu, e invocando o catholico e piedoso principe a sua singular Patrona, e supplicando-a, que assim como lhe tinha dado victoria contra os inimigos, lh'a concedesse tambem contra os elementos: que succedeu? Caso verdadeiramente raro, e com perigo sobre perigo, e milagre sobre milagre, duas vezes maravilhoso. No mesmo ponto cessou a tempestade, mas não cessou o perigo. Cessou a tempestade, porque subitamente ficou o vento calmo, e o mar leite: mas não cessou o perigo; porque o galeão que levava a pessoa real, sendo o mais forte e poderoso vaso de toda a armada, visivelmente se ia a pique. Tanta era a força da agua, que nelle tinha entrado, e successivamente ia crescendo e dominando já as primeiras cobertas. As bombas, os baldes, os gamotes, e até os capacetes dos soldados com que todos trabalhavam, nada bastava para vencer, nem ainda egualar o golpe da corrente, que sem se saber por onde, os ia alagando. Já se vê quaes seriam neste ultimo aperto as vozes e clamores de toda aquella multidão militar e maritima, não havendo quem não chorasse mais a perda de tamanha e tão importante vida, que a desgraça e naufragio das proprias. Mas a soberana Rainha e Senhora do mar, não sabe fazer mercês imperfeitas. Assim como tinha cessado a tempestade do vento, assim cessou a da agua, que já rebentava pelas escotilhas. Achicaram de repente as bombas, o galeão no mesmo momento ficou estanque, e de alagado e

---

[1] *Psal*, LXVIII, 16.
[2] Fr. Miguel de la Fuente, Comp. Histor. Lib. 4. Cap. 27.

quasi sepultado, surgiu ou resurgiu boiando sobre as ondas. De que modo porém? Aqui foi a segunda e maior maravilha, então não conhecida, nem imaginada a causa, mas depois que chegaram ao porto vista de todos com admiração e assombro.

Com a força da tempestade tinha-se aberto um rombo junto á quilha da nau, por onde a borbotões entrava o mar, quando um peixe do mesmo tamanho, por instincto da poderosa mão que o governava, se metteu pela mesma abertura, de tal sorte ajustado ou entalado nella, que sem poder tornar atraz, nem passar adiante, cerrou totalmente aquella porta (que com razão se podia chamar da morte) e tanto que não entrou mais agua, foi facil lançar ao mar a que estava já dentro. Assim se vê hoje pintado em Napoles, e pendente ante os altares da Virgem Santissima o retrato de todo o successo: a tempestade, o galeão naufragante, e o peixe que o salvou atravessado: em perpetuo tropheu, e monumento do soberano poder, e nome de Maria, como Senhora não só do mar, mas de quanto sobre elle navega, ou dentro nelle vive.

No Cap. 5.º do seu Apocalypse, ouviu S. João que todas as creaturas do mundo, as do céu, as da terra, e as do mar, não divididas em tres, mas unidas em um côro, louvavam o poder e gloria do Cordeiro assentado no throno, e lhe davam graças: *Et omnem creaturam quæ in cœlo est, et super terram, et sub terra, et quæ sunt in mari, et quæ in eo, omnes audivi dicentes sedenti in throno, et Agno: benedictio, et honor, et gloria, et potestas in sæcula sæculorum:* [1] O throno em que está assentado o Cordeiro, já se sabe que são os braços da Virgem Senhora nossa, e na mesma figura em que a veneramos debaixo do titulo do seu Rosario. Mas entre as outras creaturas que lhe tributam louvores, são notaveis os termos com que o Texto falla nas do mar: *Et quæ sunt in mare, et quæ in eo:* e as que estão no mar, e as que estão nelle. Estar no mar, e estar nelle, não é a mesma coisa? Parece que sim. Pois porque faz esta differença o Evangelista distinguindo as creaturas que estão no mar, das que estão nelle: *Quæ sunt in mari, et quæ in eo?* Porque no mesmo mar uns estão dentro nelle, e outros fóra, e

[1] *Apoc.*, v, 13.

sobre elle: uns estão dentro, e como moradores, que são os peixes: outros estão fóra, e como passageiros, que são os navegantes. E porque uns e outros estão sujeitos ao throno de Deus, e ao dominio da Senhora que o tem nos braços; por isso todos os que vivem, ou sobre as aguas do mar, ou debaixo dellas, louvam e devem louvar a Senhora do mar, como no nosso caso. Os navegantes, porque os livrou do perigo, e os peixes, porque se serviu de um delles para os livrar: os navegantes, porque os salvou da morte, e o peixe, porque por meio da sua morte lhes salvou a vida. Parece que quiz competir a Senhora neste milagre com o de seu Filho no de Jonas; mas oiçamos a David, que ajuntou e cantou um e outro admiravelmente.

Hoc mare magnum et spatiosum manibus: illic reptilia, quorum non est numerus. Animalia pusilla cum magnis: illic naves pertransibunt. [1] Celebra David nestas palavras a grandeza do mar Oceano, não em toda sua largueza, senão no comprimento e extensão de seus braços: *Hoc mare magnum, et spatiosum manibus.* E diz que alli (isto é nos mesmos braços) ha grande multidão de peixes, uns grandes, outros pequenos: *Illic reptilia, quorum non est numerus, animalia pusilla cum magnis:* e que alli navegariam, e por alli passariam e atravessariam as naus: *Illic naves pertransibunt.* Mas se bem se considera este panegyrico do mar, parece que deixou David o mais pelo menos, e as maiores grandezas e maravilhas que nelle se vêem, pelas menores. Deixa a vastidão do corpo immenso do Oceano, e falla só no comprimento de seus braços, e com particular ponderação de serem mui estendidos: *Hoc mare magnum, et spatiosum manibus?* Sim. Porque entre os maiores braços do Oceano, o maior e mais estendido de todos é o Mediterraneo; e no Mediterraneo succedeu o caso de Jonas, e da balêa, que neste panegyrico se celebrava. Assim o declarou logo o mesmo Propheta, dizendo que Deus formára aquelle monstro tão grande para o enganar e zombar delle: *Draco iste, quem formasti ad illudendum ei.* [2] Assim foi; porque permittindo Deus á balêa que comesse e en-

---

[1] *Psal.*, CIII, 26.
[2] *Ibid.*

gulisse a Jonas, o engano, a zombaria, e o jogo, esteve em que não foi para o digerir, e se sustentar com elle, senão para o salvar do naufragio.

Atéqui é o que têm excogitado os Expositores. Mas o Propheta ainda viu e quiz dizer mais que elles: porque não fallou da salvação de um Jonas, senão de dois. João e Jonas é o mesmo nome, de que temos não menor interprete, que o mesmo Christo, o qual uma vez chamou a S. Pedro filho de Jonas, e outra filho de João: *Simon Joannis: Simon filius Jona.* [1] E porque o caso do Jonas da Palestina, e do Jonas ou do João de Austria, ambos succederam no mesmo braço do Oceano, e no mesmo Mediterraneo; esta foi a similhança porque a harpa de David os accordou no mesmo Psalmo, e os cantou juntamente. Por isso não fez menção de um só navio, senão de navios: *Illic naves pertransibunt.* E por isso nomeadamente não fallou só dos peixes grandes, qual é a balêa, senão tambem e em primeiro logar dos pequenos: *Animalia pusilla cum magnis.* Mas porque dos peixes pequenos em primeiro logar? Sem duvida, porque comparado um e outro caso, mais maravilhosa foi a salvação do segundo Jonas por meio de um peixe pequeno, que a do primeiro e tão celebrada por meio do maior de todos. Comer a balêa a Jonas, essa é a sepultura que o mar costuma dar aos homens; mas que estando tantos homens sentenciados a ser comidos dos peixes, um peixe lhes acudisse, e os livrasse! quem póde duvidar que foi maior maravilha? A balêa salvou um homem, o peixe pequeno quinhentos: a balêa ficando viva, o peixe perdendo a vida propria para conservar as alheias: a balêa não afogou a Jonas, o peixe afogou-se a si, para que tantos naufragantes se não afogassem: a balêa suspendeu a esperança tres dias, o peixe acudiu á desesperação na mesma hora. E se a balêa foi figura da sepultura de Christo, o peixe imitou a morte do mesmo Christo, morrendo pela salvação dos homens. Nem a balêa nem o peixe de tanto menor vulto obraram por instincto proprio, senão a balêa governada por Deus, e o peixe por sua Mãe. Porém se a traça ou jogo, como lhe chamou o Propheta, com que Deus zombou da voracidade da balêa, conservando a

---

1 *Joan.*, XXI, 17, *Ibid.*, I, 42.

Jonas vivo, depois de comido, foi muito propria do seu poder e da sua sabedoria; mais engenhosa e mais subtil foi a invenção com que a Senhora cerrou a porta a todo o mar com um pequeno peixe vivo, e a conservou cerrada com elle morto. Finalmente, o Rosario foi a maior invenção da Senhora, e esta a invenção mais galharda do seu Rosario.

Mas passemos do Mar Mediterraneo a outro mar tambem meio entre duas terras.

VI

Navegava para Flandres uma nau hespanhola, [1] e depois de ter embocado o canal de Inglaterra, mais arrimada pela contrariedade dos ventos á costa de França (onde ainda sem tormenta é maior o perigo) foi tal a força da tempestade, que não a podendo resistir, nem tendo para onde correr, deixado totalmente o governo ao arbitrio dos mares, e á furia da travessia, nenhum duvidou, que ou sorvidos das ondas, ou despedaçados em algum penhasco todos pereciam. Ia na mesma nau um grande devoto da Virgem Senhora nossa, chamado Pedro de Olava, o qual no meio desta ultima desesperação, vendo que o piloto e marinheiros desmaiados nenhuma coisa faziam, nem sabiam o que fizessem; já que as nossas mãos, disse, estão ociosas, tomemos todos nellas os Rosarios, invoquemos o soccorro da Virgem Maria, e tenhamos confiança em seu poder e misericordia que a terá de nós. Assim o fizeram todos, e era espectaculo por uma parte lastimoso, por outro muito proprio da fé e devoção catholica, vêr a nau com as arvores seccas, os mastareos calados, as vergas abatidas e prolongadas, já subindo ás nuvens, já descendo aos abysmos, e os mareantes e passageiros todos com os Rosarios nas mãos, sem haver quem as puzesse em leme, em vella, ou em corda, nem se ouvindo outras vozes mais que Ave Maria, nem outros clamores mais que misericordia. Bem creio que se abalariam os Anjos do céu a lograr mais de perto uma tão formosa vista. Mas não foram elles sós. Porque a mesma Rainha dos Anjos

[1] Fr. Alonso de Espinosa, Libr. 5.º del Rosario, Cap. 32.

cercada de luzes, apparecendo sobre a gavea maior se mostrou visivel aos tristes naufragantes. E assim como seu Filho em similhante perigo desde a pôpa da barca de Pedro: *Imperavit ventis, et mari, et facta est tranquilitas magna;* [1] assim a Senhora invocada das vozes e devoção de outro Pedro, e dos mais que o seguiram, com o imperio e magestade de sua presença serenou em um momento o mar, e cessou de repente a tempestade. Oh que mudança tão subita e tão alegre! Passam todos os Rosarios das mãos ao peito, içam as vellas, maream as escotas, e as antenas: já o piloto manda, e o leme governa, e a nau resuscitada, favorecida em pôpa de uma viração branda e galerna, caminha segura e triumphante ao Porto. Não pararam porém as vozes dos devotos e venturosos navegantes, porque os clamores com que pediam misericordia á Senhora do Rosario, se trocaram em acclamações, em vivas, em louvores, e em repetida acção de graças a suas misericordias.

Digo misericordias, porque se bem se considera o caso, não foi uma só a misericordia, senão duas, assim como não era um só o naufragio, senão dois. E que dois naufragios eram? Um em que temiam perder-se, que era o da nau, e outro em que já estavam perdidos, que era o da arte. Assim o ponderou admiravelmente David, ou em outro caso similhante, ou neste que estava vendo como Propheta. Tinha dito, como já dissemos, que as ondas naquella tempestade subiam ao céu, e desciam aos abysmos: *Stetit spiritus procellæ, et exaltati sunt fluctus ejus: Ascendunt usque ad cœlos, et descendunt usque ad abyssos:* [2] e passando a descrever os effeitos que a evidencia de tão extremo perigo causou nos pilotos e marinheiros, diz assim: *Anima eorum in malis tabescebat. Turbati sunt, et moti sunt sicut ebrius: et omnis sapientia eorum devorata est.* [3] Todos desanimados, areados, pasmados, e vivos, já com a côr e similhança de defuntos: *Anima eorum in malis tabescebat*: todos titubiando, e não se podendo ter em pé, arremessados com o balanço da nau de um bordo para outro bordo: *Tur-*

---

[1] *Math.* VIII. 26
[2] *Psal.*, CVI, 25 e 26.
[3] *Ibid.*, 27.

bati sunti, et moti sunt sicut ebrius: todos fóra de si, sem juizo, sem advertencia, sem tino; porque toda a sua arte e sciencia nautica se tinha já perdido: *Omnis sapientia eorum devorata est.* Notae a palavra *devorata est*, em que a elegancia e poesia de David excedeu á de quantos descreveram tempestades. Quando o navio se vae ao fundo, dizemos que o comeu o mar: e neste caso, posto que o navio ainda se sustentava em cima da agua, a arte e a sciencia nautica já o mar a tinha comido: *Omnis sapientia eorum devorata est:* primeiro tragou a arte, para depois tragar o navio. Perdem-se os navios no mar, como as republicas na terra. Nenhuma republica se perdeu subitamente, e de uma vez. O primeiro naufragio é o do governo, o segundo e ultimo o da republica. Tal era o estado dos tristes naufragantes, já perdidos no primeiro perigo, e esperando por momentos a perdição do segundo. E este foi dobrado milagre, não de uma só misericordia, senão de duas misericordias, com que a Senhora do Rosario os livrou. Uma, e grande, com que os perservou do naufragio em que estavam para se perder, outra, e maior, com que os resuscitou do naufragio em que já estavam perdidos: *Omnis sapientia eorum devorata est.* Tudo disse tão pontualmente o mesmo David. E para que nenhuma circumstancia lhe faltasse, conclue relatando as orações a que recorreram, o remedio com que foram soccorridos, e não só uma misericordia, senão as misericordias que alcançaram. As orações a que recorreram: *Clamaverunt ad Dominum cum tribularentur:* [1] o remedio com que foram soccorridos: *Et statuit procellam in auram, et siluerunt fluctus ejus:* [2] e não só uma misericordia, senão as misericordias que alcançaram: *Confiteantur Domino misericordiæ ejus, et mirabilia ejus filiis hominum.* [3]

VII

Com muita razão equiparou o Propheta neste caso as maravilhas com as misericordias: *Misericordiæ ejus,*

1 *Psalm.* CVI, 6.
2 *Ibid.*, 29.
3 *Ibid.*, 31.

et mirabilia ejus: porque se as misericordias foram dobradas, tambem foram dobradas ás maravilhas. Em outra maravilha porém, e em outra misericordia da mesma Senhora do Rosario, com que quero acabar, veremos que os successos foram tambem dois, mas tão encontrados, e com circumstancias tão notaveis, que nenhum christão haverá dos que trazem a vida como nós, exposta ao mar, e aos ventos, o qual não assente comsigo uma de duas resoluções muito differentes. E quaes? Se no navio em que se acha se reza o Rosario, que navegue com grande consolação e confiança; e pelo contrario se nelle se não reza, que vá em tal navio, com grande desconsolação e temor. Vae o caso digno de toda a attenção.

Sahiram do porto de Cartagena das Indias, [1] duas galés em demanda de certos corsarios, e era capellão da Patrona Frei Bernardo de Ocampo, Religioso de S. Domingos, o qual prégou e persuadiu nella a devoção do Rosario com tal efficacia e successo, que os capitães, os soldados, os marinheiros, e a chusma dos forçados, todos sem faltar nenhum, ainda quando remavam ao som ou compasso da voga, contavam o Rosario da Senhora. Em todos os vasos da navegação são perigosas as tempestades, mas muito mais nas galés. E foi tão furiosa a que sobreveiu a estas duas, zarpando entre umas ilhas; que as ondas pareciam montes. Passou uma, passou outra, passaram nove, e quando veiu a decima, ou decumana, era uma serra de agua tão alta e medonha, que dando-se todos por sepultados debaixo della, levantaram a voz em um grito: Virgem do Rosario, valei-nos. Nunca se viu no mar mais apertado transe! Mas a esta voz respondeu logo outra, repetindo tambem a brados, orça, orça. Não era o piloto o que isto mandava, mas um menino formosissimo, que com um Rosario na mão direita appareceu a todos na tolda da prôa, e não foi mais visto. Orçou o timoneiro, pondo a mesma prôa á onda, a qual salvando em claro a galé, descarregou com todo o peso sobre a segunda, que vinha na sua esteira, e de um golpe a metteu no fundo, sem escapar pessoa viva, nem apparecer signal ou reliquia de tão horrendo naufragio. Oh Maria Senhora do mar, quem haverá dos que andam

[1] Fr. Alonso Fern. Libr. 6.º Cap. 22.

sobre elle, tão cego, tão ingrato, tão inimigo de si mesmo, que todos os dias vos não saude e invoque com o vosso santissimo Rosario? E para que a vista de um caso tão lastimoso não causasse novo temor aos que tinham escapado, o mesmo mar no mesmo ponto os segurou de todo o perigo, ficando de repente tão quieto, socegado, e sereno, como se toda a sua furia ou colera a vomitára naquella onda.

Chamei-lhe decumana, ou onda decima, porque este é o nome com que os Auctores naturaes declaram ou exaggeram a grandeza desmedida das que prefazem este numero. Tem ensinado a experiencia, que ainda na maior confusão das tempestades guarda o mar tal ordem e tal medida nas ondas com que se vae enrolando, que repartidas de dez em dez, a decima é a que se levanta sobre todas com maior inchação, e cáe com maior pezo, e quebra com maior ruina. Assim o notou e lamentou o poeta nas suas tempestades do Ponto ou mar Euxîno:

Qui venît hic fluctus, fluctus, supereminet omnes,
Posterior nono est undecimoque prior.

D'aqui se segue, que não só por virtude milagrosa, senão ainda por certa antipathia como natural, tem o Rosario dominio sobre as ondas: e que esta foi uma das leis com que Deus desde o principio sujeitou este elemento indomito, e o subordinou ao imperio de sua Mãe como Senhora do mar. No Cap. 8.º dos Proverbios, diz a mesma Senhora: *Quando circumdabat mari terminum suum, et legem ponebat aquis, ne transirent fines suos: cum eo eram cuncta componens.* [1] Quer dizer: que quando Deus nas idéas de sua eternidade andava pondo os limites, e dando as leis ao mar, a Senhora juntamente com o mesmo Deus andava compondo tudo. Deus punha, e a Senhora compunha: Deus punha as leis ao mar, e a Senhora compunha as do seu Rosario na fórma em que as havia de dominar. Esta é a proporção admiravel porque foi tal a composição e contraposição do Rosario com o mar, que porque Deus no mar dividiu de dez em dez o curso das ondas; tambem a Senhora no Rosario repar-

[1] *Prov.*, VIII, 29, 30.

tiu de dez em dez as fileiras das contas. Deus fez o mar, como todas as outras coisas: *In mensura, et numero, et pondere;* [1] com conta, pezo e medida: e a Mãe de Deus, que todas essas coisas compunha com elle, *Cum eo eram cuncta componens*, tambem compoz o seu Rosario com conta, pezo e medida, a medida na egualdade dos terços, o pezo na ponderação dos mysterios, a conta no numero das contas. E como Maria, Senhora do mar e do Rosario, contrapoz nelle decadas contra decadas, decadas de Ave Marias, contra decadas de ondas; por isso o seu Rosario é o mais natural, o mais forte, o mais efficaz, e o mais proprio instrumento com que a Senhora do mar o domina, e se mostra Senhora delle: *Maria Domina maris.*

VIII

D'aqui fica bem entendida a razão, porque o soberano menino que ensinou a vencer a soberba, e parar o precipicio da onda decumana, lhe oppoz e mostrou o Rosario, para que o reverenciasse e temesse. Quem sabe que a corrente do Jordão crescendo mais, e mais para cima, e feito já o rio um monte de agua altissima, a vista só e reverencia da Arca do Testamento o suspendeu e teve mão, para que se não precipitasse; não se admirará de que o mar tão soberbamente levantado naquella onda guardasse o mesmo respeito ao Rosario da Virgem Maria, de que na Arca do Testamento só era figura e sombra.

Mas o que excede toda a admiração, e é digno de profundo reparo neste caso, são as outras circumstancias delle. Se o menino que appareceu na galé era o filho de Deus e seu, que a Senhora do Rosario, tem nos braços; porque não appareceu alli a mesma Senhora, como pouco ha vimos em similhante perigo? E se aquella galé se salvou tão milagrosamente, a outra que vinha na mesma esteira, tambem de hespanhoes e catholicos, porque pereceu no mesmo tempo, e não sossobrada de outra onda, senão da mesma? E finalmente, se o instrumento desta maravilha foi

[1] *Sap.*, XI, 21.

o Rosario, porque o mostrou o menino nomeadamente na mão direita, e não em ambas, ou na esquerda, como notaram e juraram authenticamente todos os que o viram? Ora entendamos o que Deus e sua Santissima Mãe quiz que entendessemos na visão e evidencia de todas estas circumstancias.

Se ha dia neste mundo similhante ao dia do Juizo, é o de uma grande tempestade no meio deste mar. Não é comparação minha, senão do mesmo Propheta, que nos interpretou os outros milagres, fallando litteralmente do dia em que Deus virá manifestamente a julgar o mundo: *Deus manifestè veniet, Deus noster, et non silebit: ignis in conspectu ejus exardescet, et in circuitu ejus tempestas valida.* [1] No dia do Juizo escurecer-se-ha o sol, a lua, e as estrellas, e isto é o que vemos ou não vemos em uma tempestade. Nem se vê sol, nem lua, nem estrellas; porque as nuvens espessas e negras escondem todas as luzes do céu, e tudo no mar para maior horror é uma escuridade medonha. Mas para que chamo eu ás tempestades similhantes ao dia do Juizo, se os maiores horrores daquelle dia serão a tempestade delle: *Et in terris pressura gentium præ confusione sonitus maris, et fluctuum, arescentibus hominibus prætimore?* [2] Andarão os homens, diz Christo, attonitos, pallidos, e mirrados de medo, pelo horror e confusão que lhes causará o sonido espantoso do mar e das ondas. Onde é muito para notar, que esta confusão e temor nunca visto similhante nos homens, não o attribue o Senhor á portentosa mudança dos planetas, que verão todos escurecidos, senão á tempestade e roncos do mar, que ouvirão furioso e irado: *Et in terris pressura gentium præ confusione sonitus maris, et fluctum.* E se tanto horror causará aos que estarão em terra o sonido só ao longe do bater e quebrar dos mares nas praias; qual será no meio do mar, e dentro de quatro taboas, vêr bater a furia das ondas, não só nos costados, mas quebrar com todo o pezo dentro no mesmo navio? A cada golpe do mar se está alli tragando a morte. E não morte menos feia, menos miseravel, nem menos nova, que a mesma com que acabarão os homens no dia do Juizo. Agora

[1] *Psal.*, XLIX, 3.
[2] *Luc.*, XXI, 25.

morrem os homens uns depois dos outros, ou de doença, ou de velhice; mas no dia do Juizo estando sãos e robustos, e bem dispostos, todos na mesma hora acabarão sem remedio a vida; e isto é o que succede na perdição de uma tempestade. Os moços, os velhos, os meninos, todos alli enchem a sua edade, e acabam juntamente os seus dias. Oh que lastimoso modo de morrer, quando a edade promettia larga vida, e a saude e as forças parece que a seguravam: não fallando no horror e miseria da sepultura, sem sete pés de terra em que se enterrar, tragados das ondas, comidos dos peixes.

E se qualquer tempestade (para que conheçamos o nosso perigo) é similhante a um dia do Juizo, a do caso que imos ponderando, ainda teve outra circumstancia particular muito propria daquelle temeroso dia, e a maior e mais principal delle. A maior e mais tremenda circumstancia do dia do Juizo, é que naquelle juizo se dá a sentença final, ou de salvação para uns, ou de perdição para outros: e isto é o que se viu no nosso caso. Todos os que iam em uma galé se salvaram, todos os que iam na outra se perderam. E como houve misericordia para uns, e justiça para outros; esta é a differença e a razão porque não veiu a Mãe de misericordia dar a sentença, senão seu Filho. No dia do Juizo, diz o Texto Sagrado, que apparecerá visivelmente a todos o Filho da Virgem: *Tunc videbunt Filium hominis venientem.* [1] E a Virgem virá tambem, e apparecerá juntamente com seu Filho? Não. Virá o Filho só, sem a Mãe, como aqui veiu. E porque? Porque o Filho como Juiz, livra e condemna: a Mãe como toda é misericordia, onde ha de haver condemnação retira-se, e não apparece. Na parabola das Virgens sahiram as prudentes e as nescias a receber o Esposo e a Esposa: *Exierunt obviam sponso, et sponsæ;* [2] mas quando foi ao entrar ás bodas, só se faz menção do Esposo, e da Esposa não: *Intraverunt cum eo ad nuptias.* Pois se é certo que a Esposa entrou com o Esposo, porque se não faz menção della ao entrar? Porque nesta entrada as Virgens prudentes entraram, e salvaram-se; as nescias ficaram de fóra,

[1] *Luc.*, XXI, 27.
[2] *Math.*, XXV, 1.

e perderam-se: e onde ha salvar e perder, onde ha salvação de uns, e perdição de outros, não se acha presente a Esposa, que é a Virgem Maria. Assim o affirma e ensina Santo Agostinho, dando a razão porque a mesma Senhora não apparecerá com seu Filho no dia do Juizo: *Quia tempus non erit miserendi, et misericordiam impetrandi jam fugiet janua Paradisi Maria, quæ hoc titulo ab Ecclesia insignitur, janua cœli, et felix cœli porta.* Allude o grande Doutor á mesma parabola das Virgens, em que se diz, que se fechou a porta: *Et clausa est janua.* [1] E como a Virgem Maria é a porta do céu: *Janua cœli;* por isso se não faz menção da Esposa, nem appareceu alli, antes fugiu, como diz o Santo, de tal logar: *Jam fugiet janua cœli Maria;* porque era logar em que não tinha logar a misericordia: *Quia tempus non erit miserendi.*

Esta é pois a razão porque no nosso caso desappareceu, ou não apareceu a Senhora do Rosario, e só appareceu com elle o Filho, que tem nos braços, e com elle nomeadamente na mão direita. No dia do Juizo os que se hão de salvar estarão á mão direita de Christo, e os que se hão de perder á esquerda: *Oves à dextris, hædos autem à sinistris:* [2] e porque alli se haviam de salvar uns, e perder outros; por isso o Senhor appareceu na galé dos que se haviam de salvar com o Rosario na mão direita. Oh grande privilegio! Oh grande virtude do Rosario, para se salvarem nos dias do Juizo do mar, e não se perderem nas tempestades os que o navegam! O maior encarecimento das obras de misericordia, e do singular merecimento que têm diante de Deus, é que no dia do Juizo calando-se todas as outras virtudes, só pelas obras de misericordia serão sentenciados os da mão direita, e os da esquerda. Aos da mão direita dirá Christo: *Venite benedicti, esurivi enim, et dedisti mihi manducare:* [3] e bastarão só as obras de misericordia para que se salvem. Aos da mão esquerda dirá pelo contrario: *Discedite maledicti, esurivi enim, et non dedistis mihi:* e bastará só a falta das obras de misericordia, para que se percam. E tal é o encarecimento egualmente verdadeiro, com que

---

1 *Math.*, XXV, 10.
2 *Ibid.*, 33.
3 *Ibid.*, 34.

Christo mostrou o Rosario na sua mão direita aos que nesta occasião se salvaram. Bem creio que entre os que iam nesta galé, haveria outros peccados, e entre os que iam na segunda haveria outras virtudes; mas como em toda esta se rezava o Rosario, e naquella não: esta foi a que se salvou, e aquella a que se perdeu sem remedio: sendo a mesma onda duas vezes prodigiosa, a que executou a sentença da salvação em uma, e a da perdição na outra.

E que navegante haverá que não seja muito devoto do Rosario, e que navio em que se não reze todos os dias á vista de um espectaculo, em uma parte tão venturoso e alegre, e na outra tão lastimoso e formidavel? Se quando por este mar encontramos um mastro, uma taboa, ou qualquer outro signal de naufragio, por mais que o mar esteja quieto e socegado, naturalmente se faz temer, e causa tão grande pavor; qual seria o dos que iam nesta galé, vendo em um momento ir-se a pique a companheira, sossobrada e sepultada da mesma onda de que elles tão milagrosamente tinham escapado?

No dia do Juizo diz o mesmo Christo que estarão dois lavrando no mesmo campo, e que um se salvará, outro se perderá: *Tunc duo erunt in agro: unus assumetur, et unus relinquetur.* [1] Que é este mar, senão um grande campo, e que são os navegantes, senão os lavradores delle? Com as quilhas, e com as próas o aram, e com os remos nas galés o cavam. Deus condemnou o homem a que lavrasse a terra, e a cubiça com segunda maldição o condemnou a que lavrasse tambem o mar: *Longum mar's æquor arandum: latum mutandis mercibus æquor aro.* [2] Vêde quanta differença vae de lavrar o mar ou a terra! O que lavra a terra, se lavra o valle, não se lhe faz monte; se lavra o monte, não se lhe faz valle. Este campo não é assim. Vêdes essas veiga, ou vargea tão estendida, vêdes essa planicie immensa, tão quieta, e tão egual; pois não vos fieis de sua quietação, nem de sua egualdade, porque debaixo della estão escondidos grandes montes. Que excellentemente o notou e disse S. Jeronymo, e com tanta elegancia como doutrina: *Licet*

[1] *Math.*, XXIV, 40.
[2] *Virgilio.*

in modum stagni fusum æquor arrideat, licet vix summa jacentis elementi terga crispentur, nolite credere, nolite esse securi: magnos hic campus montes habet, intus inclusum est periculum, intus est hostis. [1] Ainda que o mar egual e quieto (como agora) vos pareça um tanto que se não move; ainda que o leve movimento com que risonhamente se encrespa, quasi lhe não altere a egualdade, não o creaes nem vos fieis delle. Olhae que é um traidor, que dentro em si tem encobertos os inimigos, e debaixo dessa planicie estão escondidos grandes montes: *Magnos hic campus montes habet.* Quando as duas galés começaram a lavrar este campo, elle estava muito egual; mas debaixo dessa egualdade se levantaram aquelles grandes montes, e o ultimo maior de todos, de que uma só se livrou, e outra se perdeu: *Unus assumetur, et unus relinquetur.*

Sendo pois o perigo egual, e egual em uns e outros a fraqueza ou impossibilidade da resistencia; se o remedio e salvação de uns esteve em rezarem o Rosario, e o naufragio e perdição dos outros em o não rezarem; quem haverá, torno a dizer, que por não applicar e se applicar a um tão facil remedio, se exponha a tão extremo e invencivel perigo, e em que tantos no mesmo tempo e logar em que estamos teem perecido? Que desesperação e que tormento tão grande será no dia do Juizo o dos que perderam a salvação pela negligencia de meios tão faceis, e tão leves, como aquelles com que os outros se salvaram? E que arrependimento e desconsolação tão desesperada seria a dos mesmos que nesta occasião se perderam, sabendo (como sem duvida lhes seria notificado no tribunal da Divina Justiça) que se tiveram rezado o Rosario, como os companheiros, tambem a elles lhes perdoaria a onda que os sepultou, e se salvariam?

Não exhorto aos que aqui nos ajuntou Deus, a que offereçamos á Virgem Senhora nossa, e ao milagroso Menino, que sem se apartar de seus braços appareceu com o Rosario na mão aos que quiz livrar; não os exhorto, digo, a que lhe offereçamos este pequeno tributo, e rezemos o seu Rosario, pois todos o fazemos todos os dias; e á vista de tantos e taes exemplos se não póde duvidar que de hoje por diante o faremos

[1] Hier. in Epist. ad Heliod.

com maior devoção e affecto. O que só desejo persuadir a todos, é que quando succeda vermo-nos em alguma grande e perigosa tempestade das que ameaça o tempo e o logar, nem por isso nos vença ou desmaie o temor, confiando firmissimamente, que nos não poderá faltar a misericordiosa protecção da Virgem Senhora nossa; e que por mais que os montes escondidos debaixo desta planicie se levantem até ás nuvens, os poderes do seu santissimo Rosario nos livrarão de todo o perigo. Acabemos de ouvir a David, que não é muito se empenhasse tanto neste glorioso assumpto, como tão proprio da Mãe daquelle Filho, de que elle tambem se chamou Pae.

Propterea non timebimus dum turbabitur terra, et transferentur montes in cor maris: sonuerunt, et turbatæ sunt aquæ eorum, conturbati sunt montes in fortitudine ejus. [1] Ainda que a tempestade seja tão grande, que pareça que os montes da terra se passaram ao mar: ainda que as aguas desses montes com sonido estrondoso e horrendo quebrem umas sobre as outras: e ainda que a furia e violencia do mesmo mar seja tão forte, que atire montes contra montes, e os confunda entre si; com tudo isso nenhum de nós temerá, diz o Propheta: *Propterea non timebimus:* e porque? A razão que dá é notavel: *Fluminis impetus lætificat civitatem Dei, sanctificavit tabernaculum suum Altissimus:* [2] porque a cidade de Deus em que o mesmo Deus veiu morar á terra, tem um rio, cujo impeto converte todo o temor em alegria. Pois contra a força de todo o mar turbado e levantado em montes, *Conturbati sunt montes in fortitudine ejus*, oppõe David o impeto de um rio, e de corrente placida e alegre, *Fluminis impetus lætificat civitatem Dei?* Eu bem sei, e todos sabemos, que ha rios tão poderosos, cuja impetuosa corrente vence o mar, e no meio delle lhe adoça as ondas; e assim como ha rios que adocem o mar, não será maravilha que haja um rio que o amanse. Isso mesmo faz a chuva por ser agua do céu, que ameaça as tempestades. Mas que rio é este, no qual o Propheta reconhece tão extraordinaria virtude? O mesmo Propheta o diz: *Fluminis impetus lætificat civitatem Dei, san-*

[1] *Psal.*, XLV, 3 4.
[2] *Ibid.*, 5.

ctificavit tabernaculum suum Altissimus. E' o rio da cidade de Deus, onde o mesmo Deus veiu morar á terra, que vem a ser a cidade de Nazareth, como declarámos no principio, e o disse o nosso Texto: *Transfretavit, et venit in civitatem suam.*

Que muito logo que assim como Christo no mesmo navio (que n'outra occasião padeceu aquella grande tempestade) quando levava a prôa em Nazareth, chegou ao porto sem perigo, e com bonança; o mesmo experimentem, e com a mesma felicidade escapem de todos os perigos, os que navegam debaixo da protecção da Senhora de Nazareth; a qual, como tambem deixamos provado, é a Senhora do Rosario, porque em Nazareth começou, e a Nazareth deram este nome as flôres? E para que ninguem duvide que estas flôres não são outras senão as rosas, este mesmo Psalmo em que David celebra a virtude, que tem as influencias de Nazareth contra as tempestades, na lingua hebrea em que foi escripto, tem por titulo: *Pro rosis:* isto é, aqui se cantam os louvores das rosas. E como a Virgem Maria sempre Senhora do mar por virtude do seu nome, *Maria Domina maris;* em quanto Senhora do Rosario tem mais particular dominio sobre as tempestades: *Propterea non timebimus dum turbabitur terra, et transferentur montes in cor maris.* Ainda que os montes mais altos da terra se passem ao meio do mar, onde nos achamos, não temos que desconfiar nem temer, não só esperando, mas crendo firmemente, que debaixo da protecção de Maria, *De qua natus est Jesus*, passaremos felizmente este temeroso golfo, *transfretavit*, e chegaremos em fim ao porto desejado da nossa cidade, que por tantos titulos não é menos sua: *Et venit in civitatem suam.*

SERMÃO DECIMO

Beatus venter, qui te portavit, et ubera quæ suxisti. [1]

I

Sobre as coisas que se guardavam na Arca do Testamento, quaes e quando ha grande questão entre os Expositores sagrados. Tres porém são certas, e de tão occulto mysterio, como de particular reparo. A primeira é que houve tempo em que na Arca do Testamento só estiveram as Taboas da Lei; porque assim o diz expressamente o Texto no terceiro Livro dos Reis: *In arca autem non erat aliud, nisi duæ tabulæ lapideæ, quas posuerat Moysés.* [2] A segundo, que tambem houve tempo em que esteve na mesma Arca a urna do Manná; porque assim o affirma S. Paulo na Epistola aos Hebreus: *Arcam Testamenti, in qua urna aurea habens manna.* [3] A terceira, que depois deste tempo a mesma urna do Manná, que estava dentro da Arca, foi collocada fóra, mas junto a ella no *Sancta Sanctorum;* porque assim o tinha mandado Deus, como consta no livro do Exodo, e que sempre estivesse em sua presença: *Repone coram Domino.* [4]

Supposta esta verdade da Historia Sagrada: se passarmos a inquirir a razão e mysterio della, quem ha-

---

1 *Luc.*, XI.
2 *3.° Reg.* VIII, 9.
3 *Hebr.*, IX, 4.
4 *Exod.*, XVI, 33.

verá que nol-o diga litteralmente? Se as Taboas da Lei sempre se guardaram na Arca, o manná porque se não guardou sempre nella? E se o manná esteve algum tempo dentro na mesma Arca, porque depois se tirou fóra? E se esteve fóra, porque não em outro logar, nem longe, senão junto á mesma Arca? A razão e mysterio litteral desta tão notavel variedade em materia tão grande sempre esteve occulto até hoje. Hoje porém o descobriu e declarou quem? Na parte que pertence ao manná uma mulherzinha do povo que não tinha mais sciencia que a sua devoção, dizendo: *Beatus venter, qui te portavit, et ubera, quæ suxisti:* e na parte que pertence ás Taboas da Lei, o mesmo Auctor da Lei, e a mesma Sabedoria Eterna, respondendo: *Quinimò beati qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud.*

Para intelligencia do que digo, havemos de suppor com S. Paulo, que tudo o que succedia, pela maior parte, ou se fazia no tempo dos Patriarchas, e da Lei escripta, era representação e figura do que depois havia de ser no tempo da Lei da graça: *Hæc autem omnia in figura contingebant illis.* [1] Este é o principio fundamental porque a muitas coisas daquelle tempo não achamos a razão de se fazerem, antes parecem feitas contra toda a razão, ainda entre homens santos. E a razão de se lhes não achar razão, é porque a razão da figura não está na figura, senão no figurado. Se vissemos que um pintor pintava um rei pastando entre os animaes, e comendo feno; e outro com o braço esquerdo muito curto, e o direito muito comprido; parecer-nos-hia isto uma grande impropriedade. Mas se o pintor nos respondesse, que no primeiro retratava a Nabucodonosor, e no segundo a Artaxerses, que pela desegualdade dos braços se chamou Longimano; acharíamos a razão da pintura, não nos retratos, senão nos retratados. Da mesma maneira em outros casos do Testamento Velho. Que coisa mais fóra de razão, que levar Jacob o morgado de Esaü, sendo Esaü o primogenito, e Jacob o filho segundo? E que maior sem razão outra vez, que servir Jacob sete annos por Rachel, e darem-lhe em logar de Rachel a Lia? Mas se olharmos para os originaes destas mes-

[1] *I.ª Cor.*, x, 11.

mas figuras, acharemos nelles as razões que nellas de nenhum modo appareciam. Jacob e Lia representavam o povo gentilico, Esaü e Rachel o judaico. E levou Jacob o morgado a Esaü; porque o morgado da fé e da graça, que era do povo judaico, que foi o primeiro, se havia de passar ao povo gentilico, que é o segundo. E sendo Jacob figura de Christo, que serviu pela sua Rachel, que era o povo judaico, como elle mesmo disse: *Non sum missus nisi ad oves, quæ perierunt domus Israel;* [1] desposou-se primeiro com Lia, que é o povo gentilico, e depois se ha de desposar tambem com Rachel, que é o povo judaico; porque, como diz S. Paulo: *Donec plenitudo gentium intraret, et sic omnis Israel salvus fieriet.* [2]

Ao nosso ponto agora. Estar primeiro o manná dentro da Arca, e depois fóra, e junto a ella; ninguem houve jámais que désse ou podesse dar a razão de uma mudança tão notavel. Mas se puzermos os olhos nos originaes que estas duas figuras representavam, acharemos a razão tão clara, que uma mulher sem lettras a entendeu, e publicou ao mundo. A Arca do Testamento era figura da Virgem Maria, o manná de seu Filho Christo: e primeiro esteve o manná dentro na Arca; porque primeiro o concebeu a Virgem, e o trouxe em suas entranhas: *Beatus venter, qui te portavit.* E depois esteve fóra, mas não apartado, senão junto á mesma Arca; porque a Senhora o teve depois em seus braços, e o creou a seus peitos: *Et ubera, quæ suxisti.* E porque razão as Taboas da Lei sempre estiveram na Arca, assim quando o manná esteve dentro nella, como quando esteve fóra? A razão e o mysterio é, porque a mesma Virgem Maria significada na Arca em todo o tempo de sua vida, ou tendo dentro em si, ou não tendo dentro em si ao Filho de Deus, sempre teve a Lei do mesmo Deus dentro em si, e a guardou com a mais pura, com a mais perfeita, e com a mais alta observancia a que poderam aspirar homens nem Anjos. E porque esta foi a maior e mais soberana prerogativa da Virgem Senhora nossa; por isso acudiu logo seu bemdito Filho, declarando, que por ser a mais observante da Lei de Deus, era mais bemaven-

[1] *Math.*, XV, 24.
[2] *Rom.*, XI, 25 e 26.

turada ainda, que por ser Mãe de Deus: *Quinimo beati qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud.*

Explicado assim o Evangelho; que direi sobre elle quanto á festa? O que determino dizer, é que o Rosário para ser bem rezado, não se ha de rezar só com a bocca, senão com o coração, e com as mãos. O fundamento que para esta doutrina (mui necessaria) nos dão as palavras do thema, dirá o discurso: *Ave Maria.*

II

Pone me ut signaculum super cor tuum, et signaculum super brachium tuum. [1] Para me agradares inteiramente, Esposa minha, diz Deus, haveis-me de trazer estampado no coração, e estampado no braço. Os logares hão de ser dois, um dentro, outro fóra: mas a estampa dentro e fóra ha de ser uma só, e essa minha. Eu estampado no coração; porque eu hei de ser o sigillo de vossos pensamentos: e eu estampado no braço; porque eu hei de ser o caracter de vossas obras: *In corde sunt cogitationes, in brachio operationes: super cor ergo, et super brachium sponsæ dilectus ut signaculum ponitur:* diz S. Gregorio Papa. Mas com quem falla Deus nestas palavras, e a quem dá o seu cuidado esta amorosa instrucção? Em primeiro logar a sua Mãe, em segundo a nossas almas. Antes de ser Mãe de Deus, e depois de ser Mãe de Deus, sempre a Senhora trouxe ao mesmo Deus dentro e fóra, no interior e no exterior, no coração e nos braços; mas por differente modo. Antes de ser Mãe de Deus; porque quanto cuidava e obrava, tudo era de Deus, em Deus, e por Deus. Os pensamentos e obras do Filho antes de ser Filho, ainda não eram humanas: mas as da Mãe antes de ser Mãe, por imitação do mesmo Filho, já eram divinas: *Super cor Virginis, et super brachium dilectus ponitur ut signaculum* (diz Alano) *quia in cogitationibus, quæ notantur per cor, et in actionibus, quæ per brachium, Virgo Filium imitatur.* E se isto foi antes de ser Mãe de Deus, depois de o ser que seria? Foi o mesmo, mas por modo singularissimo,

[1] *Cant.*, VIII, 6.

nem imaginado antes, nem imitavel depois a nenhuma creatura. Teve a Deus dentro, e no coração: *Ut signaculum super cor tuum;* porque o teve em suas entranhas: *Beatus venter, qui te portavit:* e teve-o, fóra, e no braço: *Ut signaculum super brachium tuum;* porque o teve em seus braços, e a seus peitos: *Et ubera, quæ suxisti.* Assim commenta o Texto dos Canticos com devota e douta novidade Cornelio, e o concorda excellentemente com o do nosso Evangelho: *Beata Virgo Christum posuit super cor suum, cum eum novem mensibus in utero portavit: super brachium verò, cum eum jam natum in ulnis, et brachiis gestavit.*

Estes foram os dois modos com que a Virgem Senhora nossa, como exemplar de toda a perfeição imitavel, e como excepção de toda a possivel, observou aquelle oraculo do Espirito Santo, de quem foi a primeira e principal Esposa, trazendo a Deus no coração, e no braço, e a Christo dentro em si, e fóra, bem assim como a Arca do Testamento a urna do manná. Um modo foi espiritual, outro corporal, e o corporal com assombro da natureza e da graça mais divino que o espiritual. Trouxe a Deus corporalmente no coração, e no braço: *Super cor, et super brachium;* porque corporalmente o concebeu, e teve em suas entranhas, e corporalmente o creou a seus peitos, e o trouxe em seus braços: e esta é a primeira bemaventurança da Virgem Maria, singular e unicamente sua, e a nenhuma outra creatura communicavel: *Beatus venter, qui te portavit, et ubera, quæ suxisti.* E trouxe a Deus espiritualmente no coração, e no braço; porque espiritualmente em todos seus pensamentos e affectos, e espiritualmente em todas suas obras e acções interior e exteriormente trouxe sempre a Deus em si, e comsigo: e esta é a segunda bemaventurança, na qual posto que a Senhora foi eminentissimamente superior a todas as almas, é comtudo imitavel e communicavel a todas, e a que o Senhor preferiu á primeira: *Quinimò Beati qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud.* E como este segundo modo de trazer a Deus interiormente no coração, e nos affectos, e exteriormente nas mãos e nas obras, é o que podemos e devemos imitar; este é o que a Senhora do Rosario propõe hoje, e ensina a todos os seus devotos, exhortando-os com seu exemplo a que não só tragam o Rosario na bocca, senão tambem no coração, e nas mãos: no coração,

imitando do modo que póde ser o acto de ter a Christo em suas entranhas: *Beatus venter qui te portavit:* e nas mãos, imitando do mesmo modo o acto de o ter nas suas quando o creou a seus peitos: *Eu ubera, quæ suxisti.*

III

Para prova e entendimento deste ponto tão importante e essencial á devoção do Rosario, o que noto e é digno de grande reparo naquella instrucção geral do Espirito Santo, é que só pede Deus ás almas devotas, que o tragam no coração, e nas mãos, e não faz menção da bocca: *Pone me ut signaculum super cor tuum, ut signaculum super brachium tuum:* e não diz mais David grande mestre da oração e da devoção, diz que sempre trazia os louvores de Deus na bocca: *Semper laus ejus in ore meo:* [1] pois se Deus deseja, aconselha, e pede ás almas devotas que o tragam no coração e nas mãos, porque lhes não diz tambem que o tragam na bocca? Porque Deus naquellas palavras (como tambem a Senhora do Rosario hoje) não exhorta a orar, mas ensina como se ha de orar. Suppõe que se ora e reza com a bocca, e accrescenta que ha de ser juntamente com o coração, e mais com as mãos; porque se o coração não fórma as orações, e as mãos as não informam; se o coração as não fórma com os affectos, e as mãos as não informam com as obras; por mais que a bocca dê vozes, todas nos ouvidos de Deus são mudas. Assim o prophetisou David de todas as linguas enganosas: *Muta fiant labia dolosa.* [2] Mas se as linguas enganosas tanto enganam, e tanto fallam, e são as que mais fallam, e as melhor ouvidas; quando, ou onde, ou diante de quem se cumpre esta prophecia de que serão mudas? As linguas enganosas de que falla o Propheta, como depois veremos, são as daquelles, cujo coração e cujas mãos não dizem com o que a lingua diz: e estas linguas por mais que fallem, e por mais bem falladas que sejam, para com Deus, a quem ninguem engana, são mudas. Só o coração e as mãos são as que dão voz á lingua, e lingua á oração diante de Deus.

---

[1] *Psal.*, XXXIII, 2.
[2] *Ibid.*, XXX, 19.

Viu S. João no Apocalypse aquelles vinte e quatro Anciãos, que assistem ao throno de Deus, e diz que todos tinham nas mãos citharas e redomas cheias de suavissimos cheiros, e que deste modo se prostraram diante do Cordeiro, que é Christo: *Et vigìnti quatuor Seniores ceciderunt coram Agno habentes singuli citharas, et phialas aureas plenas odoramentorum.* [1] Não sei se reparaes nas mãos, e nos instrumentos destes musicos do céu: e digo musicos, porque logo accrescenta o Evangelista, que cantavam uma lettra nova: *Et cantabant canticum novum.* [2] Pois se elles tinham as citharas em uma mão, e as redomas na outra: *Habentes citharas, et phialas:* como podiam tocar as citharas? Saibamos primeiro quaes eram as redomas, e ellas nos soltarão a difficuldade, que não está mal arguida. Ruperto, Beda, Ansberto, Richardo Victorino, Hugo Cardeal, Dionysio Carthusiano, a Glossa, e todos concordemente dizem, que as redomas são os corações. E ainda que os corações estejam nas mãos, nem por isso as mãos deixam de tocar as citharas, antes quando as mãos e os corações juntamente as tocam, só então são as suas vozes agradaveis a Deus: porque desacompanhadas dos corações e das mãos, nem são agradaveis, nem teem consonancia, nem são vozes. Serão vozes para os ouvidos humanos, mas para os divinos não são orações. O mesmo Texto o declara admiravelmente: *Habentes citharas, et phialas plenas odoramentorum quæ sunt orationes sanctorum.* Tinham (diz) em umas mãos as citharas, e nas outras as redomas cheias dos suaves cheiros, que são as orações dos santos. De sorte que as orações não estavam nas citharas, senão nas redomas, porque a oração não consiste no som, e nas vozes, senão nos corações, e nas mãos em que as redomas estavam.

E supposto que a replica do oraculo de Salomão, *Super cor, et super brachium*, foi o Texto de seu pae David, *Semper laus ejus in ore meo*, diga-nos o mesmo David, se a sua oração quando orava era só de bocca, ou de bocca, de coração, e de mãos. E' Texto que tem que entender, mas bem entendido, admiravel: *Eructavit cor meum verbum bonum, dico ego*

[1] *Apoc.*, v, 8.
[2] *Ibid.*, 9.

opera mea Regi lingua mea calamus scribæ. [1] Sahiu do meu coração com grande impeto uma palavra boa: eu digo a Deus as minhas obras: a minha lingua é penna de quem escreve. E que quer tudo isto dizer? Nem mais nem menos o que eu vou dizendo. Primeiramente a materia de que falla, e a que chama palavra boa, é o Psalmo 44.°, cujo prologo ou dedicatoria a Deus é este primeiro verso. Diz pois David, que tudo o que representa a Deus naquella sua oração, são palavras boas: *Verbum bonum:* e accrescenta, que todas lhe sahiram do coração: *Eructavit cor meum;* e do coração não de qualquer modo, fria ou negligentemente, senão com grande impeto e affecto, que isso quer dizer, *eructavit.* E já temos que as palavras com que David orava a Deus, não só eram de bocca, senão de bocca e de coração. Mas estas mesmas palavras boas, e sahidas do coração quando David falla com Deus, não diz que são palavras, senão obras: *Dico ego opera mea regi.* Pois se já lhe tinha chamado palavras, como agora lhe chama obras? Porque a minha lingua, diz elle, é penna de quem escreve: *Lingua mea calamus scribæ.* Não se podéra declarar melhor, nem mais discretamente. A penna é a lingua das mãos: e assim como a lingua da bocca falla palavras, a lingua das mãos falla obras: *Dico ego opera mea.* De maneira que ajuntando toda esta sentença, que parecia tão desatada; o que nos ensina David com o exemplo da sua oração, é que quando oramos a Deus, não basta que as palavras sejam boas e santas: *Verbum bonum;* nem basta que quando as pronunciamos fallemos com Deus: *Dico ego opera mea regi:* mas é necessario que não só sáiam da bocca, senão do coração: *Eructavit cor meum:* nem só do coração, senão tambem das mãos: *Lingua mea calamus scribæ:* e que o sahir do coração se prove com os affectos: *Eructavit:* e o sahirem das mãos se prove com as obras: *Opera mea.*

Este é o modo com que digo, ou nos diz e ensina a Virgem Senhora nossa, que havemos de rezar o seu Rosario: não com a bocca sómente, senão com o coração e com as mãos. E para que vejamos que o Psalmo de David que acabo de explicar, falla com os professores do Rosario propria e nomeadamente, leamos-

[1] *Psal.,* XLIV, 1 e 2.

lhe o titulo ou sobrescripto, que é milagroso. O titulo deste Psalmo 44.º na lingua hebraica, em que foi escripto, é *Susanim*, que quer dizer: *Pro rosis*, para as rosas. E que tem este Psalmo com as rosas, ou as rosas com este Psalmo? Agora o veremos. David, quando compunha os seus Psalmos, conforme a composição e materia delles, ordenava juntamente quaes eram os instrumentos a que se haviam de cantar. Assim consta do titulo de muitos outros. E segundo este uso dizem graves Expositores, e de grande erudição, como Marianna e Tyrino, que a razão de dar David tal titulo a este Psalmo, foi porque o nome do instrumento a que se havia de cantar, era derivado de rosas, assim como as contas por onde rezamos se chamam Rosario. Póde haver maior propriedade? Pois ainda tem outra maior. Porque a materia e assumpto de todo o Psalmo, não allegorica, senão litteralmente, como dizem todos os Doutores catholicos, e o confessam os mesmos Rabinos, é um epitalamio, ou poema nupcial do futuro Rei Messias, que é Christo, e da Rainha sua Esposa, que é a Virgem Maria. A primeira parte que começa: *Speciosus forma præ Filius hominum;* [1] contém os mysterios do Filho de Deus feito homem: a segunda, que começa: *Astitit regina à dextris tuis;* [2] contém os mesmos mysterios, em que a Mãe Santissima lhe foi sempre inseparavel companheira, e por isso communs a ambos. E porque estes mysterios são os mesmos de que se compõe o Rosario; esta foi a razão porque o Psalmo em que se prophetisavam, se mandou tambem cantar propheticamente, não a outro instrumento, senão áquelle que se chamava das rosas: *Pro rosis.*

O que agora resta, é que todos os devotos do Rosario se conformem com esta prophecia em o trazer, não só na bocca, senão no coração, e nas mãos. A iris ou arco celeste com as tres côres mysteriosas, que nelle pintam e distinguem os reflexos do sol, já dissemos n'outra occasião que era figura do Rosario: agora nos ensina a Senhora como havemos de usar deste arco, para que as settas de nossas orações rompam as nuvens, penetrem os céus, e firam o coração de Deus.

---

[1] *Psalm.* XLIV, 3.
[2] *Ibid.*, 10.

Notou engenhosamente Santo Ambrosio, que o arco celeste não foi feito para Deus atirar settas aos homens, porque no tal caso havia de ter as pontas voltadas para o céu; mas tem as pontas voltadas para a terra, porque foi feito para os homens atirarem settas a Deus. Porém isto não o podiam os homens fazer, nem no primeiro, nem no segundo estado do mundo, porque o arco não tinha corda. E quando a teve? Quando se deu principio aos mysterios do Rosario no primeiro de todos, que foi a Encarnação do Verbo. As duas pontas do arco eram a Divindade e a Humanidade; e a união hypostatica foi a corda que atou uma ponta com a outra. Armado assim este fortissimo arco, formado dos mysterios de Christo, divinos juntamente e humanos, que são os mesmos do Rosario; as settas, que são as orações vocaes, como se hão de atirar? Hão-se de atirar como se atiram as settas. As antigas Amasonas, cujas armas eram arco e aljava, para poderem atirar mais forte, e mais expeditamente as suas settas, cortavam os peitos direitos. Tanto importa para a força e impulso do tiro, que entre o peito e a mão não haja impedimento, mas se ajuntem e unam. Pois assim como a setta para adquirir violencia ha de sahir da mão e do peito, assim o coração e as mãos são as que dão o impulso ás nossas orações. que d'outro modo não teriam força. Mas para que buscamos similhanças ou exemplos estranhos? O mesmo uso christão, muito diverso do modo com que oravam os antigos, nos ensina praticamente estes dois preceitos ou segredos da arte de orar. Que fazemos quando oramos, se queremos orar devota e efficazmente? Não levantamos as mãos ao céu? Não as pomos sobre o coração? E se a dôr, ou a necessidade, ou a devoção é muita, não apertamos o mesmo coração com ellas? Pois isto que fazemos no exterior, é o que havemos de obrar interiormente quando oramos, não orando só com a bocca, mas ajudando e acompanhando as nossas orações com o coração e com as mãos: e não só com o coração, ou só com as mãos, senão com o coração e com as mãos juntamente. Com o coração, isto é, *super cor*, e nos affectos imitando a Virgem Maria, quando trouxe a Christo em suas entranhas: *Beatus venter qui te portavit:* e com as mãos, isto é, *super brachium*, e nas obras, imitando a mesma Senhora quando o teve em seus braços, e a seus peitos: ***Et ubera quæ suxisti.***

IV

Isto é, devotos do Rosario, o que deverão fazer todos os professores deste santissimo Instituto; mas a causa de muitos o exercitarem com pouco fructo, muito temo que seja, porque oram só com a bocca, sem coração, e sem mãos. Isto mesmo que eu tenha prégado, e pelos mesmos termos prégou o Propheta Jeremias á triste cidade de Jérusalem, quando chorava suas calamidades: *Consurge, lauda: (surge, ora, et obsecra,* lê o hebreu) *effunde sicut aquam cor tuum ante conspectum Domini: leva ad eum manus tuas pro anima parvulorum tuorum.* [1] Ora, Jérusalem, a Deus (diz o Propheta), e ora com o coração, e com as mãos, com o coração prostrado por terra, e com as mãos levantadas ao céu: *Effunde cor tuum, et leva manus tuas:* e deste modo, e nesta postura, que é a mais propria para mover as entranhas de Deus, roga a sua divina misericordia, se compadeça da miseria de teus filhos. Assim o prégou o Propheta, e o persuadiu em parte, mas com pouco ou nenhum fructo, e sem remedio. Porque? Porque ainda que faziam sacrificios e orações a Deus, os corações e as mãos não estavam com elle. Oiçamos primeiro as queixas dos corações, e logo ouviremos as das mãos.

Populus hic labiis me honorat, cor autem longè est á me. [2] Estas palavras disse antigamente Deus ao povo de Israël por bocca do Propheta Isaias, e depois as repetiu Christo por sua sagrada bocca ao mesmo povo, e hoje entre os christãos faz de nós a mesma queixa, e com maior razão. Este povo, diz, louva-me com a bocca, mas o seu coração está muito longe de mim. Quem cuidára que da bocca ao coração havia tão grandes distancias! Deus está em toda a parte, e se os corações destes que louvavam a Deus só com a bocca, estavam longe de Deus, onde estariam? *Ubi eras, cum me laudarent astra matutina, et jubilarent omnes Filii Dei?* [3] Quando os outros que louvam a

---

[1] *Ther.*, II, 19.
[2] *Math.*, XV, 8; *Isai.*, XXIX, 13.
[3] *Job.*, XXXVIII, 4 e 7.

Deus com a bocca, e com o coração estão entre os coros dos Anjos: *Cum quibus et nostras voces;* tu que verdadeiramente o não louvas, e só fallas com a bocca, onde tens o coração? Boa pergunta era esta para a fazerem a si mesmos, não os devotos, mas os rezadores do Rosario. Homem, que com o Padre Nosso, e a Ave Maria na bocca, tão divertidos trazes os pensamentos, e mais divertidos os affectos, por onde anda o teu coração no mesmo tempo? E' certo que anda lá por onde andava o filho Prodigo, pastoreando póde ser o mesmo gado, e sem duvida outro ou outros tão pouco limpos como elle. Quando o Prodigo sahiu da casa do pae, diz a sua historia, que foi para uma região muito longe: *In regionem longinquam.* [1] E que região, e que longe é este? O pae é Deus: o Prodigo são os que teem perdido ou esperdiçado a sua graça: a região muito longe são as cidades, ou os desertos, ou os jardins, ou os bosques, ou os montes, ou os mares, ou os horizontes remotissimos por onde, segundo as diversas inclinações e affectos, trazem divertido o coração do homem os vicios e peccados, que só são os longes de Deus, e infinitamente longes. E como os corações estão tão longe, esta é a primeira causa por que as vozes da bocca não são ouvidas, e vemos tão pouco aproveitados os que assim rezam.

A segunda causa, é porque ainda que a bocca falla, e parece que falla com Deus; se o coração está longe delle, tambem está mudo. Mudo e longe, vêde como será ouvido? *Quam multi sonant voce, et corde muti sunt:* quantos ha que soam com a voz, mas com o coração estão mudos, diz Santo Agostinho. E notae, que não diz o maior Doutor da Igreja, que estes taes fallam com a voz, senão que soam: *Voce sonant:* entre o fallar e o soar ha grande differença. O fallar é proprio e natural do homem; o soar (como balar e mugir) dos brutos. E é lastima grande, que o rezar e orar de muitos, por ser só de bocca sem coração, seja tão alheio de todo o racional humano, que mais se pareça com o soar dos brutos, que com o fallar dos homens. Os homens não só teem obrigação por lei da natureza de fallar como homens; mas podem fallar como Anjos, e como Deus. Como Anjos, diz S. Paulo:

---

[1] *Luc.*, xv, 13.

Si linguis hominum loquar, et Angelorum: [1] como Deus, diz S. Pedro: *Si quis loquitur quasi sermones Dei.* [2] E ha alguns homens que sejam tambem obrigados a fallar como Anjos, e como Deus? Se alguns ha, são os que professam rezar o Rosario. Porque a Ave Maria pronunciada por S. Gabriel, são palavras de Anjos, e o Padre Nosso composto e ensinado por Christo, são palavras de Deus. E homens que deveram fallar como Anjos e como Deus, que não cheguem a fallar, sequer como homens, porque as suas vozes são só de bocca, e não de coração! Lastima é outra vez, não só grande, mas indigna da fé e da mesma natureza. Por isso Deus os não ouve, conclue o mesmo Santo Agostinho: e dá a razão: *Quia ad cor hominis aures Dei, sicut aures corporales ad os hominis:* porque assim como para os ouvidos dos homens se fizeram as vozes da bocca, assim para os ouvidos de Deus, as do coração. Como o homem é corporal e espiritual juntamente; assim como Deus lhe deu dois instrumentos de vêr, que são os olhos e o entendimento, assim o proveu tambem de dois instrumentos de fallar, que são a lingua e o coração: a lingua para fallar com os homens; e o coração para fallar com Deus. Essa é a discreta energia com que David repetia a Deus o que lhe tinha dito: *Tibi dixit cor meum.* [3] Não diz: Eu, Senhor, vos disse; senão, o meu coração vos disse: *Tibi dixit cor meum:* porque a Deus só o coração diz, e com Deus só o coração falla. E como o coração é o instrumento e a lingua de fallar com Deus; assim como os homens só ouvem o que diz a lingua, e não entendem o que diz o coração, assim Deus só ouve o que diz o croação, e não attende ao que diz a lingua. D'aqui vem, que se o coração não falla, ainda que o homem diga cento e cincoenta vezes a mesma coisa, como diz quando reza o Rosario, para com Deus não diz palavra, e verdadeiramente está mudo: *Voce sonant, corde muti sunt.* E estes são os dois impedimentos certos, por que os que chamei rezadores, não são ouvidos. Uma vez, porque estão mudos, e como mudos só movem os beiços: *Populus hic labiis me honorat:* e outra vez, porque

[1] *1.ª ad Cor.*, XIII, 1.
[2] *1.ª Epist. Petr.*, IV, 11.
[3] *Psal.*, XXVI, 8.

estão longe, e muito longe de Deus: *Cor autem eorum longè est à me.*

Allegam porém, ou podem allegar os que assim rézam, que ainda que os seus corações estejam longe de Deus, porque são peccadores, e o não amam de todo coração como deveram; comtudo não rezam sem coração. Porque nós (dizem) temos muito no coração a devoção da Virgem Santissima, e seu bemdito Filho, e senão com todo, ao menos com muito bom coração nos recommendamos em sua graça, e esperamos seus divinos favores. Assim o entendem e dizem: e deste seu dizer se segue, que estes devotos do Rosario teem dois corações como aquelles de quem disse o Propheta: *In corde, et corde loquuti sunt:* [1] um coração que está longe, outro que está perto; um coração mudo, outro que falla; um coração que offende a Deus, outro que se encommenda a elle. E que direi eu a esta replica? Refere Plinio, que as pombas de Paflagonia teem dois corações, e o Propheta Oseas, fallando da sua terra, faz menção de pombas sem coração: *Quasi columba seducta non habens cor.* [2] E na duvida de dois corações, eu antes quizera homens sem coração, que com dois; porque quem não tem coração, não tem affecto; e quem tem dois corações, póde ter affectos encontrados. Quem não tem affecto, nem obriga, nem offende: quem tem os affectos encontrados, offende e desfaz com um o que obriga com o outro. E taes são os affectos daquelles que confessando teem o coração longe de Deus, dizem comtudo, que quando rezam ou oram, o fazem com muito bom coração. Mas diga-nos o mesmo Deus, e oiçamos de sua bocca a resposta desta mesma instancia.

Primeiramente Deus que formou o homem, e lhe sabe melhor a anatomia, não admitte nelle mais que um só coração, e por isso diz: *Cor autem eorum longè est à me.* Admittindo porém a supposição dos dois corações que os homens inventaram, distingue um do outro, não no mesmo, senão em differentes sugeitos, desta maneira: *In ore fatuorum cor illorum: et in corde sapientium os illorum.* [3] Os nescios, diz Deus,

---

[1] *Psalm.* XI, 3.
[2] *Oseas,* VII, 11.
[3] *Eccles.,* XXI, 29.

teem o coração na bocca, e os sabios teem a bocca no coração. Não se podéra distinguir nem declarar melhor a differença dos que oram de um e outro modo. Os que oram com o coração na bocca, são os nescios: os que oram com a bocca no coração, os sabios. Os primeiros, nescios; porque toda a força das suas orações está na bocca, e nas palavras: os segundos, sabios; porque toda lhe sáe do coração, e toda a põem nos affectos. Por isso estas orações são as ouvidas, e aquellas não: *Delectare in Domino, et dabit tibi petitiones cordis tui.* [1] Ponde os vossos affectos em Deus e dar-vos-ha as petições do vosso coração. Do vosso coração, diz David, e não da vossa bocca. Aos que oram e pedem com o coração, ouve e despacha Deus suas petições, porque os seus affectos estão nelle. E os que oram e pedem só com a bocca, sahem escusados, e sem despacho, porque os que haviam de ser affectos, são sómente palavras: *Populus hic labiis me honorat:* e porque sahem só da bocca, e não do coração: *Cor autem eorum longè est à me.*

V

Tão justamente se queixa Deus de faltar ás nossas orações a doce assistencia do coração. Agora veremos se é egualmente justificada a sua queixa por lhe faltar a forte companhia das mãos. Quando Josuë na jornada do deserto se poz em campo contra o poder de Amalech, que impedia aos filhos de Israël o caminho da Terra de Promissão, subiu-se tambem Moysés a um monte, para d'alli encommendar o successo da batalha ao Senhor dos exercitos, sèm cujo favor não ha victoria. Orava o grande Propheta com as mãos levantadas ao céu, as quaes porém pesadas com a carga dos annos desfalleciam pouco a pouco, até que outra vez as tornava a levantar: e aqui succedeu um prodigio admiravel; porque neste subir e descer das mãos de Moysés (como se ellas foram o compasso das armas entre um e outro exercito) quando se levantavam, prevalecia Josuë contra Amalech, e quando se abaixavam

[1] *Psalm.* XXXVI, 4.

ou descahiam, prevalecia Amalech contra Josuë: *Cumque levaret Moysés manus, vincebat Israël: sin autem paululum remisisset, superabat Amalech.* [1] Agora pergunto: e quando as mãos de Moysés cahiam, affrouxava elle tambem o arco da oração, e cessava totalmente de orar, ou orava menos intensamente? De nenhum modo. Sempre continuava e perseverava na oração com a mesma efficacia, e com a mesma instancia: antes naturalmente quando via do monte prevalecer o inimigo, então orava e implorava o soccorro de Deus com maior aperto. Pois se na oração não havia mudança, antes crescia e se afervorava mais ardentemente; porque não seguiam os effeitos as instancias da oração, senão os movimentos das mãos? Porque tanto importa que as mãos acompanhem a oração. A oração desacompanhada e desassistida das mãos, ainda que seja a de Moysés, não consegue o que pretende, antes tem os effeitos contrarios. Vède agora que fructo se póde esperar do Rosario rezado sem mãos. Mas ainda não está ponderada a maior circumstancia do caso.

Quando Moysés disse a Josuë que sahisse a pelejar contra Amalech, o que accrescentou, foi que elle subiria a orar ao monte, levando comsigo a vara de Deus: *Egressus, pugna contra Amalech: cras ego stabo in vertice collis habens virgam Dei in manu mea.* Isto disse Moysés a Josuë, e a todo o exercito para os animar á batalha: e certamente não podia haver motivo de confiança, que maiores espiritos lhes infundisse, e maior valor lhes mettesse nos corações, pois aquella vara era a mesma que no principio da mesma jornada tinha desbaratado e vencido com tantos prodigios os exercitos de Pharaõ, e seus carros, e todo o poder do Egypto muito superior ao de Amalech. Mas quem era esta vara nomeadamente chamada no caso presente, não vara de Moysés ou Arão, senão vara de Deus: *Habens virgam Dei in manu mea?* Esta vara de Deus era a Mãe do mesmo Deus, a Virgem Senhora nossa, como o mesmo Deus depois declarou por bocca de Salomão, dizendo: *Equitatui meo in curribus Pharaonis assimilavi te amica mea.* [2] Assim entendem

[1] *Exod.*, XVII, 11.
[2] *Cant.*, I, 8.

litteralmente este Texto Ruperto, S. Boaventura, S. Pedro Damião, S. Efrem, e outros Padres. Pois se aquella oração não só era de Moysés, senão assistida e patrocinada da poderosissima protecção e amparo da Virgem Maria; como não bastou tudo isto para que supprisse a falta das mãos de Moysés quando affrouxavam e descahiam? Oh grande desengano e exemplo para os que rezam o Rosario sem mãos! Rezam sem mãos, e toda a sua confiança poem em que o mesmo Rosario é da Mãe de Deus, que tudo póde: e enganam-se muito enganados. Se as mãos de Moysés não acompanham a sua oração levantadas, mas a desamparam cahidas; por mais que tenha comsigo a vara de Deus, nem Deus ouvirá a oração de Moysés, nem a vara dará victoria a Josuë, mas vencerá e prevalecerá Amalech: *Cum paululum remisisset manus superabat Amalech.*

E que mãos levantadas são estas, de que tanto depende a oração? Santo Agostinho o disse em tres logares: basta que refiramos um: *Per manus debemus opera accipere: et quis benè manus levat? Ille utique qui implet illud Apostoli, levantes manus puras.* Assim como no coração dissemos que se entendem os affectos, assim nas mãos (diz o Santo) se entendem as obras. E que obras? Aquellas das quaes, diz o Apostolo S. Paulo, que quando oramos a Deus, levantemos as mãos puras. Supposto que Santo Agostinho se refere, e nos remette a S. Paulo, fui buscar o Texto, que é da primeira Epistola a Timotheo; e confesso que quando o li, fiquei tremendo. Oh quantos são os que rezam o Rosario, e quão poucos os que oram a Deus como devem! Exhorta alli S. Paulo a todos, assim homens como mulheres (uns e outros nomeadamente) que façam instante oração a Deus com as mãos levantadas, advertindo porém, e recommendando muito, que sejam puras: *Levantes puras manus.* [1] E para serem puras as mãos dos que oram, que será necessario? Não declara o Apostolo o que é necessario para serem puras, mas declara muito expressamente o que basta para o não serem. Isto é o que me fez tremer, e deve confundir a todos os que por ventura teem em mui differente conta as suas contas. Vae o Texto: *Volo ergo viros*

[1] *1.º ad Timoth.*, II, 8.

orare in omni loco levantes puras manus sine ira, et disceptatione. Similiter et mulieres in habitu ornato cum verecundia, et sobrietate ornantes se, et non in tortis crinibus, aut auro, aut margaritis, vel veste pretiosa; sed quod decet mulieres promittentes pietatem per opera bona: [1] Quero (diz S. Paulo, e eu vou construindo as suas palavras uma por uma ao pé da lettra) quero que os homens orem em todo o logar sem ira, nem contenda: e que do mesmo modo orem as mulheres vestidas honestamente, e com sobriedade (o *cum verecundia*, entendam-no em latim) e que não usem de cabellos torcidos com artifício, nem de oiro, nem de joias, nem de vestiduras preciosas, como é decente a mulheres que promettem piedade e boas obras. Pois isto é, Apostolo sagrado, cuja penna quando escrevia era movida e governada pelo Espirito Santo; isto é o que basta para as mãos que acompanham a oração não serem puras? Isto, e não diz mais. Eu cuidava que fallando S. Paulo dos homens, trouxesse aqui os homicidios, os roubos, os adulterios, e os outros peccados da primeira plana, e só falla na ira, nas contendas e emulações que póde haver sobre os logares. E estes só defeitos, posto que tão ordinarios, e que no conceito commum do mundo offendem levemente a humildade e caridade; estes diz que bastam para impedir os effeitos da oração, e para que sejam impuras nos olhos de Deus as mãos que levantamos ao ceu quando assim oramos. Tambem cuidava que fallando nas mulheres, trouxesse outros desmanchos de maior escandalo, e mais alheios da sujeição e recolhimento daquelle estado, e só falla nas galas, no oiro, nas joias, e nos enfeites da cabeça. E posto que estes cuidados, como o mesmo Apostolo diz, não promettam muito sizo, nem muita piedade, e o uso lhes tem concedido taes privilegios, que mais escrupulos causam á inveja, que á consciencia; comtudo torna a insistir S. Paulo com a mesma asseveração, que as mãos que nestas vaidades se occupam, verdadeiramente são impuras, e que as orações que pretendem subir ao ceu offerecidas por taes mãos, de nenhum modo chegam lá, nem as admitte Deus. Vejam agora cada um, e cada uma das que rezam o Rosario, se são mais puras e innocentes as mãos por onde o passam todos os dias.

---

[1] *1.ª ad Timoth.*, VIII, 9 e 10.

E se estas impurezas de mãos, que parecem veniaes, tanto offendem a Deus, e o desagradam, que serão as de outro pezo tão differente que S. Paulo não nomeou, nem ellas teem nome! Oiçamos aos dois Prophetas maiores, David e Isaias, que com vozes ao parecer encontradas, maravilhosamente apertam este ponto, e aparam esta impureza. David o que desejava e pedia para a sua oração, é que ella subisse ao conspecto divino como incenso: *Dirigatur Domine oratio mea sicut incensum in conspectu tuo.* [1] Pelo contrario Isaias em nome do mesmo Deus protestava, que o incenso para elle era abominação: *Incensum abominatio est mihi.* [2] Pois se David para que a sua oração fosse agradavel a Deus, desejava que subisse como incenso; como diz Isaias que o incenso que se offerecia a Deus, lhe era abominavel? Ainda creio que não percebeis perfeitamente a energia e força de um e outro dito; porque poucos estareis bem informados de qual era o incenso de que ambos fallam. Aquelle incenso não era o que entre nós tem o mesmo nome, e na lingua latina se chama *thus:* mas era uma confeição preciosissima de todas as especies aromaticas mais exquisitas, a qual ardia e se exhalava em suavissimos vapores diante de Deus, e no altar chamado dos Thymiamas se queimava e offerecia por mãos dos sacerdotes. Pois se este Thymiama (o qual tambem tinha sido instituido por Deus com clausula de que no seu Templo fosse Rito sempiterno) se era, digo, de tanto preço, de tanta suavidade e fragrancia, e tão acceito e agradavel á divina Magestade, que não desejava David outra maior acceitação para suas orações; porque o detestava Deus, e abominava com tal extremo, que não só lhe chama abominavel, senão a mesma abominação: *Incensum abominatio est mihi?* Não dissemos já que este incenso ou thymiama era offerecido por mãos dos ministros do Templo? Pois esta era a causa de Deus o abominar tanto. Estes ministros no tempo de Isaias eram homens de muito má vida, avarentos, ambiciosos, soberbos, hypocritas, sacrilegos. E posto que as especies aromaticas de que era composto o incenso, fossem muito cheirosas em si, e de grande suavidade; com-

[1] *Psal.*, CXL, 2.
[2] *Isai.*, I, 13.

tudo eram aborrecidas e abominadas de Deus, porque lhe cheiravam ás mãos dos que as offereciam. Não basta que os thymiamas, os incensos e as orações sejam por si mesmas muito gratas a Deus, se as mãos que as offerecem forem viciosas, inficionadas e impuras: *Sicut in coronis non satis est flores esse puros, nisi pura sit et manus eos contexens:* diz S. João Chrysostomo. E isto é o que acontece ás orações do Rosario, posto que as suas rosas sejam do cheiro mais celestial e divino. As especies de que se compõe a confeição do Rosario são aquellas que nomeia, e de que se nomeia a mesma Senhora: *Sicut cinnamomum, et balsamum aromatizans odorem dedi: quasi myrrha electa dedi suavitatem odoris.* O cinamomo são os mysterios Gososos, a myrrha os Dolorosos, o balsamo os Gloriosos; e sendo este thymiama o mais precioso e odorifero que póde inventar a sabedoria divina; se comtudo fôr offerecido a Deus por mãos inficionadas com vicios e peccados, de nenhum modo lhe será acceito e agradavel, senão aborrecido e abominado, porque cheirará ás mãos que o offereceram.

E porque a metaphora do incenso, ou thymiama não faça duvida, o mesmo Deus no mesmo logar se declarou, como se fallára comnosco, pelo proprio e expresso nome de orações, e pelo proprio e expresso de mãos inficionadas: *Cum extenderitis manus vestras, avertam oculos meos à vobis: et cum multiplicaveritis orationem, non exaudiam:* [1] Quando levantardes as mãos a mim, diz Deus, eu voltarei o rosto, e apartarei os olhos de vós: e quando fizerdes as vossas orações, por mais que as multipliqueis, não vos hei de ouvir. E porque causa, Senhor, ou porque causas (que não podem deixar de ser muitas e grandes), um rigor tão extraordinario, e tão alheio de vossa piedade infinita? *Manus enim vestræ sanguine plenæ sunt:* [2] porque as vossas mãos estão cheias de sangue. Acaba de dizer que não ha de ouvir suas orações, e não põe o defeito nas orações, senão nas mãos. Não porque as vossas orações não sejam boas, pias e santas, mas porque as vossas mãos estão contaminadas de suas proprias obras, e cheias de sangue. Vejam agora

---

[1] *Isai.*, 1, 15.
[2] *Ibid.*

lá muitos dos que trazem o Rosario nas mãos, e os mais poderosos (se é que o rezam) e olhando para as suas mãos examinem bem se póde Deus formar contra ellas um similhante libello: *Manus enim vestræ sanguine plenæ sunt:* porque as vossas mãos estão cheias de sangue. E de que sangue? Do sangue da vingança publica ou secreta: do sangue que derramou a espada, ou a penna: do sangue que ainda vive dentro das veias, e já está destinado a correr dellas: do sangue dos pobres, do sangue dos innocentes, do sangue dos que não teem quem os defenda: do sangue de tantos martyres quantos a vossa potencia, quantos a vossa soberba, quantos a vossa cubiça, quantos a vossa crueldade, quantos a vossa pouca fé em commum, e em particular tem tyrannisado, e tyrannisa. E cuidaes que o Rosario, ou rezado, ou trazido em taes mãos vos póde salvar? Enganaes-vos, que por isso falla Deus de taes orações, quaes são no uso e modo de se rezarem as do Rosario sómente, e nenhumas outras. Notae as palavras: *Cum multiplicaveritis orationem:* quando multiplicardes a oração. Nem a Igreja antiga multiplicava, nem na Igreja presente se multiplica a mesma oração, porque se não repete muitas vezes a mesma, mas sempre se varía. Os Psalmos antigamente todos eram diversos, e as orações hoje tambem são diversas, e só no Rosario se multiplica a mesma oração cento e cincoenta vezes: *Cum multiplicaveritis orationem.* Assim que, resumindo e atando os dois discursos que dividi, ambos se unem com maior força com o primeiro, e todos tres nos teem provado que a Mãe de Deus nos ensina com seu exemplo, que o seu Rosario não se ha de rezar só com a bocca, senão com o coração e com as mãos. Com o coração, assim como a mesma Senhora trouxe a Christo nas suas entranhas: *Beatus venter qui te portavit:* e com as mãos, assim como o trouxe nas suas, e a seus peitos: *Et ubera quæ suxisti.*

VI

Só me podem dizer (e acabo com satisfazer a esta duvida) só me podem dizer os interessados, ou empenhados na devoção do Rosario, que parece rigorosa

e dura condição esta para os que o houverem de rezar como devem. Para ir ao céu, não nos pede Deus mais que a pureza do coração e das mãos. Assim o mandou apregoar o mesmo Deus, e fixar este seu decreto universal em todas as quatro partes do mundo: *Domini est terra, et plenitudo ejus, orbis terrarum, et universi qui habitant in eo.* [1] Este é o principio e a prefacção do decreto. Logo pergunta quem são aquelles que da terra hão de subir ao céu, e permanecer lá eternamente: *Quis ascendet in montem Domini, aut quis stabit in loco sancto ejus?* [2] E responde o mesmo Deus sem excepção de pessoa nem de estado; que só hão de subir ao céu aquelles que tiverem o coração limpo, e as mãos innocentes: *Innocens manibus, et mundo corde.* [3] Logo, segundo o que temos dito, tanto se requer para rezar bem o Rosario, como para ir ao céu? Primeiramente não é muito que se requeira tanto para subir pela escada, como para entrar pela porta; antes o entrar é facil, e o subir difficultoso: e por isso diz o decreto: *Quis ascendet?* Mas disto mesmo se colhe qual é a dignidade do Rosario. Para receber o Santissimo Sacramento, que se requer? Estar em graça. E para ir ao céu, requer-se mais alguma coisa? Nenhuma. Grande é logo a dignidade daquelle altissimo Sacramento, que tanto se requer para o receber, como para ir ao céu. E isto mesmo é o que devem inferir os devotos do Rosario quando lhes prégamos que para o rezarem como convem, é necessaria a pureza do coração, e a innocencia das mãos. Não é condição dura, senão sublime; não é dura, senão admiravel; não é dura, senão celestial e divina. E tanto mais divina quanto comparada. Pureza de coração, e innocencia de mãos para subir ao céu: pureza de coração, e innnocencia de mãos para receber o Santissimo Sacramento: pureza de coração, e innocencia de mãos para rezar como convém o Rosario: *innocens manibus et mundo corde.*

Seja esta a primeira resposta em louvor grande do Rosario; mas a segunda em egual confusão dos que sem esta disposição o rezam, é que o seu rezar não é

---

[1] *Psalm.* XXIII, 1.
[2] *Ibid.*, 3.
[3] *Ibid.*, 4.

rezar, nem o seu Rosario Rosario, senão um dolo, um engano, e uma mera e expressa contradicção de tudo quanto dizem a Deus, ou imaginam que dizem. *Exaudi Domine justitiam meam, intende deprecationem meam: auribus percipe orationem meam non in labiis dolosis:* Ouvi, Senhor, a minha justiça, attendei ás petições que vos faço, percebei a minha oração, porque a minha bocca não vos falla com engano. Estas palavras são de David, nas quaes suppõe que ha orações justas, e orações injustas; orações que ouve Deus, e orações que não ouve; orações a que attende, e orações a que não attende; orações que percebe, e orações que não percebe. E para que Deus oiça e attenda, e perceba a sua oração como justa, o que allega e representa, é que ainda que ora com a bocca, não falla com dolo, nem com engano: *Non in labiis dolosis.* Pois a Deus que tudo vê, que tudo sabe, que nada se lhe póde encobrir, nem dissimular, allega David que a oração da sua bocca não tem dolo, nem engano? Sim; porque muitas orações, que sahem da bocca, se são só da bocca, vão cheias de dolos e de enganos, com que queremos ou cuidamos, que enganamos a Deus, e tão encontradas com o que oramos e pedimos, que o mesmo Deus as não percebe. Tal é o Rosario rezado só com a bocca, sem coração, e sem mãos: sem affectos, e sem obras. E senão vêde-o.

No Padre Nosso nomeamos a Deus como Pae: *Pater noster qui es in cœlis;* na Ave Maria, nomeamol-o como Senhor: *Ave gratia plena; Dominus tecum:* e se a estes nomes de Pae, e Senhor não responde o coração, e as mãos; o coração amando-o como Pae, e as mãos servindo-o como Senhor, tudo é dolo, e engano. Ouvi a Deus pelo Propheta Malachias, *Filius honorat patrem, et servus Dominum suum: si ergo Pater ego sum, ubi est honor meus? Et si Dominus Ego sum, ubi est timor meus?* [1] O filho honra ao Pae, e o servo ao Senhor: e se eu sou Pae, diz Deus, onde está o meu amôr? Se eu sou Senhor, onde está o meu temor? Logo se eu sou Pae, e não me amaes, e eu sou Senhor e não me servis; dolo, e engano é o chamar-me Pae, dolo e engano é o chamar-me Senhor: *In labiis dolosis.* E se no Rosario rezado só da bocca se acham

[1] *Malach.*, I, 6.

estes dolos, não considerando os nomes com que nelle invocamos a Deus; que será discorrendo pelas palavras verdadeiramente dolosas com que affectamos desejar sua gloria, e muito mais naquellas com que lhe pedimos que nos dê o que não acceitamos nem queremos. Não é dolo dizer: *Adveniat Regnum tuum;* quando tantos se alistam e servem debaixo das bandeiras do demonio, e accrescentam vassallos, e escravos ao reino das trevas? Não é dolo dizer: *Fiat voluntas tua sicut in cœlo et in terra;* quando tantos, e quasi todos não tratam mais, que de fazer a propria vontade na terra, e por um momento de gosto falso e torpe, se condemnam a perder o céu por toda a eternidade? Desta maneira, como se poderamos enganar a Deus, fingimos com a bocca desejar sua gloria e honra, quando não só a não desejamos, nem procuramos, mas como se não fôra do Deus que nos creou e remiu, a desprezamos, e por tantos e tão insolentes modos lhe antepomos a nossa. E que direi do que pedimos para nós, em que os dolos e enganos, são ainda mais palpaveis e manifestos? Pede a necessidade o pão nosso de cada dia: e que fé ha tão commedida que se fie da Providencia quotidiana de Deus, e não deseje e ajunte pão para mais dias e annos do que ha de viver: ou que cubiça tão moderada, que o pão que chama nosso, o não misture e amasse com o alheio? Pede o vingativo a Deus que lhe perdoe assim como elle perdôa: e se Deus o fizer assim, lhe tirará logo a vida, e o metterá no inferno, onde elle metteria se podesse os que tem por inimigos, e os persegue e abate, e mette debaixo dos pés em tudo quanto póde. Pede o deshonesto, que Deus o não deixe cahir em tentação: e elle é o tentador que busca, sollicita, e compra as tentações, não duvidando perder por ellas a saude, arriscar a vida, e dar de contado a graça, que vale mais que a mesma gloria. Finalmente, pede a Deus que o livre daquelle mal que só é mal, e todo o mal, porque nos priva do summo bem: e elle está tão fóra de se querer livrar, que estima mais o captiveiro que a liberdade, e por se deixar estar captivo e escravo do peccado, renuncia o resgate que o mesmo Deus offendido lhe offerece, sendo o preço infinito de seu sangue. Este é o modo com que rezam o Rosario os que rezam sem pureza de coração, nem innocencia de mãos, e sómente com a bocca cheia de dolos e enganos: *In labiis do-*

losis: e por isso mais dignos de ser aborrecidos, abominados, e castigados por Deus, que de ser ouvidos.

Seja logo a conclusão de tudo para os que se acham neste estado, o conselho e inspiração do Espirito Santo por bocca de Jeremias: *Scrutemur vias nostras, et quæramus, et revertamur ad Dominum.* [1] Examinemos nossas consequencias, busquemos a Deus, e convertamo-nos a elle: suppra a contricção o que alégora tem faltado á vida; e com esta resolução digna de toda a alma christã, e que tem fé; que se conseguirá neste mesmo instante? Conseguir-se-ha, accrescenta o Propheta, que por este modo não só serão as nossas orações de bocca, senão de coração e de mãos: *Levemus corda nostra cum manibus ad Dominum.* [2] E os que por mercê de Deus se acharem com esta mesma disposição, continuem e perseverem nella; porque, como bem diz S. Gregorio Nazianzeno, em nenhuma occupação se podem empregar nossos corações, e nossas mãos, nem melhor, nem mais util, nem mais necessaria que em acompanhar as preces e orações com que recommendamos nossas almas a Deus, e lhe pedimos sua graça:

Non opus est manuum melius quam tendere cœlo
Castas et toto jungere corde preces.

Mas o principal motivo de todos seja conformarem-se os devotos do Rosario com o exemplo da soberana instituidora delle, assim com o coração como com as mãos: com o coração, imitando a mesma Senhora em quanto trouxe ao Filho de Deus em suas entranhas: *Beatus venter qui te portavit:* e com as mãos, em quanto o teve nas suas, e a seus peitos: *Et ubera quæ suxisti.*

[1] *Thren.*, III, 40.
[2] *Ibid.*, 41.

SERMÃO DECIMO PRIMEIRO

COM O SS. SACRAMENTO EXPOSTO

Extollens vocem quædam mulier de turba, dixit illi: Beatus venter qui te portavit, et ubera quæ suxisti. [1]

I

Não é coisa nova no mundo, posto que lastimosa, que homens lettrados e Religiosos degenerassem em hereges. Taes foram antigamente Pelagio, e modernamente Luthero: um e outro lettrados de fama, um e outro Religiosos de profissão, e ambos heresiarcas impiissimos. E se das escolas e claustros da Igreja catholica sahem monstros tão horrendos, não é maravilha que na Synagoga judaica, e na historia do presente Evangelho os vejamos similhantes. Os Escribas eram os lettrados da Lei, os Phariseus eram os Religiosos daquelle tempo, e uns e outros se declararam tão blasphemamente hereticos no milagre do demonio mudo, que em uma só proposição negaram a Christo a divindade em quanto Deus, e a santidade em quanto homem. Disseram e ensinaram publicamente aos que se admiravam do milagre, que era falso e apparente, e que Christo lançava os demonios dos corpos com poder do principe dos demonios: *In Beelzebub principe dæmoniorum ejicit dæmonia.* [2] Em dizerem que obrava com poder alheio, negavam-lhe a omnipotencia; e em julgarem que esse poder era recebido do demonio, negavam-lhe a santidade: e a quem? Áquelle

---

[1] *Luc.*, XI.
[2] *Luc.*, XI, 15.

mesmo Senhor a quem os mesmos demonios confessavam por Deus, e por santo: *Scio qui sis, Sanctus Dei.* [1] Convictos porém neste famoso Acto da Fé, e sahindo Escribas e Pharizeus todos com mordaças na bocca, emmudecidos pelas razões com que Christo juntamente Mestre e Juiz lhes confutou e condemnou as blasphemias; levantou a voz uma mulher acclamando a victoria da Fé, e dando todo o louvor á Mãe de tão glorioso Filho: *Beatus venter qui te portavit, et ubera quæ suxisti.*

Para expositor e interprete deste insigne Texto, e seus mysterios, elegeu a Igreja entre todos os Doutores sagrados ao veneravel Béda, o qual diz duas coisas notaveis . A primeira, que esta mulher do Evangelho foi figura da Igreja catholica, que nella se representava: *Cujus hæc mulier typum gessit.* E a experiencia tem mostrado a verdade e propriedade desta exposição; pois tomando a Igreja da bocca da mesma mulher estas mesmas palavras, não só as auctorisa como suas, mas as repete, canta e celebra como divinas em todas as solemnidades da Virgem Senhora nossa, e com particular eleição as applica ao dia do seu Rosario. A segunda coisa, e mais notavel ainda, que diz o mesmo Béda, é que nas mesmas palavras, nas quaes se contém os primeiros mysterios do Rosario sómente (como são os da infancia de Christo, *venter qui te portavit, et ubera quæ suxisti)* não só estão refutadas e convencidas as heresias e blasphemias dos Escribas e Phariseus (que eram os hereges presentes) senão tambem, e com a mesma evidencia, as de todos os hereges futuros: *Scribis, et Pharisæos Dominum tentantibus, et blasphemantibus, tanta ejus incarnationem præ omnibus sinceritate cognoscit, tanta fiducia confitetur, ut et præsentium Procerum calumniam, et futurorum confundat hæreticorum perfidiam.*

Isto supposto, que é tudo o que atégora nos tem ensinado a Igreja, eu insistindo na verdade catholica da mesma doutrina, e não me apartando um ponto da auctoridade della (que é na terra a do céu) o que determino dizer hoje é muito mais. Se a verdade do mysterio da Encarnação, que é um só dos quinze do

[1] *Marc.*, I, 24.

Rosario, bastou para refutar os hereges de Judéa, e os que depois delles impugnaram o mesmo mysterio; o que accrescento e digo de novo é que todos os mysterios e orações de que se compõe o Rosario, juntos não só refutam e convencem as heresias de Judéa, senão as de todo o mundo: nem só as dos Escribas e Phariseus, senão as de todos os heresiarcas, e seus sequazes: nem só as daquelle tempo e do futuro, senão as do futuro, as do presente, e as do passado. De sorte que examinadas, não em commum sómente, senão tambem em particular, todas as heresias, todas as blasphemias, todos os erros de todas as seitas, de todas as edades, de todas as terras, de todas as nações, e de todos os infieis do mundo, todas no Rosario estão detestadas, todas no Rosario condemnadas, todas no Rosario confundidas, e todas no Rosario anathematisadas.

Isto é o que hei de prégar hoje. E agora, Senhor, me dou eu o parabem de que vossa infinita Magestade patente nesse throno visivel se dignasse de divinisar com sua real presença a solemnidade deste grande dia: e agora reconheço a justa razão e correspondencia com que o mysterio por antonomasia da Fé desce do céu a honrar os do Rosario. Não podia faltar a maior e melhor parte a este todo, de que o Divinissimo Sacramento tambem é parte. Nesse Divinissimo Sacramento adora a nossa fé o maior mysterio della, no Rosario reconhece e confessa todos. Nesse Divinissimo Sacramento condemna a quantos hereges o negam, no Rosario a nenhum perdôa, nem ainda aos que se não atreveram a o negar. No Sacramento detestamos uma heresia nova, no Rosario as novas e as antigas: no Sacramento em fim uma heresia, e no Rosario todas as heresias. Sendo pois o Rosario a maior e mais universal protestação da Fé, e o mysterio da Fé a fonte de toda a graça: não nos poderá faltar com a graça a mesma Senhora, de quem a mesma fonte teve seu nascimento: *Ave Maria.*

II

Uma das mais notaveis prerogativas, ou a mais notavel e a maior que a Igreja catholica reconhece e celebra na Virgem Santissima Senhora nossa, e de

que lhe dá o parabem, é aquella famosa antiphona: *Gaude Maria Virgo, cunctas hæreses sola interemisti in universo mundo.* Quer dizer: Alegrae-vos, Virgem Maria; porque vós só degollastes em todo o mundo todas as heresias. O louvor que encerram estas palavras, não póde ser maior; mas a difficuldade dellas tambem é grande. Primeiramente S Pedro pelejou contra Simão Mago, que foi o primeiro heresiarca da Igreja, e o derrubou das nuvens, e com os pés quebrados o prostrou aos seus nos olhos de toda Roma. S. João Evangelista pelejou contra Ebion e Cerintho, contra os quaes principalmente escreveu o seu Evangelho. S. Paulo não só a um ou a poucos hereges, mas a todos os de seu tempo confundiu, anniquilou, e fez em cinza com tanto raios quantas foram as suas Epistolas. Depois dos Apostolos estas foram as batalhas e as victorias dos fortissimos Antigontistas de todos os heresiarchas, os Ignacios, os Policarpos, os Irineos, os Justinos, os Lactancios, os Epiphanios, os Athanasios, os Jeronymos, os Agostinhos. Como diz logo e canta a Igreja que a que degollou as heresias foi a Virgem Senhora nossa, e ella só, *sola*? Mais. Estas heresias não foram todas, nem de todo o mundo: porque todas nasceram na Grecia e na Italia, donde se estenderam por algumas provincias da Africa e da Europa: e ainda não tinham sahido do inferno os Erasmos, os Lutheros, os Calvinos, e tantos outros monstros, em cujas heresias está ardendo hoje a França, a Hollanda, a Inglaterra, a Allemanha, a Dinamarca, e a Suecia, e todo o Septentrião enregelado e duro. Pois se ainda vivem e crescem, e nascem no mundo tantas heresias, como as degollou a Virgem Maria, e as matou todas: *Cunctas hæreses interemisti in universo mundo?*

Trataram esta questão dois famosos Auctores do nosso seculo, entre os Theologos Soares, e entre os Escripturarios A' Lapide. [1] E que é o que dizem? O Padre Soares responde que degollou a Senhora todas as heresias, porque foi Mãe de Christo, que é a luz que allumia a todos os homens, e porque depois de Christo foi mestra da Fé, e dos Apostolos, e porque é singular protectora de todos os que a defendem. Mas

[1] Suares in 3.ª part. tom. 2.º disput. 19, sect. 1.ª Cornelius in cap. 3.º Gen. v. 15.

esta resposta posto que verdadeira e solida no que diz, bem se vê que não satisfaz inteiramente á difficuldade proposta, nem enche os vazios de tamanha prerogativa. O Padre A' Lapide mais a confirma com a Escriptura, do que dá a razão della. Diz que aqui se cumpriu a sentença fulminada por Deus contra a serpente, de que uma mulher lhe quebraria a cabeça: e que esta mulher é a Virgem Maria, a serpente o demonio, e a cabeça da serpente todas as heresias: *Beata Maria contrivit serpentem, quia illa fuit semper plena, et gloriosa victrix diaboli, omnesque hæreses (quæ caput sunt serpentis) in universo mundo contrivit, ut canit Ecclesia.*

Que na cabeça da serpente se entendam todas as heresias, bem dito está, porque todas sahiram daquella astuta, inimiga e venenosa cabeça. Assim o affirmam Santo Agostinho, S. João Chrysostomo, Santo Athanasio, e primeiro que todos Santa Ireneu; [1] o qual accrescenta que todos os heresiarcas tiveram demonios familiares, que eram os seus mestres, e lhes ensinavam os erros que haviam de semear. E esta verdade é tão certa, que os mesmos heresiarcas, e os mesmos demonios a confessam. Luthero, o maior heresiarca do seculo passado, em o livro que intitulou *de Missa angulari*, confessa ou se gaba de que elle e o demonio eram tão amigos e tão familiares na conversação e na meza, que tinham comido juntos mais de meio alqueire de sal: *Diabolum, et se inter se mutuo familiariter nosse, et plus uno salis modio simul comedisse.* [2] E dos demonios refere Cassiano na collação setima, que em sua presença e na de outros Religiosos confessara publica e declaradamente um demonio, que a heresia de Arrio e de Eunomio elle lh'a inspirára: *Audivimus apertissimè confitentem se inspirasse hæresim Arrii et Eunomii.*

Finalmente, sem sahir do caso em que estamos, delle consta quem foi o primeiro heresiarca, e quaes os primeiros hereges. O primeiro heresiarca foi o demonio, os primeiros hereges foram Adão e Eva. O demonio foi o primeiro heresiarca, porque tendo Deus

---

[1] Irineu, libr. 1.º Cap. 9.º e libr. 2.º Cap. 57.

[2] Lutherus citatus a Cornel. in Epist. ad Timoth. cap. 6.º, v. 1.

dito a Adão e Eva que no dia em que comessem do fructo vedado morreriam: *In quocumque die comederis, morte morieris:* [1] contra esta proposição, que por ser de Deus era de fé, o demonio pronunciou e ensinou a contradictoria em que consiste a heresia, dizendo que de nenhum modo morreriam: *Nequaquam morte moriemini.* [2] E Adão e Eva foram os primeiros hereges; porque ambos não só duvidaram da palavra divina (o que bastava) mas ambos creram mais ao demonio que a Deus, ambos perderam a fé, como prova Santo Agostinho; [3] e ambos foram reus e cumplices no primeiro crime da heresia. E como a sentença fulminada contra a serpente assentava sobre estas culpas, e tanto em castigo da presente heresia (de que fôra o primeiro dogmatista) como em presagio de todas as futuras, que na sua cabeça se haviam de machinar, e della haviam de sahir; bem se segue que a mulher que lhe havia de quebrar a mesma cabeça, era a que havia de destruir todas as heresias. Mas ainda que esta exposição do Texto declara o verdadeiro sentido da prophecia, não concorda porém com o cumprimento della, nem com o que canta a Igreja; porque a prophecia diz, *conteret;* e a Igreja diz, *interemisti;* a prophecia falla do futuro, e que se havia de cumprir, e a Igreja falla do passado, e que de presente já está cumprido. E se já está cumprido que a Virgem Maria e só ella degollou todas as heresias do mundo: *Cunctas hæreses sola interemisti in universo mundo;* como se verifica esta verdade tão decantada da Igreja, e quando ou de que modo obrou a Virgem Senhora nossa esta tão universal e tão prodigiosa façanha?

Respondo que assim é como o affirma a Igreja catholica, cuja verdade não póde faltar: e que o modo ou instrumento com que a Virgem Maria degollou todas as heresias, foi o seu Rosario. E porque o Rosario é sómente seu, ella foi a que as degollou quando o instituiu: *Cunctas hæreses sola interemisti in universo*

---

[1] *Gen.*, II, 17.
[2] *Ibid.*, III. 4.
[3] August. libr. II, de Gen. ad litteram, cap. 1.º e 24 e libr, 14 civit. cap. 7.º Idem docent S. Ignatius ad Trallianos, Irineus· libr. 3.º, cap. 37. Hilar. in Math. 3.º Epiphan. Hæres, 39. Ambros. Cyrill. etc.

mundo. Quando a Senhora instituiu o seu Rosario, e o seu primeiro prégador o Patriarcha S. Domingos o começou a publicar pelo mundo, referindo o Papa Gregorio IX os effeitos maravilhosos da sua prégação, diz na Bulla da canonisação do mesmo Santo estas grandes e ponderosas palavras: *Dominico sagitante delicias carnis, vt fulgurante mentes lapideas impiorum, omnis hæreticorum secta contremuit.* Como se a prégação de Domingos fosse um arco que despedisse settas contra os corações de carne; e como se a sua voz fosse um trovão do céu, que fulminasse raios contra os entendimentos de pedra, assim fez tremer as seitas de todos os hereges: *Omnis hæreticorum secta contremuit.* Mas se as seitas dos hereges tremeram, tambem a Igreja occidental tinha tremido, diz o Beato Alano de Rupe, [1] vendo a força e progressos com que as mesmas heresias se iam estendendo e abrasando a Europa: *Hic verò intremuit Ecclesia occidentalis, talium adhuc inexperta malorum.* Não houve meio que a Igreja não intentasse para apagar ou atalhar este incendio; porém todos debalde: *Non arma, non doctrina, deerant, deerat oratio:* não faltava a doutrina sã dos Theologos, não faltavam tambem as armas dos principes catholicos, mas faltava a oração. Trouxe-a finalmente do céu a Rainha dos Anjos, ensinando a do seu Rosario: e tanto que o Rosario se introduziu no mundo, cresceu a oração, e defalleceu a heresia: *Prædicandi ac orandi Rosarium, ut in usum venit, crevit oratio, decrevit hæresis.*

Só na Lombardia converteu S. Domingos por meio do Rosario mais de cem mil hereges albigenses. Mas que tem que vêr (torna agora a mesma duvida não já absolutamente, senão sobre o Rosario) que tem que vêr os albigenses com todos os hereges. E que proporção tem a Lombardia com todo o mundo? De que modo logo se póde ou ha de entender que por meio do Rosario degollou e matou a Virgem Senhora nossa todas as heresias do mundo? Digo que o Rosario propria e verdadeiramente mata todas as heresias pelo modo proprio e verdadeiro com que a heresia mata a fé, e a fé mata a heresia. De que modo se matam entre si a heresia e a fé? A fé e a heresia são actos

[1] Alanus a Rupe in Hist. Dominic.

do entendimento com que cremos ou negamos o mysterio e verdade que se nos propõe: e nesta contrariedade ou guerra dos entendimentos é que a fé póde matar a heresia, ou a heresia póde matar a fé. Se a heresia nega o que crê e confessa a fé, mata a heresia a fé: se a fé crê e confessa o que nega a heresia, mata a fé a heresia: e deste modo por meio do seu Rosario matou a Virgem Senhora nossa todas as heresias; porque tudo o que todas as heresias do mundo negam, é o que se crê e confessa no Rosario. De sorte que para o Rosario matar todas as heresias, não é necessario que converta e convença os hereges, e mate as heresias nelles; mas basta que as deteste, e as mate em si mesmo.

Excellente e admiravel prova, e quanto se podia desejar adequada. Antes de Christo vir ao mundo, havia entre os judeus e os gentios a mesma opposição e contrariedade que hoje ha entre os catholicos e hereges: e porque Christo Senhor nosso (por isso chamado Principe da paz) quiz por meio da sua fé acabar esta guerra, e fazer de ambos os povos judaico e gentilico um só povo: *Qui fecit utraque unum.* [1] O mesmo S. Paulo, de quem são estas palavras, diz que Christo matou aquellas inimizades em si mesmo: *Interficiens inimicitias in semetipso, ut duos condat in unum, et reconciliet ambos.* [2] Mas quando fez Christo esta união, e esta reconciliação dos dois povos inimigos, e quando matou estas inimizades? Matou-as nos ultimos annos de sua vida quando instituiu a Lei nova, na qual não ha distincção de judeu e gentio: *Non est distinctio Judæi, et Græci.* [3] Agora entra a grande duvida. Pois se Christo ha mil e seiscentos annos que matou as inimizades que havia entre os judeus e gentios, como perseveram ainda inimigos entre si, e por mais que os gentios convertidos querem converter tambem os judeus, elles comtudo perseveram obstinadamente na mesma inimizade? Porque Christo não matou as inimizades nelles, matou-as em si mesmo: *Interficiens inimicitias in semetipso.* O mesmo fez a Virgem Senhora nossa por meio do seu

[1] *Eph.*, II, 14.
[2] *Ibid.*, XV, 16.
[3] *Rom.*, X, 12.

Rosario. Ainda que muitos hereges em todas as partes do mundo se conservam obstinadamente hereges; a Virgem Maria por meio do seu Rosario matou todas as heresias em todo o mundo: *Cunctas hæreses sola interemisti in universo mundo.* Porque o Rosario ainda que não mate as heresias nos hereges que se não querem converter, mata-as todas em si mesmo, porque em si mesmo detesta as heresias e os erros de todos.

III

Dae-me agora particular attenção, e assim na parte mental do Rosario, que são os quinze mysterios, como na parte vocal, que são as duas orações de que se compõe, vêde como nelle detestamos todas as heresias do mundo.

Primeiramente no numero e fundamento dos quinze mysterios: é muito digno de reparo que os primeiros treze sejam todos tirados do Evangelho, e os dois ultimos mysterios, que são os da Assumpção da Virgem Senhora nossa, e os de sua Coroação no throno da Gloria, não constam dos Evangelhos, nem de outra Escriptura sagrada, senão sómente por tradição dos Apostolos, e da Igreja. Pois se todos quinze se poderam inteirar de outros mysterios que referem os Evangelistas; porque mette junta e egualmente com elles o Rosario, os que só crêmos por tradição apostolica e ecclesiastica? Porque assim era necessario para a inteira e completa protestação da fé, e detestação das heresias. Os hereges modernos negam a fé das tradições, e dizem que só se ha de crêr o que se lê nas Escripturas sagradas: *Neque alia doctrina in Ecclesia tradi, et audiri debet, quam purum verbum Dei, hoc est, Santa Scriptura*, diz Luthero tão inchado como ignorante. [1] Vem cá, herege sobre apostata: na Lei da natureza houve fé? Sim: e houve alguma Escriptura? Nenhuma. Na Lei escripta houve muitas Escripturas? Muitas. E criam-se tambem as Tradições? Tambem: que a mesma Lei o mandava assim. Na Lei da graça houve sempre fé desde seu principio? Sempre. È

[1] Lutherus in Comment. cap. 1.º ad Galat.

houve sempre Escripturas? Não. Porque o Evangelho de S. Matheus que foi o primeiro, foi escripto oito annos depois da Ascenção de Christo, e o de S. João, que foi o ultimo, sessenta e seis annos depois. Pois se as Tradições em todas as leis tiveram auctoridade de fé, como és tu tão sem fé e sem lei, que as negas? E se queres lêr isto mesmo nas Escripturas sagradas, lê a S. Paulo, onde diz: *Accepi à Domino quod et tradidi vobis:* [1] e outra vez, onde diz: *Laudo vos, quod sicut tradidi vobis præcepta mea tenetis:* [2] e terceira vez, onde expressamente declara uma e outra coisa: *Tenete traditiones, quas didicistis sive per sermonem, sive per Epistolam nostram.* [3] E como as verdades que crêmos tanta auctoridade teem pela Escriptura como pela Tradição; por isso os mysterios do Rosario se compuzeram de umas e outras, condemnando nesta catholica composição a impia doutrina de Luthero, e dos seus quatro evangelistas tão falsos como elle, Calvino, Brencio, Kemnicio, e Hamelmano.

Vindo á serie dos mysterios; no primeiro, que é o da Encarnação confessa o Rosario com a Fé catholica que o Filho de Deus encarnou, e tomou a nossa carne por verdadeira e real união da subsistencia do Verbo á Humanidade, ficando Christo verdadeiro Deus e verdadeiro homem com duas naturezas, não confusas, senão distinctas: uma inteiramente divina, e outra perfeitamente humana: e não em duas, senão em uma só Pessoa. E com a Fé e protestação deste mysterio degolla o Rosario cinco famosas heresias. A primeira de Valentino, de Cedron, de Proclo, e de todos os Manicheus, e Priscillianistas, os quaes diziam que Christo não era verdadeiro homem como nós, senão phantastico e apparente, e não nascido na terra, senão descido do céu. A segunda, de Cerinto, de Ebion, de Carpocrates, de Theodoro, Artemon, Paulo Samosateno, Photino, os quaes concediam que Christo era homem, mas negavam que fosse Deus; e este erro é tambem dos Judeus e Mahometanos. A terceira de Nestorio, de Elipando, de Bonoso, e outros, os quaes confessavam em Christo as duas naturezas, divina e humana; mas não em uma só

---

[1] *1.ª ad Cor.* XI, 23.
Ibid., 2.
[3] *2.ª Epist. ad Thess.*, II, 14.

Pessoa, senão em duas, e essas não unidas substancialmente entre si, mas accidentalmente, e só por graça. A quarta de Euthyches, Dioscoro, Philopono, os quaes diziam que de tal maneira Deus se fizera homem, que a humanidade por verdadeira transformação se convertêra na divindade, ficando o que fôra homem, não já homem, senão Deus. A quinta de Polemio, a quem seguiram os Jacobitas, e de Severo, a quem seguiram os Acephalos; o quaes da natureza humana e da divina, faziam em Christo uma terceira substancia, assim como dos elementos simples se compoem os corpos mixtos. Deixo os erros de Apollinar, e de outras na mesma materia, dos quaes por serem tantos, se convence tambem a sua mesma falsidade; porque para acertar ha um só caminho, e para errar muitos.

No segundo mysterio, que foi o da Visitação da Senhora a Santa Isabel, e santificação do Baptista, temos antes de sua degollação a de duas grandes heresias antigas e modernas. A santificação do Baptista cahiu sobre o peccado original, no qual incorreram todos os filhos de Adão como em primeiro pae e cabeça universal do genero humano. Elle peccou, e nelle todos como expressamente diz S. Paulo: *In quo omnes peccaverunt.* [1] E com ser este Texto tão claro, Pelagio, e Celestio negaram obstinadamente haver peccado original. O mesmo erro continuaram Pedro Abaylardo primeiro, e depois os hereges Albigenses e quasi em nossos dias o resuscitaram Erasmo, Fabro, Zwinglio, e outros monstros com nome de christãos: não reparando, como notou S. Agostinho contra Juliano, que quem nega o peccado original, derroca o primeiro fundamento do Christianismo, e quer tirar do mundo a Christo. Por isso o mesmo Christo que reservou o resto da sua doutrina, e milagres para depois dos trinta annos, no mesmo instante em que foi concebido partiu logo a livrar do peccado original a um homem que ainda não era nascido. E porque foi este homem, ou este menino, mais um filho de Izabel e Zacharias, que outro? Para condemnar com o mesmo acto, e desfazer a segunda heresia.

Buccero, Calvino, e Bolingero, [2] de tal modo admit-

---

[1] *Rom.*, v, 12.

[2] Ita Bellarm. tom. 2.º, libr. 1.º, cap. 6.º, pag. 233.

tem o peccado original, que exceptuam delle os filhos dos fieis, e dizem que ainda que morram sem baptismo se salvam, porque pela fé de seus paes nascem santos. E para Christo convencer tambem, e condemnar esta heresia, aquelle menino que escolheu entre todos para livrar do peccado original, não só quiz que fosse filho de paes fieis, mas tão fieis e tão santos ambos como Zacharias e Isabel. E estas são as duas heresias que de um golpe degolla o Rosario no segundo mysterio.

Contra o terceiro (que é o do nascimento de Christo, se levantaram outras quatro: [1] uma pertencente ao Filho, e tres á Mãe. Scythyano, Terbintho, Manes, e os hereges chamados Sampseus, Ussenos, e Helcesséus, não só negaram haver nascido o Filho de Deus da Virgem Maria; mas disseram que em Adão se vestira exteriormente da nossa carne, da qual logo se despira, e a vestia sómente quando havia de fallar aos Patriarchas, e que nella apparecêra depois quando veiu ensinar e remir o mundo, dando côr a este seu fingimento com as palavras de S. Paulo: *Et habitu inventus ut homo.* [2] Póde haver fabula mais chimerica e mais ridicula? Mas tão cegos e tão estolidos como isto são os hereges. Os que creem e confessam a Christo como nascido de Maria Santissima, escurecem e corrompem ametade desta verdade com tres blasphemias, de que estremecem os ouvidos catholicos. Nós, Virgem e Mãe sempre purissima, confessamos que fostes Virgem antes do parto, Virgem no parto, e Virgem depois do parto. E a primeira destas singulares prerogativas negaram os Ebionitas, e Theodotianos: a segunda Gualtero, Buccero, Molineu, e outros Protestantes: a terceira Helvidio, Auxencio, Joviniano, e os hereges Antidicomarianistas, merecedores todos de que o fogo da sarça, cuja perpetua verdura se conservou inviolavel entre as chammas os abrazasse e consumisse. Mas nós, Virgem das virgens, e Mãe admiravel, já desde então na mesma sarça verde antes do fogo, no fogo verde, e verde depois do fogo reconhecemos os tres estados maravilhosos de vossa virginal pureza, cantando todos com a Igreja: *Rubum, quem viderat Moyses*

[1] Epiphan. Hæres, 30.
[2] *Philip.*, II, 7.

incombustum, conservatam agnovimus tuam laudabilem virginitatem: e esta é a espada não de dois, mas de tres fios, com que o Rosario degolla estas tres heresias.

Esta mesma pureza da Mãe de Deus a isentou da Lei da Purificação (que é o quarto mysterio), como tambem e muito mais a seu Filho, por ser o supremo Legislador, e de nenhum modo sujeito a ella. Mas esta immunidade de ambos, exceptuada claramente na mesma lei de Moysés, negaram depois todos os hereges que então havia em Judéa [1] Phariseus, Saduceus, Dositheus, Hemerobaptistas, Herodianos, cumprindo-se nelles a prophecia de Simeão prégada no mesmo dia, e no mesmo Templo: *Ecce positus est hic in ruinam, et in resurrectionem multorum in Israel, et in signum, cui contradicetur.* [2] Foi Christo para Israël a ruina dos que o negaram, e a exaltação dos que o crêram: *In ruinam, et in resurrectionem multorum in Israel.* E para todos os outros foi um alvo de contradição: *In signum, cui contradicetur:* porque todos os que erram na fé, atiram contra elle as settas de suas heresias: e pelo contrario todos os que a crêem e professam como nós no Rosario, contradizendo e refutando essas mesmas heresias, lhe quebramos as settas.

E para que isto se veja com maior clareza, sem sahir do mesmo Templo, passemos ao quinto mysterio. Achou a Senhora a seu Filho depois de perdido assentado entre os Doutores, admirados elles de tanta sabedoria em tão tenra edade, e das respostas que dava a todas as questões que se lhe propunham. E porque o Evangelista diz que tambem ouvia e perguntava, *Audientem illos, et interrogantem,* [3] como o ouvir é mais proprio de quem aprende, e o perguntar de quem duvida, ou ignora: d'aqui tomaram occasião muitos hereges para crêr e ensinar que em Christo podia haver ignorancia e erro. Assim o crêram antigamente os Gnosticos, os Themistianos, os Agnoitas, [4] e assim o dogmatisaram em nossos tempos Luthero e Calvino, e o

---

[1] Omnes isti citantur pro eo tempore á Baronio et ex eo á Spondano in Apparatu, pag. 2.ª e 3.ª.

[2] *Luc.*, II, 34.

[3] *Luc.*, II, 46.

[4] Ita de illis Epiphan.

discipulo destes, e mestre de muitos outros, Beza. [1] Tão longe esteve porém da baixeza de similhante pensamento Apollinar, que sendo tambem herege, errou tanto por alto, que negando á alma de Christo o entendimento humano, poz em seu logar o divino. Mas o que ensina a Fé catholica neste ponto, é que assim como em Christo ha duas naturezas, assim tem dois entendimentos, um divino, outro humano. E a sciencia deste entendimento humano foi tão perfeita e consummada, não depois dos doze annos, senão desde o instante de sua conceição, que tudo soube com evidencia, nenhuma coisa ignorou, em nenhuma pôde errar. E isto é o que em todos os mysterios Gososos, desde o primeiro até o ultimo, confessa e protesta o Rosario.

IV

Passando aos mysterios Dolorosos; não só discreta mas verdadeiramente disse Tertulliano, [2] que a nossa fé sempre está crucificada entre duas heresias, como Christo entre dois ladrões. Porque uns a impugnam de uma parte, e outros da outra, não unidos na mesma sentença, ou no mesmo erro, senão contrarios entre si. Por isso Santo Ambrosio e Santo Agostinho [3] compararam os hereges ás rapozas de Samsão, as quaes elle atou, não pelas cabeças, senão pelas costas, voltadas umas contra as outras: *Caudasque earum junxit ad caudas, et faces ligavit in medio.* [4] Para queimarem a seara unidos, mas tirando cada um para sua parte, e essas contrarias.

O primeiro mysterio Doloroso, e da Paixão de Christo, foi o do Horto: e que dizem os hereges? Uns dizem que não padeceu o Senhor as penas e afflicções que referem os Evangelistas: outros dizem que as padeceu muito maiores e inauditas. Tão conformes contra a fé, como negarem todos o Evangelho; e tão con-

---

[1] Ita de illis Bellarm.
[2] Tertull. relatus á Maldon. in cap. I. Math.
[3] D. Ambros. in Psalm. 118. Serm. II D. August. Serm. 107, de tempore.
[4] *Judic.*, XV, 4.

trarios entre si, quanto vae de padecer Christo a não padecer: e não só encontrados no que dizem, senão tambem nos fundamentos falsos porque o dizem. Menandro e Saturnino, e Apelles, disseram que não padecera Christo, porque não tomára verdadeiro corpo, senão phantastico: [1] Serveto, Memnon, e os Anabaptistas, porque era de materia celestial e divina. Juliano Alicarnasseu, Caiano, Theodoro, e outros, [2] posto que concedem que a carne de Christo era como a nossa em tudo o mais, negam comtudo que padecesse, ou podesse padecer, porque era impassivel. Em summa, que todos estes hereges por tão diversos caminhos veem a concordar em que as penas de Christo não foram verdadeiras: por mais que o Evangelho de Isaias esteja clamando: *Verè langores nostros ipse tulit:* [3] e o de S. Lucas affirme que lhe fizeram suar sangue.

Isto é o que disseram os hereges que não creram aos Evangelistas. E os que os creram contentaram-se com isso? Não foram elles hereges, se se accommodaram com a verdade. Foi tão blasphema a lingua, e tão sacrilega a penna do impiissimo Calvino, que se atreveu a prégar e a escrever, que desde o Horto até espirar na Cruz, padecêra Christo as penas do inferno: e que assim fôra necessario como Redemptor para satisfazer pena por pena, e inferno por inferno, a mesma pena e inferno a que estavam condemnados aquelles a quem remia. [4] O mesmo seguiram Melanchthon e Brencio, não entendendo a soberba ignorantissima destes blasphemos precitos, que bastava a menor gotta de suor de Christo no mesmo Horto, ainda que não fôra de sangue, para pagar e apagar mil infernos. Accrescenta o heresiarca, que destes tormentos se quiz livrar o Senhor quando disse: *Si possibile est transeat à me calix iste:* [5] e Christo accrescentou: *Non mea voluntas, sed tua fiat;* [6] para deixar confutada outra grande heresia. Macario Antiocheno, Cypro Alexandrino, Sergio Constantinopolitano, e todos os

1 Epiph. Hæres. 22. Bellarm. de Christo, libr. 3.º cap. 1.º.
2 Suares, part. 1.ª disp. 3.ª sect. 1.ª
3 *Isai.*, LIII. 4.
4 Bellarm. libr. 4.º, cap. 8.º.
5 *Math.*, XXVI, 39.
6 *Luc.*, XXII, 42.

que pelo mesmo erro se chamaram Monotelitas, posto que reconheciam em Christo duas naturezas distinctas, não admittiam nellas mais que uma só vontade, que era a divina; mas para que cressem e entendessem todos, que assim como as naturezas eram duas, assim eram tambem duas as vontades; por isso distinguiu tão claramente o Senhor a vontade humana da divina, dizendo: Não se faça a minha vontade, senão a vossa. E toda esta é a Fé que confessa, e todas estas as heresias que degolla o Rosario na meditação do primeiro mysterio Doloroso.

No segundo (que é o dos açoites á columna) padeceu Christo atado a ella, não já as dôres da propria e interior apprehensão, senão as da violencia e crueldade atroz de seus inimigos. E foi tal o deslumbramento da heresia, assim neste como nos outros passos da Paixão, que muitos hereges tiveram para si que a divindade de Christo, immortal por natureza, e impassivel, fôra a que nelle morrera e padecera. Assim o escreveu no seculo passado tão imprudente como ignorantemente Luthero, [1] resuscitando as antiquissimas heresias de Euthyches, Dioscoro, Sergio, Pyrrho e Paulo e de todos os Euthychianos divididos em tantas blasphemias como seitas. Não atinava a philosophia cega destes presumidos idiotas, como era possivel que sendo Christo Deus, e padecendo Christo, não padecesse a mesma divindade, pela qual é Deus! Padeceu Deus, e morreu Deus, são proposições catholicas e de Fé: logo se Deus morreu e padeceu, como não morreu nem padeceu a divindade? A verdadeira theologia o declara facilmente com a que nella se chama communicação dos idiomas. Assim como do mesmo homem se diz com verdade que vê e ouve; e com a mesma verdade que entende e ama; e não se segue por isso que entende e ama pelos sentidos do corpo, nem que vê e ouve pelas potencias da alma; assim de Christo, que é Deus e homem, se diz verdadeiramente que padeceu e morreu; mas nem por isso se segue que padeceu pela divindade, que é immortal e impassivel, senão pela humanidade, que é passivel e mortal. E isto é o que professa o Rosario, e com que facilmente degolla essas blasphemias e heresias.

---

[1] Bellarm. in præfatione ad libros de Christo.

Em Christo coroado de espinhos (que é o terceiro mysterio) e adorado por escarneo com a injuriosa saudação de *Ave Rex Judæorum*, tres foram as heresias que então e depois lhe negaram este glorioso e verdadeiro titulo, até por Pilatos, que o condemnou, confessado. Os primeiros dogmatistas dellas foram os Escribas e Phariseus, e os Principes dos Sacerdotes de Jérusalem, quando com as vozes de todo o povo clamaram: *Non habemus regem, nisi Cæsarem;* [1] sendo este Cesar Tiberio. Os segundos foram os Herodianos, chamados assim porque tendo cessado o sceptro de Judá, por adularem a Herodes o reconheceram por Messias, e adoraram por rei dos Judeus. [2] Os terceiros não só da mesma nação, senão tambem Romanos, foram os que applicando as prophecias de Christo ao imperador Vespasiano, o tiveram e acclamaram por tal: entre os quaes seguiram, e celebraram o mesmo erro Cornelio Tacito, e Suetonio, e, o que é mais, Josepho, que então vivia, com ser judeu: cegueira e infamia abominavel se assim o cria, e maior ainda se o escreveu sem o crêr. Tão vil é a dependencia e a lisonja!

Coroado pois de espinhos o supremo Senhor, e verdadeiro Rei não só dos Judeus, mas de todos os homens e Anjos (como confessa a nossa Fé no terceiro mysterio do Rosario) o quarto, em que levou a cruz ás costas, e o quinto, em que foi pregado e morto nella, de tal sorte os involveu, e ajuntou a heresia, que nem nós referindo-a os podemos separar. Basilides, antiquissimo heresiarca, ensinou á sua Escóla que o crucificado e morto no Monte Calvario não fôra Christo, senão Simão Cyrineu, o mesmo que lhe ajudou a levar a cruz. Assim o escrevem Santo Ireneu, Tertulliano, Eusebio Cerasiense, Santo Epiphanio, e Santo Agostinho. E pois tão grandes Padres da Igreja julgaram que não ficasse em silencio um tão fabuloso fingimento, eu o quero referir pelas palavras de seu mesmo auctor, que tiradas de Santo Epiphanio, são estas: *Illum in eo quod portabat crucem, transformavit in suam speciem, et seipsum in Simonem: et pro seipso tradidit Simonem, ut crucifigeretur. Cùm autem crucifegeretur, stabat ex opposito invisibilis Jesus, diridens eos, qui Si-*

---

[1] *Joan.*, XIX, 15.
[2] Baron. anno Christi 71.

monem crucifigebant: ipse verò discessit ad cœlestia. Quer dizer: que quando Simão levava a cruz ás costas, Christo o transformára em si, e puzera nelle a sua similhança, e deste modo o entregára para ser crucificado; e que no mesmo tempo o Senhor feito invisivel estava defronte rindo-se dos que crucificavam a Simão, cuidando que o crucificavam a elle: e que d'alli se fôra para o céu. Tal foi o desatino deste bruto com nome de racional, ao qual imitou outro da mesma fé, e do mesmo juizo chamados Marcos, e destes se derivaram os hereges Basilidianos, e os Marcitas. Tambem negaram a morte e cruz de Christo todos os já referidos, que lhe attribuiram corpo phantastico, ou celestial, ou divino, ou humano, mas impassivel: tendo uns e outros por menos inconveniente admittir em Christo este fingimento, que a verdadeira morte de cruz, como se não fôra maior indignidade em Deus o enganar que o morrer, pois o enganar é mentir, e o morrer amar. Nós porém confessando no Rosario, e prégando com S. Paulo: *Christum, et hunc crucifixum;* [1] não só degollamos esta feia, e monstruosa heresia, mas a outra ainda maior que nella se encerra com que juntamente negavam a salvação do mundo.

V

Nos mysterios Gloriosos, que são os ultimos, tambem tem muito que fazer, ou desfazer o Rosario. O da Resurreição de Christo foi o primeiro; e os primeiros hereges que o negaram foram os Judeus, os quaes assim como lhe tinham comprado a morte, lhe quizeram tambem comprar a resurreição. Deram dinheiro aos soldados que guardavam o sepulchro, para que dissessem que estando elles dormindo, vieram os Discipulos e o roubaram. Tal é a verdade das testemunhas como a fé dos que as compraram! Ou os soldados dormiam, ou não dormiam: se não dormiam, como o deixaram roubar? E se dormiam, como viram que o roubaram? Já David disse que a maldade se mentia a si mesma: *Mentita est iniquitas sibi:* [2] mas

---

[1] *1.ª ad Cor.*, II, 2.
[2] *Psal.*, XXVI, 12.

que se minta e se creia, só na obstinação da heresia se acha. Todos os hereges que negaram a Christo a morte, lhe negaram coherentemente a resurreição, porque quem não morre não resuscita. Mas o errar, coherentemente, não é emendar o erro, é multiplical-o. Hereges na morte, hereges na resurreição, e por isso dobradamente hereges. Até os que concedem a Resurreição de Christo, erraram nella torpemente. [1] Apelles disse que resuscitára, mas não na mesma carne em que morrêra, senão em outra. Outros que refere Tertulliano, que resuscitára sem corpo: outros que com corpo mas sem sentidos. Cerintho com nova e ridicula distinção, diz que o que morreu não foi Christo, senão Jesus, e do mesmo modo o que resuscitou tambem foi Jesus, e não Christo. E para que não houvesse circumstancia na resurreição sem sua heresia; os Armenos disseram que resuscitára ao segundo dia, e não ao terceiro; e os Cerinthianos, que nem ao terceiro dia resuscitára, nem ainda em seu tempo estava resuscitado; mas que resuscitaria depois. Tudo isto disseram as heresias: e o Rosario que diz? Diz o que dizem as Escripturas, ás quaes só no mysterio da Resurreição, se refere o Symbolo: *Et resurrexit tertia die secundum Scripturas.* Diz pois o Rosario, que resuscitou o mesmo Christo que morrera, que resuscitou ao terceiro dia, e que se resuscitou a si mesmo, como Deus que era. E com estas tres clausulas, em que consiste toda a fé da Resurreição, assim como Christo triumphou da morte e do inferno, triumpha elle de toda esta farragem de heresias.

No segundo mysterio, que é o da gloriosa Ascenção de Christo, tambem deliraram muito os hereges, e por muitos modos. Alguns, como refere Santo Agostinho, [2] disseram que só a alma de Christo subira ao céu, e o corpo ficára na terra: d'onde se segue que nem na terra nem no céu estaria hoje Christo. Na terra não, porque Christo não é corpo sem alma: no céu não, porque não é alma sem corpo. Os Manicheus só admittiam que Christo subiu em fórma corporal visivel; mas até ás nuvens sómente, e que alli se resol-

[1] Epiph. Hæres, 28. Irineu, libr. I, cap. 24. August. de Hæresibus, libr. 7.º Tertull. Philast.

[2] Santo Agostinho *de Agone Christi*, cap. 25.

vera em ar, e se desvanecera. Erro que depois abraçaram Brencio e Illyrico egualmente hereticos e blasphemos. Os Seleucianos e Hermianos partindo a jornada da Ascenção, fingiram que Christo subira em corpo e alma até o quarto céu, e que deixando o corpo no sol, d'alli se partira para o empyreo. Assim interpretavam o verso de David: *In sole posuit tabernaculum suum:* [1] aos quaes seguiu Hermogenes no mesmo fingimento. Porém Fabro com nova fabrica, e depois delle Luthero, Brencio, Uvigando, Musculo, Smidelino, e toda a canalha de hereges de nosso tempo, dizem que nem Christo subiu, nem podia subir ao céu. [2] O argumento com que o pretendem provar é tão falso e tão heretico como o mesmo assumpto. Subir é deixar um logar mais baixo, e adquirir outro mais alto: Deus, a quem está unida a humanidade de Christo, está em todo logar: logo tambem a mesma humanidade está em todo logar: e quem está em todo logar, não póde subir, porque não póde deixar um logar, e adquirir outro. Por este argumento se chamam estes hereges *Ubiquitarios*, os quaes cuidando que diziam uma grande subtileza, disseram duas finissimas heresias: uma que suppoem, outra que inferem. Suppoem que a união da divindade communicou á humanidade de Christo o attributo da immensidade: inferem que nem subiu, nem podia subir ao céu: e estas duas heresias se degollam quando menos com quatro Textos expressos. O primeiro de S. João: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem:* [3] o segundo de S. Lucas: *Et ferebatur in cœlum:* [4] o terceiro de S. Marcos: *Assumptus est in cœlum, et sedet á dextris Dei:* [5] o quarto do mesmo Christo: *Ascendo ad Patrem meum, et Patrem vestrum.* [6] E isto é o que professa e protesta o Rosario.

O terceiro mysterio Glorioso é o da vinda do Espirito Santo, cujas linguas de fogo sempre queimaram, e fizeram raivar os hereges. Cães raivosos chama Santo

---

1 *Psalm.* XVIII, 6.
2 Apud Bellarm. de Incarnat. libr. 3.º, cap. 12.
3 *Joan.*, XIII, 1.
4 *Luc.*, XXIV, 51.
5 *Marc.*, XVI, 19.
6 *Joan.*, XX, 17.

Epiphanio [1] aos Basilianos e Georgianos, os quaes mordendo como Arrio a Santissima Trindade, quizeram tirar a divindade ao Espirito Santo, e lhe chamaram creatura: *Velut rabiosi canes impudenter creaturam ipsum penitus decernunt: atque sic affirmant á Patre, et Filio alienum esse.* O mesmo erro ensinou o impiissimo Macedonio, [2] e seus sequazes Eustathio e Leusio, Marathonio, Aëtio, e todos os Semiarrianos, e muito antes delles os Simonianos e Samaritas. E se perguntarmos a estes e outros similhantes hereges, que é o Espirito Santo, supposto que dizem que não é Deus; Macedonio disse que é o primeiro Anjo superior no poder e auctoridade a todos. Hierax, [3] de quem tomaram o nome os hereges Hieracitas, disse que era homem, e não outro senão aquelle que nas Escripturas se chama Melchisedech. Mas esta heresia refutou Macario nos desertos do Egypto com um argumento, que não tem resposta. [4] Foi lá um herege, hieracita muito erudito e eloquente, a prégar esta falsa doutrina aos monges: e como elles não soubessem responder porque não tinham estudado; eu te responderei, disse Macario, que era o Prelado. Mandou vir um morto em presença de todos: disse ao cadaver frio, que em nome do Espirito Santo recebesse logo espirito de vida: e que succedeu? Levantou-se subitamente vivo: fallou o morto, e emmudeceu o herege. [5] Mas como não bastam milagres contra a obstinação heretica, ainda vão as heresias por diante. Pedro Abaylardo disse que o Espirito Santo era a alma do mundo: Donato disse que era Deus, mas menor que o Filho, como tambem o Filho menor que o Padre: e d'aqui nasceu a heretica distinção dos que ao Espirito Santo chamam, *Deus maynus*, ao Filho, *Deus maior*, ao Padre, *Deus maximus*. Exlay, heresiarca e pseudo-propheta, [6] com fabula mais ridicula, disse que o Verbo e o Espirito Santo, ambos são filhos do Padre, só com dif-

---

1 Epiphan. hæres, 24.
2 Baron. anno Christi 360. Idem in Apparatu loquens de Samaritis.
3 Epiph. hæres, 67.
4 Spondan. anno Christi, 287.
5 Reliqua ex Baronio sub iisdem nominibus.
6 1.º Epiph. hæres 19 e 53. Euseb. Hist.

ferença no sexo. Finalmente, os mesmos Basilianos, que foram os primeiros hereges contra o Espirito Santo, reconhecendo o seu erro, confessaram que o Espirito Santo verdadeiramente é Deus egual em tudo ao Padre e ao Filho; mas que o Padre e o Filho e o Espirito Santo não são tres pessoas distinctas, senão uma só. Tal é a cega condição dos hereges, que ainda quando acertam, não sabem emendar um erro sem outros! Sendo porém tantas e tão varias as heresias que o Rosario degolla na confissão deste só mysterio, ainda lhe resta hoje mais que degollar, porque depois de estar convencida, pacifica, e adorada em toda a Igreja a divindade do Espirito Santo por mais de mil e duzentos annos, Serveto, e Valentino Gentil, e com elles Calvino, Beza, Melancthon, e os outros hereges desta calamitosa edade, ou negam a divindade ao Espirito Santo, com que tornam a ser Arrianos, ou lh'a concedem com distincta Pessoa e natureza, com que de novo são Trietistas.

Os mesmos pois que assim tratam a divindade do Esposo, como tratam a gloria da Esposa, que é a que só nos resta no quarto e quinto mysterio? Dos hereges Arrianos que negavam a divindade ao Verbo Eterno, e a concediam só ao Padre, disse elegantemente Santo Agostinho, que cuidavam que não podiam honrar o Pae senão com affronta do Filho: *Non se putant ad unici Patris gloriam nisi per unici Filii contumeliam pervenire.* E nós podemos dizer dos hereges de nosso tempo, que parece cuidam que não podem honrar o Filho senão com affrontas da Mãe, sendo certo que ao Filho diminuem a divindade, e á Mãe tiram totalmente a gloria. Luthero, Calvino, Melancthon, Brencio, Buccéro, Lossio, Sarcerio, Culmáno, Schenkio, e os demais (cumprindo-se nelles a prophecia das inimizades entre a serpente e a mulher que lhe havia de quebrar a cabeça) todos como inimigos jurados da Mãe de Deus a publicam blasphemamente por indigna de toda a honra, de todo o culto, de toda a veneração, com que os catholicos muito menos do que suas prerogativas merecem, a celebramos. Desde o mysterio da Encarnação até o da Assumpção gloriosa (que são todos os do Rosario) nenhuma acção ha da soberana Virgem, que não abatam, que não envileçam, que não mordam, que não roam, e em que não empreguem furiosamente os dentes venenosos estes filhos

da serpente infernal. Não deixarei de dizer aqui uma só coisa que approvou e lhe pareceu exemplar ao irreligiosissimo Luthero. Em um sermão da Visitação, diz assim: *Maria non sua causa Elisabetham adiit, nec aliam ob causam, quam ut prægnanti inserviret. Per hoc subruuntur omnia instituta, et ordines, qui eo tantum intendunt, ut sibi, non etiam aliis commodi sint:* Maria (que tão simplesmente a nomeia) não foi visitar a Isabel por amôr de si, senão para a servir a ella. E por esta acção ficam derrocados todos os institutos e ordens monachaes, que dentro dos claustros tratam só de si, e não dos outros. Isto, isto, infame apostata, isto é o que só louvas? Isto é o que só te agrada depois que com o habito despiste a clausura, a religião, a fé, o juizo, a vergonha? Mas vamos ao ponto.

Prohibiu Luthero todas as festas da Virgem Senhora nossa, e mais particularmente a de sua Assumpção. E porque? Porque segundo os fundamentos da que elle chamou Religião reformada, a mesma Mãe de Deus não teve maior santidade que qualquer outra creatura humana, ainda que fosse tão pouco santa como o mesmo Luthero. São palavras expressas suas: *Tam nos sancti sumus, atque Maria, si modo in Christum credamus:* [1] qualquer de nós é tão santo como Maria, com tanto que creiamos em Christo. Póde haver mais atrevida e mais descarada blasphemia? O fundamento desta e das demais tão abominavel como ellas, é dizerem as seitas de Luthero e Calvino, que o céu não se dá por merecimentos: [2] que pelas boas obras não se adquire graça ou santidade: que só a fé, ainda que faltem todas as outras virtudes, faz justos: e que os justos no céu todos são eguaes, porque a gloria se dá só pelo sangue de Christo, o qual se derramou egualmente por todos. D'aqui se seguem duas consequencias notaveis contra a Assumpção e Coroação da Virgem Senhora nossa. A primeira, que a Mãe de Deus no céu não teria maior gloria, nem melhor logar que qualquer outro bemaventurado; porque todos se lhe

[1] Luther. in postill. circa Evangel. dominic. 3.ª post Epiphan.

[2] Haec omnia laté Bellam. in libris de Gratia et libr. arbitr. et in libris de justificatione et bonis operibus.

egualam. A segunda, que a mesma Mãe de Deus ainda não está nem póde estar no céu; porque sem a fé lutherana e calvinistica (como elles ensinam) ninguem se póde salvar: e sendo a fé da Virgem Maria a maior de todas, é certo e de fé catholica, que não teve tal fé como a sua. Mas não são necessarias consequencias para inferir esta heresia; porque o mesmo Luthero e Calvino [1] dizem expressa e declaradamente, que ninguem até hoje entrou no céu, excepto só a Pessoa de Christo Senhor nosso, e que todos os outros estão de fóra esperando pelo dia do Juizo final, entrando tambem nesta conta a propria Mãe de Christo. Porém a mesma Senhora, que sabia isto melhor que Luthero e Calvino, com a experiencia de mil e duzentos annos, quando instituiu o seu Rosario; só com introduzir nelle os dois mysterios de sua gloriosa Assumpção e Coroação, egualmente degollou no mesmo Rosario a temeridade blasphema desta heresia, como a impiedade de todas as outras: *Cunctas hæreses sola interemisti in universo mundo.*

VI

Desta maneira refuta e degolla as heresias a parte mental do Rosario, que são os mysterios: e não com menos efficacia, antes mais declaradamente faz o mesmo a parte vocal, que são as orações de que é composto. E antes que desçamos ao particular de cada uma, digo que as mesmas orações do Rosario por si só, e geralmente tomadas, são uma protestação universal da fé catholica, com que detestam e condemnam todas as seitas e heresias contrarias. Notae muito a razão deste dito, que sendo evidente, não é vulgar. A razão é, porque toda a Religião ou Seita diversa se funda em differente fé: toda a differente fé se funda em differente esperança: e toda a differente esperança pede differente oração; porque cada um pede conforme espera, e cada um espera conforme crê. Porque ensinou Christo Senhor nosso a seus Discipulos uma tão

[1] Luth. in prælectione in Genesim. Calvin. libr. 3.º Institutionum cap. 20, 24 e 25.

diversa e tão nova fórma de orar como é o Padre nosso? Por isto mesmo. Porque como instituia uma Religião nova e diversa de todas, era necessario que tambem a fórma de orar fosse nesta Religião nova e diversa. E' altissimo pensamento do doutissimo Maldonado da nossa Companhia; o qual para mim, se não é o interprete que melhor penetrou as Escripturas, não teem ellas outro que as interprete melhor: *Quisquis unquam religionem mutavit, et orandi rationem mutavit. Nec ulla fuit unquam religio, quæ non certam supplicandi Deo rationem haberet.* [1] Ninguem mudou nunca a religião, que não mudasse tambem a oração: e não houve religião alguma diversa, que não tivesse modo de orar a Deus tambem diverso. Assim o diz este grande Auctor. E depois de o provar com o exemplo de Christo, e de seu Precursor na mudança da Lei de Moysés á Lei da Graça, o confirma com a auctoridade dos Santos Padres, que assim o advertiram e notaram na mudança que fizeram todos os heresiarcas nas orações da Igreja todas as vezes que mudaram a fé. Os Arrianos, como notou Santo Athanasio; os Valentinianos, como notou Santo Ireneu; os Marcionistas, como notou Tertulliano; os Manicheus e Donatistas, como notou Santo Agostinho; e todos finalmente, como notou Santo Epiphanio, [2] fazendo hoje o mesmo, como é notorio, os Lutheranos e Calvinistas. De sorte que as orações do Rosario só por si mesmas, e por serem proprias da Religião Catholica, são uma protestação geral da verdadeira fé, com que tambem geralmente se confundem, refutam e degollam todas as seitas e heresias contrarias.

Agora desçamos em particular á consideração das mesmas orações, e vejamos como em todo o Padre Nosso e Ave Maria não ha clausula ou palavra em que se não refute alguma ou muitas heresias. Farei esta demonstração mais correndo que discorrendo, pois a brevidade do tempo não dá logar a maior detença.

Pater noster. Esta palavra com que chamamos a Deus Pae, ou se póde considerar com respeito á geração eterna, ou por ordem á creação temporal, que por isso acrescentamos *nosso*. Em quanto á geração eterna

---

[1] Maldon. in Luc. cap. 12.
[2] Citati ab ipso Maldonado.

protestamos que o Eterno Padre tem Filho, que é o Verbo Eterno, e com esta protestação suppondo já degollados os atheistas, degolla o Rosario a Praxeas, a Noeto, a Sabellio, a Paulo Samosateno, a Photino, a Arrio, e a Eunomio; os quaes ou não distinguiam a Pessoa do Filho da Pessoa do Padre, ou negavam que fosse gerado da mesma natureza divina. Em quanto á creação temporal, professa a nossa fé, e reconhece a Deus por unico creador do céu e da terra, e de todas as coisas visiveis e invisiveis, não produzidas de alguma presuppostа materia, mas creadas por sua omnipotencia do nada; e com esta protestação não só degolla o Rosario os Estoicos, os Platonicos, os Pythagoricos, os Epicureos, que foram os hereges da Lei da natureza, e os patriarchas de todas as heresias, como lhes chama Tertulliano; mas tambem, e mais particularmente, os que depois de Christo os imitaram nas mesmas cegueiras, e accrescentaram outras maiores, os Simonianos, os Menandrianos, os Basilidianos, os Valentinistas, os Marcionistas, e por varios e novos erros dogmatisaram o contrario: e entre todos os brutissimos Manicheus, que com tão ignorante fé, como heretica philosophia, dividiram a primeira causa em dois principios ou deuses; um a que chamaram auctor do bem, e outro do mal, dizendo que o bom creára a alma, o máu o corpo; o bom o dia, o máu a noite; o bom a saude, o máu a enfermidade; o bom a vida, o máu a morte. [1]

Qui es in cœlis. Deus tanto está no céu como na terra, e em todo o logar: mas dizemos que está no céu, porque no céu como em sua propria côrte se manifesta visivelmente a todos os bemaventurados. E posto que o céu empyreo seja um só céu, chama-se comtudo céus, *in cœlis*, para maior declaração de sua grandeza e magestade, assim como Jérusalem, que era a côrte de Deus na terra, se chamava Jerosolymas. E com a propriedade e significação singular desta palavra, degolla nella o Rosario a heresia de Saturnillo e Basilides; [2] os quaes diziam que os céus eram trezentos e setenta e cinco, creados não por Deus, senão por ou-

[1] Cyrill. Epiph. August. Athanas. Theodor. citati a Baron. anno Christi 277.

[2] Epiphan. haeres. 24.

tros tantos Anjos, e que no ultimo e infimo de todos morava o Deus dos Judeus. Novo erro, e segunda e maior heresia; porque o Deus que entre os Judeus se chamava Deus de Abrahão, Deus de Isaac, e Deus de Jacob, é o mesmo Deus que os Christãos cremos e adoramos, então mais conhecido pela unidade da essencia, como hoje pela unidade da essencia, e pela Trindade das Pessoas.

Sanctificetur nomen tuum. Em dizer que seja sanctificado o nome de Deus, detestamos a mais atroz e horrenda heresia com que entre os hereges septentriopaes é profanado e blasfemado seu Santissimo Nome, Zwinglio, Calvino, e Beza, dizem que Deus quer que os homens pequem, e que *ab æterno* decretou que pequem, e que os obriga a que necessariamente pequem, e que não possam deixar de peccar, ainda que quizessem. D'onde se segue, como douta e largamente demonstra Bellarmino, [1] que na sentença impiissima destes mais atheus que hereges, Deus é a causa do peccado, e de todos os peccados, e que quando os homens peccam, Deus é o que mais propria e mais verdadeiramente pecca, que os mesmos homens. E como a santidade e a purissima e infinita santidade de Deus é a que mais se oppõe ao peccado, de nenhum modo mais e melhor se póde detestar a atrocidade desta blasphemia, e a maldade mais que diabolica desta heresia, que dizendo e repetindo, como diz uma e muitas vezes o Rosario: *Sanctificetur nomen tuum.*

Adveniat regnum tuum. O mais proprio sentimento desta petição é pedirmos que acabe de chegar o reino de Christo, que será na sua segunda vinda, quando vier a julgar vivos e mortos, já todos vivos pela resurreição universal. Assim o diz em proprios termos S. Paulo: *Per adventum ipsius, et regnum ejus:* [2] e o mesmo Christo aos Discipulos: *Donec vidèant Filium hominis venientem in regno suo.* [3] E a protestação deste artigo de fé que fazemos no Rosario, degolla duas insignes heresias mais antigas que modernas. A primeira que negava o Juizo universal, e foi dos Barborianos, Gnosticos, Florianos, Manicheus, e Proclianitas,

---

[1] Bellarmino, de amissione Gratiæ et statu peccati, cap. 6.º
[2] *2.º Thim.*, IV. 1.
[3] *Math.*, XVI, 28.

A segunda que negava a resurreição tambem universal, que foi de Hymeneo e Phileto, de Valentino e Apelles, de Marco, Cedron e Almarico: dos Caianos, dos Ophitas, dos Marcionistas, dos Severianos, dos Seleucianos, dos Archonticos, e outros.

Fiat voluntas tua sicut in cœlo, et in terra. Observa nestas palavras S. João Chrysostomo que não dizemos a Deus, fazei, Senhor, a vossa vontade em nós, ou façamos nós a nossa vontade, senão, *fiat*, seja feita: e com que mysterio? Para confessarmos que o fazer a vontade de Deus, não depende só de Deus, nem só de nós, senão do seu e do nosso concurso juntamente. Do seu, por meio da sua graça: do nosso, por meio do nosso alvedrio: porque, como douta e elegantemente disse S. Bernardo: *Tolle liberum arbitrium, non erit quod salvetur: tolle gratiam, non erit unde salvetur.* [1] E com esta protestação degollamos de um golpe outras duas fortissimas heresias: a dos Pelagianos que negavam a necessidade da graça, e a dos Lutheranos e Calvinistas que negam a liberdade do alvedrio. Em negarem o livre alvedrio, negam totalmente o ser humano; e assim era necessario que o fizessem em boa consequencia; porque só deixando primeiro de ser homens, podiam cahir em erros tão irracionaes, e tão brutos.

Panem nostrum quotidianum da nobis hodie. Aqui pedimos a Deus como Pae do céu, o sustento temporal e espiritual necessario para esta vida, e para a outra: e na confissão desta paternal e universal providencia, detestamos aquella heresia tão assentada entre os philosophos gentios, [2] e não abjurada totalmente entre os christãos: com que elles criam que havia fortuna e fados; e nós, ainda que o não creiamos, nos queixamos della, como se a fortuna, e não Deus, fôra a que reparte o pão, dando tão pouco a uns, e tanto a outros.

Et dimitte nobis debita nostra. Nesta grande e importantissima clausula rogamos a Deus que nos perdoe

---

[1] D. Bernard citatus á Bellarm. in præfatio de liber. arbitrio.

[2] Zeno, Plato, Pitag. Epicur. etc. in quo errore hausto ab Aegyptiis etiam fuisse Phazizeos, ait ex Josepho Spondanus in Apparatu n.º 1.º.

nossos peccados com detestação e arrependimento delles. E que homem haverá com nome de christão, que negue ser este acto, ou dentro ou fóra do Sacramento, louvavel e de verdadeira penitencia? Mas sendo esta a que faz tremer o demonio, e a que despoja o inferno, foi tão infernal e mais que diabolico o espirito de Luthero, que se atreveu a dizer que similhante contrição faz ao peccador hypocrita e mais peccador: *Hæc contritio facit hypocritam, et magis peccatorem.* [1] O mesmo professa toda a escola cega e torpe deste infame mestre. Melanchthon, Beza, Tilemano, Kemnicio, e com seu collega Calvino, toda a outra sentina dos hereges de nosso tempo. Accrescentamos para mover a Misericordia Divina a que nos perdoe, o perdão que tambem nós damos a nosso inimigos: *Sicut et nos dimittimus debitoribus nostris:* e sendo este o maior acto da caridade christã, tambem a esta heroica obra, como a todas as boas e de virtude, negam os mesmos hereges o valor e merecimento: chegando a dizer que todas são injuriosas á sastisfação do mesmo Christo, que nos ensinou a orar assim; com que elles e todas estas heresias ficam degolladas.

Et ne nos inducas in tentationem. Aqui nos ensinou o mesmo Senhor a desconfiar de nossa fraqueza, e recorrer a seu auxilio e graça para não cahir em tentação. Mas assim como antigamente Pelagio tinha escripto que para resistir ás tentações não era necessaria a graça de Deus, e bastavam as forças do alvedrio humano; e assim como Joviniano disse que o homem legitimamente baptisado não podia ser vencido das tentações do demonio; [2] assim e com mais abominavel erro, e com furor e arrojamento verdadeiramente infernal, ensinam os mesmos Lutheranos e Calvinistas, que nem a constancia nas virtudes ajuda, nem a fraqueza e cahida nos vicios impede a salvação. E se pedirmos a razão a estes brutos (como o bruto de Balaão lh'a pediu a elle, que tambem era herege) respondem os Libertinos, como discipulos da mesma escola, que as acções dos homens todas são indifferentes, e que nellas não ha bem nem mal. Mas esta estolida heresia

---

[1] Ex Canisio et Bellarm. totis libris de vestit. et bon. operibus.

[2] Bellarm. de gratia et libr. arbitr. á cap. 4.º et deinceps.

degolla como as demais o Rosario, concluindo com a ultima clausula do Padre Nosso: *Sed libera nos à malo.*

VII

Passando á oração da Ave Maria, logo nas primeiras palavras, e como na vanguarda se oppõe contra o sagrado uso e exercicio della um exercito de hereges armados de cegueira, de impiedade, de furor, de blasphemia. [1] Calvino, Pomerano, Brencio Bucero, Pelicano, Bullingero, Marbáchio, Uvigando, e outros, todos condemnam aos catholicos o uso da Ave Maria, dizendo que esta oração é supersticiosa, porque nella louvamos e engrandecemos tanto a Senhora, que de creatura a fazemos Deusa. As palavras do ultimo que nomeei são estas: *Qui Mariam hac salutatione compellant, in crimen superstitionis incurrunt: quia contra Dei verbum ex creatura faciunt Deam, et Mariæ divinitatem ascribunt.* Só o testemunho desta calumnia, em que se conjuraram tantos, basta para conhecer quem são os hereges, e a temeridade, a mentira, e a ignorancia brutal de quanto dizem. De maneira que porque repetimos o que disse o Anjo, e o que disse Santa Isabel á Virgem Maria, somos supersticiosos; e porque pedimos á mesma Senhora que rogue por nós a Deus, a fazemos Deusa! Mas porque a futilidade blasphema desta heresia se degolla por si mesma, triumphe sobre ella o Rosario, mais desprezando-a que convencendo-a: e faça cada catholico raivar tantas vezes cada dia a todos os hereges, quantas são as que nelle se repete a mesma Ave Maria.

Gratia plena. Saudamos como a Anjo a Virgem Senhora nossa com o nome de cheia de graça; excellencia tão sublime, que trazendo-lhe a embaixada do Anjo o titulo de Mãe de Deus, é maior ainda o nome da saudação, que o titulo da embaixada. Tres coisas ensina a fé catholica ácerca da graça. A primeira, que é um habito sobrenatural inherente na alma, e não distincto realmente da caridade; o qual faz ao homem grato a Deus, e por isso justo e santo. A segunda, que não consiste a graça na fé, posto que a suppõe, e

[1] Canisius, libr. 3.º cap. 8.º 9, 10 et seg.

muito menos na fiducia ou confiança posta só nos merecimentos de Christo, a qual de nenhum modo póde justificar a alma. A terceira, que só á graça é devida a gloria, e que sem graça ninguem por mais obras moral ou materialmente boas que faça, se póde salvar. Isto é o que ensina a fé, e o que protesta o Rosario: e por isso nas duas primeiras protestações degolla as heresias dos Lutheranos e Calvinistas, que são as modernas, e na terceira as dos Pelagianos e Celestinos, que são as antigas.

Dominus tecum. O sentido e energia emphatica com que o Anjo disse á Senhora estas palavras, diz Santo Agostinho que foi esta: *Dominus tecum, sed plusquam mecum:* o Senhor é comvosco, mas muito mais comvosco, que commigo. E porque? *In me enim licet sit Dominus, mecum ipsum creavit Dominus; per te autem genitus est Dominus:* porque commigo está o Senhor que me creou; e comvosco está o Senhor que vós gerastes. O mesmo dizemos e confessamos nós quando dizemos na Ave Maria: *Dominus tecum:* e quantas vezes repetimos esta confissão, tantas degolla o Rosario a blasphemia e sacrilega heresia de Nestorio, o qual não podendo negar a divindade de Christo, para apartar o Filho da Mãe, e o *Dominus* do *tecum*, que *fez*? [1] Confessando o mesmo todo, dividiu as partes e os tempos; e com invento mais que diabolico veiu a dizer: que o Senhor nascera da Virgem Maria homem, que depois por seus merecimentos no baptismo recebera o ser Christo, e que finalmente pela morte que padecera alcançára depois da resurreição o ser Deus. Isto se atreveu a pronunciar aquella execranda lingua, a qual porém na vida foi comida de bichos, e na morte não soffrendo a terra em si tão abominavel cadaver, subitamente se sumiu nella, e foi sepultado no inferno.

Benedicta tu in mulieribus. Aqui dizemos que é a Virgem Maria bemdita entre todas as mulheres, não só para declarar a excellencia e dignidade infinita com que excede a todas, mas para confessarmos que foi mulher. E porque razão em coisa tão manifesta? Porque tambem é necessaria esta confissão para degollar duas heresias. A primeira de homens, que foram

[1] Canisius, libr. 3.º cap. 8.º pag. 158 e 159.

os Colliridianos, os quaes diziam que a Virgem Maria não fôra mulher, senão Deus: a segunda de mulheres, que foram as da Arabia, Thracia, e Scythia, as quaes, como refere Santo Epiphanio, adoravam a mesma Senhora como Deusa, e lhe offereciam sacrificio. Parece que mereciam algum perdão estas heresias pela devoção e affecto com que foram inventadas: mas onde não ha verdade, não póde haver devoção. Por isso a do Rosario excede facilmente a todas; porque não só é solidamente verdadeira, mas destruidora de todos os erros. [1]

Benedictus fructus ventris tui Jesu. Nestorio, e os hereges geralmente chamados Anticomarianitas, ou Antimarianos, [2] que quer dizer inimigos, ou contrarios de Maria, dizem que morou Deus em suas entranhas como em casa, ou assistiu nellas como em templo, no qual porém se entra e sáe, mas não se recebe delle o ser. Outros como o raio de luz que passa sem lesão pela vidraça; mas nace no céu e do sol. Outros, finalmente, como a agua do canal, ou no rio que passa por elle sim, mas tem o seu nascimento na fonte. E por mais que esta heresia se explique por tantos modos plausiveis e apparentes, todos elles degolla o Rosario, dizendo: *Benedictus fructus ventris tui Jesu.* Assim como o fructo nasce da arvore, e da substancia da arvore recebe o ser, assim o Filho de Deus que é o rio da fonte, e o raio do sol, e o herdeiro da casa, e o Senhor egualmente do templo, de tal maneira morou nas entranhas de Maria, que dellas, como verdadeiro fructo, recebeu a substancia e o ser, e dellas como verdadeiro Redemptor recebeu o sangue, que foi o preço infinito da Redempção, pela qual se chama Jesus: *Et benedictus fructus ventris tui Jesu.*

Sancta Maria. Implacavel é o dio com que os hereges perseguem, e as calumnias com que procuram escurecer a santidade da Virgem Santissima, arguindo peccado onde nunca o houve, nem póde haver, nem a mais venial sombra delle. Assim o fazem em vão

---

[1] Epiphan. in Panario haeresi. 79. Idem heresi 78. D. Thom. in 3.ª distinct. 4. q. 2. ait fuisse haeret. qui B. V. naturae cujusdam cœlestis, seu angelicæ affererem.

[2] D. Cyrill. in defens. primi Anathematis relatus á Suares, tom. 1.º in 3.ª part. disposit, 8, sect. 1.

pulos não só impios contra a fé, mas ingratos á mesma Senhora, segundo suas proprias seitas. Em certo modo mais obrigação tinham estes hereges de ser devotos da Virgem Senhora nossa, que os catholicos. Porque a Virgem Maria foi Mãe de um Filho tão benigno e liberal para com elles (segundo elles dizem) que dando-lhes licença para viverem em todos os vicios, sem mais arrependimento nem penitencia, com tanto sómente que o creiam, lhes promette o céu. E para comnosco os catholicos é tão justo e severo Juiz o Filho da mesma Senhora, que não bastando a nossa fé, com ser a verdadeira, para nos salvar, basta um só peccado sem arrependimento para nos lançar no inferno. Pois se tanto devem os hereges ao Filho desta Mãe, porque a perseguem tanto? Porque conhecem, ainda que o dissimulem, a verdade da doutrina catholica, e como sabem que o Filho da mesma Senhora os ha de condemnar sem duvida, por isso teem tão grande odio á Mãe. Estes mesmos pois que tão blasphemamente querem pôr mancha na santidade sempre immaculada da Virgem Maria, são tambem os que tornaram a resuscitar em nossos tempos, e a tirar outra vez do inferno, onde já estava sepultada com elle, a heresia de Nestorio, negando á mesma Senhora a propria e verdadeira maternidade do Filho de Deus e seu. Mas assim como o Rosario degolla aquella heresia, dizendo: *Sancta Maria;* assim torna a degollar esta, accrescentando: *Mater Dei.*

Ora pro nobis peccatoribus. Esta tão piedosa deprecação impugnam tambem os hereges: e que hereges? Quem esperára tal juizo de uma cabeça coroada: e da corôa que maior obrigação tem de ser catholica? [1] O imperador Constantino Copronimo passou um decreto, que dizia assim: *Ne Mariæ quidem intercessionem quisquam petat: neque enim illa juvare quemquam potest:* Ninguem peça a intercessão de Maria, porque ella não pôde ajudar a ninguem. Eis aqui, novo Herodes das almas, para que Deus te deu esse poder: para que o tirasses a sua Mãe. Não debalde mereceste na pia o sujo e infame sobrenome de Copronimo, profanando as sagradas aguas do baptismo em portentoso prognostico de tuas impiedades, blas-

[1] Canisius, libr. 3.º cap. 10, pag. 319.

phemias, heresias, e artes magicas, chegando a pactear com os demonios de fazer cruel guerra aos Santos. Acabou a vida este monstro abrazado em fogo de suas proprias entranhas, e confessando a gritos que vivo estava já entregue aos incendios eternos pelo que tinha feito contra a Virgem Maria: *Adhuc vivens inextinguibili igni traditus sum propter Mariam.* [1] E porque seus infames ossos não descançassem em melhor sepultura, o imperador Michael os mandou desenterrar, e em dia de grandes festas queimar publicamente. [2] Assim castiga as injurias de sua Mãe o mesmo Deus que tanto soffre e dissimula as suas. Mas a protervia e obstinação heretica, nem com a paciencia se abranda, nem com o castigo se emenda. Constantino não teve a quem imitar mais que a Vigilancio, e teve depois por imitadores os Petrobrosianos, os Catharos, os Taboritas, e em nossos tempos a todos os Calvinistas e Lutheranos, que tantas e tão nobres partes da Europa têm inficionado com esta peste. Merecedores justamente de que vivam e morram nas trevas de sua cegueira, pois prohibem o recurso á fonte d'onde nasceu a luz.

Nós, porém, ó Mãe de Deus, e Advogada unica dos peccadores, protestando a verdade desta fé confirmada com tantos beneficios de vossa poderosissima intercessão, prostrados humildemente a vossos santissimos pés, todos com a voz e com o coração vos dizemos: *Ora pro nobis peccatoribus:* E accrescentamos: *Nunc, et in hora mortis nostræ;* porque não só na vida, mas na morte, e depois della, reconhecemos dever á mesma intercessão e amparo vosso a indulgencia das penas do Purgatorio, e a gloria eterna do céu. Negaram o Purgatorio os hereges Aerios, os Uvaldenses, os chamados Apostolicos, os Uviclefistas, os Hussitas, os Albigenses, e para que em nada deixassem de errar, tambem Luthero e Calvino com todos seus sequazes: negaram a immortalidade das almas os Saduceos, os Psychicos, os Arabicos, os Hermannianos, e todo o antigo e bestial rebanho de Epicuro, e o moderno dos atheus. Porém nós que ensinados não só da fé, mas

---

[1] Cedren. relatus á Baron. anno Christi, 775.

[2] Georg, Harmat. et ex eo Roder. relati á Spondam. eodem loco, n.º 11.

da experiencia e da razão, cremos que as almas são immortaes, e que os peccados commettidos na vida, ou se purgam depois da morte com satisfação temporal, ou se castigam sem fim com pena eterna. Na mesma clausula com que dizemos á Virgem Santissima: *Ora pro nobis peccatoribus nunc, et in hora mortis nostræ*, detestamos e confundimos estas duas perniciosissimas heresias: e com a mesma detestação acaba de degollar o Rosario assim as que pertencem á parte mental do que medita, como á vocal do que reza.

VIII

Mas posto que as heresias referidas e detestadas sejam tantas e tão varias; como a obrigação do meu assumpto é mostrar que a Virgem Senhora nossa por meio do seu Rosario não só matou muitas, senão todas: *Cunctas hæreses sola interemisti;* parece que contra a generalidade desta proposição se estão oppondo nesta mesma Igreja e seus altares tres excepções evidentes: a das Cruzes, a das Imagens, e a da real e verdadeira presença de Christo no divinissimo Sacramento. Confesso que os erros e heresias que encontram estes tres actos da Fé e Religião Catholica (que são nos templos da christandade os mais publicos) ainda atégora as não degollou o Rosario, mas é porque ainda o não consideramos todo.

Primeiramente, quem viu jámais Rosario sem cruz? Nem ha Rosario sem cruz, nem cruz no Rosario bem rematada sem medalha. Com a cruz degolla a heresia dos Paulicianos, dos Bruissianos, dos Uviclefistas, dos Bogomiles, porque estes como os Calvinistas e Protestantes em nossos dias derrubam, quebram, e desterram as cruzes, as quaes nós pelo contrario em memoria e figura da sacratissima Cruz em que Christo padeceu e nos remiu, adoramos com summa veneração. [1] E com as medalhas, ou sejam do mesmo Christo, ou da Virgem Senhora nossa, ou de qualquer outro Santo de nossa devoção, degolla do mesmo modo o Ro-

[1] Vasques de Adoratione, libr. 7.º cap. 1. Bellarm. de imginibus, Sanctorum, libr. 2.º cap. 26.

sario a heresia de Carolstadio, de Uviclef, de Luthero, de Zwinglio, de Calvino, e dos mais por isso chamados Iconomacos, os quaes negam e prohibem o culto e veneração das sagradas imagens, como d'antes o tinham prohibido os judeus no Thalmud, e os mahometanos no Alcorão, que de taes mestres taes discipulos. Chamam impiamente a este culto idolatria, sendo piedade, e parte da mesma fé, definida pelos Concilios; canonisada com os templos, altares e votos; usada dos Santos Padres em todas as edades, e confirmada com infinitos milagres.

Resta só a protestação do Santissimo Sacramento no Rosario, a qual de industria reservei para este ultimo logar, estando no mesmo Rosario mais expressa que todas: *Panem nostrum quotidianum da nobis hodie.* Pedimos nestas palavras o sustento temporal e espiritual para o corpo e para a alma: e no espiritual e da alma o primeiro e principal, e mais substancial de todos, que é o corpo de Christo, o qual verdadeiramente comemos no divinissimo Sacramento. Assim o declarou o mesmo Christo na mesma oração do Padre Nosso, dizendo por S. Matheus: *Panem nostrum super substantialem.* Chama-se pão; porque se nos dá debaixo de especies e accidentes de pão. Chama-se nosso, porque é proprio dos fieis e filhos da Igreja catholica. Chama-se quotidiano, porque todos os dias se consagra e offerece no sacrosanto sacrificio da Missa. E chama-se finalmente sobresubstancial, porque excede infinitamente a todas as substancias creadas, dando-se nelle a do mesmo Creador. Isto é o que confessa e protesta o Rosario expressamente naquellas soberanas palavras, não se achando tão expressa protestação do Santissimo Sacramento, em nenhum symbolo da fé. Os symbolos da fé são tres. O dos Apostolos composto por elles no principio da primitiva Igreja, que é o que ordinariamente repetimos: o symbolo Niceno, decretado d'alli a trezentos annos no Concilio de Nicéa, em que se ajuntaram trezentos e dezoito Bispos, que é o que se canta na Missa: e o symbolo de Santo Athanasio, em que se contém a confissão da sua fé, declarada não muito depois, e approvada em Roma, que é o que todos os domingos se lê na reza ecclesiastica.

Agora pergunto, e perguntarão todos com muita razão: se em todos estes symbolos, e em cada um del-

les se contém o que crê a Fé Catholica; e o Santissimo Sacramento do altar é por antonomasia o mysterio da Fé; [1] porque se não faz expressa menção delle em algum dos mesmos symbolos, ao menos no segundo e no terceiro? A razão é, como consta de todas as historias ecclesiasticas, porque tendo reduzido os Apostolos o primeiro symbolo ao que era sómente preciso para a prégação universal do mundo; por occasião de algumas heresias que de novo se foram levantando na Igreja, foi necessario declarar com maior distinção e formalidade nos outros symbolos, o que só virtualmente se continha no primeiro. Não houve porém esta necessidade (ponto verdadeiramente digno de grande reparo, e de tanta consolação para os catholicos, como confusão para os hereges) não houve (digo) esta necessidade na fé do Santissimo Sacramento: e porque? Porque desde seus principios esteve tão firmemente crida, e tão estabelecida entre todos os christãos a verdade deste altissimo mysterio, que em espaço de setecentos annos não houve quem o puzesse em questão: e nos trezentos e cincoenta annos seguintes só houve um homem na Igreja grega, e outro na Latina, que em diversos tempos o duvidaram: até que no anno de mil e cincoenta do nascimento de Christo, o impiissimo Berengario (que commummente se reputa pelo heresiarca deste erro) se atreveu a querer defender publicamente que o corpo de Christo não estava no Sacramento. E posto que uma vez cahido, outra relapso, e de ambas as vezes convencido, abjurou Berengario a sua heresia; assim abjurada por seu proprio inventor, a resuscitaram no seculo passado, e a seguiram Luthero e Calvino, não conformes porém então, senão divididos em duas seitas. Luthero mais moderado confessa que no Sacramento está o corpo de Christo, mas diz que juntamente está pão: e Calvino totalmente cego e imprudente, só diz que está alli pão, de nenhum modo o corpo de Christo.

Estas são as duas heresias que hoje permanecem entre Lutheranos e Calvinistas com egual injuria e damno da christandade, as quaes finalmente degolla o Rosario confessando e protestando com a fé catholica que de pão não ha no Sacramento mais que os

[1] Bellarm. de Sacram. Eucharist. cap. 1.º libr. 1.º

accidentes, e o que dantes era a substancia dos mesmos accidentes, por milagrosa e verdadeira transubstanciação está alli convertida na substancia do corpo de Christo, que é o que cremos e adoramos naquella Hostia consagrada. Assim, que o Rosario entendido, meditado, e rezado na fórma em que foi instituido pela Virgem Maria Senhora nossa, é uma protestação da fé catholica tão universal juntamente, e tão particular; que mais expressamente se refutam nelle muitas heresias, e mais extensivamente todas, que em todos os tres symbolos da mesma fé. E desta maneira se verifica gloriosamente do mesmo Rosario que por meio delle degollou a Virgem Maria, e ella só, as heresias de todo o mundo: *Cunctas hæreses sola interemisti in universo mundo.*

IX

Tenho acabado, fieis, o meu discurso. E pois elle por haver sido tão dilatado, não permitte larga peroração, eu a resumo a tres palavras. A primeira, que á vista de tantas e tão enormes heresias não só alheias da fé, mas de todo o entendimento e juizo, conheçamos quanto escurece o lume da razão a cegueira dos vicios (que são as raizes d'onde todas ellas nasceram) e demos infinitas graças a Deus por em tempos tão contagiosos ter livrado a nossa patria desta peste, da qual ella se conservará pura e sem lesão em quanto a licença dos mesmos vicios, que tanto crescem, não provocarem o céu a similhante castigo.

A segunda, que não faltemos jámais no santo exercicio do Rosario, offerecendo-o a Deus, e a sua Santissima Mãe, não só como tributo da nossa devoção e piedade, mas como protestação da nossa santa fé, e como um publico signal e testemunho della. Quando o Concilio Antioqueno condemnou a heresia de Arrio, que tão grande scisma tinha causado na Igreja, tomaram por empreza os catholicos para se distinguir dos arrianos, trazer ao pescoço as definições do mesmo Concilio em signal da sua fé: *Tanquam symbolum fidei, ut se catholicos, et non arrianos esse profiterentur:* diz, referindo este antigo exemplo, Maldonado. [1] O qual ac-

[1] Maldonad. in Joannem, cap. 1.º

crescenta pia e doutamente que ao mesmo fim devemos nós trazer em publico o Rosario, porque só elle basta para protestação da fé que professamos: *Quemadmodum, si quæ vulgo Rosaria vocant quibus precari sacram Virginem solemus, loco torquis ad collum geras, ut ostendas te non hæreticum, sed catholicum esse.*

A terceira e ultima palavra é, que estejamos muito confiados e certos, que esta nossa protestação será mais agradavel a Deus; porque nella mostramos que somos seus, e da sua parte, e seguimos a bandeira da sua fé em tempo que tantos a negam. Porque foi tão estimada a fé de Tobias? Porque quando os outros iam adorar os idolos de Jeroboão, elle fazia as suas romarias ao Templo de Jérusalem. Porque prometteu Christo o Paraiso ao Ladrão e lh'o deu de contado no mesmo dia? Porque quando todos o negavam, e blasphemavam, elle o confessou á vista de todos. E finalmente, porque é tão louvada e celebrada Marcella, a mulherzinha humilde do Evangelho? Porque quando os Escribas e Phariseus calumniavam a santidade e divindade do mesmo Senhor, ella levantou a voz em sua defeza. Façamos nós o mesmo com o Rosario na bocca, no coração, e nas mãos; e com esta publica protestação da Fé Catholica confundiremos e degollaremos as heresias passadas e as presentes, assim como ella degollou e confundiu as presentes e as futuras: *Ut et præsentium procerum calumniam, et futurorum confundat hæreticorum perfidiam.*

SERMÃO DECIMO SEGUNDO

Na Sé da Bahia, depois da Armada Real derrotada, no Anno de 1639

David autem rex genuit Salomonem. [1]

I

O fim que ha tanto tempo desejam as calamidades deste Estado, e os meios opportunos e efficazes que ou lhe faltam, ou lhe não aproveitam, é tudo, nem mais nem menos, o que em duas figuras coroadas nos representa S. Matheus no Texto que propuz. Que é o que padece o Brazil? Que é o que deseja tão longamente? O que padece é a guerra: o que deseja é a paz. E quando esta na infelicidade dos successos presentes parece mais desesperada, e sem remedio; para exemplo do remedio, e para alento da esperança, opportunamente nos representa o Evangelho a differença de dois reinados immediatamente successivos, um tão famoso no que padecemos, como outro felicissimo no que desejamos.

David autem rex genuit Salomonem: [2] David rei (diz o Evangelista) gerou a Salomão. Mas com que mysterio, que na serie destas gerações tudo é mysterioso? Porque foi David o pae, e Salomão o filho? Porque reinou primeiro David, e Salomão depois? Não podéra David succeder a Salomão, assim como Salomão succedeu a David? Segundo a ordem da natureza, sim podéra: segundo a significação do mysterio, não. O reinado de David todo foi inquieto e perturbado com guerras, e infestado de inimigos. O de Salomão, como elle mesmo diz, não teve inimigo que o inquietasse:

---

1 *Math.*, I.
2 *Math.*, I, 6.

Non est Satan, neq; occursus malus; [1] todo foi socegado e opulento na mais alta e deleitosa paz. Isto mesmo trouxeram escripto no fado de seus nascimentos, ou no prognostico e prophecia dos nomes um e outro rei: David quer dizer: *Manu fortis:* Salomão: *Pacificus*. Gerou pois o rei guerreiro ao pacifico, e o pacifico succedeu ao guerreiro; porque a paz é filha da guerra, e á guerra succede a paz. Muito é que de uma mãe tão feia e tão descomposta, nasça uma filha tão formosa, e tão modesta? Mas por isso os Antigos chamaram á guerra, *bellum*, não por ironia ou antiphrase, como muitos cuidam, senão porque da guerra nasce a bella paz.

Se a alguma guerra se deve legitimamente esta venturosa successão, é verdadeiramente a nossa. Não é o mesmo fim o de todas as guerras. Uma move a vaidade, outra a cubiça, outra a justiça e necessidade. A que move a vaidade, tem por fim o triumpho; a que move a cubiça, tem por fim o despojo; a que move a justiça, ou é movida da necessidade, tem por fim a paz: e tal é a nossa: *Pacem debet habere voluntas, bellum necessitas*, diz Santo Agostinho. A paz ha de ser sempre voluntaria, e a guerra forçada: só a necessidade ha de obrigar á guerra, mas a vontade sempre ha de desejar a paz. Já antes o tinha dito Marco Tullio, tão philosopho como republico, e tão republico como eloquente. A guerra, diz, tomada por temeridade, é dos brutos; a forçada, e por necessidade, dos homens. Como homens, pelejamos pela conservação da paz, e não pela ambição da victoria: como justos, só pretendemos defender o proprio, e não conquistar o alheio: como soldados, só tomamos as armas contra as armas, e se póde dizer com mais verdade dos nossos o que Roma cantava dos seus: *Sola gerat miles, quibus arma coerceat, arma.* Sendo pois tão justificada, tão racional, e tão innocente a nossa guerra; e sendo a paz filha legitima da guerra, só quando a guerra é legitima, como foram as de David; muita razão tinhamos por certo, não só de desejar, mas de esperar, que della, como a de Salomão, nascesse tambem a nossa paz. A guerra nove annos ha já que a padecemos, tempo e numero bas-

[1] *3.º Livr. dos Reis*, v, 5.

tante para que della nascesse este suspirado parto: do qual porém atégora não temos outros signaes mais que as dôres.

Com esta comparação costuma a Escriptura encarecer as grandes dôres: *Ibi dolores ut parturientis:* [1] e que parte ha neste vastissimo corpo, ou mais visinha, ou mais remota, que as não padeça grandes, e cada dia maiores? O mar infestado, os portos impedidos, as costas com perpetuos rebates ameaçadas, as campanhas taladas, as lavouras abrazadas, as casas despovoadas e destruidas: as cidades e villas arruinadas, os templos e os altares profanados, as pessoas de todo estado e condição, de todo sexo e edade desacatadas, e por mil modos opprimidas: as prisões, os desterros, as pobrezas, as fomes, as sêdes, uns mortos nos bosques, outros mirrados nos desertos, fugindo dos homens para ser pasto das aves, e das feras: as mulheres e meninos innocentes entregues á furia e voracidade dos barbaros, e os mesmos cadaveres com horror da natureza incestamente affrontados: as mortes deshumanas a sangue frio, as traições, as crueldades, as sevicias, os martyrios, e tantos outros generos da heretica tyrannia, contrarios a toda a fé e direito das gentes, e de nenhum modo comprehendidos debaixo do nome de guerra: esta é a guerra que padecemos. Esta é, torno a dizer, a guerra que padecemos, e estas as dôres, cujos gemidos passados por tanto mar chegam tarde e frios á Europa, ou enganada, ou esquecida. A chaga cresce, o veneno estende-se, e já bate ás portas do coração, a constancia se não desmaia, não sei se duvida, e tudo nas experiencias de tantos annos mais promette desesperações, que remedio.

Mas, ó filha de David, e de Salomão, ó Virgem poderosissima do Rosario, que havia de ser de nós, se essas entranhas de piedade, onde trouxestes a Deus, não fossem o nosso presidio, o nosso amparo, o nosso remedio, e toda a nossa esperança? Isto é o que determino prégar hoje, e não como assumpto meu, Senhora, senão como preceito vosso. No anno de mil e quatrocentos e setenta e cinco achando-se em grande aperto a insigne e mui catholica cidade de Colonia, bloqueada por todas as partes de um poderoso exer-

1 *Psalm.* XLVII, 8.

cito de inimigos hereges, de que naturalmente se não podia defender, devastada já, e occupada toda a campanha, e sem esperança de soccorro humano; appareceu a Virgem Santissima a frei Jacobo Sprenghero, Prior do convento dos Prégadores, e lhe mandou que logo prégasse e exhortasse a todos a devoção do Rosario, [1] e lhe promettesse em seu nome, que por meio della, não só a cidade, mas toda a provincia ficaria livre da oppressão e temor das armas inimigas. Assim o mandou, assim o prometteu, e assim o cumpriu a poderosissima Rainha dos Anjos, e o exercito dos hereges vencido e desbaratado de outro poder superior e invisivel, não só não chegou a bater a cidade, mas deixadas a campanha e toda a provincia, mal se pôde recolher, fugindo para d'onde viera. Agora pergunto á Bahia, e a todo o Brazil. A Virgem Maria Mãe de Deus, não é a mesma? Os poderes do seu Rosario não são os mesmos? A nossa fé catholica e romana não é a mesma? Os intentos das armas hereticas e inimigas não são os mesmos? Pois se a nossa devoção, e as nossas orações forem as mesmas; porque não experimentaremos o mesmo favor, e os mesmos soccorros da Senhora do Rosario?

Só me podeis dizer que aquelle prégador teve revelação, e foi mandado, e eu não. Enganaes-vos. Assim como a Virgem Maria mandou áquelle prégador que prégasse o Rosario a Colonia; assim me manda tambem a mim que o prégue á Bahia. E porque me atrevo a affirmar isto com tanta asseveração? Porque aos ministros da palavra de Deus, as revelações que se fazem a um, são preceitos para os outros. Prégando S. Paulo e S. Barnabé em Antiochia, como muitos dos judeus não quizessem receber o Evangelho, disseram-lhes os dois Apostolos, que supposta aquella sua incredulidade, elles se passavam a prégar aos gentios, porque assim lh'o tinha mandado o Senhor: *Sic enim præcepit nobis Dominus.* [2] E quando mandou o Senhor aos Apostolos que não acceitando os judeus a sua doutrina, a fossem prégar aos gentios? Os mesmos Paulo e Barnabé o disseram, e é prodigiosa prova do que eu digo: *Sic enim præcepit nobis Dominus. Posui te in lucem gentium, ut sis in salutem usq; ad extremum*

---

[1] Fr. Alonso Fernand. in Hist. Rosar.
[2] *Act.*, XIII, 47.

terræ. [1] Quer dizer: que o Senhor lhe tinha mandado a elles que prégassem o Evangelho aos gentios, porque o mesmo Senhor tinha revelado a Isaias que aos gentios se havia de prégar o Evangelho Pois essa revelação feita a Isaias, é preceito para Paulo e Barnabé de prégarem o mesmo: *Sic enim præcepit nobis Dominus?* Sim. Porque as revelações feitas a um prégador, são preceitos para os outros. Supposta pois aquella revelação, e este preceito; tudo o que hoje disser da virtude do Rosario, e seus poderes, não se deve ouvir como assumpto, ou discurso prégado por mim, senão como mandado prégar pela mesma Virgem Santissima. E para que a rudeza de minhas palavras não seja totalmente indigna de tão soberano preceito, peçamos á mesma Senhora me assista com sua graça: *Ave Maria.*

II

David autem rex genuit Salomonem. Aquella catastrophe admiravel que os Prophetas prometteram ao mundo renovado, quando as lanças se convertessem em arados para cultivar a terra, e as espadas em foices para cegar e recolher os fructos, nenhuma outra coisa significa aos homens de maior alvoroço e gosto, que a alegre e desejada paz depois da triste, comprida e detestada guerra. Destes antiquissimos e sagrados exemplares tomaram a mesma metaphora, e a proseguiram elegantissimamente assim os poetas gregos, como os latinos, entre os quaes Alciato (admittido já pelos mais severos juizos ao collegio do Parnaso) engenhosa, militar, e pilliticamente adiantou assim o mesmo pensamento. Pintou um enxame de abelhas que no oco de um capacete fabricavam os seus favos, e por titulo deste emblema: *Ex bello pax.* A lettra diz, como diziamos, que da guerra nasce a paz e o corpo da pintura a nenhuma paz ou guerra se póde applicar com maior propriedade, que á do Brazil. Os favos são os doces fructos desta terra singular entre todas as do mundo pela benção de doçura com que

[1] *Act.*, XIII, 47.

Deus a enriqueceu: *In benedictionibus dulcedinis:* [1] as abelhas pela maior parte da Ethiopia são os fabricadores dos copiosos favos, que carregam todos os annos tão opulentas e numerosas frotas; e o capacete, nem usado já, nem guardado para outras occasiões, é o signal da paz segura perpetua, e sem receio, qual foi a do reinado de Salomão, e a que depois de tantas guerras prometteu Deus nelle a seu pae David: *Filius qui nascetur tibi, erit vir quietissimus: faciam enim eum requiscere ab omnibus inimicis suis per circuitum; et ab hanc causam pacificus vocabitur.* [1]

Este é o sentido natural do mysterio do Evangelho, a que poderão servir de elegante commento o capacete e abelhas do emblema, se o capacete fôr o de David, e as abelhas as de Salomão. Não nasce a doce paz de qualquer guerra, senão da guerra superior e victoriosa quaes foram as de David. A paz que não elegem, mas acceitam os vencidos, ou desesperados, não é de mel, mas de fel: não é doce, mas cheia de amarguras, como as que padecem do jugo do inimigo os que por não poder resistir, nem fugir, remiram com a liberdade as vidas: servidão em fim, e captiveiro, e de nenhum modo paz. Esta é pois a razão ou necessidade porque os que discorrem prudentemente sobre o estado presente da nossa guerra, já dizem que escolheriam por partido partir o mesmo emblema pelo meio. E de que modo? Deixando ao injusto possuidor os favos do já perdido, que é Pernambuco, e acudindo a defender com o capacete a cabeça tão ameaçada e perigosa, que é a Bahia. Outros espiritos ha, porém, não sei se menos considerados, se mais animosos, os quaes de nenhuma sorte se contentam com o emblema de Alciato partido, senão com o enigma de Samsão inteiro. Queira Deus que adivinhem. O urso septentrional, que nos veiu crestar as colmeas, não é o Leão belgico? Sim: que assim se pinta, assim se nomeia, essas são as suas armas. Pois a esse leão tirem-se-lhe da bocca os favos, como fez Samsão ao seu: e apregoe-se com trombetas no mundo catholico tão lastimado de nossas perdas, como offendido de suas victorias: *De*

[1] *Psalm.* XX, 4.
[2] *1.º Paralip.*, XXII, 9.

comedente exivit cibus, et de forti egressa est dulcedo. [1]

Bizarro pensamento por certo, se não fôra só pensamento, ou se David, que é o sugeito do nosso assumpto, entrára já nelle com este preludio, que foi o primeiro testemunho do seu valor e prognostico provavel do seu triumpho. Quando El-rei Saül difficultou a David o combate, e lhe duvidou a victoria do Gigante; respondeu elle que já tinha morto um urso e um leão: *Leonem et ursum interfeci ego servus tuus.* [2] E isto, que não é facil, nem pouco, é o que muito deverão considerar os auctores desta boa esperança, quando tão facilmente se poem no cabo della. Samsão tirou os favos da bocca do leão; sim, mas depois de vencido e morto. Não é a mesma coisa um leão morto, que vivo: e tão vivo, vigilante e armado, como o que a nossa phantasia não desenganada com tantas experiencias espera ou presume vencer. Olhemos-lhe bem para os dentes, e para as unhas. Assim se hão de conquistar tantas fortalezas no mar e na terra, tão regularmente edificadas, tão abundantemente providas, tão artilhadas, tão presidiadas, e não só nas fortes muralhas, mas nos fossos, nas estacadas, e com todo o genero de fortificações exteriores não defendidas? Assim se desprezam os Cabos tão experimentados em outras guerras, e tantos e tão luzidos regimentos creados e envelhecidos na disciplina militar, vestidos e armados, e não despidos, sustentados das praças, e adegas de Amsterdam, e não mortos de fome? Finalmente, assim se ha de recuperar uma provincia mais estendida que muitos reinos, cujas leguas se contam a centos, cujas terras se ganharam a palmos, cujos rios a cortam, cujos portos a fecham, cujos mares abertos a todos os ventos, e o fundo que não soffre amarras, e come as ancoras, a defende e segura de largo sitio?

Calle-se logo toda a presumpção humana: emmudeçam arbitrios e discursos faceis de escrever, mas impossiveis de executar: e nós, desenganados e convencidos pela evidencia dos olhos, conheçamos e confessemos que só do céu nos póde vir o certo e infallivel remedio, que é o que a Rainha do mesmo céu nos pro-

---

[1] *Juizes*, XIV. 16.
[2] *1.º Livr. dos Reis*, XVII, 36.

mette glorioso no seu Rosario. O que fizeram na sua maior afflicção os sitiados de Colonia, foi tirar em publico, e levar por toda a cidade uma imagem da mesma Senhora do Rosario, rezando-o todos em alta voz devota e instantissimamente; e esta que para os cercados era procissão, contra os inimigos foi triumpho. O mesmo succedeu mais perto de nossos dias na famosa batalha naval do mar de Lepanto. Tinha prevenido e sollicitado o favor da Rainha dos Anjos o Santo Pontifice Pio V com exhortações a toda a christandade, e novas e maiores Indulgencias concedidas aos devotos do Rosario: e foi coisa notada em todo o mundo christão, e verdadeiramente milagrosa, que no primeiro domingo do mez (que então foi o de outubro) em que os confrades deste sagrado Instituto costumam fazer a sua festa particular, nesse mesmo dia se deu com empenho de uma e outra parte nunca visto a poderosissima batalha: e na hora em que era levada nas procissões a imagem da Senhora do Rosario em Roma, e em toda a Italia; nessa mesma hora, estando até alli duvidosa, se declarou a victoria pelos christãos, triumphando as armas catholicas de todo o poder e soberba ottomana.

Mas asim havia de ser, e assim será sempre, porque desde a conquista da Terra de Promissão se decretaram á Virgem Senhora nossa do Rosario, e a sua sagrada imagem estes triumphos contra os infieis. A fórma em que marchavam os filhos de Israël na entrada da Terra de Promissão, era levando diante a Arca do Testamento em dois mil passos de distancia, para que de todo o exercito podesse ser vista e seguida. Nesta mesma ordem accommetteram a primeira cidade, que foi a fortissima de Jericó, cujos muros eram de marmore, e as portas de ferro, e sem outro combate, bateria ou assalto, só com levarem em procissão a mesma Arca do Testamento ao redor dos muros, os muros por si mesmos cahiram, e com os muros os animos, o valor e as esperanças de todos os que com as proprias forças presumiam defender dos Israelitas aquellas terras pisadas primeiro, e habitadas de seus paes, as quaes Deus por este meio agora lhes queria restituir. Mas porque concedeu o mesmo Deus esta primeira e capital victoria ao seu povo por meio da Arca do Testamento sómente, e não em outro logar, senão em Jericó? Para que entendamos os Catho-

licos significados nos Israelitas, que se queremos conquistar e recuperar as terras que Deus nos deu, e estão em poder de inimigos, e inimigos infieis como os Amorrheos; o meio unico e efficaz desta conquista, e o poder e soccorro de que só devemos esperar a victoria, é a Virgem Senhora nossa em quanto Senhora do Rosario. A Arca do Testamento em qualquer parte é figura da Virgem Maria; mas em Jericó particularmente, não só da Virgem Maria, senão da Virgem Maria com o sobrenome do Rosario, que assim lh'o poz o Espirito Santo: *Quasi plantatio rosæ in Jericho.* [1] E quando os Catholicos intentam a conquista e recuperação das suas terras possuidas de infieis, debaixo da conducta, patrocinio, e amparo da Senhora do Rosario; não ha muros, nem fortalezas, não ha portas de ferro, nem machinas de bronze, não ha arte, potencia, nem valor que não trema, que não cáia, que não se renda.

O mesmo nos succederá a nós, e assim o devemos esperar nesta conquista, que tambem, e com muita propriedade, se póde chamar da Terra de Promissão. Como chamam á Terra de Promissão as Escripturas Sagradas? *Terram fluentem lacte, et melle:* [2] terra que mana leite e mel. E quem não vê que a Hollanda unida ao Brazil, como hoje está em Pernambuco, lhe convem por nossos peccados toda a definição? Hollanda é a terra que mana leite, o Brazil é a terra que mana mel; e junta uma com a outra, inteira e propriamente vem a ser a Terra de Promissão: *Terram fluentem lacte, et melle.* Mas com o favor da Virgem do Rosario, se nós o soubermos sollicitar e merecer, não estará muito esta segunda Terra de Promissão em poder dos Amorrheos. Os pastores dos Paizes-Baixos se tornarão aos seus queijos, e á sua manteiga, e o mel será de Samsão, que depois de vencer o Leão belgico, lhe tirará os favos da bocca. Desta maneira á nossa já venturosa e victoriosa guerra, se seguirá a doce e segura paz: que não debalde ajuntou o Espirito Santo a oliveira ás rosas: *Quasi plantatio rosæ in Jericho: quasi oliva speciosa in campis.* [3] Não só a elei-

[1] *Eccl.*, XXIV, 18.
[2] *Levit.*, XX, 24.
[3] *Eccl.*, XXIV, 18 e 19.

ção destas plantas, senão a ordem com que estão collocadas, é mysteriosa. Não a oliveira primeiro, e depois a rosa, senão a rosa antes, e a oliveira depois. Porque a rosa em Jericó significa a guerra victoriosa, e a oliveira nos campos, a paz depois da guerra. Se fizermos a guerra debaixo da Bellona do Rosario, primeiro nos dará a victoria coroada de rosas, e depois gosaremos a paz com grinaldas de oliveira. Assim se coroaram pela mesma ordem primeiro David guerreiro e victorioso, e depois Salomão pacifico. E esta é a successão mysteriosa e ordenada, com que nos diz o Evangelho que David gerou a Salomão: *David autem rex genuit Salomonem.*

III

Todas as duvidas que se nos podem offerecer na desegualdade desta guerra, segundo o estado presente, eu serei o que as proporei em nome do nosso receio, e o mesmo David o que as desfará por parte da Senhora do Rosario, como retrato natural de seus milagrosos poderes. E começando pela pouca felicidade com que todos os da monarchia tantas vezes, e por tantos modos se têm empenhado nesta guerra sempre com effeitos contrarios, parece que d'aqui se póde formar um argumento praticamente evidente, que Deus não quer a restauração do Brazil. Cuidou-se ao principio que com soccorros pequenos mandados frequentemente á desfilada, se impediriam os progressos do inimigo, o qual se cançaria de sustentar sem lucro uma guerra mercantil, fundada toda no interesse: mas estas dietas receitadas por intentos particulares, só serviam de entreter o engano, e não de acudir á necessidade, consumindo-se lentamente a substancia, gastando-se por partes inutilmente o que junto poderá ser de proveito. Conheceu-se depois com a experiencia (e mais tarde do que fôra bem) que as grandes enfermidades não se curam, senão com grandes remedios: veiu uma armada, e outra armada; mas com que successo ambas? A primeira em uma batalha naval de duvidosa opinião, se não ficou vencida, foi derrotada. A segunda chegou a lançar a galharda infanteria em terra, veterana n'outras guerras, e n'outros

paizes; mas nova e bisonha neste, onde a poucos passos de marcha, provocados a batalha campal, a mesma sciencia do general perdeu o exercito, e o exercito perdido, desbaratado, e morto lhe não pôde salvar a vida.

Na dôr de tão repetidas perdas começou a vacillar a esperança, e acabaram os brados de espertar a monarchia tão sensivelmente lesa na grandeza, na opulencia, na fama. Deliberou-se que as forças navaes de ambas as coròas se unissem em um corpo tão poderoso e formidavel, que o orgulho do mesmo inimigo victorioso o reconhecesse invencivel. Mas sendo as ilhas do Cabo Verde o meio termo desta união, de tal maneira a corromperam os ares pestilentos do clima (por ser a sezão intempestiva) que diminuida em mais da terceira parte a gente maritima e militar, foi necessario deixar o theatro destinado á guerra que havia de ser Pernambuco, e recolherem-se ambas as armadas como a hospital commum ao porto desta Bahia, onde convalescessem. Recuperada pois a saude, e substituida com novas levas a inteireza das companhias e terços; cobriu em fim, ou assombrou esses mares aquella multidão confusa de torres navaes, composta de oitenta e sete vazos, muitos de extraordinaria grandeza, armada de dois mil e quatrocentos canhões, e animada de quatorze mil europeus, numero que o Oceano austral jámais tinha contado, nem ouvido. Quem duvidou então, ou poderia imaginar que não navegava alli a victoria segura, pois bastou a vista só de tão magnifico e estrondoso apparato, para o inimigo desconfiado pactear em terra, e grangear com dadivas a graça dos seus mesmos rendidos? Mas, ó juizos e conselhos occultos da Providencia ou ira divina! Victoriosas sempre sem controversia as duas armadas em quatro combates successivos na parte superior das ondas; furtadas porém as mesmas ondas pela parte inferior, e como minadas as naus pelo fundo, e pelas quilhas, de tal sorte as arrancou do sitio já ganhado a furia das correntes, que por mais que forcejaram pelo recobrar, nunca lhe foi possivel. Assim vencido da sua propria victoria aquelle grande poder, e fugindo sem fugir (porque fugia o mar em que navegava) podendo mais a desgraça que o valor, a natureza que a arte, e a força do destino que a dos braços; perderam os derrotados, e tristes conquistadores

o mar, perderam a terra, perderam a empreza, perderam a esperança, e nós que nelles a tinhamos fundado, tambem a perdemos.

Este é o estado não digo em que nos consideramos, mas em que nos vemos, não se offerecendo nem ainda á imaginação donde se possa formar outro poder semelhante ao passado quando fosse mais venturoso: e esta ultima desconfiança de remedio, por lhe não chamar desesperação, melhor conhecida nos juizos, e sentida nos corações de todos os que me ouvem, do que eu a soube declarar com palavras, é tudo o que posso representar por parte do nosso receio. Mas contra elle nos animará, como dizia, David com seu exemplo, ensinando-nos a pôr toda a esperança de nossas armas no Rosario da Virgem Santissima, a qual, como Mãe de Deus, e a modo do mesmo Deus, quando totalmente faltam os meios e remedios humanos, então mostra mais certa e promptamente a efficacia de seus poderes.

Quarenta dias havia que o Gigante apostata armado, arrogante, e senhor do campo sem resistencia, affrontava o exercito do povo de Deus, não ausente, senão de cara a cara, não se achando em tantos mil soldados e capitães quem se atrevesse a sahir contra elle, ou presumisse que podia ser vencido, não só temerosos todos, mas pasmados, que é a ultima exaggeração do medo: *Audiens autem Saul, et omnes Israelitæ sermones Philisthæi hujuscemodi, stupebant, et metuebant nimis.* [1] No meio porém destes medos e pasmos, metteu em alvoroço todo o exercito outro pasmo maior, que foi offerecer-se um pastorzinho moço, e desarmado a sahir a desafio com o Gigante. As condições eram terriveis, porque daquella singular batalha dependia a servidão ou victoria de qualquer das partes, ficando sujeitos e captivos, ou os Philisteus dos Israelitas, ou os Israelitas dos Philisteus: *Si percusserit me, erimus vobis servi; si ego prævaluero, servietis nobis.* [2] E tal é, e maior ainda o perigo a que se vê reduzido hoje o resto do Brazil, sujeita já, e rendida a tão dura e indigna servidão ametade delle. A' estatura desmedida do Philisteu (da qual fallaremos depois) se ajuntava a desegualdade das armas, a qual

[1] *1.º Livr. dos Reis*, XVII, 11.
[2] *Ibid.*, 9.

por ser notavelmente excessiva, não só a descreve miudamente a Escriptura, mas a peza em partes libra por libra: *Cassis ærea super caput ejus, et lorica squamata induebatur. Porrò pondus loricæ ejus quinq; millia siclorum æris erat: et ocreas æreas habebat in cruribus, et clypeus æreus tegebat humeros ejus: hastile autem hastæ ejus erat quasi liciatorium texentium: ipsum autem ferrum hastæ ejus sexcentos siclos habebat ferri.* [1] O capacete ou murrião do Gigante era de bronze; a tecedura da saia de malha, e es escamas que a dobravam e fortaleciam, de bronze: o escudo que não só chegava, mas excedia os hombros, de bronze: o demais que lhe cobria o resto do corpo até os pés laminas de bronze: e só trazia de ferro o da lança que tinha, diz o Texto, seiscentos siclos de pezo, como a saia de malha cinco mil. De sorte que reduzidos estes siclos hebreus a libras italianas, quatro onças menores que as nossas, o ferro da lança pezava vinte e cinco libras, e o bronze só da saia de malha, duzentas e oito.

Parece-me que esta descripção tão miuda da Escriptura Sagrada tanto foi feita para o nosso caso, como para o de David. Todos os nossos discursos ou temores se occupam em pezar e ponderar a differença e excesso do poder com que o inimigo se acha armado. Tanta artilheria de bronze, tanta de ferro no mar, e na terra tantas fortalezas, tantas náus tão bem apparelhadas e fornecidas, as armas manuaes dos soldados tão limpas, tão assacaladas, e tão luzidas, que os canos das suas clavinas, e as laminas dos seus alfanges mais parecem de prata que de ferro comparadas com os nossos. Mas vamos seguindo a Historia Sagrada, e ainda acharemos muito mais que admirar nesta comparação. Deliberado El-rei Saül a que David sahisse á singular batalha, despiu-se das suas proprias armas, e vestiu e armou a David com ellas. Aqui se me offerece não passar em silencio o muito que deve o Brazil, ao cuidado, e á real grandeza e providencia de sua Magestade, que Deus guarde, em nos acudir e soccorrer. No mesmo tempo em que as costas de Hespanha, Flandres e Italia, estão tão infestadas de inimigos, e ameaçadas de maiores invasões, não duvi-

[1] *1.º Livr. dos Reis*, XVII, 5.

dou sua Magestade de se desarmar ao perto, e como despir-se a si mesmo na Europa, para nos acudir e soccorrer na America com todo o poder naval de sua monarchia. E se o successo não respondeu ao cuidado e diligencia, permittindo Deus, ou ordenando o contrario, tambem David nos dirá o mysterio desta permissão. Vestido David, e armado com tanta honra pelas mãos reaes de Saül, escusa-se cortezmente com o desuzo, e despe-se das armas, porque conheceu, como nós já temos conhecido, que lhe não haviam de servir. Toma outra vez o seu surrão, e a sua funda, escolhe cinco pedras de um ribeiro que por alli corria, e com esta prevenção de tão pouca despeza, estrondo, nem apparato, pranta-se na campanha, faz tiro ao Gigante, derruba-o em terra, corta-lhe com a sua propria espada a cabeça, leva a cabeça ao rei, e a espada ao Templo.

Este foi o breve fim da batalha, e esta a victoria, cuja fama não terá fim, da qual se eu formára um emblema, lhe puzera por lettra: *Fim sem meios*. Porque contra todas as leis da prudencia, e da esperança, o fim se conseguiu aqui sem meios, antes a mesma falta dos meios foi o meio de se conseguir o fim. Quando Saül armou a David, uma peça e a mais necessaria das suas armas foi a espada que lhe cingiu: *Accinctus David gladio super vestem suam:* [1] e posto que se escusou de a levar, dizendo: *Non habeo usum:* depois lhe foi necessario usar da espada, e com effeito usou da do Gigante para lhe cortar a cabeça: *Tulit gladium ejus, et interfecit eum.* [2] Pois se ao menos das armas do rei lhe havia de ser necessaria a espada a David, e o mesmo David sabia que lhe havia de ser necessaria, porque antes de lançar a mão á pedra, disse ao Gigante que o havia de matar, e lhe havia de cortar a cabeça: *Percutiam te, et auferam caput tuum à te:* [3] porque das armas do rei ao menos não levou comsigo a espada, nem Deus que governava todas suas acções quiz que a levasse? O mesmo David deu a razão nas poucas que teve com o Philisteu antes do combate: *Tu venis ad me cum gladio, et hasta, et clypeo; ego*

---

[1] *1.º Livr. dos Reis*, XVII, 39.
[2] *Ibid.*, 51.
[3] *Ibid.*, 46.

autem venio ad te in nomine Domini exercituum, Dei agminum Israel: Tu vens a mim confiado nas tuas armas, e eu venho a ti fiado só no Senhor dos exercitos, o Deus de Israël. E como David queria toda a gloria da victoria só para Deus, e Deus tambem a queria só para si, por isso ordenou que David depois de armado se desarmasse, e que as armas de Saül nenhum uso nem exercicio tivessem naquella batalha, para que a victoria e a gloria toda fosse de Deus, e nem o rei nem as suas armas tivessem parte nella. Parece, Senhores, que me tenho explicado. Muitas graças a El-rei Saül, muitas graças a sua Magestade, que se desarmou a si por nos armar a nós, e nos mandou as armas e as armadas: mas se essas armas e armadas reaes nenhum uso tiveram, nem effeito, entendamos que não foi acaso, nem porque Deus não queira restaurar o Brazil, mas porque é tão zeloso da honra de sua Mãe, como da sua, e foi dispondo sem duvida, e ordenando com particular providencia, que a victoria que havia de ser das armas do rei, seja da funda de David, que é o seu Rosario.

IV

Santo Agostinho, Santo Ambrosio, S. Gregorio, e todos os Padres concordemente entendem que a famosa funda de David, se foi maravilhosa pelo que obrou, mais mysteriosa foi ainda pelo que significava. E entre todas as allegorias com que atégora se tem declarado seus mysterios, nenhuma lhe quadra melhor, e com maiores fundamentos da mesma Escriptura, que ser figura prophetica do Rosario. Seja a primeira razão o numero das pedras. Porque escolheu David para a sua funda cinco pedras, nem mais nem menos? Para o tiro bastava uma, como bastou: e se o tiro se errasse, as outras quatro eram superfluas, porque *in bello non licet bis errare:* na guerra não se permitte errar duas vezes. Quanto mais que David sabia não errar como destro, e sabia que não havia de errar como Propheta. Pois porque escolheu cinco pedras, se bastou e havia de bastar uma? Escolheu uma para o tiro, e cinco para o mysterio; porque esse nem mais nem menos é o numero dos mysterios de que se com-

põe o Rosario: os Gososos cinco, os Dolorosos cinco, os Gloriosos cinco, e nem mais nem menos que cinco em todas as tres differenças. D'aqui é, que sendo a pedra uma, *tulit unum lapidem*, como levava em si a virtude de todas as tres differenças, tambem causou os effeitos de todas tres: de goso para o povo, de dôr para o Gigante, e de gloria para David. Mas diga-nos o mesmo David que esta foi a significação da sua funda, e que nella levou o Rosario não só representado e meditado, senão já offerecido.

Depois da victoria do Gigante compoz David um Psalmo (que é o Psalmo cento e quarenta e tres) em acção de graças da mesma victoria, e em ratificação de um voto que tinha feito e offerecido a Deus antes de entrar na batalha. O voto em estylo prophetico foi desta maneira: *Deus, canticum novum cantabo tibi: in psalterio decachordo psalam tibi; qui das salutem regibus, qui redemisti servum tuum de gladio maligno.* [1] Se vós, Senhor, livrardes a El-rei Saül deste perigo e affronta, e a vosso servo David da espada maligna do Gigante, eu prometto de vos compôr um cantico novo. Este cantico novo em cumprimento do voto foi o mesmo Psalmo, o qual começa assim: *Benedictus Dominus Deus meus, qui docet manus meas ad prœlium, et digitos meos ad bellum:* [2] Bemdito seja o Senhor Deus meu, que ensinou as minhas mãos para a batalha, e os meus dedos para a guerra. Os dedos, diz nomeadamente, e não só as mãos; porque a funda e o Rosario ambos são instrumentos não só das mãos, senão propriamente dos dedos. Mas o que faz mais admiravel a propriedade deste Texto, é que na lingua hebraica em que David o compoz, em logar de *Benedictus Dominus Deus meus:* Bemdito seja o Senhor Deus meu; está *Benedictus Dominus Petra mea:* Bemdito seja o Senhor, pedra minha. Pois a Deus chama David pedra sua? Neste logar, e neste caso sim, e com altissimo mysterio. Não em quanto pedra da funda como funda, senão em quanto pedra da funda como Rosario. A pedra da funda como funda, era a pedra do rio: a pedra da funda como Rosario, era Christo; e esta pedra era Deus: *Deus meus, Petra mea.* Os mysterios do Rosario, ou juntos, ou cada um por

---

[1] *Psalm.* CXLIII, 49.
[2] *1.º Liv. dos Reis,* XVII, 49 e 51.

si, todos são de Christo, e assim quando pelejamos contra nossos inimigos com esta funda, ou a pedra seja uma, ou cinco, ou todas quinze, sempre a pedra é a mesma que venceu e derrubou o Gigante: *Lapis ille quo percussus est Goliath, Christum Dominum figurabat*, diz Santo Agostinho. Por isso David quando contrapôz as suas armas ás do Gigante, não disse: tu vens contra mim com espada e lança, e eu venho contra ti com pedra e funda: senão, eu venho contra ti em nome do Senhor dos exercitos, e do Deus dos esquadrões de Israël: *Ego autem venio ad te in nomine Domini exercituum, Dei agminum Israel.* De sorte que uma coisa era a pedra, e outra o nome que lhe dava a virtude; e este é o nome com que David armou a sua funda, pondo na pedra o nome de Deus, e dando a Deus o nome de pedra: *Benedictus Dominus petra mea.*

Posta pois a pedra na funda, que fez David com as mãos e com os dedos ensinados por Deus para vencer e derrubar o Gigante ? Diz o Texto que dando volta á funda disparou a pedra, e que pregando-lh'a na testa o derrubou: e que cahido elle se poz em fugida todo o exercito dos Philisteus: *Tulit unum lapidem, et funda jecit, et circumducens percussit philisthæum, et infixus est lapis in fronte ejus, et cecidit in faciem suam super terram. Videntes autem philisthiim quod mortuus esset fortissimus eorum, fugerunt.* [1] Este foi o brevissimo successo, nem esperado, nem imaginado dos que tão temerosos estavam: maior que o temor, superior ao desejo, e só egual ao impulso do braço, á força da pedra, e aos poderes da funda. O Gigante cahiu de uma pedrada, e todo o exercito dos Philisteus sem golpe, nem ferida fugiu, e desamparou o sitio, e postos que tinha ganhado, deixando os arraiaes e despojos aos ociosos e timidos vencedores. Olhae, olhae agora para o Gigante, e correi-vos do que pouco ha tão desesperadamente temieis. Aquellas arrobas de ferro e bronze com que se fazia tão formidavel só serviram de o derrubar com maior pezo em terra. A lança cahida para uma parte, o escudo para a outra, o elmo roto e inutil, a sáia de malha sã, e o vastissimo corpo sem vida, não armado já, ou defendido,

---

1 *3.º Livr. dos Reis*, XVII, 49 e 51.

mas amortalhado em suas proprias armas. Isto é o que fez tão brevemente a funda de David, e isto é o que faz e fará a do Rosario por mais fortes, por mais armados, por mais victoriosos e soberbos que estejam nossos inimigos. O que muito nota o Texto sagrado, é que David volteou a funda para dar força ao tiro: *Et circumducens percussit philisthæum.* Assim o devemos nós tambem fazer dando tantas voltas ao Rosario, quantas bastem para o impulso da pedra. O Texto não declara quantas fossem as voltas que David deu á sua funda, mas segundo a arte em que elle era tão exercitado e dextro, sem duvida foram tres. Assim o suppõe e ensina o principe dos poetas latinos, fallando de Mezensio, no qual com todas suas circumstancias parece que descreve a David:

Stridentem fundam positis Mezentius armis
Ipse ter abducta circum caput egit habena. [1]

Pondo de parte as armas tomou a funda, e dando-lhe tres voltas ao redor da cabeça a disparou. Assim o fez David, deixando tambem primeiro, e despindo-se das armas reaes de Saül, as quaes não quiz Deus que tivessem parte na victoria, que é o estado em que nós de presente nos achamos, não por vontade e eleição propria, mas por disposição da Providencia Divina. Já estão postas de parte as armas e armadas reaes, de que não sabemos parte. Pelo que pondo agora toda a esperança e confiança nas do céu, e na protecção e poderes da Virgem Santissima; tomemos todos devotamente o seu Rosario nas mãos, demos volta a esta funda todos os dias tres vezes, e todas tres ao redor da cabeça, não só rezando, mas meditando seus sagrados mysterios; na primeira volta os Gososos do primeiro terço, na segunda os Dolorosos do segundo, na terceira os Gloriosos do ultimo. E se assim o fizermos todos com a união, continuação, e perseverança (que é a que dá força e efficacia ás orações humanas) eu prometto á Bahia, em nome da mesma Senhora do Rosario, que não só se conservará livre e segura de todo o poder dos inimigos que por mar a infestam, e por terra a ameaçam; mas que este será um certo e pre-

[1] Virgilio.

sentissimo soccorro, ainda que faltem todos os outros, para que todo o Brazil fazendo o mesmo se recupere e restaure.

Dizei-me, se cada Rosario fôra uma funda de David, e cada conta uma pedra como a que derrubou o Gigante, não vos parece que com estas armas estariamos bem defendidos e seguros: e que se os inimigos tivessem fé, mais nos deviam temer, que nós a elles? Ora ouvi, e vereis como esta mesma que parece consideração, é verdade experimentada e certa. Na guerra de Tolosa contra o grande poder e numero dos hereges Albigenses, seguia o partido catholico um cavalleiro de Bretanha chamado Aláno de Valcoloara, o qual por conselho de S. Domingos rezava todos os dias de joelhos o Rosario da Senhora. Aprendam deste soldado os soldados. Deu-se batalha, em que elle governava algumas tropas, as quaes porém cercadas por todas as partes da infinita multidão dos hereges, se viram reduzidas áquelle extremo aperto em que na guerra não ha outro partido que entregar, ou morrer. Então implorou Aláno o soccorro da Virgem Santissima do Rosario: e como vos parece que acudiria a soberana Rainha ás vozes daquelle seu grande devoto? Por ventura mandando legiões de Anjos a cavallo, e armados, que se puzessem da sua parte, como os que viu e mostrou Eliseu? Não. Desceu a Senhora do Rosario em Pessoa a soccorrer o seu capitão, e o modo ainda foi mais maravilhoso que o soccorro. Trazia na mão esquerda o Rosario, e delle ia tirando uma por uma as contas, as quaes na mão direita se convertiam em grandes pedras que atirava contra os inimigos, e á força d'aquelle braço, e d'aquellas ballas, qual havia de ser o que não cahisse ainda que fosse gigante? Por este modo foi empregando a Senhora toda a munição do seu soccorro; e quando se acabou o Rosario, para maior ostentação de seus poderes, se acabou tambem a batalha. Mas como se acabou? Não apparecendo em toda a campanha mais que a immensa mortandade dos inimigos, acclamando todo o exercito vencedor, viva Aláno, viva Aláno, e ficando por elle, e seus soldados toda a gloria d'aquelle grande dia.

O maior dia que houve no mundo foi aquelle em que o sol esteve parado á voz de Josuë; e este em que a Senhora deu a victoria ao seu capitão com pedras, me parece que declarou um segredo da mesma voz de

Josuë, atégora mui duvidado, mas não sei se decidido. Pediu Josuë ao sol que parasse, e o mesmo pediu tambem á lua: *Sol contra Gabaon ne movearis, et luna contra vallem Aialon.* [1] Esta segunda parte da petição é a duvidosa, ou a duvidada, e com bem fundado reparo. Josuë só havia mister a luz do sol para que a victoria fosse inteira, e os inimigos já rotos lhe não escapassem debaixo da capa da noite. Supposto isto, razão e necessidade teve de pedir o soccorro do sol; mas o da lua para que, ou porque? Porque verdadeiramente nesta victoria maior parte teve a lua que o sol. Vêde como toda esta machina inferior dos elementos é sujeita ás influencias da lua. As terras, os mares, os ventos, as chuvas, e todas as outras impressões do ar, a lua é a que as move, altera, suspende, exercita. Assim o ensina a philosophia, e o demonstra a experiencia. Oiçamos agora o que diz a Escriptura: *Et mortui sunt multo plures lapidibus grandinis, quam quos gladio percusserunt filii Israel.* [1] Venceu Josuë os cinco reis amorrheus, e desbaratou inteiramente todos seus exercitos; mas foram muitos mais, diz a Escriptura, os que morreram dos inimigos opprimidos das pedras que choveu o céu, que os que mataram os filhos de Israël com as suas armas. E porque a chuva das pedras foi movida e excitada pela lua, como influencia propria da sua jurisdição e imperio, muito maior e mais importante foi o soccorro da lua que o do sol para a victoria. O sol com a luz que teve parada allumiou os soldados de Josuë para que vissem, seguissem, e matassem os inimigos, que foram os menos mortos: porém a lua com as pedras que choveu sobre elles foi a que executou a maior e principal mortandade, e sem nenhuma dependencia do sol, porque tanto os havia de opprimir e matar de noite como de dia. Quem fosse, pois, ou significasse a lua, já na victoria de Josuë se soube que era a Virgem Santissima; mas quaes haviam de ser as pedras com que a mesma Senhora desbaratasse os exercitos dos infieis, só na victoria de Aláno se acabou de saber que eram as contas do seu Rosario. E se David só com uma pedra desta funda derrubou o Gigante, e

---

[1] *Josué*, x, 12.
[2] *Ibid.*, 11.

poz em fugida os exercitos dos Philisteus, que fará o braço poderosissimo da filha de David, e Mãe de Deus, não com uma pedra, nem com cinco, senão com cento e cincoenta, e com as outras quinze, que são as maiores?

V

Desta maneira respondeu e satisfez David á primeira parte do nosso receio, vendo-nos desassistidos das armas reaes na perda ou derrota de uma e outra armada. Agora se segue a segunda parte do mesmo receio, e não menor, fundada na ausencia e verdadeira perda de tantos mil soldados, que as mesmas armadas nos levaram e derrotaram comsigo. Os presidios, regimentos, e tropas do inimigo na fortuna e desegualdade de tão lastimoso successo ficaram inteiros: e os nossos pelo contrario, posto que não enfraquecidos no valor, tão mutilados e diminuidos no numero, que em qualquer caso de invasão nos veremos naquelle grande perigo e aperto, em que se acham decretoriamente os poucos quando pelejam com os muitos. No mar as machinas de madeira, e na terra as de pedra; no mar as naus, e na terra os castellos por mais artilhados e armados que estejam, nem elles se defendem a si, nem aos homens, se os homens os não defendem a elles. E faltando o numero competente dos homens, o que com elles é defeza, sem elles é despojo. Já se a necessidade da guerra nos obrigar a sahir em campanha, como bastará um contra muitos, se não basta Hercules contra dois? Só nos poderá animar na evidencia deste perigo a breve e certa esperança de nos vermos outra vez tão poderosamente soccorridos, e com a vanguarda tão segura como a tivemos no principio deste mesmo anno; mas a dilação natural das nossas resoluções, e impossibilidade pratica de levantar, unir, embarcar, e expedir um similhante soccorro, é a justa e racional desconfiança, por lhe não chamar desmaio, deste nosso receio.

Confesso, senhores, que as razões resumidas neste breve epilogo ainda são maiores e mais fortes. Mas antes que David nol-as desfaça nos mais apertados termos, havendo de ser o Rosario as armas principaes da nossa defeza, eu de nenhum modo admitto que o nu-

mero dos inimigos seja maior que o nosso, senão o nosso maior e muito superior ao seu. As armas do Rosario não só as meneiam os soldados, ou os que teem edade, forças e valor para o ser, senão todos quantos somos (se quizermos, de qualquer sexo, de qualquer edade, de qualquer estado ou condição desta grande e tão dilatada republica). Podem rezar o Rosario os homens e as mulheres, os velhos e os meninos, os sãos e os enfermos, os senhores e os escravos; e se de todos estes se compuzer o nosso exercito, bem se vê quanto excederá no mesmo numero e multidão as listas dos inimigos. Assim o fez Jérusalem ameaçada dos poderosissimos exercitos dos Chaldeus, assim Bethulia sitiada por Holofernes, e pelo victorioso exercito dos Assyrios, e assim a mesma Ninive gentia não só com a guerra apregoada, mas com a ruina e total assolação decretada e notificada por Deus no pregão do Propheta Jonas. Mas o exemplo sobre todos admiravel, e irmão legitimo do nosso caso é o d'El-rei Josaphath.

Vieram conquistar as terras deste rei (que o era do reino de Judá) os Moabitas, Amonitas e Syros com poder muito superior ao de Josaphath: e como o bom e pio rei reconhecesse a desegualdade de suas forças, prostrado diante de Deus no Templo, fez esta oração publica: Vós, Senhor, sois o verdadeiro Deus do céu e da terra, que dominaes sobre todas as gentes e nações do mundo, e a cuja infinita potencia ninguem ha que possa resistir. Estas terras pois em que vivemos não são aquellas mesmas que vós promettestes a vosso servo Abrahão, nosso pae, e primeiro fundador deste reino vosso? Não lançastes dellas os gentios que as habitavam, e nol-as déstes a nós? E nós depois que tomámos posse dellas não as santificamos com templos e altares dedicados a vosso divino culto? *Nunc igitur*, sendo isto assim, *ecce filii Amon, et Moab, et mons Seir, niluntur ejicere nos de possessione, quam tradidisti nobis:* [1] os Amonitas, Moabitas e Syros nos querem lançar das terras de que vós nos mettestes de posse, e fazerem-se senhores dellas: *Deus noster ergo non judicabis eos? In nobis quidem non est fortitudo, ut possimus huic multitudini resistere.* [2] Não será logo

[1] *2.º Paral.*, xx, 10 e 11.
[2] *Ibid.*, 12.

razão. Senhor, que vós nos façaes justiça, e pois o nosso poder é tão inferior ao seu, que lhe não podemos resistir, tome a vossa omnipotencia por sua conta a nossa defeza, e o seu castigo? Assim orou a Deus o rei, como podéra orar hoje o de Portugal, se se achára entre nós. Mas não se contentou só com isto. Fez que se ajuntassem e orassem a Deus todos sem excepção de estado, edade, ou pessoa; os paes, as mães, os filhos, até os mais pequeninos: *Omnis verò Juda stabat coram Domino cum parvulis, et uxoribus, et liberis suis.* [1] E que se seguiu deste conselho e resolução de Josaphat? Coisa verdadeiramente maravilhosa, ou mais verdadeiramente muito natural, e sem maravilha. Posto que da parte dos inimigos a multidão dos soldados era muito superior; como da parte dos Israelitas se uniram aos soldados os que não eram soldados, nem o podiam ser, velhos, mulheres, meninos, e toda a outra multidão imbelle, cresceu este numero tanto, que foi maior que o dos inimigos. E como foi maior o numero, e melhores as suas armas (que eram as da oração) ainda que por uma parte foi a victoria milagrosa de soldados a soldados, por outra teve muito de natural, e sem maravilha, porque os vencedores foram os mais, e os vencidos os menos. Por isso mesmo Josaphat quando sahiu em campanha contra os inimigos, mandou que os musicos do Templo repartidos em esquadras fossem diante do seu exercito cantando louvores a Deus: *Deditque; consilium populo, et statuit cantores Domini, ut laudarent eum in turmis suis, et antecederent exercitum.* [2] E isto para que? Para que se visse, como logo se viu, que o numero de seu exercito victorioso não constava só dos soldados que meneavam as armas, senão de todos aquelles que posto que as não podiam menear, levantavam as mãos desarmadas ao céu, e deste modo marchavam juntamente com elles, e os ajudavam a vencer com suas orações.

E se por meio destas tropas auxiliares compostas de mulheres, meninos e homens incapazes de tomar armas, accrescentou Josaphath tanto o numero e poder de seus soldados: e se por meio das orações unidas de

---

[1] *2.º dos Paral.*, **xx**, 13.
[2] *Ibid.*, **21**.

todos, lhe libertou e desassombrou Deus a terra já meia occupada dos inimigos, sepultando nella a muitos, e lançando della aos demais; porque não esperaremos nós da misericordia de Deus, e de sua Santissima Mãe os mesmos effeitos, se assim soubermos multiplicar o numero, e accrescentar o poder de nossos presidios? Confiadamente torno a affirmar e prometter que este será o meio infallivel não só de defender e segurar esta cidade dos presentes receios, mas de libertar e recuperar todo o estado, lançando os inimigos fóra, e muito longe delle. E para que não haja quem duvide de me dar credito, oiçamos todos isto, mesmo da bocca do Propheta Joel. De quem fallasse o Propheta naquelle Capitulo (que é o segundo) não se sabe ao certo, e por isso com maior propriedade o podemos applicar ao nosso caso, se as circumstancias da prophecia o merecerem.

Primeiramente diz Joël que virá sobre a terra de que falla, uma gente estrangeira muita e forte: *Populus multus, et fortis:* [1] e que o seu exercito entrará armado de fogo assim na vanguarda, como na rectaguarda: *Ante faciem ejus ignis vorans, et post eum exurens flamma:* e que por meio destas armas, e deste fogo a terra que d'antes era um jardim de delicias, ficará a solidão de um deserto: *Quasi hortus voluptatis terra coram eo, et post eum solitudo deserti.* [2] Quem não vê em toda esta prophecia a historia de Pernambuco, e o que d'antes era, e hoje é Olinda? Confesso que quando a vi a primeira vez entre a nobreza de seus edificios, templos e torres, ornada toda nos valles, e coroada nos montes de verdes e altissimas palmeiras, não só me pareceu digna do nome que lhe deram, e de se mandar retratada pelo mundo, mas um formoso e amenissimo jardim, o mais agradavel á vista. Assim a achou o Hollandez quando entrou nella: *Quasi hortus voluptatis terra coram eo:* e depois delle como está? *Et post eum solitudo deserti:* um deserto, uma solidão, uma ruina confusa sem similhança do que d'antes era. No principio se disse que Olinda se convertera em Hollanda: mas depois que a impiedade hollandeza lhe poz o fogo, e ardeu como Troya, nem

[1] *Joel*, II, 2.
[2] *Ibid.*

do que tinha sido, nem do que depois era, se vê hoje mais que o cadaver informe, e uma triste sepultura sem nome, para que nella se desenganem e temam todas as do Brazil. Depois disto descreve o Propheta com propriedade e miudeza digna de se ler devagar o modo e disciplina militar desta gente nas marchas, nas investidas, no bater, e escalar os muros, tudo cheio de circumstancias temerosas, e ameaças de horrores. Mas a maior e mais formidavel de todas é chamar-lhe exercito de Deus, e mandado por elle como executor de sua ira: *Et Dominus dedit vocem suam ante faciem exercitus sui, quia multa sunt nimis castra ejus, quia fortia, et facientia verbum ejus: magnus enim dies, Domini, et terribilis valdè, et quis sustinebit eum?* [1]

Pois, Propheta santo, se este exercito é de Deus, e os seus exercitos, como acabaes de dizer, são muitos e fortes, haverá algum remedio para applacar a Deus, e fazer opposição a estes exercitos? Sim: e de nenhum modo difficultoso. E qual é? O mesmo em proprios termos que eu tenho dito: *Vocate cœtum, congregate populum, sanctificate Ecclesiam, coadunate senes, congregate parvulos, et sugentes ubera: egrediatur sponsus de cubili suo, et sponsa de thalamo suo. Inter vestibulum, et altare plorabunt sacerdotes ministri Domini, et dicent: Parce Domine, parce populo tuo, et ne des hæreditatem tuam in opprobrium, ut dominentur eis natione.* [2] Supposto que este exercito é de Deus, e tão forte, toquemos nós tambem a arma, diz o Propheta: *Canite tuba in Sion:* porque é de Deus, e Deus o governa e manda, presentemo-nos nós tambem diante de Deus, e não em outro logar, senão no seu proprio templo: e porque é tão forte e poderoso, unamos nós tambem todas as nossas forças, e não haja quem não acuda á defeza: acudam os homens, acudam as mulheres, acudam os velhos, acudam os meninos, e entre elles os de peito, acudam os esposos e esposas, acudam os leigos e os ecclesiasticos: orem os sacerdotes com lagrimas (que são as ballas a que o peito de Deus não póde resistir) e digam todos com elles prostrados por terra: perdoae, Senhor, perdoae a vosso povo: e pois esta ter-

[1] *Joel*, II, 11.
[2] *Ibid.*, 15, 16 e 17

ra por ser de catholicos é herdade vossa, não permittaes, Senhor, que com affronta de vosso nome, e de vossa Igreja, esteja a que já está, e venha o demais a poder de infieis. Não diz, nem declara o Propheta que o fizessem assim aquelles a quem exhortou, porque suppõe que em occasião de tão grande temor e perigo, nenhuma creatura haveria tão dura de coração, e tão inimiga da patria, e de si mesma, que não acudisse a Deus por si, e por todos. O que só diz, é que no mesmo ponto se applacou Deus, e zelou o remedio e liberdade da terra como sua: *Zelatus est Dominus terram suam, et pepercit populo suo:* [1] promettendo juntamente, e mandando dizer a todos pelo mesmo Propheta (vède se ha palavras mais proprias do nosso caso) promettendo que o inimigo que tinha vindo do norte, elle, o lançaria fóra, e para muito longe: *Et eum qui ab aquilone est, procul faciam á vobis, et expellam eum.* De maneira, e em conclusão, como dizia, que não nos deve desanimar o successo passado pelos poucos soldados com que nos deixou; pois fazendo nós o que fez Josaphat, e mandou fazer Joël, com as armas da oração que podem menear todos, seremos muitos, mais em numero que nossos inimigos.

VI

Porém David, que é o que ha de responder ao nosso receio, como traz na sua funda o Rosario, sem recorrer a este meio de multiplicar o numero dos combatentes com os que não podem tomar armas; põe só em campanha soldados contra soldados, e promette e assegura á Bahia, e a todo o estado, que para vencer o inimigo, e o lançar delle, bastarão em virtude do mesmo Rosario os nossos poucos contra os seus muitos. Entre as coisas notaveis que de si disse David, é aquella do Psalmo setenta: *Quoniam non cognovi litteraturam, introibo in potentias Domini litteraturam*, no Texto original é o mesmo que *numerationem, et computum.* [2] Quer pois dizer David: porque não usei dos nu-

[1] *Joel*, II, 18.
[2] *Psal*, LXX, 15.

meros, nem dos computos da arithmetica, por isso entrei e fui admittido ás potencias de Deus. E que desmerecimento tem os computos da arithmetica, ou que opposição é a sua com as potencias e poderes de Deus para attribuir David o ser admittido ás potencias de Deus, e ser favorecido de seus poderes por não usar dos numeros e computos da arithmetica? Fallou David como soldado, e deu a razão das suas batalhas e victorias, e de ser tão favorecido e ajudado nellas do poderoso braço de Deus. E a razão é esta: porque nos computos da arithmetica o maior numero sempre venceu o menor, os tres vencem aos dois, os quatro vencem aos tres, os cinco vencem aos quatro. Porém nas potencias de Deus não é assim. Porque quando Deus quer e ajuda, e os homens se fiam do seu poder, o menor numero vence ao maior, como tantas vezes se viu nas batalhas e victorias do mesmo David contra os Philisteus, contra os Moabitas, contra os Syros, contra os Iduméos, e outros. Diz pois o grande rei e famoso capitão discretissimamente, que entrou nas potencias de Deus, porque nunca soube usar da arithmetica, como se dissera: se eu quando havia de dar a batalha, me puzera a contar e a computar o numero dos soldados inimigos, e o dos meus, e formara esquadrões contra esquadrões pelos algarismos; ordinariamente não só não vencêra, mas não pelejára, porque elles eram muitos mais em numero; mas porque eu me fiava da potencia de Deus, e me aconselhava e resolvia com ella; por isso pelejava com tal vantagem, que ficando o numero dos inimigos, que era o maior, desbaratado e vencido, o meu, que era o menor, levava a victoria.

O mesmo fez David no desafio com o Gigante, em que os mesmos olhos viam a grande desproporção de um e outro combatente, como nós vemos a nossa. O Gigante, diz o Texto sagrado, que tinha de altura seis covados e um palmo: *Altitudo sex cubitorum, et palmi.* [1] David pelo contrario, que ainda estava em edade de crescer, porque mal chegava a vinte annos, era tanto menor, que Saül lhe chamou menino: *Non vales resistere Philisthæo isti, quia puer es.* [2] E que fez o valente menino, que ainda não sabia a taboada: *Quo-*

[1] *1.º Livr. dos Reis,* XVII, 4.
[2] *Ibid.,* 33.

niam non cognovi numerationem? Por ventura pozse a multiplicar os covados do Gigante, e diminuir os seus? De nenhum modo. Tanto assim, que quando fallou ao competidor, só fez menção da differença das armas, e nenhuma da grandeza ou estatura dos corpos. Fez pois o tiro com a funda, em nome de Deus, e então se viu quem era o maior. Antes do tiro David dava pelos joelhos ao Gigante: depois do tiro o Gigante deu pelos pés a David. Agora façam lá os arithmeticos a conta, que David não sabe de outras contas mais que as do Rosario que significava a sua funda. Feito pois exactamente o computo, averiguou-se que só David sommava dez mil homens. Assim lh'o disseram os generaes do exercito, não consentindo que elle sahisse em campanha em uma occasião em que ia empenhado todo o poder, e só na reserva da sua pessoa ficava seguro o reparo de qualquer mau successo: *Quia tu unus pro decem millibus computaris:* [1] porque vós, Senhor, sendo um só, sois computado por dez mil. E d'onde se fundou este computo tão excessivo quanto vae de um a dez mil? Fundou-se, e fundou-o David na victoria da sua funda. Assim o cantaram logo as chacotas no mesmo dia daquelle triumpho: *Percussit Saul mille, et David decem millia.* [2] Vêde quanto vae de ter o poder de Deus por si, como teve o devoto David, ou ter a justiça de Deus contra si, como teve o blasphemo Gigante. David vencedor foi computado por dez mil, e o Gigante vencido não por dez, senão por mais de cem mil; porque constando de mais de cem mil o exercito dos Philisteus, tanto que viram vencido o Gigante, todos fugiram: *Videntes autem Philistiim quod mortuus esset fortissimus eorum, fugerunt.* [3] De maneira que foi tal o poder e virtude daquella funda em multiplicar ou diminuir um e outro exercito; que no exercito dos infieis cem mil foram menos que um só, e por isso vencidos e no exercito dos fieis um só foi mais que dez mil, e mais que cem mil, e por isso vencedores. E se isto fez a funda porque significava o Rosario, que fará o mesmo Rosario significado na funda?

---

[1] 2.º *Livr. dos Reis,* XVIII, 3.
[2] 1.º *Livr. dos Reis,* XXI, 11.
[3] *Ibid.,* XVII, 51.

Vejamos a verdade e experiencia desta illação em um passo da Escriptura que já a confirmou maravilhosamente, não em outra nação, nem em outra parte, senão em Portugal. O maior exemplo de vencerem poucos a muitos, foi aquelle em que o condado de Portugal amanheceu reino, vencendo no mesmo dia treze mil portuguezes a quatrocentos mil mouros. E quando Deus revelou a El-rei D. Affonso Henriques a victoria do dia seguinte, diz a historia que estava o santo rei de noite na sua tenda lendo a batalha de Gedeão: e esta é a que nos serve. Vieram contra os filhos de Israël os Madianitas acompanhados de outras nações com tão numeroso ou innumeravel exercito, que os compara o Texto sagrado ás areias do mar: *Sicut arena quæ jacet in littore maris.* [1] Não havia naquelle tempo em Israël rei, nem republica formada, que tratasse da defeza, ou resistencia; pelo que Gedeão eleito por Deus a tomou á sua conta. Ajuntou de todas as tribus que pôde, trinta e dois mil homens, e quando elle reconhecia a desegualdade deste seu exercito, e quão poucos verdadeiramente eram contra aquella multidão immensa; o que disse Deus foi: *Multus tecum est populus, nec tradetur Madian in manus ejus:* [2] Gedeão, essa gente que tens, é muita, e não poderá vencer. Notae a consequencia de Deus. Essa gente não poderá vencer, porque é muita: como se dissera, porque é pouca. Tratou conforme isto Gedeão de apoucar e diminuir o seu exercito: mandou lançar bando que todos os que tivessem medo de ir á guerra se fossem para suas casas: *Qui formidolosus, et timidus est, revertatur:* e houve no exercito não menos de vinte e dois mil que não só tinham no coração o dito medo, mas não duvidaram nem tiveram pejo de o confessar publicamente, e se foram. Ficaram sómente dez mil com Gedeão, e já agora parece que estará contente Deus, pois assás pequeno é o numero de dez mil contra uma multidão innumeravel; mas não foi assim: *Adhuc populus multus est:* [3] ainda são muitos, diz Deus; manda-os passar o rio, e só levarás comtigo aquelles que beberem lançando a agua á bocca como cães: *Qui*

1 *Juizes*, VII, 12.
2 *Ibid.*, 2.
3 *Ibid.*, 4.

lingua lambuerint aquas sicut solent canes lambere. Foram os que assim beberam trezentos sómente: e dividido este pequeno numero em tres partes, as armas que deu o sabio e ardiloso capitão a cada uma, foi uma trombeta para a mão direita, e para a esquerda um cantaro de barro tapado com uma luminaria dentro: *Divisitq; trecentos viros in tres partes, et dedit tubas in manibus eorum, lagenasq; vacuas, ac lampades in medio lagenarum.* [1] Esta foi a larga cerimonia com que Deus diminuiu os soldados de Gedeão, e esta toda a prevenção com que elle os armou para a batalha: e qual seria o successo? Foi tão breve, que o refere a Escriptura em duas regras. Debaixo das sombras da noite tomaram os trezentos aventureiros tres postos ao redor dos arraiaes dos Madianitas, tocaram todos ao mesmo tempo as trombetas, quebraram os cantaros, appareceram os fogos; e foi tal a confusão e perturbação naquelle numerosissimo exercito, tanto mais confuso quanto maior, que imaginando-se acommettidos, e entrados por tantas partes, sem ordem, sem conselho, e sem se conhecerem, uns matavam aos seus, outros fugiam delles como de inimigos, e até os que escaparam, seguidos pelo mesmo Gedeão, e desbaratados inteiramente por elle, deram complemento á victoria começada e acabada na mesma noite e dia.

Não vos parece que foi grande, admiravel, não esperada, e quasi incrivel esta batalha e victoria de trezentos homens? Pois assim mostrou Deus naquella batalha que não só podem vencer os poucos aos muitos, senão os muitos aos innumeraveis: e assim nos deixou retratadas desde então naquella victoria as que depois haviam de alcançar os catholicos contra os infieis em virtude do Rosario de sua Santissima Mãe. Ponderae todas as circumstancias do caso, e achareis o Rosario retratado em todas. Nas trombetas temos a parte vocal do Rosario, que consiste em vozes: nos cantaros e lumes occultos a parte mental, que consiste nos mysterios; e mysterios não outros, senão os de Christo, cuja humanidade era significada no barro de fóra, e a divindade nos lumes de dentro. Estas foram as armas com que venceram: mas como, quantos, e quaes? O modo foi dividido em tres partes, que são

[1] *Juizes*, VII, 16.

os tres terços do Rosario: o numero, foram trezentos, que é o Rosario dobrado, a que vulgarmente chamaes trezentas. E a qualidade ou differença dos soldados aquelles que só beberam como cães, que é a figura propria em que foi prophetisado o fundador do Rosario S. Domingos, como imitadores seus. Estes e taes, sendo tão poucos, venceram a tantos; porque esta é a virtude, e estes os poderes do Rosario vencer a muitos com poucos. Ponde-vos nas campanhas de França, e vereis muitas vezes o mesmo que no valle de Madian. O conde Simon de Monfort, grande devoto do Rosario, e famoso defensor delle contra os hereges, era o general dos catholicos: e que fizeram os seus soldados? Uma vez só trinta venceram a tres mil: outra vez quinhentos venceram a dez mil: outra vez tres mil venceram a trinta mil. E isto lhe succedia em todos os encontros e batalhas, sempre inferiores no numero, e superiores na victoria.

Mas porque a que nós desejamos, é uma ultima e total em que lancemos fóra de nossas terras os injustos possuidores dellas; ouvi o que refere o Beato Aláno aquelle mesmo soldado de que fallámos acima, o qual trocando o habito militar pelo de Religioso, e sendo santo, foi depois de S. Domingos o maior prégador do Rosario. Uma rainha (diz elle) chamada Benedicta, tendo-lhe occupado os hereges a maior parte dos seus estados, e não podendo o rei por ser muito velho tomar as armas, pediu-lhe que supposta a sua impossibilidade lhe quizesse dar mil soldados, porque ella com este pequeno poder, confiada no soccorro da poderosissima Virgem Maria, tinha esperança de prevalecer contra os inimigos, e reconquistar tudo o perdido. Era esta princeza devotissima da Senhora do Rosario, e a primeira coisa que fez, foi que todos os seus mil soldados se alistassem na confraria da mesma Senhora, e rezassem o Rosario todos os dias. Bem exercitados nesta nova disciplina, e mais armados dos seus Rosarios que das outras armas, sahiu a rainha em campanha com este seu exercito, que mal merecia nome de esquadrão: e que diria á vista delle o inimigo? O mesmo que disse ao Gigante, quando viu a David. Opposeram-lhe os presidios das primeiras praças; mas os presidios e as praças foram logo rendidas. Marcha por diante a rainha, e tão depressa vencia como se com os seus poucos soldados levára tambem a soldo a victo-

ria. Desengana-se o inimigo, teme já o poder de que zombava, e ajuntando todo o seu em um grande e bem formado exercito não recusam a batalha os do Rosario: e estes sendo tão poucos fizeram tal estrago e mortandade nos hereges, que fugindo os demais, e não parando, nem nas ultimas raias do reino, o deixaram não só livre, mas o que d'antes não estava, fortificado. Com este successo tão conforme á sua esperança, tornou Benedicta não só vencedora, mas já verdadeiramente rainha, e entrou triumphante na sua côrte, dando todos as graças e os vivas á Virgem do Rosario, que foi a que nelles venceu.

VII

Oh que pouca razão tem a Bahia de temer, se os seus soldados, que considera poucos, militarem debaixo destas sempre victoriosas bandeiras? Se só mil soldados armados com o Rosario recuperaram um reino, e lançaram delle os inimigos tantos e tão fortificados; a Bahia presidiada ainda hoje com dobrada guarnição, e tão valorosa, porque receiará ser invadida, e não terá confiança de outra similhante e final victoria? Verdadeiramente foi circumstancia particular e mui notavel nesta (para maior gloria do Rosario) que como Jael, Debora, ou Judith a alcançasse uma mulher; mas em tempo que as armas de Portugal são immediatamente governadas pela serenissima Margarita, cuja singular piedade e devoção com a Rainha dos Anjos, é o realce que mais resplandece sobre seu real e augustissimo sangue, nem esta gloriosa circumstancia nos falta para que as nossas victorias possam fazer paralello com as da triumphante Benedicta.

Tres coisas conseguiu esta devota e venturosa princeza. A victoria dos inimigos, a recuperação de seus estados, e a paz delles, que é o suspirado fim da nossa guerra. Este foi, como diziamos, o mysterio de David gerar a Salomão; e tudo isto, que tão difficultoso parece a muitos, conseguiremos facilmente em virtude da melhor filha de Salomão e David, se a funda do seu Rosario forem as nossas armas, como são as suas: *Quæ est ista quæ progreditur quasi aurora consurgens, pulchra ut luna, electa ut sol, terribilis, ut castrorum*

acies ordinata? [1] Quem é esta que caminha como a aurora quando nasce, tão formosa como a lua, tão escolhida como o sol, e tão terrivel e formidavel como um exercito bem ordenado posto em campo? Esta pergunta fizeram as filhas de Sião companheiras da Esposa dos Cantares, que é a Virgem Maria e a sua mesma pergunta e duvida m'a faz a mim maior. Quando isto perguntaram e duvidaram as filhas de Sião, estavam actualmente vendo e fallando com a mesma Esposa, e louvando-a. Assim o dizem as palavras antecedentes: *Viderunt eam filiæ et Beatissimam prædicaverunt.* [2] Pois se estavam vendo e fallando com a Senhora, e a conheciam muito bem, que por isso a louvavam com o superlativo de beatissima, como perguntam e duvidam quem é: *Quæ est ista?* Não duvidavam da Pessoa, duvidavam do officio que exercitava, e do titulo a que haviam de attribuir ser terrivel como um exercito armado. A Virgem Senhora nossa tem muitos titulos, officios e invocações com que, sendo uma só, a distinguimos como se foram muitas. Assim dizemos a Senhora da Piedade, a Senhora do Soccorro, a Senhora da Saude, etc. E nesta forma duvidavam e perguntavam as filhas de Sião que Senhora era aquella terrivel e formidavel como um poderoso exercito? Ellas não tiveram quem respondesse á sua pergunta; mas eu respondo que é a Senhora do Rosario, e o provo do mesmo Texto. Antes de dizerem que era como exercito, disseram que era como aurora, como lua, como sol: *Quæ est ista quæ progreditur quasi aurora consurgens, pulchra ut luna, electa ut sol:* e estes são successivamente, e pela mesma ordem os tres mysterios de que se compõe o Rosario. Nos primeiros, que são os da Encarnação, foi a Senhora como aurora, Mãe do verdadeiro Sol, o Filho de Deus encarnado: nos segundos, que são os da Paixão, foi como lua, eclypsada na dôr e tristeza do Filho crucificado e morto: nos terceiros, que são os da Resurreição, foi como o sol, cercada dos resplendores e gloria do mesmo Filho resuscitado. E de todos tres, Gososos, Dolorosos, e Gloriosos se compõe pela mesma ordem o terrivel e formidavel exercito do Rosario, que por isso nomeadamente se chama

[1] *Cant.*, VI, 9.
[2] *Ibid.*, 8.

ordenado: *Ut castrorum acies ordinata.* Os romanos ordenavam os seus exercitos repartidos em tres linhas: na primeira os soldados que chamavam Rosarios, na segunda os que chamavam Accentos, na terceira os que chamavam Triarios; e na mesma forma ordenou a Senhora o seu Rosario repartido nas tres partes a que nós chamamos terços. Assim como nos exercitos romanos a cada dez soldados presidia e assistia um cabo chamado por isso decurião, assim vemos nas contas do Rosario que a cada fileira de dez Ave Marias preside e precede um Padre Nosso. Tão composto e tão ordenado é este poderosissimo exercito da Senhora, e por isso terrivel e formidavel! *Terribilis ut castrorum acies ordinata.*

De ser tão terrivel e formidavel o exercito, se segue o não haver quem lhe resista, e ser sempre victorioso: e a estas victorias como ás de David se segue a paz como a de Salomão. Assim se affirma e canta no mesmo Capitulo com repetição das mesmas palavras: *Decora sicut Jerusalem, terribis ut castrorum acies ordinata.* [1] E porque se chama a Senhora formosa como Jerusalem, quando outra vez é chamada terrivel como exercito? Porque Jerusalem quer dizer vista de paz: *Visio pacis:* e o mesmo exercito do Rosario que para os inimigos é vista de terror, para os que elle defende é vista de paz: vista de terror, pelas victorias que alcança, e vista de paz, pela paz que ás mesmas victorias se segue. Pelas victorias de David foi tal a paz que gosou Salomão, que diz a Escriptura fallando do seu reinado, que Jerusalem estava cercada com muros de paz: *Qui posuit fines tuos pacem.* [2] Estendendo-se pois o Brazil por mais de mil legoas de costa com tantos portos e enseadas abertas, que não bastam para as guarnecer todos os soldados de Europa, só com muros de paz se póde defender e estar seguro. E d'onde poderemos nós achar estes muros de paz, senão na mesma Senhora do Rosario, a qual como para as victorias é o exercito, tambem para a paz será os muros. Assim o diz milagrosamente fallando da mesma Senhora não outrem, senão o mesmo Salomão, nem em outro Livro senão no mesmo dos Canticos: *Ego murus, et ubera mea sicut turris, ex quo facta sum coram eo quasi*

---

[1] *Cant.*, VI, 3.
[2] *Psalm.* CXLVII, 14.

pacem reperiens. [1] Tanto que eu descobrir e achar esta tão desejada paz, eu mesma, diz a Senhora, serei o muro, e os meus peitos as torres que vos defendam.

Mas para que são outras Escripturas, se na mesma natureza nos deixou a Senhora um prodigioso testemunho, em que nos promette esta paz vinculada ao seu Rosario. As palavras da Virgem Santissima no Cap. 24.º do Ecclesiastico, são estas: *Sicut aspalathus aromatum odorem dedi.* [2] Os favores que eu communico aos meus devotos, são como o cheiro do aspaláto. Assim leem este logar as Biblias grega, romana, syriaca, Rabáno, Jansenio, Lyra, e todos os Expositores commummente. E que coisa é o aspaláto, para que entendamos o mysterio das palavras da Senhora, e o que nos quer dizer nellas? Primeiramente o aspaláto, diz Plinio, [3] é uma arvore pequena, cujas flôres entre espinhas são como rosas: *In eodem tractu aspalathus nascitur, spina candida, magnitudine arboris modicæ, flore roseo.* O lenho do aspaláto, dizem Amato e Ruelio referidos por à Lapide, que é o vulgarmente chamado rhodio, de que se fazem as contas do Rosario: *Amatus, et Ruelius censent aspalathum esse lignum rhodium, ex quo globuli precatorii conficiuntur.* Já temos o Rosario bem significado nas flôres, e no tronco do aspaláto. E qual é a propriedade do seu cheiro, em que a Virgem Senhora põe toda a força e energia da sua comparação: *Sicut aspalathus aromatum odorem dedi?*

Verdadeiramente é milagre da natureza, que só parece creado pelo Auctor della para prova dos poderes de sua Santissima Mãe, e da paz que nos promettem as victorias do seu Rosario. Toda a planta, diz Plinio, sobre a qual se inclinou a iris ou arco celeste, tem o cheiro do aspaláto: *Tradunt in quocumq; frutice curvetur Arcus cœlestis, eandem, quæ sit in aspalatho, suavitatem odoris existere.* Em descobrir as causas deste segredo trabalhou com todo seu engenho Aristoteles; mas como o havia de alcançar quem não teve fé dos mysterios de Christo, e mil e setecentos annos antes da instituição do Rosario? A devoção do Rosario é o cheiro do aspaláto, a que a mesma Senhora se comparou: *Quasi aspalathus aromatum odorem dedi;* a iris

---

[1] *Cant.*, VIII, 10.
[2] *Eccl.*, XXIV, 20.
[3] Plin. Livr. 12. Cap. 4.º

ou arco celeste é o signal da paz que Deus deu aos homens desd'o tempo do diluvio: e todas aquellas plantas sobre que se inclina o arco celéste cheiram a aspaláto, porque é tal a virtude ou a sympathia como natural que tem o Rosario com a paz, e a paz com o Rosario, que a todos aquelles a quem a Senhora communicou a devoção do seu Rosario, não póde faltar o ceu em lhe dar a paz. O arco celeste é arco sem corda, e por mais armados que estejam os inimigos, o Rosario os desarmará de maneira, que da mesma guerra nasça a paz, assim como de David guerreiro nasceu Salomão pacifico: *David autem rex genuit Salomonem.*

VIII

Tenho acabado o meu discurso, mais largo do que o pedia a festa, se a materia não fôra tão importante. Concluo com duas palavras aos nossos soldados: não para affrontar o seu valor animando-os, mas para alentar a sua devoção e christandade, sem a qual não ha seguro valor. A insignia dos soldados antigamente não consistia na espada, senão no que hoje se chama taly, e então se chamava balteo. Os Moabitas, para resistirem aos exercitos de Israël e Judá, diz o Texto sagrado que ajuntaram todos aquelles a quem do hombro pendia o balteo, isto é, toda a gente de guerra: *Convocaverunt omnes, qui accinti erant balteo desuper.* [1] Job, para significar como Deus abate e humilha o poder militar dos reis, diz que lhe tira e rompe o balteo: *Qui balteum regum dissolvit.* [2] Turno, quando matou o principe Pallante, o despojo com que se honrou de suas armas, foi somente o balteo que depois lhe custou a vida: *Humero cum apparuit alto balteus.* Joab soberbo com a vingança dos dois generaes Abner e Amasa, o que pintou com o sangue de ambos foi o seu balteo: *Effudit sanguinem belli in pace, et posuit cruorem prœlii in balteo suo.* [3] Finalmente, para encarecer a Escriptura o extremo com que Jonathas amou a David

[1] 4.º *Livr. dos Reis*, III, 21.
[2] *Job.*, XII, 18.
[3] 3.º *Livr. dos Reis*, II, 5.

depois da victoria do Gigante, diz que lhe deu os seus vestidos, a sua espada, o seu arco, e por ultimo encarecimento até o balteo: *Usq; ad balteum.* [1] Tal é a insignia, valorosissimos soldados, que eu quizera recebesseis todos não da mão de Jonathas, filho d'el-rei Saul; mas da mão da Rainha dos anjos, e Mãe do Rei dos reis. O balteo da Virgem poderosissima é o seu Rosario. Com este lançado a tiracolo (como tambem David levava o seu surrão pastoril, em que metteu as pedras) posto que o numero dos inimigos seja tão avantajado, como é, e o vosso muito menor, sem duvida vencereis a todos.

No anno de mil e quinhentos e setenta e oito, quando mais se desaforou a rebeldia heretica nos estados de Flandres, profanados os templos e os altares, affrontadas e quebradas as cruzes e imagens sagradas, e fundidos os sinos em artilheria, como se tem feito em Pernambuco, os hereges da populosissima cidade de Gante, formaram um exercito de vinte mil combatentes, com que talavam os campos, saqueavam as villas, e destruiam todos os logares abertos, e sem defensa dos catholicos. No meio porém deste lastimoso desamparo excitou Deus o espirito do conde de Egmont, e de outros senhores tão fieis e obedientes á Igreja Romana como a seu rei, os quaes se quizeram oppôr á furia dos hereges: mas não poderam ajuntar mais que um pé de exercito de sete mil soldados inferior em dois terços ao dos inimigos. E que fariam com tão desigual poder? Pintaram nas bandeiras a Virgem Senhora nossa, e todos, asim soldados como capitães, lançaram a tiracolo os seus Rosarios, e deste modo armados se puzeram na campanha. Os hereges, vendo o pequeno numero, e as novas e desusadas bandas dos que sahiam a contender com elles, chamavam-lhes por desprezo o exercito do Padre-Nosso; mas os Padre nossos, e as Ave Marias esforçaram de maneira o seu pequeno exercito, que mortos cinco mil dos inimigos, os demais fugindo, se acolheram á cidade, d'onde nunca mais se atreveram a sahir, e ficou toda a campanha pelos catholicos. Isto fez então a Senhora do Rosario, e o mesmo fará em todas as occasiões, se os nossos soldados, posto que menos em numero, seguirem nas

[1] *1.º Livr. dos Reis,* XVIII, 4.

bandeiras a mesma insignia, e se armarem das mesmas armas.

E para que vejam que não só são offensivas, senão tambem defensivas, que é o primeiro effeito das armas, e o primeiro cuidado e fim da milicia bem ordenada; oiçam brevissimamente outro caso não só de egual e maior maravilha, mas evidentemente milagroso. Caminhava pelo valle de Alfandech, no reino de Valença, um fidalgo por nome Jeronymo Hespi, e alli o assaltaram seus inimigos, muitos, e todos com armas de fogo. Vendo-se só, e sem remedio, invocou o soccorro da Senhora do Rosario, de quem era muito devoto. E qual seria o successo de uma tão perigosa assaltada? Empregaram nelle vinte tiros, de que os vestidos por differentes partes ficaram um crivo; mas as ballas todas pararam entre a roupa e a carne sem penetrarem a pelle, nem lhe tirarem uma gota de sangue. Tão pouco obraram em um devoto do Rosario vinte tiros, e o mesmo fariam se fossem mil! Oh Virgem poderosissima do Rosario, que agora acabo de entender porque diz Salomão que trazeis ao pescoço mil escudos, como os que estavam pendurados na torre de David: *Sicut turris David collum tuum: mille clypei pendent ex ea.* [1] E que escudos são estes que a Senhora traz ao pescoço, senão as contas do seu Rosario? As contas do Rosario não só são cento e cincoenta escudos, senão mil escudos. Vejam logo os nossos soldados quão bem armados irão não só offensiva, senão defensivamente, se todos levarem a tiracolo este balteo militar da Mãe do Senhor dos exercitos! Assim o escreveu Salomão, e assim o demonstra na torre de seu pae David, confirmando ambos tambem por este modo o mysterio com que disse o nosso Evangelho fallando de ambos: *David autem rex genuit Salomonem.*

[1] *Cant.*, IV, 4.

SERMÃO DECIMO TERCEIRO

Assimilatum est Regnum Cœlorum homini regi, qui voluit rationem ponere cum servis suis. [1]

Beatus venter, qui te portavit, et ubera quæ suxisti. [2]

I

Se alguma coisa faz a vida molesta, se alguma mais que todas faz a morte temerosa, é a conta que todos os homens havemos de dar a Deus. Pouco tinha que temer a morte, se depois della se não seguira o Juizo: e facilmente se podia passar a vida, se a não aguardára no fim o exame rigoroso de todos os actos della. Mas como poderá obrar com gosto quem lhe hão de pedir conta de todas as obras? Como poderá fallar com confiança quem lhe hão de pedir conta de todas as palavras? Como poderá, nem ainda imaginar com liberdade quem lhe hão de pedir conta de todos os pensamentos? Isto é o que com temerosas circumstancias nos representa hoje a Egreja no Evangelho proprio deste dia, de que é o primeiro thema que propuz: *Assimilatum est regnum cœlorum homini regi, qui voluit rationem ponere cum servis suis.* [3] Compara-se Deus nesta parabola a um rei que tomou conta a seus servos. E se áquelles que o servem, e de quem se serve, toma

1 *Math.*, XVIII.
2 *Luc.*, XI.
3 *Math.*, XVIII, 23.

contas, não se fiando da fidelidade e inteireza dos mesmos de quem confiou seu serviço; vêde quão rigorosas serão as que tomará aos que o não servem. Servo de Deus era David, e servo nascido em sua casa: *Ego servus tuus, et filius ancillæ tuæ:* [1] e comtudo tremendo dizia: *Non intres in judicium cum servo tuo, quia non justificabitur in conspectu tuo omnis vivens;* [2] não entreis, Senhor, em juizo com vosso servo, porque ninguem sahirá justificado em suas contas, se vós lh'as examinardes. Servo de Deus era Job, e o servo de quem Deus mais se fiava, e se prezava: *Nunquid considerasti servum meum Job?* [3] E este mesmo Job confessava de si, e de qualquer outro homem, que se entrasse em juizo contencioso com Deus, nenhum haveria que de mil coisas de que Deus lhe pedisse conta, lh'a désse boa de uma só: *Si voluerit contendere cum eo, non poterit ei respondere unum pro mille.* [4] Assim succedeu nesta parabola a um servo a quem o rei tomou contas. Alcançou-o não só em mil, senão em dez mil talentos; não tendo elle cabedal, nem remedio para satisfazer a menor parte de tamanha divida: e este é o estado em que nos achamos todos.

Só duas Pessoas houve neste mundo, a quem Deus não alcançou em contas, que foram seu Filho, e sua Mãe: os quaes nunca contrahiram divida, porque nunca peccaram. E a felicidade singular deste mesmo Filho, Christo, e desta mesma Mãe, a Virgem Santissima, é o que temos no Evangelho da presente solemnidade, de que eu propuz o segundo thema: *Beatus venter qui te portavit, et ubera quæ suxisti.* [5] A razão geral por que na solemnidade do Rosario canta a Igreja esta breve e compendiosa sentença, em que os louvores do Filho estão admiravelmente tecidos com os da Mãe, e os da Mãe unidos com os do Filho; é porque dos mysterios do mesmo Filho, e da mesma Mãe, se compõe o mesmo Rosario. Mas esta só razão não basta para dar sufficiente motivo ao encontro do segundo Evangelho com o primeiro. Se nós foramos

---

1 *Psalm.* CXV. 16.
2 *Ibid.*, CXLII, 2.
3 *Job.*, I, 8.
4 *Ibid.*, IX, 3.
5 *Luc.*, XI, 27.

capazes de nos isentar da conta que Deus toma no primeiro Evangelho, como se isentaram della no segundo o Filho impeccavel, e a Mãe que nunca peccou; bom reparo nos offereciam as isenções do segundo contra o perigo e temores do primeiro: mas como todos somos peccadores, todos entramos na conta dos que a hão de dar a Deus, e muito rigorosa. Comtudo, eu considerando os dois meios (que logo veremos) com que o servo do primeiro Evangelho vendo-se tão alcançado nas contas, soube sahir bem dellas; acho os mesmos nos mysterios do Filho, e nas intercessões da Mãe, que são as duas partes do Rosario, a que o mesmo Filho e a mesma Mãe lançaram os primeiros fundamentos no segundo Evangelho. Concordados pois um e outro, e ajustadas as contas do Rosario com a conta que havemos de dar a Deus; o assumpto e titulo do presente sermão será este novo proverbio. Quem quizer dar boas contas a Deus, rese pelas do Rosario. A difficuldade do argumento, tão grande como a novidade delle, necessitam de muita graça: *Ave Maria.*

II

Começou o rei a tomar contas aos criados (diz o Evangelho) e o primeiro a quem as tomou, achou que lhe estava a dever dez mil talentos: *Et cum cœpisset rationem ponere, oblatus est ei unus, qui debebat ei decem millia talenta.* [1] Talentos antigamente significavam certa somma de dinheiro, grande: hoje os talentos significam prestimos; e posto que se lhes mudou a significação, não se variou o significado. Quem tem muito dinheiro, por mais inepto que seja, tem talentos e prestimo para tudo: quem o não tem, por mais talentos que tenha, não presta para nada. E quanto vinham a montar os dez mil talentos em que o criado do rei foi alcançado de contas? E' coisa digna de assombro, e mais em tempo em que ainda se não tinham descoberto os Potussiz. Segundo a conta hebrêa, em que Christo fallava, vinham a montar dez mil talentos, cento e vinte mlhões de oiro da nossa moeda

[1] *Math.*, XVIII, 24.

antiga, e da presente duzentos milhões. Pois como é possivel que tivesse tão grandes thesouros um rei, e que um só criado lhe tivesse roubado tanto? Duas razões acho no mesmo Evangelho a estes dois muitos, uma da parte do rei, outra da parte do criado. Da parte do rei, diz o Evangelho, que elle por sua propria pessoa tomava as contas: *Homini regi, qui voluit rationem ponere cum servis suis: et cum cœpiset rationem ponere.* E um rei que toma as contas da sua fazenda por sua propria pessoa, e não as fia de outrem, não é muito que tenha milhões a milhares. E se a prova se não póde ver hoje nos milhões adquiridos, veja-se nos consumidos e desbaratados. Da parte do criado, diz o Evangelho, que o rei alcançando-o nas contas em tão enorme quantia, o mandou vender a elle e a sua mulher, e a seus filhos: *Jussit eum venundari, et uxorem ejus, et filios.* [1] Isto não o fez o rei por recuperar o perdido, mas por castigar o ladrão; porque depois de tamanha quebra, claro está que não havia de haver quem désse nada por elle. E porque foram tambem vendidos a mulher e os filhos? Porque a vaidade e appetites das mulheres, e as larguezas e loucuras dos filhos, são uma das principaes causas por que os maridos e paes se endividam no que não podem pagar, e roubam o que hão de restituir. E isto baste quanto á historia e corpo da parabola.

Vindo ao espirito e interior della, estas dividas são os peccados. Assim lhe chamamos no Rosario quando dizemos: *Dimitte nobis debita nostra.* E para um homem ser devedor a Deus de duzentos milhões, não é necessario que os peccados se contem a milhares, nem a centos, basta um só peccado mortal. Esta é a verdadeira e solida intelligencia da parabola: e assim a declaram sem discrepancia alguma todos os Padres, todos os Theologos, todos os Interpretes. E que fez o pobre criado vendo-se tomado e convencido em tanto excesso de dividas, e não só impossibilitado de cabedal para as satisfazer, mas condemnado já pelo rei a ser vendido, e passar da largueza e senhorio do estado em que tanto luzia com o alheio, á miseravel servidão de escravo? Valeu-se industriosamente de dois meios, que são os mesmos (como dizia) de que se compõem as duas partes

[1] *Math.* XVIII, 25.

do Rosario. As duas partes do Rosario, mental uma, e vocal outra, compõem-se de mysterios e orações: nos mysterios valemo-nos dos merecimentos de Christo; nas orações valemo-nos dellas, e da intercessão de sua Santissima Mãe. Aproveitando-se pois de similhantes industrias, o servo que tão alcançado se viu nas contas, com éllas se remiu tão inteiramente do que devia, como se as tivera dado muito ajustadas. Vamos ao primeiro Evangelho (que é um claro e excellente commento do que a Igreja e a festa nos recommenda no segundo) e nelle acharemos uma e outra industria.

III

Convencido e condemnado o devedor, lançou-se aos pés do rei, e disse-lhe estas breves palavras: *Patientiam habe in me, et omnia reddam tibi:* [1] tende, Senhor, paciencia para commigo, e eu vos pagarei tudo o que devo. Isto é lettra por lettra o que soam as palavras, nas quaes se occulta um mysterio, que descuberto é altissimo. Parece que este homem havia de pedir misericordia ao rei, e não paciencia: pois porque não pede misericordia nem perdão do que devia, senão a paciencia do rei somente, e debaixo dessa paciencia lhe promette pagar toda a divida: *Patientiam habe in me, et omnia reddam tibi?* Torno a dizer que fallou altissimamente. Porque o Rei era Deus, o qual é incapaz de paciencia, porque não póde padecer: e uma vez que Deus chegasse a padecer, e ter paciencia, logo o servo tinha cabedal para lhe pagar toda a divida, e muito mais.

Para perfeita intelligencia deste grande ponto havemos de suppôr o que resolve e ensina a Theologia sobre duas famosas questões. A primeira é se bastava um puro homem que não fosse Deus para satisfazer e pagar de rigor de justiça pelos peccados dos homens? Ao que se responde com resolução certa e evidente que não; porque a paga ha de ser proporcionada á divida, e o peccado pela parte que toca a Deus, a quem offende, é divida infinita. Logo não se póde pagar com satisfa-

[1] *Math.*, XVIII, 26.

ção de valor finito e limitado, qual é o do puro homem; e esta é a razão porque diz o Evangelho que o homem devedor dos talentos não tinha cabedal para a paga: *Cum non haberet unde redderet.* Supposto pois que homem que houvesse de pagar pelo peccado, necessariamente havia de ser Deus; a segunda questão é, se bastava que fosse Deus com carne immortal e impassivel? Ao que se responde com a mesma certeza que absolutamente bastava; porque as acções deste Homem-Deus, quaesquer que fossem, sempre seriam de preço e valor infinito. Supposto porém o decreto divino, ensina a Theologia e a Fé, que de nenhum modo bastaria; porque Deus tinha decretado de não acceitar outra paga pelo peccado dos homens menos que a morte e Paixão de seu Filho. E essa foi a razão por que o mesmo Filho de facto encarnou em corpo mortal e passivel para poder padecer, como padeceu. E como o peccado do homem se não podia pagar sem Deus padecer; por isso o servo devedor, vendo-se alcançado nas contas, e impossibilitado para a paga, discreta e sabiamente disse ao Rei que era Deus: *Patientiam habe in me, et omnia reddam tibi:* vós, Senhor, que sois impassivel, tende paciencia: e essa vossa paciencia applicae-m'a a mim: *Patientiam habe in me:* que como vós padecerdes por mim, logo eu terei cabedal para vos pagar quanto devo: *Et omnia reddam tibi.*

Bem mal cuidei eu, quando dei neste pensamento, que tivesse confirmação para elle. Mas depois achei que muitos annos antes o tinha escripto o doutissimo Salmeirão da nossa Companhia, e um dos primeiros fundadores della. Em fim, que se o pensamento não é meu, é nosso. Vão as palavras, que não podem ser mais adequadas: *Modus quo quis omnia reddit, est, Deo patiente, et patientiam habente, qui pro nobis in cruce Deo plenè satisfecit.* [1] O modo (diz Salmeirão) com que o peccador paga a Deus as dividas de seus peccados, é só a paciencia do mesmo Deus: porque fazendo-se Deus homem passivel, e padecendo pelos peccados dos homens, só por este modo pôde satisfazer, e satisfez plenariamente por todos. De sorte que o nosso descargo todo consiste na sua paciencia: *Patientiam habe in me, et omnia reddam tibi.* Pois assim como

[1] Salmei. tom. 7.º tract. 3.º.

o servo do Rei appellou para este unico modo de satisfação vendo-se alcançado nas contas; assim digo que por meio das contas do Rosario as daremos boas a Deus, porque nellas nos valemos do cabedal da sua paciencia, e trespassamos todas as nossas dividas sobre o mesmo Deus feito homem passivel, para que elle as pague por nós com o preço do que padeceu em todos os Passos e Mysterios de sua vida e morte, que são os que no mesmo Rosario lhe offerecemos.

E para que não faça novidade ou duvida este modo de trespassar as nossas dividas a Christo, para que nós as paguemos nelle, ou elle as pague por nós; oiçamos ao Propheta Nathan. Quando este Propheta arguiu a David do peccado que tinha commettido contra Deus no adulterio de Bersabé, e morte aleivosa de Urias, como elle arrependido respondesse: *Peccavi Domino:* [1] pequei contra Deus; accrescentou logo o mesmo Propheta: *Dominus quoq; transtulit peccatum tuum:* e tambem Deus, ó Rei, trespassou o teu peccado. Notae a palavra *transtulit*, trespassou. E para onde, ou para quem trespassou Deus o peccado de David? No Texto hebreu ainda está mais claro: *Transire fecit peccatum tuum à te:* fez que o teu peccado passasse de ti. Pois se passou de David, para quem passou? Passou de David para Christo, e este foi o trespasso. A divida era conta de David, e a paga foi da conta de Christo. No banco de Amsterdam mettem alli os mercadores os seus cabedaes, cada um com a sua conta á parte, e sem se contar dinheiro, só com um trespasso se fazem todos os contractos, e se pagam todas as dividas, carregando-se na conta de um o que se tira na do outro. Assim succedeu a David na divida que contrahiu pelo seu peccado: *Dominus quoq; transtulit peccatum tuum.* Pagou a sua divida por via de trespasso, porque a descarregou Deus da conta de David, e a carregou na de Christo. Isto mesmo é o que se faz no Rosario.

Mas vejamos primeiro o modo tão admiravel, como propriamente divino, com que no trespasso de nossos peccados se faz este descargo de nossas dividas. Condemnado El-rei Ezechias á morte, alcançou perdão de Deus, e os termos com que lhe rendeu as graças por

[1] 2.º *Livr. dos Reis*, XII, 13.

esta mercê, foram tão extraordinarios como ella: *Tu autem eruisti animam meam ut non periret, projecisti post tergum tuum omnia peccata mea.* [1] Eu, Senhor, bem merecia a morte; mas vós fostes tão piedoso commigo, que para me livrardes della, lançastes os meus peccados detraz de vossas costas. Lançarem-se os peccados de uns ás costas de outros, não é coisa nova no mundo, antes a mais antiga de todas. Adão lançou a sua culpa ás costas de Eva, e Eva lançou a sua ás costas da serpente, e todos os filhos de Adão e Eva para se desculparem a si, lançam as suas culpas ás costas de outros. Isto fazem os homens? E Deus que faz, ou que fez? O que fez a Ezechias só foi uma similhança do que fez por todos. Para livrar a todos os homens do que lhe deviam por seus peccados, tomou os peccados de todos sobre si, e lançou-os ás suas proprias costas. E' proposição de fé definida pelo primeiro Pontifice da Igreja: *Qui peccata nostra ipse pertulit in corpore suo super lignum.* [2] Quando Christo levou a cruz ás costas (diz S. Pedro) levou sobre a mesma cruz todos os nossos peccados para pagar por elles. D'aqui se entenderá de passagem a razão porque Christo ajoelhou com o pezo da cruz, e o Cyrineu a levou tão facilmente. Porque o Cyrineu levava a cruz sem os peccados; e Christo levava os peccados sobre a cruz. E não é muito que o pezo dos peccados fizesse ajoelhar a Deus, se o fez morrer.

Morreu em fim Christo na cruz, e nella assim como com a morte pagou as dividas dos nossos peccados, assim com o sangue apagou as escripturas por que estavamos obrigados ás mesmas dividas. Não é consideração minha, senão testemunho authentico de S. Paulo, ou revelação de Christo por bocca do mesmo Apostolo: *Delens quod adversus nos erat chirographum, et affigens illud cruci.* [3] Quer dizer: que apagou Christo na cruz as escripturas de nossos peccados, e que assim apagadas as pregou nella. E se alguem me perguntar que escripturas são estas, pelas quaes estamos obrigados ás dividas de nossos peccados? Respondo que alludiu S. Paulo a um grande secreto da Providencia e Justiça divina metaphorico, mas verda-

---

[1] *Isai.*, XXXVIII, 17.
[2] *1.ª Epist. ad Petr.*, II, 24.
[3] *Colóss.*, II, 14.

deiro, e é, que todas as vezes que o homem pecca (sem nós o sentirmos, nem sabermos como) escreve cada um nos livros de Deus o seu peccado como devedor, e por esta escriptura fica obrigado á divida, e á paga della. Assim o declara Origenes como tão versado nas Lettras Sagradas: *Unusquisq; enim nostrum, in his quæ deliquit, debitor efficitur, et peccati sui literas scribit.* [1] Estas são as escripturas que Christo apagou com o seu sangue na cruz, e estas as dividas dos peccados que tomou sobre si, pagando umas, e apagando outras: *Delens quod adversus nos erat chirographum.* E como pela paciencia de Christo, e pelo que elle padeceu por nós se pagam as dividas, e se apagam as escripturas de nossos peccados, quem estiver tão saneado nos livros de Deus quando fôr chamado a dar contas, como as não ha de dar boas?

IV

Isto é o que digo que alcançamos por meio dos contas do Rosario. Mas contra esta grande proposição se offerece uma grande duvida. A paciencia de Christo, e o que elle padeceu foi geral para todos: e para lograr os fructos desta sua paciencia, não basta que fosse sua, é necessario que seja tambem nossa. Isso quer dizer com singular energia aquelle *in me*. Não basta que Christo tivesse paciencia, e padecesse: *Patientiam habe;* mas é necessario que essa paciencia se passe a nós, *in me*, e que seja, e a façamos tambem nossa. Logo resta o ponto principal, e mais difficultoso, que é mostrar como por meio do Rosario fazemos nossa a paciencia, e Paixão de Christo, e com ella como com cabedal nosso pagamos as dividas de nossos peccados: *Patientiam habe in me, et omnia reddam tibi.* Torno a dizer, que bem apertadas as contas do Rosario tudo isto fazem. Para fazermos nossos os effeitos da paciencia, Paixão, e Morte de Christo, aponta e requer S. Paulo duas condições: a primeira a memoria: *In meam commemorationem:* [2] a segunda, a compaixão: *Si tamen compatimur.* [3] De maneira que a nossa

---

[1] Origenes, Homil. 13, in Gen.
[2] *1.ª Epist. ad Cor.* I, 24.
[3] *Rom.*, VIII, 17.

memoria faz nossa a sua Paixão; e a nossa compaixão faz nossa a sua paciencia. E tudo isto é o que faz o Rosario, ou nós fazemos nelle; porque o Rosario mental, ou a meditação do Rosario não é outra coisa, senão uma memoria affectuosa e compassiva do que Christo padeceu por nós.

Ao Divinissimo Sacramento do altar canta a Igreja: *O sacrum convivium in quo Christu sumitur:* E logo declarando o que Christo alli faz da sua parte, e nós da nossa, diz que nós repetimos a memoria de sua Paixão, e elle nos dá a graça e a gloria, e a si mesmo em penhor della: *Recolitur memoria passionis ejus, mens impletur gratia, et futuræ gloriæ nobis pignus datur.* Eu não me admiro que a cruz de Christo seja uma arvore tão alta, que tendo as raizes e o tronco na terra, chegue com os ramos ao céu, e lá dê os seus fructos; mas é excesso digno de toda a admiração, que para nós colhermos os fructos da sua paciencia, bastem só as attenções da nossa memoria. O fructo principal da paciencia e Paixão de Christo é o perdão dos peccados, que consiste na graça, e o premio da graça, que consiste na gloria, uma e outra adquirida com sua morte, e comprada com seu sangue: e sendo esta divida verdadeiramente infinita, que nos não peça Christo em paga della mais que a nossa memoria: *Recolitur memoria passionis ejus?* Aqui veremos a conta em que Deus tem as contas do Rosario. O primeiro acto da meditação do Rosario não é mais que uma memoria repetida do que Christo fez e padeceu por nós; e estima Deus tanto a repetição desta memoria, que nos dá por ella o preço de toda a sua Paixão. Christo entra com a sua Paixão, e nós com a nossa memoria: mas é muito para notar que nós entramos como quem paga, e Christo como quem deve. Provo. Porque o mesmo Christo se nos dá por penhor a si mesmo: *Nobis pignus datur:* e quem dá os penhores é o que se confessa por devedor. Logo se entrando Christo com a paixão da sua cruz, e nós com a memoria do nosso Rosario, nós entramos como quem paga, e Christo como quem deve; vejam os que levam as suas contas no Rosario, se as darão boas, e mais que boas quando lh'as pedirem.

Cumprida a primeira condição da memoria, segue-se a segunda da compaixão: *Si tamen compatimur.* Mas assim como o primeiro acto da meditação do Rosario é lembrarmo-nos do que Christo padeceu por

nós, assim o segundo e mais affectuoso é compadecermo-nos de suas penas. S. Paulo, a quem podemos chamar o Apostolo da Paixão, porque sempre prégava a Christo crucificado, o que nos pede em agradecimento della, é que sintamos em nós o que Christo sentiu em si. Isto significam aquellas palavras: *Hoc enim sentite in vobis, quod et in Christo Jesu, id est, quod Christus Jesus in se ipso sensit.* [1] Assim o declara com maior expressão o Texto syriaco: e assim o faz o Rosario mental, cuja memoria não é só especulativa e secca, mas pratica, compassiva, e sentida. Sentimos em nós e em Christo o que elle sentiu em si e por nós. E que se segue d'aqui? Segue-se que compadecendo-nos das suas penas, as fazemos nossas. Assim o diz o mesmo Apostolo. No tempo da primeira perseguição da Igreja, uns christãos estavam prezos para o martyrio, outros estavam livres; e diz S. Paulo com auctoridade do Espirito Santo, que os de fóra eram companheiros dos mesmos trabalhos com os de dentro. E porque? Porque os de dentro padeciam em si, e os de fóra compadeciam-se delles: *In altero autem socii taliter conversantium effecti: nam et vinctis compassi estis.* [2] Notavel razão outra vez: *Nam et vinctis compassi estis.* Compadeceis-vos do que padecem os martyres, pois sois companheiros do seu martyrio, e tão martyres como elles. Porque elles sendo atormentados, padecem as suas penas, e vós compadecendo-vos delles, fazeis as suas penas vossas. Tal é, e nada menor, a energia litteral daquella razão: *In illis vos passi estis, quia ipsorum ærumnas, et passiones per compassionem vestras fecistis:* commenta o A' Lapide. E se a paixão e a compaixão reciprocam de tal sorte as penas, que as que são proprias de quem padece, quem se compadece as faz suas; d'aqui se segue que a Paixão de Christo na cruz, e a nossa compaixão no Rosario, ou são divida commum, ou paga commum. Se são paga, não devemos; se são divida, não temos que pagar; porque encontrando uma divida com a outra ficam as contas ajustadas, e de qualquer modo as damos boas.

Ha mais duvida contra o Rosario? Ainda resta uma

---

[1] *Philip.*, II, 5.
[2] *Hebr.*, X, 33 34.

neste ponto que mais parece por elle. Os mysterios do Rosario não são só os Dolorosos, senão tambem os Gososos, e os Gloriosos: logo quem só disse, *patientiam habe in me*, parece que disse pouco. Não disse pouco, mas quando o dissera, ainda ficava mais seguro ao Rosario o dar boas contas; porque das tres partes do cabedal lhe sobejavam duas. Não é menor satisfação das obrigações o *gaudère cum gaudentibus*, que o *flere cum flentibus*.[1] Se nos mysterios Dolorosos nos doemos com Christo de suas dôres, nos Gososos nos gosamos de seus gostos, e nos Gloriosos nos gloriamos de suas glorias, e tudo isto acresce á satisfação das dividas. Mas o certo é, que quem disse sómente, *patientiam habe in me*, não disse pouco, antes comprehendeu tudo. Não só padeceu Christo nos mysterios Dolorosos, mas tambem aos Gososos e Gloriosos se estendeu a sua paciencia; porque nem os Gososos nem os Gloriosos, que é mais, foram em Christo isentos de cruz; *Qui vult venire post me, tollat crucem suam, et sequatur me:*[2] Quem quizer vir após mim (diz Christo) tome a sua cruz ás costas, e siga-me. E quando prégou o Senhor este desengano, ou quando lançou por si mesmo este famoso pregão, e onde? Por ventura em Jérusalem no dia de sua Paixão quando ia com a cruz ás costas? Não: senão dois annos antes, como consta da chronologia dos Evangelistas. Pois se Christo ainda não tinha tomado a sua cruz ás costas, como diz que a tomem todos os que o quizerem seguir? O Texto de S. Lucas ainda aperta mais a duvida, porque diz: *Tollat crucem suam quotidie:*[3] tome a sua cruz ás costas todos os dias. Pois se Christo não tomou a sua cruz ás costas mais que um só dia, como diz aos que o quizerem seguir que a tomem a seu exemplo todos os dias: *Tollat crucem suam quotidie, et sequatur me?* A resposta parece difficultosa, mas é muito clara. Porque Christo em todos os dias de sua vida nenhum teve em que não trouxesse ás costas a sua cruz. Assim o fadou desde o berço o Propheta Isaias, que logo alli quando o annunciou nascido, nol-o deu tambem menino, mas já com a cruz aos hombros: *Puer natus est nobis, et*

---

[1] *Rom.*, XII, 15.
[2] *Mah.*, XVI, 24.
[3] *Luc.*, IX, 23.

filius datus est nobis, cujus imperium super humerum ejus. [1] Não só desde Belem até o Calvario, mas de Belem até o céu sempre Christo, e sempre com cruz. Com cruz nos mysterios Dolorosos, com cruz nos Gososos, e com cruz até nos Gloriosos, que por isso levou ao céu as chagas, e de lá ha de trazer a cruz.

A razão porque Christo reservou as suas chagas, e as levou ao céu, foi para sempre estar allegando por nós, e com ellas, presentando-as a seu Eterno Padre como justo e superabundante preço de nossos peccados. Isto dizem commummente os Santos: e bastava que o ajustamento das nossas dividas tenha tão bom procurador, e com o preço de contado, e em tão boa moeda, para que saiamos bem das contas. Mas S. João Evangelista, que como aguia sempre vôa por cima de todos, ainda o disse com mais alto pensamento: *Hæc scribo vobis ut non peccetis, sed et si quis peccaverit, advocatum habemus apud Patrem Christum justum.* [2] Douvos estes documentos (diz o Evangelista na sua primeira Epistola) para que não pequeis; mas se algum peccar, advogado temos diante do Padre, Jesus Christo justo. Notaveis palavras, e é lastima que se não tenha reparado nellas o que mais se deve notar. Anima S. João aos que peccarem com a confiança de que teem no céu a Christo, que é advogado justo. E que importa que o advogado seja justo, se o reu é peccador? Se um reu fosse accusado de ladrão, ou de homicida, ou de perjuro, seriam boas contraditas do advogado que o defendesse, dizendo: Provará que o advogado do reu não furtou, provará que o advogado do reu não matou, provará que o advogado do reu não jurou falso? Pois se este modo inaudito de advogar seria uma coisa illusoria, e mais de riso que de defeza; como nos anima S. João com dizer que se peccarmos, o nosso advogado é justo? Que importa que o meu advogado seja justo e innocente, se eu sou culpado?

Importa tanto quando o advogado é Christo, quanto vae de ser culpado a ser justo. E porque? Porque Christo não nos livra pela nossa justiça, senão pela sua. Divinamente S. Paulo, como se o Apostolo commentára

---

[1] *Isai.*, IX. 6.
[2] *1.ª Epist. ad Joan.*, II, 1.

o Evangelista: *Qui non noverat peccatum, pro nobis peccatum fecit, ut nos efficeremur justitia Dei in ipso.* [1] Christo sendo justo, fez-se peccador com os nossos peccados, para que nós sendo peccadores ficassemos justos com a sua justiça. E como os reus para com Deus se fazem justos, não pela justiça propria, senão pela do seu advogado Christo, *Ut efficeremur justitia Dei in ipso;* por isso S. João anima aos que peccarem com a confiança de que o seu advogado é justo: *Et si quis peccaverit, advocatum habemus Jesum Christum justum.* Esta é a justiça que elle allega no céu, offerecendo a seu Padre em paga das nossas dividas o preço de suas chagas: e esta é a que nós allegamos em todo o Rosario, offerecendo com as mesmas cinco chagas não só os cinco mysterios Dolorosos, mas tambem os cinco Gososos, e os cinco Gloriosos, em que nós temos tanta parte de justiça, como Christo teve de paciencia. E por isso tão confiados de dar boas contas como quem só pediu a mesma paciencia para as suas: *Patientiam habe in me, et omnia reddam tibi.*

V

Atéqui temos visto na parte mental do Rosario a primeira industria com que o servo do rei alcançado nas contas as deu boas. Passemos agora á parte vocal, e nella acharemos a segunda, se na efficacia egualmente poderosa, na facilidade mais prompta. Foi tão grandioso o rei (como quem representava a Deus) que vendo o servo a seus pés, lhe perdoou graciosamente toda a divida. E porque motivo, que não devia ser pequeno, sendo a indulgencia tão grande? O mesmo rei o declarou: *Omne debitum dimisi tibi quoniam rogasti me:* [2] perdoei-te toda a divida, só porque me rogaste. Não ha motivo mais efficaz para Deus perdoar, que da nossa parte o rogar. Isto é o que fazemos em ambas as orações do Rosario vocal. No Padre Nosso rogamos a Deus que nos perdoe as dividas de nossos peccados: *Dimitte nobis debita nostra:* na Ave Maria

[1] *2.ª Epist. ad Corint.*, v. 21.
[2] *Math.*, XVIII, 32.

rogamos á Mãe de Deus que rogue por nós peccadores: *Ora pro nobis peccatoribus*. E para que vejamos com os olhos esta grande efficacia do rogar, combinemos este mesmo passo em que estamos com outro do mesmo genero de rei a rei, de servo a servo, e de talento a talentos.

Fazendo uma jornada larga este mesmo rei, encommendou certa quantia de talentos a varios servos seus; e a um delles um só talento. O intento era para que os servos em sua ausencia negociassem com este cabedal, que é a segunda razão de o rei ser tão poderoso, e tão rico. Rei e reino sem commercio, ou com o commercio desfavorecido nunca será opulento. Tornou da jornada o rei, e como elle por si mesmo tomava as contas da sua fazenda, chegando ao servo a quem encommendára um só talento, achou que o tinha muito bem guardado, mas que não tinha negociado com elle. E como o tratou? Não só o reprehendeu aspera e affrontosamente, mas, privado do talento e do officio, o lançou do seu serviço. Ponhamos agora um caso á vista do outro. Se no primeiro caso este mesmo rei perdôa tão facilmente a um servo que lhe tinha roubado dez mil talentos; a est'outro servo que lhe não tinha roubado o talento, que era um só, antes o tinha muito bem guardado, porque o castiga tão asperamente só por lhe faltar com a ganancia? A razão consta do Texto. Porque o primeiro servo rogou, o segundo não rogou. O primeiro pediu perdão do seu roubo, o segundo não pediu perdão do seu descuido. E vae tanta differença diante de Deus de quem roga a quem não roga, que a quem roga perdôa o roubo de dez mil talentos, e a quem não roga, nem a ganancia de um só talento perdôa. Julgae agora se aos que rezam o Rosario, e tantas vezes o rogam, e lhe pedem perdão das suas dividas cada dia, se lh'as levará em conta

O perdoar em Deus, é acto da sua misericordia, e dando-lhe David as graças de lhe ter perdoado seus peccados, diz assim: *Benedictus Deus, qui non amovit orationem meam, et misericordiam suam à me.* [1] Bemdito sejaes, Senhor, que não apartastes de mim a minha oração, nem a vossa misericordia. Só David, que o soube dizer, podéra ponderar dignamente este admi-

[1] *Psal.* LXV, 20.

ravel epiphonema com que acaba o Psalmo setenta e cinco. De maneira que quando pedimos perdão a Deus de nossos peccados, e elle nol-os perdôa, primeiro lhe havemos de dar as graças da nossa oração, que da sua misericordia? Sim. Porque anda tão atada a misericordia com que Deus nos perdôa á oração com que nós o rogamos, que quando nos concedeu a oração para o rogarmos, já nos segurou a misericordia com que nos perdôa: *Non amovit orationem meam, et misericordiam suam à me.* Não se deixe passar sem reparo a propriedade da palavra *non amovit:* não apartou de mim a minha oração, nem a sua misericordia. E porque diz, *non amovit*, não apartou? Porque quando Deus aparta de nós a sua misericordia, porque não nos quer perdoar primeiro, aparta de nós a nossa oração porque o não possamos rogar. Excellente e formidavel prova do Propheta Jeremias. Tres vezes em tres Capitulos differenets diz Deus ao Propheta Jeremias estas mesmas palavras: *Noli orare pro populo isto:* não queiras orar por este povo: *Noli orare pro populo isto:* não queiras orar por este povo: *Noli orare pro populo isto:* [1] não queiras orar por este povo. E porque com tantas repetições, e tantas cautelas? Porque Deus, como consta dos mesmos logares, tinha decretado definitivamente de não perdoar ao povo, e de o castigar sem remedio; e como tinha apartado delle a misericordia, era necessario apartar tambem delle a oração. Se Jeremias chegasse a rogar, sabia Deus de si que não podia deixar de perdoar: pois tape-se-lhe a bocca uma, duas, e tres vezes á oração, para que não possa rogar. Oh que consolação tão grande para os devotos do Rosario, que tantas vezes repetem as suas orações cada dia! E que desconsolação, pelo contrario, tão tremenda para os que as não tomam na bocca? Os que oram, quer-lhe Deus perdoar, os que não oram, parece que não quer.

Certo que não sei que conta lhe fazem, nem que conta esperam de dar a Deus os que tendo tantas dividas quantos são os peccados, se não valem dos thesouros da misericordia divina, cuja chave é a oração. O servo alcançado nas contas, porque se viu sem cabe-

[1] *Jerem.*, XIV, 11, 7, 16, 11 e 14.

dal para a paga: *Cum non haberet unde redderet*, [1] recorrendo á misericordia do rei, suppriu a falta do que não tinha com o perdão da divida que alcançou. Tão facilmente paga quem deve a Deus, e tanto valor tem diante da suprema Magestade o rogar. Quem não tem roga. E o mesmo não ter nos deve dar maior confiança para orar a Deus; porque o rogar, e não ter, é orar duas vezes. Onde o nosso Texto lê: *Desiderium pauperum exaudivit Dominus*, diz o original hebreu com maior energia: *Vacuitatem pauperum;* [2] que ouviu Deus o não ter dos pobres. Se Deus ouve o não ter, parece que o não ter tambem tem voz? Para os ouvidos de Deus sim: porque tanto ouve Deus os silencios do não ter, como as vozes do orar. Quem ora, roga uma vez: quem ora, e não tem, duas: *Quoniam rogasti me*, [3] foi uma oração do servo: *Cum non haberet unde redderet*, foi outra; e porque se ajuntaram ambas, por isso impetraram com tanta efficacia.

D'aqui se entenderá aquelle singular reparo com que David celebra a Providencia e piedade de Deus no sustento dos filhinhos dos corvos: *Qui dat jumentis escam ipsorum, et pullis corvorum invocantibus eum.* [4] Deus, diz o Propheta, não só sustenta os animaes da terra, e as aves do ar, senão tambem os filhos dos corvos que o invocam. Nesta ultima excepção está o reparo. Se Deus sustenta egualmente a todos os animaes, assim da terra como do ar, e no numero das aves entram tambem os corvos, que mais tem elles, que os seus filhos, para que só destes se diga que invocam a Deus: *Et pullis corvorum invocantibus eum?* Sabeis o que tem de mais? Tem o não ter. Os filhos dos animaes da terra em nascendo, teem apparelhado o pasto: os das aves teem o cuidado dos paes que lh'o buscam e trazem ao ninho: só os dos corvos carecem de tudo isto. S. Gregorio e Santo Thomaz, dizem que os corvos não acodem ao sustento dos filhos, porque ainda os não vêem vestidos das penas negras como as suas. E não será a primeira vez no mundo, em que mais se reconhecem os parentescos pelo vestido,

---

[1] *Math.*, XVIII, 25.
[2] *Psalm.*, X, 17.
Math., XVIII, 32.
Psalm., CXLVI, 9.

que pelo sangue. Aristoteles e Eliano dizem que é pela crueldade natural do corvo, ou pelo seu esquecimento tambem natural, que não é menor crueldade. Mas sejam estas ou qualquer outra a verdadeira causa, o certo é que os filhinhos dos corvos naquelles dias, nem teem sustento com que se alimentar, nem teem paes que lh'o procurem, nem teem outro remedio para a vida. E porque são singulares neste não ter, por isso tambem singularmente se diz delles que sendo irracionaes invocam a Deus, e lhe fazem oração; porque aquelle mesmo não ter, é orar: *Et pullis corvorum invocantibus eum.*

E se isto fazem aquelles animalinhos sem uso de razão, nós que egualmente conhecemos as nossas dividas, e o nosso não ter, porque não ajudaremos com elle a efficacia de nossas orações? E porque não teremos grande confiança, que nos acudirá nesta falta aquella immensa bondade, que acode á dos corvos? Peiores são que os corvos os que tiram os olhos aos homens pela paga do que lhes devem, e se sustentam e crescem com as usuras do alheio: e comtudo Christo Senhor nosso diz que tendo um destes usurarios dois devedores, um que lhe devia cincoenta dinheiros, e outro quinhentos, a ambos perdoou toda a divida. E porque motivo? Sem nenhum outro motivo nem intercessão, senão porque não tinham com que pagar: *Non habentibus illis unde redderent, donavit utrisq.* [1] Pois se a razão sómente de não ter, move tanto as entranhas do maior avarento, quanto mais as da misericordia e liberalidade divina? Conheçamos pois diante de Deus a miseria do nosso cabedal, e que não temos com que pagar as dividas de nossos peccados: e logo prostrados diante do tribunal de sua infinita misericordia, digamos uma e muitas vezes, como fazemos no Rosario: *Dimitte nobis debita nostra:* e desta maneira supprindo a paga com o perdão, não poderão deixar de ser muito ajustadas as contas que lhe dermos. E' verdade que todas as nossas dividas estão lançadas nos livros de Deus, como acima dissemos; mas como diz S. Bernardo, tambem Deus tem outro livro em que manda lançar as nossas orações; porque melhor que nós conhece o preço dellas: *Nemo*

[1] *Luc.*, VII, 42.

vestrum, fratres, parvi pendat orationem suam, quia ipse ad quem oramus, non parvi pendit eam. Prausquam egressa sit de ore nostro, ipse scribit jubet eam in libro suo. [1] Irmãos, diz S. Bernardo, nenhum de vós faça pouca conta das suas orações, porque aquelle mesmo Senhor a quem oramos, faz tanta conta dellas, que primeiro que sáiam da nossa bocca, as manda escrever no seu livro. E se quando Deus nos tomar contas, defronte do livro das dividas apparecer o das nossas orações, sem duvida ouviremos da bocca do mesmo Deus o que ouviu o servo da bocca do rei: *Omne debitum dimisi tibi quoniam rogasti me.*

VI

E se os rogos e orações do servo (tiremos nós agora a consequencia) se os rogos e orações do servo tanto alcançam da liberalidade do Senhor; os rogos e orações da Mãe quanto alcançarão da piedade do Filho? Quando rezamos o Rosario, depois que uma vez rogamos a Deus que nos perdoe as nossas dividas, *dimitte nobis debit nostra;* logo na Ave Maria rogamos dez vezes á Mãe de Deus, que rogue e interceda por nós, *ora pro nobis peccatoribus;* fiando dez vezes mais da sua intercessão, que da nossa oração. E note-se que a Deus pedimos nos perdoe as nossas dividas, que são os nossos peccados, e á Mãe de Deus pedimos que rogue por nós, não como enfermos, ou como pobres, ou como necessitados de qualquer outro remedio, senão só como peccadores, *pro nobis peccatoribus;* porque só aqui está o perigo, e só este deve de ser o nosso cuidado, e o nosso temor, que tudo o demais importa pouco.

Com quanta razão pois insistimos tanto, e tão repetidamente no Rosario, em implorar a intercessão da Virgem Senhora nossa: se eu agora me puzesse a o provar, ou persuadir geralmente, seria materia infinita. Pelo que, reduzindo-a toda aos termos precisos em que estamos, digo que nelles mais particularmente devemos pôr toda a nossa confiança na intercessão da mesma Virgem Maria. E porque? Porque sendo o

[1] D. Bern. Serm. 5.º in Quadrag.

nosso requerimento perdão de dividas, se nós somos devedores a Deus, Deus tambem é devedor á nossa intercessora. O primeiro que sahiu á luz com este altissimo pensamento, depois seguido de todos, foi o antiquissimo S. Methodio, o qual, fallando com a mesma Senhora, lhe diz assim: *Euge quæ debitorem habes eum, qui omnibus mutuatur; Deo enim universi debemus, tibi autem etiam ille debet.* [1] Para bem vos seja, Virgem poderosissima, o ser vosso devedor aquelle que dá tudo a todos: porque todos devemos a Deus, e a vós até o mesmo Deus deve. E que deve Deus á Virgem Maria? Deve-lhe o ser humano, o qual Deus d'antes não tinha, e só o teve (diz o mesmo Santo) depois que vós, Senhora, lh'o emprestastes: *Tu enim admirabilem incarnationem, quam aliquando non habuit, Deo mutuo dedisti.* Emprestastes, diz, e não déstes, com grande energia Methodio; porque o que se dá, faz obrigado, o que se empresta, devedor. Nem se póde responder que este emprestimo o pagou logo Deus de contado á mesma Senhora, dizendo, que se ella deu a Deus o ser de homem, elle lhe deu o ser Mãe de Deus; porque o mesmo ser Mãe, é divida que sempre se deve, e nunca se paga. Por isso disse Aristoteles, que entre todas as dividas só ha uma que se não póde pagar, que é a que devem os filhos aos paes, porque delles receberam o ser. Sendo pois Deus devedor a sua Mãe, e nós devedores a Deus, que melhor intercessora podemos ter para o perdão das nossas dividas que a unica acredora de quem Deus é devedor? Pedir a quem me deve, mais é demandar que pedir.

Mas não param aqui os motivos da nossa confiança. Ainda se ajunta a elles outro nada menor no mesmo genero; porque se Deus é devedor a sua Mãe, sua Mãe é-nos devedora a nós. E porque titulo? Por dois. O primeiro, o mesmo que nós allegamos, quando dizemos: *Ora pro nobis peccatoribus;* porque se nós não foramos peccadores, não fôra a Virgem Maria Mãe de Deus. O segundo, pela caridade maternal da mesma Senhora, com que ella se fez devedora de todos os homens sem excluir a nenhum: *Maria omnibus sapientibus, et insipientibus copiosissima charitate debitricem se fecit*, diz S. Bernardo. [2] De maneira (recolhamos

[1] Method. Serm. de Purificat. V.
[2] D. Bern. Serm. 98.

agora tudo) de maneira que nós somos devedores a Deus: Deus é devedor a sua Mãe: e sua Mãe é devedora a nós. Nós devedores a Deus: *Dimitte nobis debita nostra:* Deus devedor a sua Mãe: *Deus etiam tibi debet:* sua Mãe devedora a nós: *Omnibus debitricem se fecit.* E que se segue d'aqui? Que nem a Virgem póde deixar de pedir o nosso perdão, porque nos é devedora; nem Deus lhe póde negar o perdão, porque lhe é devedor; nem nós, alcançado o perdão, devemos outra paga a Deus, de quem eramos devedores. Os antigos fingiam tres deusas, a que chamaram Graças, as quaes, com as mãos dadas entre si em um triangulo, uma pedia, outra dava, outra pagava. E as tres Graças, que lá eram fabulosas, aqui são verdadeiras. A Mãe pede, o Filho dá, e nós pagamos. E se o perdão das dividas é paga equivalente, sendo chamados á conta os devotos do Rosario com as dividas pagas, vêde se darão boas contas!

Mas ainda nesta somma não entram as outras dividas que Deus deve a sua Mãe, e nós lhe offerecemos no Rosario. Em todos os mysterios do Rosario nenhum ha em que Deus não devesse a sua Mãe, ou sua Mãe não obrigasse a Deus com alguma grande divida. Na Encarnação, não fallando no ser que lhe deu, deveu Deus a sua Mãe a morada de nove mezes dentro em suas entranhas. Na Visitação, a diligencia do caminho, e a aspereza delle. No Nascimento, o leite dos peitos virginaes, as faxas em que o envolveu, e as palhinhas do berço. Na Presentação ao Templo, a obediencia, a offerta, e a espada de Simeão. No Desapparecimento em Jérusalem, o susto, as ancias e afflicções de tres seculos em tres dias. Na Agonia, e Prisão do Horto, a consideração e a ausencia. Nos açoites e na Coroação, a presença e a vista. Nos Passos da cruz ás costas, o pezo de a não levar e a companhia. No Calvario a cruz de ambos, na morte o ficar com vida, no descendimento os braços, e no enterro a sepultura. Na Resurreição a alegria. Na Ascenção as saudades. Na vinda do Espirito Santo os excessos do amôr. E na mesma Assumpção e Coroação, em que parece que pagou o Filho á Mãe todas as dividas, tambem lhe ficou novamente devedor, porque ella só lhe fez maior theatro no céu que todos os bemaventurados juntos, e porque antes da glorificação da Mãe, nem o Filho esteve inteiramente glorificado, como bem ponderou Guerri-

co Abbade: *Nec satis glorificatus mihi videbor, donec tu glorificaris.* Somme agora todas estas dividas a mais rigorosa arithmetica, multiplicando umas, e diminuindo outras; e depois de contadas nos mysterios do Rosario as que Deus deve a sua Mãe, e descontadas pelo mesmo Rosario as que nós devemos a Deus; quão certo seja que no encontro de umas e outras contas as daremos boas, não quero que o conjecture o nosso discurso, mas que a mesma Senhora do Rosario nol-o ensine e demonstre.

VII

Houve um mercador grande usurario chamado Jacob. Não dizem os Annaes Dominicanos em que terra fosse; mas mercador e Jacob bem se deixa vêr de que nação seria. Esta circumstancia porém para com a Mãe d'aquelle Filho, que tambem é Filho de David, e Filho de Abrahão, nenhuma differença faz entre os homens. Cada um diante de Deus não é da lingua que falla, senão da fé que professa: *Non est distinctio Judæi et græci.* [1] Era Jacob christão na fé, mas mau christão na vida; porque a trazia engolfada nas ondas, e embaraçada nas redes daquelle mar em que se pesca a fazenda alheia, e não se lava a consciencia propria. Tinha comtudo uma boa parte, que era ser muito devoto do Rosario, o qual rezava todos os dias. E como cada decada do Rosario consta de dez Ave Marias, e um Padre Nosso, cada dia offerecia a Deus quinze onzenas o mesmo que roubava aos homens com as suas usuras. O maior privilegio que Deus concede aos esmoleres, e aos que emprestam o seu dinheiro sem interesses, é que disporão as suas contas antes de as darem em juizo. Assim o promette expressamente o mesmo Deus por bocca de David: *Jucundus homo qui miseretur, et commodat, disponet sermones suos in judicio:* [2] onde o Texto grego lê, *disponet rationes suas.* E é coisa maravilhosa que alcance um onzeneiro o que Deus promette ao esmoler, e que haja de gosar o que

---

1 *Rom.*, x. 22.
2 *Psalm.*, CXI, 5.

não empresta um real sem usuras o privilegio dos que emprestam de graça! Mas estes são os poderes do Rosario. Estava Jacob rezando o seu Rosario um dia, quando ouviu uma voz que lhe dizia, chamando-o por seu nome: *Jacobe, redde rationem Filio meo:* Jacob, dá conta a meu Filho. A meu Filho, disse, para que entendesse Jacob, que a voz que lhe fallava era da Mãe do supremo Juiz a Virgem Senhora nossa. Ouvindo aquella voz como se fôra um trovão do céu, ficou tremendo o devoto usurario, diz a historia, mas como tinha mais entranhada a cubiça que a devoção, ainda que mudou e melhorou em parte a vida, não restituiu o que devia. Quando S. Paulo prégou ao presidente Felix a fé do dia do Juizo, diz o Texto sagrado que Felix ficou tremendo: *Disputante autem illo de judicio futuro, tremefactus Felix.* [1] E quaes foram os effeitos deste tremor? Disse a S. Paulo que outro dia fallariam, e (accrescenta S. Lucas): *Sperans quod pecunia ei daretur à Paulo:* [2] que o intento do presidente não era para que S. Paulo lhe tornasse a fallar na conta, senão para que o peitasse com algum dinheiro. Pois homem, não Felix, mas malaventurado, tremes da conta que has de dar a Deus, e ainda te lembras de adquirir dinheiros injustos? Tão difficultosa é de arrancar a cubiça onde tem lançado raizes!

Adoeceu mortalmente Jacob, mas nem com se vêr ás portas da morte, acabava de restituir. Senão quando em um paroxismo se achou subitamente diante do Tribunal divino, não morto, senão vivo. Este foi o segundo privilegio, ou milagre do Rosario, em que se dispensou com Jacob nas leis universaes de todo o genero humano: *Statutum est hominibus semel mŏri, post hoc autem judicium.* [3] O estatuto universal de Deus é que todos os homens morram uma só vez, e depois da morte dêem conta em juizo: e aqui se dispensou e trocou esta ordem com este homem, sendo tão mau homem, porque foi levado a juizo não depois da morte, senão antes. E pararam aqui os milagres do Rosario? Não; porque ainda restava o terceiro, e maior e mais importante de todos. Assistia ao pé do

---

1 *Act.*, XXIV, 25
2 *Ibid.*, 26.
3 *Hebr.*, IX, 27.

throno de Christo S. Miguel com as balanças na mão, porque as contas alli não se dão por cifras, senão por pezo. E como de uma parte se puzessem os peccados, que eram muitos, e gravissimos, e da outra não houvesse boas obras, nem inteira penitencia que suspendesse o pezo delles, cahiu a balança para a parte esquerda, e sem o juiz pronunciar a sentença, se deu o miseravel Jacob por condemnado. Miseravel lhe chamei, não me lembrando já que era devoto do Rosario. Mas como os seus poderes nunca faltam nos maiores apertos, assim se viu neste ultimo por mais que parecesse desesperado. Não teve tino Jacob para invocar naquelle trance a Virgem Santisssima, mas lembrada a Senhora de quantas vezes lhe tinha ouvido, *ora pro nobis peccatoribus nunc, et in hora mortis nostræ*, na mesma hora, posto que não invocada, lhe acudiu com o Rosario na mão, e pondo-o na parte direita da balança, como nelle iam os merecimentos de seu Filho, e seus, pesou mais que todos os peccados da parte esquerda. Neste ponto acordou do paroxismo Jacob, e como Deus ainda quando perdôa as suas dividas, não perdôa as que se devem aos homens, nem basta rezar o Rosario sem restituir o alheio, este foi o ultimo e maior milagre do mesmo Rosario, fazer que o usurario avarento restituisse o que devia. Satisfeitas pois as dividas dos homens, e perdoadas as de Deus, morreu Jacob, e onde iria a sua alma? O primeiro Jacob viu a primeira escada, mas não subiu por ella. O segundo Jacob mereceu vêr a segunda, que é a Virgem Maria, e subindo pelos quinze degraus do seu Rosario, entrou pelas portas do céu, de onzeneiro justo, de condemnado absolto, de peccador innocente, e de abominado entre os homens, glorificado entre os Anjos. E neste grande caso se verificaram as duas partes do nosso discurso: ficando para a imitação por exemplo, e para a memoria por proverbio: que quem quizer dar boas contas a Deus, reze pelas do Rosario.

Os proverbios, que são Evangelhos humanos, fel-os a experiencia, e conserva-os a prudencia para doutrina e direcção da vida, e não para descuido, como acontece aos nescios, senão para cautela. E este é o fim do que por tantos meios deixamos provado na materia de maior importancia. Entre pois cada um em si, e pergunte á sua propria consciencia, se Deus o chamasse no estado presente para a conta, qual lh'a daria?

Dos verdadeiros devotos do Rosario, que são os que o rezam e meditam attentamente, bem creio eu que excepto o caso de alguma desgraça, em que tão raro é o cahir, como facil o levantar, todos os mais se acharão com as suas contas tão ajustadas, que as darão muito boas. E a estes sómente advirto que dêem infinitas graças a Deus, e a sua Santissima Mãe por tão singular mercê; porque lhes não aconteça como ao servo do Evangelho, que por ingrato veiu a perder o mesmo perdão, e tornou de novo a contrahir toda a divida, e a pagou sem remedio.

Aquelles porém que se não acharem em estado de dar boas contas, considerem que nas Ave Marias que só rezam de bocca, quando dizem, *nunc, et in hora mortis nostræ*, o *hora mortis*, e o *nunc*, tudo póde vir junto. Dizemos, agora, e na hora da nossa morte, e se a hora da nossa morte fôr o agora? Se a hora da morte não fôr hora, senão este mesmo momento, como acontece aos que morrem subitamente, ou subitamente perdem os sentidos, sem tempo, nem logar de arrependimento, que contas podem estes dar, ou que se póde esperar delles? Logo, dirá alguem, não é verdadeiro o proverbio, que os que rezam o Rosario, darão boas contas a Deus? Sim é, se o rezar o Rosario fôr tambem verdadeiro. Porque ninguem ha que verdadeiramente reze o Rosario, que nelle e nos seus mysterios não considere o muito que deve a Deus, e lhe não peça perdão de suas dividas, como pediu o servo do rei, que para a sua misericordia isso basta.

Se o usurario que não rezava o Rosario como devia, morrera do mesmo modo, tambem se havia de condemnar. Mas o principio e fundamento do milagre, e a primeira parte da misericordia que a Virgem Senhora nossa usou com elle, foi lembrar-lhe em vida, e em saude a conta que havia de dar a seu Filho: *Jacobe, redde rationem Filio meo.* O mesmo nos está bradando a cada um de nós a mesma Senhora todas as vezes que tomamos as contas na mão, nomeando-nos por nosso proprio nome: Homem, mulher, moço, velho, official, ministro, vassallo, rei, não te lembres de mim só por costume, quando passas pelos dedos essas contas; mas lembra-te da conta que has de dar a meu Filho. Por meio desta lembrança, e deste cuidado é que as contas do Rosario farão que as demos

boas a Deus, não só alcançando perdão das dividas passadas, mas abstendo-nos de contrahir outras de novo, offendendo, como o servo ingrato, a tão benigno e liberal Senhor.

Ninguem se viu em mais apertada occasião e tentação de offender a seu Senhor, que José; e porque se conservou fiel, e resistiu tão constantemene? Diz o Texto sagrado que José se tinha recolhido ao seu aposento para tratar um negocio: *absq; arbitris:* só comsigo. [1] E accrescentam as tradições hebreas que este negocio era rever, e recensear as suas contas, como aquelle a quem seu Senhor tinha entregue toda sua fazenda. Por isso respondeu coherentemente á Senhora, que não era possivel que elle houvesse de offender a quem tantas obrigações devia. Assim falla, e assim obra quem tem as suas contas diante dos olhos. E se tanta força tem a consideração de beneficios humanos, qual será a dos divinos, e entre os divinos a dos maiores de todos, quaes são os que meditamos no Rosario? Retiremo-nos como José, só por só comnosco, e com as nossas contas (que rezar na conversação, ou pelas ruas, ou entre outros divertimentos, é fazer pouca conta de um exercicio tão sagrado, e do mesmo Deus com quem fallamos). Consideremos o que devemos em todos, e em cada um dos mysterios que obrou por nós. Peçamos-lhe com verdadeiro arrependimento nos perdoe as nossas dividas, e com firme resolução de não contrahir outras. E deste modo podemos estar muito certos de sua misericordia, que em qualquer hora que nos chamar, e nos pedir e tomar contas, com o favor e protecção de sua Santissima Mãe, lh'as daremos boas.

[1] *Gen.*, XXXIX, 11.

SERMÃO DECIMO QUARTO

Prégado na Bahia, á Irmandade dos pretos de um Engenho, em dia de S. João Evangelista, no anno de 1633

Maria de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus. [1]

I

Não é coisa nova, posto que grande e singular, que o Evangelista S. João receba em sua casa a Virgem Mãe de Deus, e Mãe sua. Nem é coisa nova que as festas do mesmo S. João as honre e auctorise a Virgem Santissima com a magestade e favores de sua presença. Nem é coisa nova, finalmente, que o que havia de ser panegyrico do Evangelista, seja sermão do Rosario. Tudo isto que já foi em differentes dias, temos junto e concordado hoje no concurso da presente solemnidade. Não é coisa nova que o Evangelista S. João receba em sua casa a que é Mãe de Deus e sua; porque naquelle grande dia em que lhe coube por legado no testamento do Redemptor do mundo, não com menor titulo que de Mãe, a que era Mãe do mesmo Christo: *Ecce Mater tua:* [2] logo então e desde a mesma hora recebeu S. João a Senhora em sua casa, para nella assistir e servir, como fez por toda a vida: ***Et ex illa hora accepit eam discipulus in sua.*** E isto é o que torna a fazer hoje o mesmo Evangelista; porque chamando-se em phrase dos sagrados ritos casa propria de cada um dos Santos aquelle dia que a Igreja dedicou á sua celebridade; neste dia e nesta casa recebe hoje S. João a Senhora, dando-lhe nella o logar devido,

---

[1] *Math*, I.
[2] *Joan.*, XIX, 27.

que é o primeiro e principal. Nem é coisa nova que as festas de S. João as honre e auctorise a Virgem Santissima com a magestade e favores de sua presença; porque nas bodas de Caná de Galiléa o ser S. João o Esposo, foi a razão de se achar alli a Senhora: *Et erat Mater Jesu ibi.* [1] E se foi favor da sua piedade e assistencia a conversão de agua em vinho, não foi menor graça, ou milagre da Virgem das Virgens, que S. João, por imitar sua virginal pureza, renunciasse então o matrimonio, e o convertesse em celibato. Finalmente, não é coisa nova, que o que havia de ser panegyrico do Evangelista, seja sermão do Rosario; porque como se refere nas Historias dominicanas, indo o Patriarcha S. Domingos para prégar de S. João em tal dia como hoje, ao tempo que recolhido a uma capella da mesma Igreja se estava encommendando a Deus, lhe appareceu a Virgem Maria, e lhe mandou que deixasse o sermão que tinha meditado de S. João, e prégasse do seu Rosario. Fel-o assim o grande Patriarcha dos Prégadores, e o fructo do sermão que pelo zelo e efficacia do prégador sempre costumava ser grande, pela graça e virtude de quem o mandou prégar, foi naquella occasião muito maior, e mais patente com egual proveito e admiração dos ouvintes.

Mas que fará cercado das mesmas obrigações, tantas e tão grandes, quem não só falto de similhante espirito, mas novo ou noviço no exercicio e na arte, é esta a primeira vez que subido indignamente a tão sagrado logar, ha de fallar delle em publico ? [2] Vós, soberana Rainha dos Anjos e dos homens, e Mãe da sabedoria increada (a quem humildemente dedico as primicias daquellas ignorancias que ainda se não podem chamar estudos, como unica Protectora delles) pois o dia e assumpto é, Senhora, de vossos maiores mysterios, vos dignae de me assistir com a luz ou sombra da graça com que a virtude do Altissimo no primeiro de todos vos fez fecunda: *Ave Maria.*

---

[1] *Joan.*, II, 1.

[2] Foi o primeiro Sermão que o orador prégou em publico antes de ser sacerdote.

II

Temos hoje (por outro modo do que já o disse) tres dias em uma festa: o dia e a festa de S. João, o dia e a festa da Senhora do Rosario, e o dia e a festa dos pretos seus devotos. E quando fôra necessario termos tambem tres Evangelhos; um só Evangelho que nos propõe a Igreja, qual é? Posto que largo em nomes e gerações, é tão breve e resumido no que finalmente vem a dizer, que todo se encerra na clausula que tomei por thema: *Maria de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.* [1] Se o sermão houvera de ser do Nascimento de Christo, que é a solemnidade do Oitavario corrente, não podia haver outro Texto, nem mais proprio do tempo, nem mais accommodado ao mysterio: mas havendo de prégar, não sobre este, senão sobre outros assumptos, e esses não livres, senão forçados: e sendo os mesmos assumptos não menos que tres, e todos tres tão diversos; como os poderei eu fundar sobre a estreiteza de umas palavras, que só nos dizem que Jesus Christo nasceu de Maria: *Maria de qua natus est Jesus?* Supposto pois que nem é licito ao prégador (se quer ser prégador) apartar-se do thema, nem o thema nos offerece outra coisa mais que um Filho nascido de Maria; multiplicando este nascimento em tres nascimentos, este nascido em tres nascidos, e este Filho em tres filhos, todos tres nascidos de Maria Santissima; esta mesma será a materia do sermão, dividido tambem em tres partes. Na primeira veremos com novo nascimento nascido de Maria a Jesus: na segunda com outro novo nascimento nascido de Maria a S. João: e na terceira, tambem com novo nascimento nascidos de Maria aos pretos seus devotos. Deem-me elles principalmente a attenção que devem, e destes tres nascimentos nascerão outros tantos motivos, com que reconheçam a obrigação que teem de amar, venerar, e servir a Virgem Senhora nossa, como Mãe de Jesus, como Mãe de S. João, e como Mãe sua.

---

[1] *Math.*, 1, 16.

III

Primeiramente digo que temos hoje nascido de Maria a Christo Senhor nosso, não como nasceu ha tres dias, mas com outro nascimento novo. E que novo nascimento é este? E' o nascimento com que nasceu da mesma Mãe d'aqui a trinta e tres annos, não em Belem, senão em Jérusalem. Isto é o que diz o nosso Texto: e provo: *Maria de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus:* Maria da qual nasceu Jesus, que se chama Christo. Christo quer dizer ungido, Jesus quer dizer Salvador. E quando foi Christo Salvador, e quando foi ungido? Foi ungido na Encarnação, quando unindo Deus a si a humanidade de Christo, a exaltou sobre todas as creaturas, como diz David: *Unxit te Deus, Deus tuus oleo lætitiæ præ consortibus tuis.* [1] E foi Salvador na cruz, quando por meio da morte, e pelo preço de seu sangue salvou o genero humano, como diz S. Paulo: *Factus obediens usq; ad mortem, mortem autem crucis: propter quod et Deus exaltavit illum, et donavit illi nomen, quod est super omne nomen, ut in nomine Jesu omne genu flectatur.* [2] Logo quando Christo Senhor nosso nasceu em Belem, propriamente nasceu Christo, mas não nasceu Jesus, nem Salvador: nasceu Christo porque já estava ungido pela união hypostatica, com que a Pessoa do Verbo se uniu á humanidade: e não nasceu Jesus, nem Salvador, porque ainda não tinha remido o mundo, nem o havia de remir e salvar senão em Jérusalem d'ahi a trinta e tres annos.

Falla o Propheta Isaias do parto virginal de Maria Santissima (como notaram S. Gregorio Nisseno, e S. João Damasceno) e diz assim: *Antequam pareret, peperit: antequam veniret partus ejus, peperit masculum.* [3] Na primeira clausula diz que pariu a Senhora antes das dôres do parto; que isso quer dizer: *Antequam pareret:* e na segunda diz que pariu antes do parto:

---

[1] *Psal.*, XLIV, 8.
[2] *Philip.*, II, 8.
[3] *Isai.*, LXVI, 7.

Antequam veniret partus ejus, peperit. Não é necessario que nós difficultemos o passo, porque o mesmo Propheta confessa que disse uma coisa inaudita, e que nunca se viu similhante: *Quis audivit unquam tale, et quis vidit huic simile?* [1] Que a Bemdita entre todas as mulheres sahisse á luz com o fructo bemdito de seu ventre sem padecer dôres, privilegio era devido á pureza virginal, com que o concebeu, e assim o confessa a nossa fé. Mas que parisse antes do parto: *Antequam veniret partus ejus:* como se póde entender, senão suppondo na mesma hora dois partos do mesmo Filho, e suppondo tambem que o primeiro parto foi sem dôres, e o segundo com dôres? Assim foi, e assim o diz: quem? O nosso portuguez Santo Antonio, que é bem preceda agora a todos os outros Doutores da Igreja, pois fallamos na sua: *Beatæ Mariæ duplex fuit partus, unus in carne, alius in spiritu. Partus carnis fuit virgineus, et omni gaudio plenus, quia peperit sine dolore gaudium Angelorum. Secundus partus fuit dolorosus, et omni amaritudine plenus, in Filii ejus passione, cujus animam pertransivit gladius.* Sabeis porque faz menção Isaias de dois partos da Virgem Beatissima, e no primeiro nega as dôres, e no segundo não? A razão é (diz o Mestre Serafico) porque este foi o modo e a differença com que a Senhora pariu ao seu bem-cantares de Anjos o pariu no Presepio: a segunda vez sem dôres, antes com jubilos de alegria, quando entre cantares de Anjos o pariu no Presepio: a segunda vez com dôres, e cheia de amarguras, quando trespassada da espada de Simeão o tornou a parir ao pé da cruz. Uma vez nascido Christo em Belem, e outra vez nascido em Jérusalem: uma vez nascido no principio da vida, e outra vez nascido no fim della: uma vez trinta e tres annos antes, e outra vez trinta e tres annos depois: que por isso o Propheta, fallando deste segundo parto, disse advertidamente: *Antequam veniret partus ejus:* porque um parto depois do outro havia de tardar em vir tantos annos.

E posto que bastava por prova da minha proposta a auctoridade de tão grande interprete das Escripturas como Santo Antonio, a quem por essa causa chamaram os oraculos de Roma Arca do Testamento;

[1] *Isaias*, LXVI, 8.

diga-nos o mesmo o Evangelista S. João com Texto mais claro que o de Isaias. No Capitulo doze do seu Apocalypse viu S. João aquella mulher tão prodigiosa como sabida, a quem vestia o sol, calçava a lua, e coroavam as estrellas: e diz que chegada a hora do parto, foram não só grandes, mas terriveis as dôres com que pariu um Filho varão, o qual havia de ser Senhor do mundo, e Governador de todas as gentes: *Cruciabatur ut pariat; et peperit filium masculum, qui recturus erat omnes gentes.* [1] Esta mulher prodigiosa, em cujo ornato se empenharam e despenderam todas as luzes do céu, era a Virgem Santissima: o Filho Senhor do mundo, e que havia de governar todas as gentes, era Christo Governador do universo, e Senhor delle. Mas se o parto da mesma Virgem foi isento de toda a dôr e molestia; que dôres e que tormentos são estes com que agora S. João a viu parir, não outro, senão o mesmo Filho? A palavra *cruciabatur*, que é derivada da cruz, basta por commento de todo o Texto. O Filho era o mesmo, e a Mãe a mesma, mas o parto da Mãe, e o nascimento do Filho não era o mesmo, senão muito diverso. Era o segundo nascimento do Filho, em que por modo superior a toda a natureza havia de nascer morrendo. E porque este segundo nascimento foi entre dôres, tormentos, e affrontas, e com os braços pregados nos de uma cruz; por isso a mesma cruz do nascimento do Filho foi tambem a cruz do parto da Mãe: *Et cruciabatur ut pariat.*

Nasceu o Filho crucificado na sua cruz, e pariu-o a Mãe crucificada na cruz do Filho: e se perguntarmos (que é o que só nos resta) porque o Filho no segundo nascimento nasceu assim, e a Mãe o pariu do mesmo modo? A razão, como dizia ao principio, não foi outra senão porque Christo no primeiro parto nasceu propriamente Christo, e neste segundo nasceu propriamente Jesus. Esta foi a differença com que o Anjo ante-hontem annunciou aos Pastores o nascimento do mesmo Christo: *Quia natus est vobis hodie Salvator, qui est Christus:* [2] Alegrae-vos, porque hoje nasceu o Salvador, que é Christo. Notae que não disse: *Qui est Christus:* porque o Menino nascido já era Christo, mas

[1] *Apoc.*, XII, 2 e 5.
[2] *Luc.*, II, 11.

ainda não era Salvador. Havia de ser Salvador, e para ser Salvador, nascia, mas ainda o não era. Christo sim, *qui est Christus;* porque já estava ungido na dignidade de Filho de Deus, mas na de Jesus, e de Salvador não; porque essa não a havia de receber no presepio, senão na cruz: *Factus obedi.ens usq; ad mortem crucis, ut in nomine Jesu omne genu flectatur.* E aqui é que propriamente nasceu Jesus, e não de outra Mãe, senão da mesma Virgem Maria: *Maria de qua natus est Jesus.*

IV

O segundo Filho da mesma Virgem Maria, e nascido tambem no Calvario, e com novo e segundo nascimento, foi S. João. E que seria se dissessemos que tambem deste nascimento se verifica o nosso Texto? O em que agora reparo nas palavras *de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus;* é que este *vocatur* parece improprio, e este *Christus* superfluo. O nome proprio do Filho de Deus, e Filho de Maria, é Jesus: este nome lhe foi posto no dia da Circumcisão, e assim o tinha revelado o Anjo antes de ser concebido: *Vocatum est nomen ejus Jesus, quod vocatum est ab Angelo priusquam in utero conciperetur.* [1] Logo o *vocatur* applicado não ao nome *Jesus*, senão ao sobrenome *Christus*, parece improprio; e o mesmo sobrenome *Christus* tambem parece superfluo, porque só seria necessario para distinguir um Jesus de outro Jesus. Por ventura ha outro Jesus, e nascido de Maria, que se não chame Christo? Digo que sim. Ha um Jesus Filho de Maria, que se chama Christo; e ha outro Jesus tambem Filho de Maria, que se chama João. E por isso o Evangelista, para distinguir um Jesus de outro Jesus, e um Filho de Maria de outro Filho de Maria, não superflua, senão necessariamente accrescentou ao nome o sobrenome, e não só disse: Maria, da qual nasceu Jesus, senão: Maria, da qual nasceu Jesus, que se chama Christo.

Quando o mesmo Christo estava na cruz, disse a sua Santissima Mãe: *Ecce filius tuus:* [2] estas palavras

---

[1] *Luc.*, II, 21.
[2] *Joan*, XIX, 27.

eram equivocas, e mais naturalmente se podiam entender do mesmo Christo que as dizia, do que de outro por quem as dissesse. E como tirou o Senhor esta equivocação? Tirou-a com os olhos, e com a inclinação da cabeça, que só tinha livre, apontando para João. Bem. Mas porque não disse, este é outro filho que vos deixo em meu logar, senão este é o vosso filho: *Ecce filius tuus?* Não ha duvida, responde Origenes, que fallando o Senhor por estes termos, quiz significar declaradamente que elle e João não se distinguiam, e que João não era outro filho da Senhora, senão o mesmo Jesus, que ella gerára, e della nascera. Notae as palavras, que não podem ser mais proprias, e a razão, que não póde ser mais subida: *Nam si nullus est Mariæ filius præterquam Jesus, dixitq: Jesus: Ecce filius tuus: perinde est, ac si dixisset: hic est Jesus quem genuisti.* [1] Pois se Jesus e João eram dois, e tão infinitamente diversos: Jesus o Senhor, e João o servo: Jesus o Mestre, e João o discipulo: Jesus o Creador, e João a creatura: Jesus o Filho de Deus, e João o filho de Zebedeu; como era, ou como podia ser João não outro filho, senão o mesmo filho, nem outro Jesus, senão o mesmo Jesus que a Senhora gerára: *Hic est Jesus quem genuisti?* S. Pedro Damião reconhece aqui um mysterio similhante ao do Sacramento; mas eu, sem recorrer a milagre, entendo que tudo isto se decifra, e verifica com ser João o amado: *Discipulus, quem diligebat.* [2] Era o amado? Logo era outro, e era o mesmo Jesus. Em quanto Jesus e João eram o mesmo por amôr, eram um só Jesus: e em quanto João por realidade era outro, eram dois Jesus.

Os Philosophos antigos, definindo a verdadeira amizade, qual naquelle tempo era, ou qual devia ser, disseram: *Amicus est alter ego:* O amigo é outro eu. Logo em quanto o amigo é eu, *ego;* eu e elle somos um: e em quanto elle é outro, *alter:* elle e eu somos dois; mas ambos os mesmos, e isto é o que obrou sem milagre, por transformação reciproca, o amôr de Jesus em João. A mesma antiguidade nos dará o exemplo. Depois da famosa victoria de Alexandre Magno contra El-rei Dario, foi trazida a rainha mãe diante do mesmo Alexandre, a cujo lado assistia seu grande privado

[1] Origenes Præfat. in Evang. Joan.
[2] *Joan.*, XXI, 20.

Efestião. E como a rainha fizesse a reverencia a Efestião, cuidando que elle era o Magno, por ser mais avultado de estatura, e avisada do seu erro, o quizesse desculpar, acudiu Alexandre, como refere Curcio, com estas palavras: *Non errasti mater, namq; et hic Alexander est:* não errastes, senhora, porque este tambem é Alexandre. Assim o disse o grande monarcha, mais como discipulo de Aristoteles, que como filho de Filippe. E se o amôr (que eu aqui tenho por politico e falso) ou fazia ou fingia que Alexandre e Efestião fossem dois Alexandres: *Namq; et hic Alexander est:* o amôr verdadeiro e sobrenatural da parte de Christo divino, e da parte de João mais que humano, porque não fariam que Jesus e João fossem dois Jesus? Não ha duvida que naquelle passo estavam dois Jesus no Calvario, um na cruz, outro ao pé della.

Quando Eliseu disse a Elias: *Fiat in me duplex spiritus tuus:* [1] não me posso persuadir que lhe pedisse dobrado espirito do que era o seu; porque seria demasiada presumpção de discipulo para mestre: o que quiz dizer, foi que o espirito de Elias se dobrasse e multiplicasse em ambos, e que Elias o levasse, pois se ia, e o deixava a Eliseu, pois ficava. E neste caso, se o espirito de Elias fosse com Elias, e ficasse com Eliseu, Elias por ventura seria um só Elias? De nenhum modo, diz S. João Chrysostomo. [2] Dobrou-se o espirito de Elias, e multiplicou-se em Eliseu como elle tinha pedido: mas então não houve um só Elias, senão dois Elias: *Erat duplex Elias ille; et sursum Elias, et deorsum Elias.* Arrebatou o carro de fogo a Elias, e no mesmo tempo e no mesmo logar, diz Chrysostomo, se viram então dois Elias, um em cima, outro em baixo; um no ar, outro na terra; um no carro, outro ao pé delle: *Et sursum Elias, et deorsum Elias.* O mesmo se viu no nosso caso. O carro triumphal, em que o Redemptor do mundo triumphou da morte, do peccado, e do inferno, foi a cruz: levantado nella o Senhor, partia-se o Mestre, e ficava o discipulo: mas como? Como Elias e Eliseu. E assim como Elias e Eliseu eram dois Elias, *Duplex Elias;* assim Jesus e João eram dois Jesus; e assim como lá, um Elias se via em cima, outro em baixo, *Et sursum Elias, et deorsum Elias;* assim

---

1 *4.º Livr. dos Reis,* II, 9.
2 Homil. de Elia.

cá tambem um Jesus estava em cima, outro Jesus em baixo; um no ar, outro na terra; um na cruz, outro ao pé da cruz. E para que ninguem duvidasse que o milagre com que Jesus se tinha dobrado e multiplicado em João, era por virtude e transformação do amôr, o mesmo João advertidamente não se chamou aqui João, senão o amado: *Cum vidisset Jesus Matrem, et discipulum stantem quem diligebat.* [1] Sendo pois João, por transformação do amôr, outro Jesus, e Jesus e João dois Jesus; com razão accrescentou o Evangelista ao nome de Jesus o sobrenome de Christo: *Jesus qui vocatur Christus;* para distinguir um Jesus de outro Jesus.

Nem basta por distinção o declarar que era Filho de Maria e de Maria nascera: *Maria, de qua natus est:* porque no mesmo logar do Calvario, onde Christo em quanto Jesus nasceu segunda vez de sua Santissima Mãe (como dissemos) tambem S. João com segundo nascimento nasceu da mesma Senhora, sendo João desde aquelle ponto filho de Maria: *Ecce filius tuus:* e Maria Mãe de João: *Ecce Mater tua:* e por isso no mesmo tempo e no mesmo logar Mãe de dois Jesus: um Jesus que se chama João, e outro Jesus que se chama Christo: *De qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.*

V

O terceiro nascimento de que tambem se verificam as mesmas palavras, é o dos pretos, devotos da mesma Senhora, os quaes tambem são seus filhos, e tambem nascidos entre as dôres da cruz. O Propheta Rei, fallando da Virgem Maria debaixo da metaphora de Jérusalem (a que muitas vezes é comparada, porque ambas foram morada de Deus) diz assim: *Homo, et homo natus et in ea, et ipse fundavit eam Altissimus.* [2] Nasceu nella o homem, e mais o homem: e quem a fundou, foi esse mesmo Altissimo. Estas segundas palavras declaram o sentido das primeiras, e de umas e outras se convence que o mesmo Deus que creou a Ma-

---

[1] *Joan.*, XIX, 26.
[2] *Psalm.* LXXXVI, 5.

ria, é o homem que nasceu de Maria. Em quanto homem nasceu della: *Homo natus est in ea:* e esse mesmo em quanto Deus a creou a ella: *Et ipse fundavit eam Altissimus.* Assim o diz e prova com evidencia Santo Agostinho. Mas o Propheta ainda diz mais: porque não só diz que nasceu da Senhora esse homem, que em quanto Deus a creou, senão que nasceu della o homem, e mais o homem: *Homo, et homo natus est in ea.* Se um destes homens nascidos de Maria é Deus; o outro homem tambem nascido de Maria, quem é? E' todo o homem que tem a fé e conhecimento de Christo, de qualquer qualidade, de qualquer nação, e de qualquer côr que seja, ainda que a côr seja tão differente da dos outros homens, como é a dos pretos. Assim o diz o mesmo Texto tão claramente, que nomeia os mesmos pretos por sua propria nação, e por seu proprio nome: *Memor ero Rahab, et Babylonis scientium me: Ecce alienigenæ, et Tyrus, et populus Æthiopum hi fuerunt illic.* [1] Nasceram da Mãe do Altissimo não só os da sua nação, e naturaes de Jérusalem, a que é comparada, senão tambem os estranhos e os gentios, *Alienigenæ.* E que gentios são estes? *Rahab;* os Cananeus que eram brancos: *Babylonis:* os Babylonios que tambem eram brancos: *Tyrus:* os Tyrios que eram mais brancos ainda: e sobre todos, e em maior numero que todos: *Populus Æthiopum:* o povo dos Ethyopes, que são os pretos. De maneira que vós os pretos, que tão humilde figura fazeis no mundo, e na estimação dos homens; por vosso proprio nome, e por vossa propria nação, estaes escriptos e matriculados nos livros de Deus, e nas Sagradas Escripturas; e não com menos titulo, nem com menos fôro, que de Filhos da Mãe do mesmo Deus: *Et populus Æthyopum hi fuerunt illic.*

E posto que o Texto é tão claro e litteral que não admitte duvida: oiçamos o commento de Santo Thomaz, Arcebispo de Valença: *Æthyopes non abjicit virgo decora, sed amplectitur ut parvulos, diligit ut filios, Sciant ergo ipsam matrem etenim Altissimi mater est, Æthyopis matrem nominari non dedignatur.* O Propheta poz no ultimo logar os Ethyopes e os pretos; porque este é o logar que lhes dá o mundo, e a baixa estimação com que são tratados dos outros homens,

1 *Psalm.* III, 4.

filhos de Adão como elles. Porém a Virgem Senhora, sendo Mãe do Altissimo, não os despreza, nem se despreza de os ter por filhos; antes porque é Mãe do Altissimo, por isso mesmo se preza de ser tambem sua Mãe: *Etenim quia Altissimi mater est, Æthyopis matrem nominari non dedignatur.* Saibam pois os pretos, e não duvidem que a mesma Mãe de Deus é Mãe sua: *Sciant ergo ipsam matrem:* e saibam que com ser uma Senhora tão soberana, é Mãe tão amorosa, que assim pequenos como são, os ama, e tem por filhos: *Amplectitur ut parvulos, diligit ut filios.* Atéqui Santo Thomaz.

E se me perguntarem os curiosos quando alcançaram os pretos esta dignidade de filhos da Mãe de Deus; respondo que no monte Calvario, e ao pé da cruz no mesmo dia, e no mesmo logar em que o mesmo Christo em quanto Jesus, e em quanto Salvador nasceu com segundo nascimento da Virgem Maria: *Maria de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.* Este parece o ponto mais difficultoso desta terceira proposta. Mas assim o diz com propriedade e circumstancia admiravel o mesmo Texto de David. Porque os Ethyopes que no corpo do Psalmo se chamam nomeadamente filhos da Senhora, no titulo do mesmo Psalmo se chamam filhos de Coré: *In finem filiis Coré pro arcanis.* Esta palavra *pro arcanis*, nota e manda advertir que se encerra aqui um grande mysterio. E que mysterio tem chamarem-se estes filhos da Virgem Maria filhos tambem de Coré? Santo Agostinho, na exposição do mesmo Psalmo: *Magni Sacramenti est, ut dicantur filii Coré, quia Coré interpretatur Calvaria. Ergo filii passionis illius, filii redempti sanguine illius, filii crucis illius.* Coré, na lingua hebrea, quer dizer Calvario, e chamam-se filhos do Calvario, e filhos da Paixão de Christo, e filhos da sua cruz os mesmos que neste Texto se chamam nomeadamente filhos da Virgem Maria; porque quando no Calvario e ao pé da cruz nasceu da Virgem Maria com segundo nascimento seu bemditissimo Filho em quanto Jesus e Salvador do mundo, então nasceram tambem com segundo nascimento da mesma Senhora todos os outros filhos das outras nações que o Propheta nomeia, e entre elles com tão especial menção os Ethyopes, que são os pretos: *Et populus Æthyopum hi fuerunt illic.* De sorte que assim como no Calvario e ao pé da cruz nasceu de Maria com segundo nasci-

mento Christo; e assim como no Calvario e ao pé da cruz nasceu de Maria com segundo nascimento S. João; assim ao pé da cruz nasceram tambem com segundo nascimento da mesma Virgem Maria os pretos, verificando-se de todos os tres nascimentos, por differente modo, o Texto do nosso thema: *Maria de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.*

Estou vendo que cuidam alguns que são isto encarecimentos e lisonjas daquellas com que os prégadores costumam louvar os devotos nos dias da sua festa. Mas é tanto pelo contrario, que tudo o que tenho dito, é verdade certa e infallivel, e não com menor certeza que de Fé catholica. Os Ethyopes de que falla o Texto de David, não são todos os pretos universalmente, porque muitos delles são gentios nas suas terras; mas falla sómente daquelles de que eu tambem fallo, que são os que por mercê de Deus, e de sua Santissima Mãe, por meio da fé e conhecimento de Christo, e por virtude do Baptismo são christãos. Assim o notou o mesmo Propheta no mesmo Texto: *Memor ero Rahab, et Babylonis scientium me, et populus Æthiopum, hi fuerunt illic.* Naquelle *scientium me* está a differença de uns a outros. E porque, ou como? Porque todos os que teem a fé e conhecimento de Christo, e são christãos, são membros de Christo: e os que são membros de Christo não podem deixar de ser filhos da mesma Mãe, de que nasceu Christo: *De qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.*

Que sejam verdadeiramente membros de Christo, é proposição expressa de S. Paulo não menos que em tres logares. Deixo os dois, e só repito o do Capitulo doze aos Corinthios: *Sicut enim corpus unum est, et membra habet multa: omnia autem membra corporis, cum sint multa, unum tamen corpus sunt; ita et Christus. Etenim in uno spiritu omnes nos in unum corpus baptizati sumus.* [1] Assim como o corpo tem muitos membros, e sendo os membros muitos o corpo é um só; assim (diz S. Paulo) sendo Christo um, e os christãos muitos, de Christo e dos christãos se compõe um só corpo: porque todos os christãos, por virtude da Fé e do Baptismo, são membros de Christo. E porque não cuidassem os que são fieis e senhores, que os pretos, por

[1] *1.ª ad Cor.*, XII, 12.

terem sido gentios, e serem captivos, são de inferior condição, accrescenta o mesmo S. Paulo, que isto tanto se entende do hebreus, que eram os fieis, como dos gentios; e tanto dos captivos e dos escravos, como dos livres, e dos senhores: *Etenim omnes in unum corpus baptizati sumus sive judæi, sive gentiles, sive servi, sive liberi.* [1] E como todos os christãos, posto que fossem gentios, e sejam escravos, pela fé e baptismo estão incorporados em Christo, e são membros de Christo; por isso a Virgem Maria, Mãe de Christo, é tambem Mãe sua; porque não seria Mãe de todo Christo, senão fosse Mãe de todos seus membros. Excellentemente Guilhelmo Abbade: *In uno salvatore omnium Jesu, plurimos Maria peperit ad salutem. Eo ipso quod mater est capitis, multorum membrorum mater est. Mater Christi Mater est membrorum Christi, quia caput et corpus unus est Christus.*

Não se podéra dizer com melhores palavras, nem mais proprias; mas eu quero que nol-o diga com as suas, e nos feche todo este discurso a Escriptura Sagrada. Quando Nicodemus de mestre da Lei se fez Discipulo de Christo, disse-lhe o Senhor tres coisas notaveis. A primeira, que para elle Nicodemus, e qualquer outro se salvar, era necessario nascer de novo: *Nisi quis renatus fuerit denuo, non potest videre Regnum Dei.* [2] A segunda, que ninguem sóbe ao céu, senão quem desce do céu: *Nemo ascendit in cœlum, nisi qui descendit de cœlo.* A terceira, que para isto se conseguir, havia de morrer em uma cruz o mesmo Christo: *Oportet exaltari Filium hominis.* Se o Texto se fizera para o nosso caso, não podéra vir mais medido com todas suas circumstancias. Quanto á primeira, replicou Nicodemus, dizendo: *Quomodo potest homo nasci, cum sit senex? Nunquid potest in ventrem matris suæ iterato introire, et renasci?* Como é possivel que um homem velho como eu sou, haja de nascer de novo? Por ventura ha de tornar a entrar no ventre de sua mãe para nascer outra vez? Pareceu-lhe ao Doutor que esta instancia era muito forte; mas o Divino Mestre lhe ensinou que este segundo e novo nascimento era por virtude do Baptismo, sem o qual nin-

[1] *1.ª ad Cor.*, XII, 13.
[2] *Joan.*, III, 3.

guem se póde salvar: *Nisi quis renatus fuerit ex aqua et Spiritu Sancto, non potest introire in regnum Dei.* E quanto á mãe de que haviam de tornar a nascer os que assim fossem regenerados, accrescentou o mesmo Senhor que essa mãe era a mesma Virgem Maria Mãe sua. Isto querem dizer as segundas palavras de Christo, posto que o não pareça, nem atégora se tenha reparado nellas. Quando o Senhor disse, que ninguem sóbe ao céu, senão quem desceu do céu, juntamente declarou que este que desceu do céu era o mesmo Christo Filho da Virgem: *Nemo ascendit in cœlum, nisi qui descendit de cœlo Filius hominis qui est in cœlo.* Pois porque Christo desceu do céu, por isso todos os que sobem ao céu desceram tambem do céu? Sim. Porque ninguem póde subir ao céu, senão incorporando-se com Christo, como todos nos incorporamos com elle, e nos fazemos membros do mesmo Christo, por meio da Fé e do Baptismo; d'onde se seguem duas coisas: a primeira, que assim como elle desceu do céu, assim nós, por sermos membros seus, tambem descemos nelle, e com elle: *Nemo abscondit in cœlo.* A segunda, que assim como elle desceu do céu fazendo-se Filho da Virgem Maria, *Filius hominis qui est in cœlo;* assim nós tambem ficamos sendo filhos da mesma Virgem, porque somos membros verdadeiros do verdadeiro Filho que della nasceu; e finalmente, porque este segundo e novo nascimento não foi o de Belem, senão o de Jérusalem: nem o do Presepio, senão o do Calvario; por isso conclue o Senhor, que para este segundo nascimento se conseguir, era necessario que elle morresse na cruz: *Oportet exaltari Filium hominis.* Vejam agora os pretos se por todos os titulos ou circumstancias de Ethyopes, de baptisados, de nascidos com segundo nascimento, de nascidos no Calvario, e nascidos não de outra Mãe, senão da mesma Mãe de Jesus, se verifica tambem delles como membros de Christo, o nascimento com que o mesmo Christo segunda vez nasceu de Maria: *Maria, de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.*

VI

Parece-me que tenho provado os tres nascimentos que prometti. E posto que todos tres sejam mui conformes ás circumstancias do tempo; o de Christo, por-

que continuamos a oitava do seu nascimento; o de S. João, porque estamos no seu proprio dia; e o dos pretos, porque celebramos com elles a devoção da Virgem Santissima, Mãe de Christo, Mãe de S. João, e Mãe sua: sobre estas tres grandes propriedades temos ainda outras tres muito mais proprias: e quaes são? Que unidos estes tres nascimentos em um mesmo intento, todos e cada um delles se ordenam a declarar e persuadir a devoção do Rosario; e do Rosario particularmente dos pretos; e dos pretos em particular que trabalham neste e nos outros engenhos. Não são estas as circumstancias mais individuaes do logar, das pessoas, e da festa e devoção que celebramos? Pois todas ellas nascem daquelles tres nascimentos. O novo nascimento dos mesmos pretos, como filhos da Mãe de Deus, lhes mostra a obrigação que teem de servir, venerar, e invocar a mesma Senhora com o seu Rosario. O novo nascimento de Christo os persuade a que sem embargo do continuo e grande trabalho em que estão occupados, nem por isso se esqueçam da soberana Mãe sua, e de lhe rezar o Rosario, ao menos parte, quando não possam todo. E finalmente, o novo nascimento de S. João lhes ensina quaes são, entre os mysterios do Rosario, os que mais pertencem ao seu estado, e com que devem alliviar, sanctificar, e offerecer á Senhora o seu mesmo trabalho. Este é o fim de quanto tenho dito, e me resta dizer: e este tambem o fructo de que mais se serve, e agrada a Virgem do Rosario, e com que haverá por bem festejado o seu dia. E porque agora fallo mais particularmente com os pretos, agora lhes peço mais particular attenção.

Começando pois pelas obrigações que nascem do vosso novo e tão alto nascimento, a primeira e maior de todas é que deveis dar infinitas graças a Deus por vos ter dado conhecimento de si, e por vos ter tirado de vossas terras, onde vossos paes e vós vivieis como gentios; e vos ter trazido a esta, onde instruidos na fé, vivaes como christãos, e vos salveis. Fez Deus tanto caso de vós, e disto mesmo que vos digo, que mil annos antes de vir ao mundo, o mandou escrever nos seus livros, que são as Escripturas Sagradas. Virá tempo, diz David, em que os Ethyopes (que sois vós) deixada a gentilidade e idolatria, se hão de ajoelhar diante do verdadeiro Deus: *Coram illo procident Æthyo-*

pes: [1] e que farão assim ajoelhados? Não baterão as palmas como costumam, mas fazendo oração, levantarão as mãos ao mesmo Deus: *Æthyopia præveniet manus ejus Deo.* [2] E quando se cumpriram estas duas prophecias, uma do Psalmo setenta e um, e outra do Psalmo sessenta e sete? Cumpriram-se principalmente depois que os portuguezes conquistaram a Ethyopia occidental, e estão-se cumprindo hoje mais e melhor que em nenhuma outra parte do mundo nesta da America, aonde trazidos os mesmos Ethyopes em tão innumeravel numero, todos com os joelhos em terra, e com as mãos levantadas ao céu, creem, confessam, e adoram no Rosario da Senhora todos os mysterios da Encarnação, Morte, e Resurreição do Creador e Redemptor do mundo, como verdadeiro Filho de Deus e da Virgem Maria. Assim como Deus na Lei da natureza escolheu a Abrahão, e na escripta a Moysés, e na da graça a Saulo, não pelos serviços que lhe tivessem feito, mas pelos que depois lhe haviam de fazer; assim a Mãe de Deus antevendo esta vossa fé, esta vossa piedade, e esta vossa devoção, vos escolheu de entre tantos outros de tantas e tão differentes nações, e vos trouxe ao gremio da Igreja, para que lá, como vossos paes, vos não perdesseis, e cá, como filhos seus, vos salvasseis. Este é o maior e mais universal milagre de quantos faz cada dia, e tem feito por seus devotos a Senhora do Rosario.

Fallando o Texto sagrado dos filhos de Coré, que, como já dissemos, são os filhos da Senhora nascidos no Calvario, diz que perecendo seu pae, elles não pereceram, e que isto foi um grande milagre: *Factum est grande miraculum, ut Coré pereunte, filii illius non perirent.* [3] Não perecerem, nem morrerem os filhos quando perecem, e morrem os paes, é coisa muito natural, antes é lei ordinaria da mesma natureza, porque se com os paes morreram juntamente os filhos, acabar-se-hia o mundo. Como diz logo o Texto sagrado, que não morrerem e perecerem os filhos de Coré, quando morreu e pereceu seu pae, não só foi milagre, senão um grande milagre: *Factum est grande miraculum?* Ouvi o caso todo, e logo vereis em que consis-

---

1 *Psalm.* LXXI, 9.
2 *Ibid.*, LXVII, 32.
3 *Num.*, XXVI, 10.

tiu o milagre e sua grandeza. Caminhando os filhos de Israël pelo deserto em demanda da Terra de Promissão, rebellaram-se contra Deus tres cabeças de grandes familias, Dathan, Abiron, e Coré: e querendo a Divina Justiça castigar exemplarmente a atrocidade deste delicto, abriu-se subitamente a terra, tragou vivos aos tres delinquentes, e em um momento todos tres, com portento nunca visto, foram sepultados no inferno. Houve porém neste caso uma differença ou excepção muito notavel, e foi que com Dathan e Abiron pereceram juntamente, e foram tambem tragados da terra, e sepultados no inferno seus filhos; mas os de Coré não: e este é o que a Escriptura chama grande milagre; *Factum est grande miraculum, ut Core pereunte, filii non perirent.* Abrir-se a terra não foi milagre? Sim, foi: serem tragados vivos os tres delinquentes, não foi outro milagre? Tambem: irem todos em corpo e alma ao inferno antes do dia do Juizo, não foi terceiro milagre? Sim, e muito mais estupendo. E comtudo o milagre que a Escriptura Sagrada pondera e chama grande milagre, não foi nenhum destes, senão o perecer Coré, e não perecerem seus filhos; porque o maior milagre e a mais extraordinaria mercê que Deus póde fazer aos filhos de paes rebeldes ao mesmo Deus, é que quando os paes se condemnam, e vão ao inferno, elles não pereçam, e se salvem.

Oh se a gente preta tirada das brenhas da sua Ethyopia, e passada ao Brazil, conhecera bem quanto deve a Deus, e a sua Santissima Mãe por este que póde parecer desterro, captiveiro, e desgraça, e não é senão milagre, e grande milagre! Dizei-me: vossos paes, que nasceram nas trevas da gentilidade, e nella vivem e acabam a vida sem lume da fé, nem conhecimento de Deus, aonde vão depois da morte? Todos, como já crêdes e confessaes, vão ao inferno, e lá estão ardendo e arderão por toda a eternidade. E que perecendo todos elles, e sendo sepultados no inferno como Coré, vós, que sois seus filhos, vos salveis, e vades ao céu? Vêde se é grande milagre da Providencia e Misericordia divina: *Factum est grande miraculum, ut Coré pereunte filii illius non perirent.* Os filhos de Dathan e Abiron pereceram com seus paes, porque seguiram com elles a mesma rebellião e cegueira; e outro tanto vos podéra succeder a vós. Pelo contrario os filhos de Coré, perecendo elle, salvaram-se, porque re-

conheceram, veneraram, e obedeceram a Deus: e esta é a singular felicidade do vosso estado, verdadeiramente milagroso.

Só resta mostrar-vos que este grande milagre, como dizia, é milagre do Rosario, e que esta eleição e differença tão notavel a deveis á Virgem Santissima vossa Mãe, e por ser Mãe vossa. Isaac, filho de Abrahão (de quem vossos antepassados tomaram por honra a divisa da Circumcisão, que ainda conservam, e do qual muitos de vós descendeis por via de Ismaël meio irmão do mesmo Isaac); este Isaac, digo, tinha dois filhos, um chamado Jacob, que levou a benção do céu; e outro chamado Esaü, que perdeu a mesma benção. Tudo isto succedeu em um mesmo dia, em que Esaü andava pelos mattos armado de arco e frechas, como andam vossos paes por essas brenhas da Ethyopia: e pelo contrario Jacob estava em casa de seu pae, e de sua mãe, como vós hoje estaes na casa de Deus, e da Virgem Maria. E porque levou a benção Jacob, e a perdeu Esaü? Porque concorreram para a felicidade de Jacob duas coisas, ou duas causas que a Esaü faltaram ambas. A primeira foi porque Rebecca (que era o nome da mãe) não amava a Esaü, senão a Jacob, e fez grandes diligencias, e empregou toda a sua industria em que elle levasse a benção. A segunda, porque estando duvidoso o pae se lhe daria a benção ou não, sentiu que os vestidos de Jacob lhe cheiravam a rosas e flôres, e tanto que sentiu este cheiro e esta fragrancia, logo lhe deitou a benção. Assim o nota expressamente o Texto: *Statimque; ut sensit vestimentorum illius fragrantiam, benedicens illi, ait: Ecce odor filii mei, sicut odor agri pleni, cui benedixit Dominus: det tibi Deus de rore coeli, etc.* [1] Uma e outra circumstancia, assim da parte da mãe como do pae, foram admiraveis, e por isso mysteriosas. Da parte da mãe, que sendo Jacob e Esaü irmãos, amasse com tanta differença a Jacob: e da parte do pae, que um accidente que parecia tão leve, como o cheiro das flôres, lhe tirasse toda a duvida, e fosse o ultimo motivo de lhe dar a benção. Mas assim havia de ser, para que o mysterio se cumprisse com toda a propriedade nas figuras e acções que o representavam. Isaac significava a Deus, Rebecca a Vir-

[1] *Gen.*, XXVII. 27.

gem Maria, Jacob os seus filhos escolhidos, que sois vós; e Esaü os reprovados, que são os que sendo do vosso mesmo sangue, e da vossa mesma côr, não alcançaram a benção que vós alcançastes. Para que entendaes que toda esta graça do céu a deveis referir a duas causas: a primeira ao amôr e piedade da Virgem Santissima vossa Mãe: a segunda á devoção do seu Rosario, que é o cheiro das rosas e flôres que tanto enlevam e agradam a Deus.

Dos sacrificios antigos, quando Deus os acceitava, diz a Sagrada Escriptura que lhe agradava muito o cheiro, e suavidade delles: *Odoratus est Dominus odorem suavitatis.* [1] E a razão era porque naquelles sacrificios se representavam os mysterios da vida e morte de seu bemditissimo Filho. E como na devoção do Rosario se contém a memoria e consideração dos mesmos mysterios; este é o cheiro e fragrancia que tanto nelle agrada, e tão acceito é a Deus. Em vós, antes de serdes christãos, sómente era futuro este cheiro das flôres do Rosario, que hoje é presente, como tambem eram futuros naquelle tempo os mysterios de Christo: mas assim como o merecimento destes mysterios antes de serem, sómente porque haviam de ser, davam efficacia áquelles sacrificios; assim a vossa devoção do Rosario futura, e quando ainda não era, só porque Deus e sua Mãe a anteviram com a acceitação e agrado que della recebem, vos preferiram e antepuzeram aos demais das vossas nações, e vos tiveram por dignos da benção que hoje gosaes, tanto maior e melhor que a de Jacob, quanto vae da terra ao céu. Para que todos conheçaes o motivo principal da vossa felicidade, e a obrigação em que ella vos tem posto de não faltar a Deus, e a sua Santissima Mãe com este quotidiano tributo da vossa devoção.

VII

Estou vendo porém que o vosso continuo trabalho e exercicio póde parecer ou servir de escusa ao descuido dos menos devotos. Direis que estaes trabalhan-

[1] *Gen.*, II, 21.

do de dia e de noite em um engenho, e que as tarefas multiplicadas umas sobre outras (que talvez entram e se penetram com os dias santos) vos não deixam tempo nem logar para rezar o Rosario. Mas aqui entra o novo nascimento de Christo segunda vez nascido no Calvario, para com seu divino exemplo e imitação refutar a fraqueza desta vossa desculpa, e vos ensinar como no meio do maior trabalho vos não haveis de esquecer da devoção da sua Mãe, pois o é tambem vossa, offerecendo-lhe ao menos alguma parte, quando commodamente não possa ser toda. David (aquelle Santo Rei, que tambem teve netos na Ethyopia, filhos de seu filho Salomão, e da rainha Sabbá) entre os Psalmos que compôz, foram tres particulares, aos quaes deu por titulo *Pro torcularibus:* [1] que em phrase do Brazil quer dizer, para os engenhos. Este nome *torcularia*, universalmente tomado, significa todos aquelles logares e instrumentos em que se espreme e tira o summo dos fructos, como em Europa o vinho e o azeite, que lá se chamam lagares; e porque estes, em que no Brazil se faz o mesmo ás canas doces, e se espreme, coze e endurece o summo dellas, tem maior e mais engenhosa fabrica, se chamaram vulgarmente engenhos. Se perguntarmos pois qual foi o fim e intento de David em compôr e intitular aquelle Psalmo nomeadamente para estas officinas? Respondem os Doutores hebreus, e com elles Paulo Burgense, que o intento que teve o Santo Rei, e fez se praticasse em todo o povo de Israël, foi que os trabalhadores das mesmas officinas ajuntassem o trabalho com a oração, e em logar de outros cantares com que se costumavam alliviar, cantassem hymnos e Psalmos: e pois recolhiam e aproveitavam os fructos da terra, não fossem elles estereis, e louvassem ao Creador que os dá. Notavel exemplo por certo, e de summa edificação, que entre os grandes negocios e governo da monarchia tivesse um rei estes cuidados! E que confusão pelo contrario será para os que se chamam senhores de engenho, se attentos sómente aos interesses temporaes, que se adquirem com este deshumano trabalho, dos trabalhadores seus escravos, e das almas daquelles miseraveis corpos, tiverem tão pouco cuidado, que não tratem de que louvem e sirvam a Deus, mas nem ainda de que o conheçam?

---

[1] *Psalm.* VIII, 1.

Tornando aos Psalmos compostos para os engenhos (que depois veremos, porque foram tres) declara David no titulo do ultimo quem sejam os operarios destas trabalhosas officinas, e diz que são os filhos de Coré: *Pro torcularibus filiis Coré.* [1] Segundo a propriedade da historia, já dissemos que os filhos de Coré são os pretos filhos da Virgem Santissima, e devotos do seu Rosario. Segundo a significação do nome, porque Coré na lingua hebraica significa Calvario, diz Hugo Cardeal que são os imitadores da Cruz e Paixão de Christo crucificado: *Filiis Coré, id est, imitatoribus in loco Calvariæ crucifixi.* Não se podéra, nem melhor nem mais altamente, descrever que coisa é ser escravo em um engenho do Brazil. Não ha trabalho, nem genero de vida no mundo mais parecido á Cruz e Paixão de Christo, que o vosso em um destes engenhos. *O' fortunati nimium sua si bona norint!* Bemaventurados vós se soubereis conhecer a fortuna do vosso estado, e com a conformidade e imitação de tão alta e divina similhança aproveitar e santificar o trabalho!

Em um engenho sois imitadores de Christo crucificado, *Imitatoribus Christi crucifixi*, porque padeceis em um modo muito similhante o que o mesmo Senhor padeceu na sua cruz, e em toda a sua Paixão. A sua cruz foi composta de dois madeiros, e a vossa em um engenho é de tres. Tambem alli não faltaram as canas, porque duas vezes entraram na Paixão: uma vez servindo para o sceptro de escarneo, e outra vez para a esponja em que lhe deram o fel. A Paixão de Christo parte foi de noite sem dormir, parte de dia sem descançar, e taes são as vossas noites e os vossos dias. Christo despido, e vós despidos: Christo sem comer, e vós famintos: Christo em tudo maltratado, e vós maltratados em tudo. Os ferros, as prisões, os açoites, as chagas, os nomes affrontosos, de tudo isto se compõe a vossa imitação, que se fôr acompanhada de paciencia, tambem terá merecimento de martyrio. Só lhe faltava á cruz para a inteira e perfeita similhança o nome de engenho; mas este mesmo lhe deu Christo não com outro, senão com o proprio vocabulo. *Torcular* se chama o vosso engenho, ou a vossa cruz, e a de Christo, por bocca do mesmo Christo, se chamou

---

1 *Psalm.* LXXXIII, 1.

tambem *Torcular: Torcular calcavi solus.* [1] Em todas as invenções e instrumentos de trabalho parece que não achou o Senhor outro que mais parecido fosse com o seu, que o vosso. A propriedade e energia desta comparação, é porque no instrumento da cruz, e na officina de toda a Paixão, assim como nas outras em que se espreme o summo dos fructos, assim foi espremido todo o sangue da Humanidade sagrada: *Eo quod sanguis ejus ibi fuit expressus, sicut sanguis uvæ in torculari*, diz Lyrano: *Et hoc in spineæ coronæ impositione, in flagellatione, in pedum, et manuum confixione, et in lateris apertione.* E se então se queixava o Senhor de padecer só, *torcular calcavi solus;* e de não haver nenhum dos gentios que o acompanhasse em suas penas, *et de gentibus non est vir mecum*, [2] vêde vós quanto estimará agora que os que hontem foram gentios, conformando-se com a vontade de Deus na sua sorte, lhe façam por imitação tão boa companhia!

Mas para que esta primeira parte da imitação dos trabalhos da cruz o seja tambem nos affectos (que é a segunda e principal); assim como no meio dos seus trabalhos e tormentos se não esqueceu o Senhor de sua piedosissima Mãe, encommendando-a ao Discipulo amado, assim vos não haveis vós de esquecer da mesma Senhora, encommendando-vos muito particularmente na sua memoria, e offerecendo-lhe a vossa. Depois de Christo na cruz dar o reino do céu ao Bom Ladrão, então fallou com sua Mãe; e parece que este, e não aquelle, havia de ser o seu primeiro cuidado: mas seguiu o Senhor esta ordem, diz Santo Ambrosio, para mostrar, segundo as mesmas leis da natureza, que mais fazia em ter da propria Mãe esta lembrança, que em dar a um estranho o reino: *Pluris putans quod pietatis officia dividebat, quam quod regnum cœleste donabat.* Ao ladrão deu Christo menos do que lhe pediu, e á Mãe deu muito mais do que tinha dado ao ladrão; porque o ladrão pediu-lhe a memoria, e deu-lhe o reino, e á Mãe deu-lhe muito mais que o reino, porque lhe deu a memoria. Esta memoria haveis de offerecer á Senhora em meio dos vossos trabalhos, á imitação de seu Filho, e não duvideis ou cuideis que

---

1 *Isai.*, LXIII, 3.
2 *Ibid.*

lhe seja menos acceita a vossa, antes em certo modo mais: porque? Porque nas Ave Marias do vosso Rosario a fazeis com palavras de maior consolação, do que as que lhe disse o mesmo Filho, conformando-se com o estado presente. O Filho chamou-lhe Mulher, e vós chamar-lhe-heis a Bemdita entre todas as mulheres: o Filho não lhe deu nome de Mãe, e vós a invocareis cento e cincoenta vezes com o nome de Santa Maria Mãe de Deus. Oh quão adoçada ficará a dureza, e quão ennobrecida a vileza dos vossos trabalhos na harmonia destas vozes do céu; e quão preciosas seriam, diante de Deus, as vossas penas e afflicções, se juntamente lh'as offerecerdes em união das que a Virgem Mãe sua padeceu ao pé da cruz!

E porque a continuação do vosso mesmo trabalho vos não pareça bastante escusa para faltardes com vossas orações a esta pensão de cada dia; adverti que se o vosso Rosario consta de tres partes, estando Christo vivo na cruz sómente tres horas, nessas tres horas orou tres vezes. Pois se Christo ora tres vezes em tres horas, sendo tão insoffriveis os trabalhos da sua cruz; vós, por grandes que sejam os vossos, porque não orareis tres vezes em vinte e quatro horas? Dir-me-heis que as orações que fez Christo na cruz, foram muito breves. Mas nisso mesmo vos quiz dar exemplo, e vos deixou uma grande consolação, para que quando, ou apertados, ou opprimidos do trabalho, não poderdes rezar o Rosario inteiro, não falteis ao menos em rezar parte: consolando-vos com saber que nem por isso as vossas orações abreviadas serão menos acceitas a Deus, e a sua Mãe, assim como o foram as de Christo a seu Eterno Pae.

Agora acabareis de entender porque razão os Psalmos que David compoz para os que trabalham nos engenhos, foram sómente tres. Lêde-os ou leam-nos por vós os que os entendem, e acharão que só tres se intitulam: *Pro torcularibus*. E porque tres, nem mais, nem menos? Porque em tres partes, nem mais, nem menos, dividiu David o seu Psalterio, e a Senhora o seu Rosario. O que hoje chamamos Rosario, antes que as Ave Marias se convertessem milagrosamente em rosas, chamava-se o Psalterio da Virgem, porque assim como o Psalterio era composto de cento e cincoenta Psalmos, assim o Rosario se compõe de cento e cincoenta saudações angelicas. Que fez pois David,

como rei pio, e como Propheta? Como rei pio, que attendia ao bem presente do seu reino, vendo que os trabalhadores dos lagares não podiam rezar o Psalterio inteiro, e tão comprido como é, recopilou e abreviou o mesmo Psalterio, e reduziu as tres partes, de que é composto, aos tres Psalmos que intitulou: *Pro torcularibus*. E como Propheta que via os tempos futuros, e o Rosario que havia de compôr a Mãe do que se havia de chamar Filho de David, á imitação do seu Psalterio, introduziu no mesmo Psalterio, já abreviado e reduzido a tres Psalmos, os tres mysterios Gososos, Dolorosos, e Gloriosos, em que está repartido o Rosario. Assim foi, e assim se vê claramente nos mesmos tres Psalmos. Porque o primeiro (que é o Psalmo oito) tendo por Expositor a S. Paulo, contém os mysterios da Encarnação e Infancia do Salvador: *Ex ore infantium, et lactentium perfecisti laudem.* [1] O segundo (que é o Psalmo oitenta) contém os mysterios da Cruz e da Redempção, representados na do Egypto: *Ego sum Dominus Deus tuus, qui eduxi te de terra Ægypti.* [2] E o terceiro (que é o Psalmo oitenta e tres) contém os mysterios da Gloria e da Ascenção: *Beatus vir, cujus est auxilium abs te, ascensiones in corde suo disposuit in valle lachrymarum.* [3]

Assim pois, como os trabalhadores hebreus (que eram os fieis daquelle tempo) no exercicio dos seus lagares meditavam e cantavam o Psalterio de David recopilado naquelles tres Psalmos, porque não podiam todo; ao mesmo modo vós, quando não possaes rezar todo o Rosario da Senhora, ao menos com partes das tres partes em que elle se divide, haveis de alliviar e santificar o pezo do vosso trabalho na memoria e louvores dos seus mysterios. E este foi finalmente o exemplar que vos deixou Christo nas tres breves orações da sua cruz. Porque, se bem advertirdes, em todas tres, pela mesma ordem do Rosario, se contém os mysterios Gososos, Dolorosos, e Gloriosos. Os Gloriosos na terceira, em que encommendou sua alma nas mãos do Padre, partindo-se deste mundo para a gloria: *Pater in manus tuas commendo spiritum meum.* [4] Os Dolorosos

---

[1] *Psalm.* VIII, 3.
[2] *Ibid.*, LXXX, 9.
[3] *Ibid*, LXXXIII, 6.
[4] *Luc.*, XXIII, 46.

na segunda, em que amorosamente queixoso publicou a altas vozes o excesso das suas dôres: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* [1] E os Gososos rogando pelos mesmos que o estavam pregando na cruz, e allegando que não sabiam o que faziam: *Non enim sciunt quid faciunt:* [2] porque elles o crucificavam para o atormentarem, e elle se gosava muito de que o crucificassem, como declarou S. Paulo: *Proposito sibi gaudio, sustinuit crucem.* [3]

VIII

Resta o ultimo e excellente documento de S. João, tambem nova e segunda vez nascido ao pé da cruz: e qual é este documento? Que entre todos os mysterios do Rosario, haveis de ser mais particularmente devotos dos que são mais proprios do vosso estado, da vossa vida, e da vossa fortuna, que são os mysterios Dolorosos. A todos os mysterios Dolorosos (e não assim aos outros) se achou presente S. João. Assistiu ao do Horto com os dois Discipulos: assistiu ao dos açoites com a mesma Virgem Santissima no Pretorio de Pilatos: asistiu do mesmo modo, e no memo logar á coroação de espinhos: seguiu ao Senhor com a cruz ás costas até o monte Calvario, e no mesmo Calvario se não apartou do seu lado até espirar, e ser levado á sepultura. Estes foram os mysterios proprios do Discipulo amado, que como a dôr se mede pelo amôr, a elle competiam mais os Dolorosos. Estes foram os seus, e estes devem ser os vossos, e não só por devoção ou eleição, nem só por condição e similhança da vossa cruz, mas por direito hereditario desde o primeiro Ethyope, ou preto que conheceu a Christo, e se baptisou. E' caso muito digno de que o saibaes.

Appareceu um Anjo a S. Filippe Diacono, e disse-lhe que se fosse pôr na estrada de Gáza. Posto na estrada tornou-lhe a apparecer, e disse-lhe que se chegasse a uma carroça que por alli passava. Chegou, e

---

1 *Math.*, XXVII, 46.
2 *Luc*, XXIII, 34.
3 *Hebr.*, XII, 2.

viu que ia na carroça um homem preto (que era criado da rainha de Ethyopia), e ouviu que ia lendo pelo Propheta Isaias. O logar em que estava era aquelle famoso Texto do Capitulo cincoenta e tres, em que o Propheta descreve mais claramente que nenhum outro, a Morte, Paixão e paciencia de Christo: *Tanquam ovis ad occisionem ductus est, et sicut agnus coram tondente se, sine voce, sic non aperuit os suum*, [1] etc. Perguntou-lhe o Diacono se entendia o que estava lendo, e como respondesse que não, e lhe pedisse que lh'o declarasse, foi tal a declaração, que chegando depois ambos a um rio, o ethyope pediu ao santo que o baptizasse. E este foi o primeiro gentio depois de Cornelio romano, e o primeiro preto christão que houve no mundo. Tudo nesta historia, que é dos Actos dos Apostolos, referida por S. Lucas, são mysterios. Mysterio foi o primeiro aviso do Anjo ao Santo Diacono, e mysterio o segundo: mysterio que um gentio fosse lendo pela Sagrada Escriptura, e mysterio que caminhando a fosse lendo: mysterio que o Propheta que lia fosse Isaias, e mysterio sobre todos mysterioso, que o logar fosse da Paixão e paciencia de Christo; porque para dar occasião ao Diacono de prégar a fé a um gentio, bastava que fosse qualquer outro. Pois porque ordenou Deus que fosse signaladamente aquelle logar, em que se descrevia a sua Paixão, e os tormentos com que havia de ser maltratado, e a paciencia, sujeição e silencio com que os havia de supportar? Sem duvida, porque neste primeiro ethyope tão antecipadamente convertido se representavam todos os homens da sua côr, e da sua nação, que depois se converteram. Assim o dizem S. Jeronymo, e Santo Agostinho, e o provam com o Texto de David: *Æthiopia præveniet manus ejus Deo.* [2] E como a natureza gerou os pretos da mesma côr da sua fortuna, *Infelix genus hominum, et ad servitutem natum;* [3] quiz Deus que nascessem á fé debaixo do signo da sua Paixão; e que ella, assim como lhe havia de ser o exemplo para a paciencia, lhe fosse tambem o allivio para o trabalho. Em fim, que de todos os mysterios da Vida, Morte e Resurreição de Chris-

[1] *Act.*, VIII, 32; *Isai.*, LIII, 7.
[2] *Psalm.* LXVII, 32.
[3] Mafeo.

to, os que pertencem por condição aos pretos, e como por herança, são os Dolorosos.

Destes devem ser mais devotos, e nestes se devem mais exercitar, acompanhando a Christo nelles, como fez S. João na sua cruz. Mas assim como entre todos os mysterios do Rosario estes são os que mais propriamente pertencem aos pretos; assim entre todos os pretos, os que mais particularmente os devem imitar e meditar, são os que servem e trabalham nos engenhos, pela similhança e rigor do mesmo trabalho. Encarecendo o mesmo Redemptor o muito que padeceu em sua sagrada Paixão, que são os mysterios Dolorosos, compara as suas dôres ás penas do inferno: *Dolores inferni circumdederunt me.* [1] E que coisa ha na confusão deste mundo mais similhante ao inferno, que qualquer destes vossos engenhos, e tanto mais, quanto de maior fabrica? Por isso foi tão bem recebida aquella breve e discreta definição de quem chamou a um engenho de assucar *doce inferno.* E verdadeiramente quem vir na escuridade da noite aquellas fornalhas tremendas perpetuamente ardentes: as labaredas que estão sahindo a borbotões de cada uma pelas duas boccas, ou ventas, por onde respiram o incendio: os ethyopes, ou cyclopes banhados em suor tão negros como robustos que subministram a grossa e dura materia ao fogo, e os forcados com que o revolvem e atiçam; as caldeiras ou lagos ferventes com os cachões sempre batidos e rebatidos, já vomitando espumas, exhalando nuvens de vapores mais de calor, que de fumo, e tornando-os a chover para outra vez os exhalar: o ruido das rodas, das cadeias, da gente toda da côr da mesma noite, trabalhando vivamente, e gemendo tudo ao mesmo tempo sem momento de treguas, nem de descanço: quem vir em fim toda a machina e apparato confuso e estrondoso daquella Babylonia, não poderá duvidar, ainda que tenha visto Ethnas e Vesuvios, que é uma similhança de inferno. Mas se entre todo esse ruido, as vozes que se ouvirem, forem as do Rosario, orando e meditando os mysterios Dolorosos, todo esse inferno se converterá em Paraiso; o ruido em harmonia celestial; e os homens, posto que pretos, em Anjos.

Grande Texto de David. Estava vendo David essas

[1] *Psalm.* XVII, 6.

mesmas fornalhas do inferno, e essas mesmas caldeiras ferventes: e prophetisando litteralmente dos que viu atados a ellas, escreveu aquellas difficultosas palavras: *Si dormiatis inter medios cleros pennæ columbæ deargentatæ, et posteriora dorsi ejus in pallore auri.* [1] *Cleros* quer quer *lebetes*, ou, como verte com maior propriedade Vatablo: *Si dormiatis inter medias caldarias, vasaque; plena fulligine.* Diz pois o Propheta: se passardes as noites entre as caldeiras, e entre esses grandes vasos fuliginosos e tisnados com o fumo e labaredas das fornalhas; que haveis de fazer, ou que vos ha de succeder? Agora entra o difficultoso das palavras *Pennæ columbæ deargentatæ, et posteriora dorsi ejus in pallore auri.* Penas e azas de pomba prateadas por uma parte, e doiradas por outra. E que tem que vêr a pomba com o triste escravo e negro ethyope, que entre todas as aves só é parecido ao corvo? Que tem que vêr a prata e o oiro com o cobre da caldeira, e o ferro da corrente a que está atado? Que tem que vêr a liberdade de uma ave com penas e azas para voar, com a prisão do que se não póde bolir d'alli por mezes e annos, e talvez por toda a vida? Aqui vereis quaes são os poderes e transformações que obra o Rosario nos que oram e meditam os mysterios Dolorosos.

A pomba na Sagrada Escriptura, como consta de infinitos logares, não só é symbolo da oração e meditação absolutamente, senão dos que oram e meditam em casos dolorosos: por isso El-rei Ezechias nas suas dôres dizia: *Meditabor ut columba.* [2] E a razão desta propriedade e similhança, é porque a pomba com os seus arrulhos, não canta como as outras aves, mas geme. Quer dizer pois o Propheta, e diz admiravelmente fallando comvosco na mais miseravel circumstancia desse inferno da terra: *Si dormiatis inter medias caldarias, vasaque; plena fulligine:* se não só de dia, mas de noite vos virdes atados a essas caldeiras com uma forte cadeia, que só vos deixe livres as mãos para o trabalho, e não os pés para dar um passo; nem por isso vos desconsoleis e desanimeis: orae e meditae os mysterios Dolorosos, acompanhando a Christo nelles, como S. João; e nessa triste servidão de miseravel escravo tereis o que

---

[1] *Psalm.* LXVII, 14.
[2] *Isai.*, XXXVIII, 14.

eu desejava sendo rei, quando dizia: *Quis dabit mihi pennas sicut columbæ, et volabo, et requiescam:* [1] Oh quem me dera azas como de pomba para voar e descançar? E estas são as mesmas que eu vos prometto no meio dessa miseria: *Pennæ columbæ deargentatæ, et posteriora ejus in pallore auri;* porque é tal a virtude dos mysterios Dolorosos da Paixão de Christo para os que orando os meditam, gemendo como pomba, que o ferro se lhes converte em prata, o cobre em oiro, a prisão em liberdade, o trabalho em descanço, o inferno em paraiso, e os mesmos homens, posto que pretos, em Anjos.

Dizei-me que coisa é um Anjo? Os Anjos não são outra coisa senão homens com azas; e esta figura não lh'a deram os pintores, senão o mesmo Deus, que assim os mostrou a Isaias, e assim os mandou esculpir no Templo. Pois essas são as azas prateadas e douradas com que desse vosso inferno vos viu David voar ao céu para cantar o Rosario no mesmo côro com os Anjos. Nem vos metta em desconfiança a vossa côr, nem as vossas fornalhas, porque na fornalha de Babylonia, onde o Mestre da capella era o Filho de Deus, no mesmo côro metteu as noites com os dias: *Benedicite noctes, et dies Domino.* [2] Antes vos digo (e notae muito isto para vossa consolação) que se no céu não entraram as vossas vozes com as dos Anjos, o Rosario que lá se canta não seria perfeito. Consta de muitas revelações e visões de Santos, que os Anjos no céu tambem rezam ou cantam o Rosario: por signal que ao nome de Maria fazem uma profunda inclinação, e ao nome de Jesus se ajoelham todos: e digo que entrando vós no mesmo côro, será o Rosario dos Anjos mais perfeito do que é sem vós; porque a perfeição do Rosario consiste em se conformar quem o reza com os mysterios que nelle se meditam, gosando-se com os Gososos, doendo-se com os Dolorosos, e gloriando-se com os Gloriosos. E posto que os Anjos nos Gososos se podem gosar, e nos Gloriosos se podem gloriar, nos Dolorosos não se podem doer, porque o seu estado é incapaz de dôr. Isto porém que elles não podem fazer no céu, fazeis vós na terra; se no meio dos trabalhos que padeceis,

[1] *Psalm.* LIV, 6.
[2] *Daniel,* III, 71.

vos doeis mais das penas de Christo, que das vossas. Assim que, do Rosario dos Anjos, e do vosso, ou repartidos em dois côros, ou unidos em um só, se inteira a perfeição, ou se aperfeiçoa a harmonia dos mysterios do Rosario.

Os Dolorosos (oiçam-me agora todos) os Dolorosos são os que vos pertencem a vós, como os Gososos aos que devendo-vos tratar como irmãos, se chamam vossos senhores. Elles mandam, e vós servis: elles dormem, e vós velaes: elles descançam, e vós trabalhaes: elles gosam o fructo de vossos trabalhos, e o que vós colheis delles, é um trabalho sobre outro. Não ha trabalhos mais doces que os das vossas officinas; mas toda essa doçura para quem é? Sois como as abelhas, de quem disse o poeta: *Sic vos non vobis mellificatis apes.* O mesmo passa nas vossas colmeas. As abelhas fabricam o mel, sim; mas não para si. E posto que os que o logram é com tão differente fortuna da vossa; se vós porém vos souberdes aproveitar della, e conformal-a com o exemplo e paciencia de Christo, eu vos prometto primeiramente que esses mesmos trabalhos vos sejam muito doces, como foram ao mesmo Senhor: *Dulce lignum, dulces clavos, dulcia ferens pondera:* e que depois (que é o que só importa) assim como agora imitando a S. João, sois companheiros de Christo nos mysterios Dolorosos de sua cruz; assim o sereis nos Gloriosos da sua Resurreição e Ascenção. Não é promessa minha, senão de S. Paulo, e Texto expresso de Fé: *Hæredes quidem Dei, cohæredes autem Christi: si tamen compatimur, ut et conglorificemur.* [1] Assim como Deus vos fez herdeiros de suas penas, assim o sereis tambem de suas glorias: com condição porém que não só padeçaes o que padeceis, senão que padeçaes com o mesmo Senhor, que isso quer dizer, *compatimur*. Não basta só padecer com Christo, como S. João.

Oh como quizera e fôra justo que tambem vossos senhores considerassem bem aquella consequencia: *Si tamen compatimur, ut et conglorificemur.* Todos querem ir á gloria, e ser glorificados com Christo; mas não querem padecer, nem ter parte na cruz com Christo. Não é isto o que nos ensinou a Senhora do

---

1 *Rom.*, IX, 17.

Rosario na ordem e disposição do mesmo Rosario. Depois dos mysterios Gososos poz os Dolorosos, e depois dos Dolorosos os Gloriosos. .Porque ? Porque os gostos desta vida têm por consequencia as penas, e as penas pelo contrario as glorias. E se esta é a ordem que Deus guardou com seu Filho, e com sua Mãe, vejam os demais o que fará com elles. Mais inveja devem ter vossos senhores ás vossas penas, do que vós aos seus gostos, a que servis com tanto trabalho. Imitae pois ao Filho e á Mãe de Deus, e acompanhae-os com S. João nos seus mysterios Dolorosos, como proprios da vossa condição, e da vossa fortuna, baixa e penosa nesta vida, mas alta e gloriosa na outra. No céu cantareis os mysterios Gososos e Gloriosos com os Anjos, e lá vos gloriareis de ter supprido, com grande merecimento, o que elles não podem no continuo exercicio dos Dolorosos.

IX

Estes são, devotos do Rosario, os tres motivos que nascem dos tres nascimentos que vistes, os quaes se forem tão bem exercitados como são bem nascidos, nem podeis desejar maior honra nos vossos desprezos, nem maior allivio nos vossos trabalhos, nem maior dita e ventura na vossa fortuna. A mesma Mãe do Filho de Deus e de S. João é Mãe vossa. E pois estes tres filhos já nascidos lhe nasceram segunda vez ao pé da cruz, não falteis na vossa, posto que tão pesada, nem á imitação de tão honrados irmãos, nem ás obrigações de tão soberana Mãe. Para que assim como a Senhora se gloría de ser Mãe de Christo, e depois delle de ser Mãe de S. João, assim tenha tambem muito de que se gloriar em ser Mãe de todos os pretos tão particularmente seus devotos. Desta maneira se multiplicou por varios modos o segundo nascimento de seu Unigenito Filho; e desta maneira se verifica em eterno louvor de seu Santissimo Nome, que o mesmo Jesus que se chama Christo, não só uma senão tres vezes nasceu de Maria: *Maria de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.*

SERMÃO

DE

NOSSA SENHORA DO ROSARIO

COM O SS. SACRAMENTO EXPOSTO

Prégado no Maranhão, no Collegio da Companhia de Jesus, no anno de 1654, no sabbado INFRA OCTAVAM Corpus Christi, á hora da recitação quotidiana do Rosario

Venter tuus sicut acervus tritici, vallatus liliis. [1]

I

Naquelle mysterioso livro, chamado vulgarmente dos Cantares, descreve Salomão em alto e metaphorico estylo o corpo mystico da Igreja Catholica. E discorrendo particularmente por todos os membros e partes de que se compõe, com louvor da formosura, e declaração do officio de cada um, chega finalmente áquella officina universal, onde se recebe o alimento, e convertido em sangue se reparte por todo o corpo, e diz que o ventre da Igreja é similhante a um monte de trigo, cercado ou vallado de rosas: *Venter tuus sicut acervus tritici, vallatus liliis.* Este é o proprio e natural sentido do Texto que propuz, no qual, posto que a palavra *liliis* parece que sôa, e quer dizer, lyrios; entendida porém como se deve entender na sua original significação, é certo que significa rosas. Assim o prova larga e eruditamente em tratado particular desta materia Tuccio Lucense: e se confirma de outros dois logares do mesmo livro. O primeiro no Capitulo quinto, onde a Esposa Santa, descrevendo as feições do seu Es-

---

[1] *Cantic.*, VII.

poso, e encarecendo sua gentileza, diz: *Labia ejus lilia.* [1] E claro está que lhe não havia de louvar o engraçado da bocca, por ter os beiços brancos como lyrios, senão encarnados como rosas, em correspondencia do que o mesmo Esposo tinha louvado nos seus: *Sicut vitta coccinea labia tua.* [2] O segundo logar ainda é mais expresso no Capitulo segundo: *Sicut lilium inter spinas:* [3] e a flôr que nasce entre espinhas, quem póde duvidar que é a rosa, e não o lyrio? Assim o commenta no mesmo verso a lição e exposição chaldaica, dizendo: *Comparata sum rosæ, quæ inter spinas germinat.* Quanto mais que o nosso mesmo Texto o significa bem claramente, porque havendo de servir estas flôres de cercado ou vallado ao trigo, *Vallatus liliis*, mal o podia defender a seve dos lyrios, que são flôres innocentes e desarmadas. As rosas pelo contrario sim; ás quaes como nasceram para rainhas das flôres, desde logo lhes deu a natureza os espinhos, como por archeiros e guarda da magestade; por onde disse Boecio: *Armat spina rosam:* e assim como esta as guarda e defende a ellas, podia tambem cercar e defender o trigo.

Supposta esta propriedade, em que só podia haver alguma duvida, ninguem duvida que o trigo no ventre da Igreja é o Divinissimo Sacramento do altar, do qual ella sobrenaturalmente se alimenta, como de pão de vida: e por meio do qual communica os espiritos vitaes, e os reparte a todos os membros de seu corpo, que são os fieis catholicos, dos quaes tinha dito muito antes o Propheta Oseas: *Vivent tritico.* [4] Nem se póde duvidar, que as rosas que cercam o trigo sejam as do Rosario; pois os mesmos Rosarios que trazemos nas mãos fazem um circulo perfeito, e os mysterios de que o Rosario se compõe, outro circulo. Assim o notou o Propheta David, quando disse: *A summo cœlo egressio ejus, et occursus ejus usque ad summum ejus.* [5] Começa o Rosario no céu, d'onde sahiu o Filho de Deus pelo mysterio da Encarnação, e dando volta por toda a sua vida e morte, torna a acabar no mesmo céu pelo mysterio de sua gloriosa Ascenção, fazendo circu-

---

1 *Cant.*, v, 13.
2 *Ibid.*, iv, 3.
3 *Ibid.*, ii, 2.
4 *Oseas*, xiv, 8.
5 *Psalm.* xviii, 7.

larmente um novo e maravilhoso zodiaco de melhores constellações. e mais formosas figuras das que visita e allumia o sol na volta que dá ao mundo. E porque a Virgem Senhora nossa foi a auctora e inventora deste mysterioso circulo (em cujos mysterios todos teve tanta parte) por isso diz e se gloría de ser ella a que com seus passos andou e aperfeiçoou o mesmo circulo: *Gyrum cœli circuivi sola.* [1]

Sendo pois o trigo do nosso Texto o Santissimo Sacramento, e as rosas que o cercam o Santissimo Rosario, muita razão terá a devoção de todos os que com tanta piedade se ajuntam aqui nesta hora a o rezar, ou cantar a côros: muita razão, digo, terá de querer ouvir e saber, que conveniencia ou proporção tem o Rosario com o Sacramento; e que utilidades poderão conseguir os que unirem entre si estas duas grandes devoções, a de frequentar o Sacramento, e a de rezar o Rosario. Para eu o poder declarar com o proveito de nossas almas, que desejo e espero, no Divinissimo Sacramento temos a fonte da graça, e na Senhora do Rosario a melhor intercessora: *Ave Maria.*

II

Venter tuus sicut acervus tritici, vallatus liliis.

Maravilhosa foi a visão que teve em sonhos Pharaõ rei do Egypto, quando viu aquellas quatorze vaccas, sete das quaes eram fortes, corpulentas e pingues, e as outras sete fracas, seccas e macilentas. E o que muito accrescentava a razão da maravilha, e inda o temor que concebeu o rei, foi que todas pastavam nos mesmos campos e ribeiras do rio Nilo, e essas não seccas, mas verdes: *Et pascebantur in ipsa amnis ripa in locis virentibus.* [2] O Nilo da Igreja Catholica é a graça divina. Esta graça, como o mesmo Nilo, se divide em sete canaes, que são os sete Sacramentos, por meio dos quaes, como por sete boccas, se communica a nossas

---

1 *Eccles.*, XXIV, 8.
2 *Gen.*, XLI, 3.

almas. O Sacramento porém entre os demais que particularmente as sustenta, é o Santissimo Sacramento do altar, verdadeiro corpo e verdadeiro sangue de Christo que temos presente. E que grande admiração, fieis, que grande admiração, que grande confusão, e que grande temor nos deve causar olhar para as almas, que se sustentam daquelle pasto divino, e vêr a notavel differença dellas? Não fallo das que chegassem á communhão em consciencia de peccado, porque não quero suppor tão horrendo e atroz sacrilegio: fallo só das almas christãs (que as outras não merecem este nome), e das que a seu parecer commungam christãmente. Quantos leigos commungam muitas vezes, quantos sacerdotes celebramos todos os dias: E onde estão aquelles effeitos de Christo se transformar em nós, e nós em Christo: *In me manet, et ego in illo?* [1] Grande bem do mundo seria, e grande gloria da Igreja, se de cada quatorze almas que chegam ao Sacramento, fossem sete as que se aproveitassem do pasto, e se luzisse nellas: mas todas pela maior parte cheias de imperfeições e miserias, todas fracas, todas seccas, todas macilentas, e ainda, e como diz o Texto, taes que faz asco olhar para ellas: *Fœdæ, confectæque macie.* [2]

Ora eu buscando a causa desta differença tão notavel, e qual possa ser o defeito ou impedimento porque se não logram, e luzem em nós os effeitos deste soberano manjar; acho que sem consciencia de peccado, a causa não póde ser outra, senão a falta de digestão. Comemos a Christo no Sacramento, mas não o digerimos. Christo Senhor nosso disse que o seu Santissimo Corpo no Sacramento é verdadeira comida: *Caro mea vere est cibus:* [3] E porque? Não só porque foi instituido para alimento de nossas almas, senão tambem porque no modo de as alimentar tem as mesmas propriedades do mantimento corporal: e o mantimento corporal que se come, e não se digere, por mais substancial e exquisito que seja, não faz nutrição, nem se converte em substancia. Lá diz o aphorismo vulgar da medicina: *Non quod ingeritur, sed quod digeritur:* que o que alimenta, nutre, augmenta, e dá forças e vigor ao vivente, não é o comer que elle toma na bocca, e

---

1 *Joan.*, VI, 57.
2 *Gen.*, XLI, 3.
3 *Joan.*, VI, 56.

recebe dentro em si, senão o que digere. No mesmo Corpo Santissimo de Christo Senhor nosso temos o exemplo.

Depois de resuscitado o Senhor para prova de que era o mesmo, e que verdadeiramente estava vivo, comeu muitas vezes com seus Discipulos. Comeu com elles no mesmo dia da Resurreição, como diz S. Lucas. [1] Comeu com elles na praia do mar de Tiberiades, como diz S. João. [2] Comeu com elles outras muitas vezes em Galiléa, de que faz menção S. Pedro. [3] E finalmente, comeu com elles no ultimo dia, em que se despediu e subiu ao céu, como se lê nos Actos dos Apostolos: *Et convescens præcepit eis, ab Jerosolymis ne discederent.* [4] D'aqui se infere ou parece se póde inferir que Christo Senhor nosso tem hoje no céu mais carne e mais sangue do que tinha quando resuscitou, e por consequencia, que no Santissimo Sacramento recebemos tambem mais carne e mais sangue daquelle que o Senhor consagrou na Ceia. Assim o ensinou Durando, mas falsa e erroneamente: porque a Humanidade sagrada de Christo nenhuma coisa cresceu, nem diminuiu da substancia ou quantidade corporal, que tinha antes de morrer, e depois de resuscitar; mas sempre conservou a mesma inteireza perfeitissima da idade natural, a que tinha chegado. Pois se Christo depois de resuscitado comeu, e comeu tantas vezes, e o comer primeiro se converte em sangue, e depois em carne, como não cresceu nem se augmentou a carne e o sangue da sagrada Humanidade, nem a substancia corporal do mesmo Christo recebeu nutrimento, ou accrescentamento algum? A razão é, como ensina a verdadeira Theologia com Santo Thomaz, [5] porque ainda que Christo comia depois de resuscitado e glorioso, não digeria o que comia. Para haver nutrição, é necessario que haja digestão; e para haver digestão e nutrição, é necessario que o corpo seja alteravel e passivel. E como o corpo resuscitado e glorioso de Christo era impassivel e inalteravel, por isso ainda que comia, não digeria o comer, nem se nutria com elle.

---

1 *Luc.*, XXIV, 43.
2 *Joan.*, XXI, 9.
3 *Act.*, X, 41.
4 *Ibid.*, I, 4.
5 Suarez, disp. 47, sect. 5.ª

Esta é a razão philosophica e theologica, porque Christo naquelle estado comia, como se não comera: e o mesmo succede a nossas almas. Assim como o Corpo de Christo resuscitado comia os nossos manjares, e não se nutria, nem augmentava com elles, porque os não digeria; assim nós comemos o Corpo do mesmo Christo, e não se logram em nossas almas os effeitos de tão soberana comida, porque a não digerimos. Não sem mysterios se compara o Divino Sacramento no nosso Texto a trigo em monte, e não na eira, senão no ventre: *Venter tuus sicut acervus tritici.* E qual é o mysterio desta que parece impropriedade? O mysterio é; porque muitas vezes depois de entrar aquelle divino pão no interior de nossas almas, está tão longe de se digerir, como se ainda estivera em trigo. E por isso mesmo está em monte: *Sicut acervus;* porque uma communhão sobre outra communhão, feitas deste modo, fazem monte, mas não fazem nutrição. A nutrição é aquella que reparte por todas as veias e membros do corpo a substancia e virtude do que se come: e o mesmo faz aquelle soberano manjar (diz S. Pedro Damião) quando se recebe não só no peito do corpo, senão no estomago da alma, e nelle se digere: *Hæ epulæ, et mentis nostræ stomachum suaviter replent, et ad præbendas vires per omnium se venarum poros effundunt.* Este soberano manjar, e nectar do céu (diz o Santo) não só se recebe com grande suavidade no estomago da alma, mas d'alli se diffunde por todas as veias, e reparte e communica a todos os membros do nosso corpo a virtude e virtudes do corpo e membros de Christo, que na substancia e realidade do que comemos se encerra. Nos olhos do que assim communga, apparece logo a modestia dos olhos de Christo: na lingua o silencio e moderação das palavras de Christo: no coração os affectos e desejos do coração de Christo: nos pés a compostura e madureza dos passos de Christo: nas mãos a innocencia, a mansidão, e a caridade das acções de Christo: e finalmente, em todo o homem que comeu a Christo. E qual é a razão, christãos, porque em muitos de nós depois de commungarmos uma e muitas vezes, se não veem os mesmos effeitos, senão outros tão diversos, e totalmente contrarios? A razão é, como dizia, porque comemos no Sacramento a Christo, mas não o digerimos: *Ingeritur, sed non digeritur.*

Supposta pois esta falta de digestão, com que a maior providencia de Christo em prover de tão sobrenatural mantimento a republica de sua Igreja, por culpa e negligencia nossa, se tem feito inutil, ou quasi inutil, como o mesmo Senhor se queixava por bocca de David, quando disse: *Quæ utilitas in sanguine meo, dum descendo in corruptionem?* [1] E supposto que pela mesma falta se vêem as nossas almas tão macilentas e desmedradas, e sem aquella nutrição e augmentos de espirito que lhes prometteu Isaias, quando nos exhortava a comer no divino Sacramento toda a substancia do summo bem: *Comedite bonum, et delectabitur in crassitudine anima vestra:* [2] haverá quem dê algum remedio efficaz á nossa debilidade e franqueza, com que supprir esta falta de digestão tão importante? E assim como da parte de Christo temos sempre prompto o Manná de seu Santissimo Corpo para o comer, tenhamos tambem da nossa parte a força e vigor necessario para o digerir? Bemdita seja, e para sempre bemdita a gloriosissima Mãe de Deus, que assim como deu a seu Filho a carne e sangue, de que compoz esta soberana iguaria, assim tambem compadecida de nossa fraqueza, nos proveu de um remedio tão facil como efficaz para a inteira e perfeita digestão della. Esta é, devotos da Virgem Santissima, a devoção a que tantas vezes vos tenho exhortado neste dia seu; esta a que hoje mais particularmente vos venho inculcar em nome da mesma Senhora, e esta finalmente a proporção e conveniencia admiravel, que tem entre si o Santissimo Sacramento, e o Santissimo Rosario. Sabeis que faz a devoção do Rosario junta com a Communhão do Sacramento? Faz que se digira em uma tudo o que se come na outra; porque o mesmo Christo que no Sacramento se come, no Rosario se digere. Isto é o que vos quero provar, e persuadir hoje.

III

Digo pois primeiramente, que o Sacramento é o Rosario indigesto, e o Rosario é o Sacramento digerido. O Sacramento é o Rosario indigesto, porque no Sacra-

---

1 *Psalm.* XXIX, 10.
2 *Isai.*, LV, 2.

mento estão todos os mysterios da Redempção reduzidos a um só mysterio: e o Rosario é o Sacramento digerido, porque no Rosario está o mesmo mysterio da Redempção dividido e estendido em quinze mysterios. No Sacramento está o Rosario indigesto, porque o Corpo de Christo que alli está realmente, está vivo, está morto, e está resuscitado sem distincção: e no Rosario está o Sacramento digerido; porque em quanto Christo vivo, está a sua vida distincta em cinco mysterios, que são os Gososos: em quanto morto, está a sua morte distincta em outros cinco mysterios, que são os Dolorosos: e em quanto resuscitado, está a sua Resurreição distincta em outros cinco, que são os Gloriosos. E esta é a razão porque o mesmo Sacramento, quando se consagra e offerece a Deus no sacrosanto sacrificio do altar, umas vezes se chama mysterio, e outras mysterios. Mysterio, porque indigesto e sem distincção é um só mysterio: mysterios, porque digesto e distinctamente considerado, é e encerra em si muitos mysterios.

E porque não faça duvida ou estranheza dizer que no Sacramento está Christo indigesto; essa é a propriedade e energia maravilhosa, com que o nosso mesmo Texto chamou ao Sacramento acervo: *Sicut acervus tritici*. Acervo propriissimamente quer dizer coisa indigesta. E porque esta propriedade consiste na significação natural da palavra, oiçamos a um dos melhores Auctores da mesma lingua; o qual com enthusiasmo poetico, não só parece que declarou o mysterio do nosso Texto, mas sobre o significado delle fez juntamente um panegyrico a Maria Santissima, em quanto auctora e inventora do Rosario. Os versos são estes:

> *Non digesta pati, nec acervo condita rerum,*
> *Sed manifesta notis certa disponere sede*
> *Singula, divini est animi.* [1]

Quer dizer: não consentir que as coisas grandes estejam indigestas, nem escondidas, ou amontoadas na confusão de um acervo, mas descobril-as e manifestal-as com differença e distincção de nomes, e pôr cada

[1] Virgil.

uma dellas em seu proprio logar, tal obra como esta é de animo verdadeiramente divino. Duas particularidades notaveis contém esta judiciosa sentença. A primeira, que as coisas postas em acervo estão indigestas: *Non digesta pati, nec acervo condita rerum:* E por isso eu digo, que Christo no Sacramento está indigesto, porque os mysterios da sua vida, morte e resurreição, que alli se contém, não estão repartidos e digestos, senão juntos indistinctamente, e accumulados, como diz o Texto, em um acervo: *Sicut acervus trifici.* A segunda particularidade é, que distinguir e repartir esse mesmo acervo, e digerir essas coisas indigestas, e pôr cada uma em seu proprio logar com notas ou nomes certos, que as demonstrem, é obra de animo divino: *Sed manifesta notis certa disponere sede singula, divini est animi.* E isto é o que fez a Virgem Senhora nossa na maravilhosa architectura do seu Rosario, dispondo e ordenando os mysterios da mesma vida, morte e resurreição de seu Filho, e distinguindo a differença delles com as notas e nomes diversos de Gososos, Dolorosos, e Gloriosos, e pondo uns no primeiro, outros no segundo, outros no terceiro logar, assim como succederam e se foram continuando, e todos em numero e correspondencia egual, para maior harmonia de toda a fabrica.

Agora vêde como digerir deste modo o indigesto, é obra verdadeiramente de animo divino: *Divini est animi.* A primeira obra da Divindade, ou a primeira obra divina, em que Deus mostrou sua sabedoria e omnipotencia, foi a creação do universo. [1] E como creou Deus este mundo? Primeiro o creou todo, mas indigesto, e depois o digeriu, e foi distinguindo por partes, até que ficou consummado e perfeito. Primeiro o creou todo, e indigesto; porque primeiro creou de nada aquella materia universal, de que depois foram eduzidas e geradas entre o céu e a terra todas as creaturas corporeas, a qual materia, bem que de algum modo já informada, porque ainda estava confusa e indistincta, mais por fama, que por fé, chamaram os antigos rude e indigesta: *Rudis, indigestaque moles.* [2] E depois digeriu Deus este mesmo todo, porque dividido em va-

[1] Ita August. libr. de Gen. ad lit.
[2] Ovidius. Metamorph.

rias partes, e ordenada cada uma dellas com o logar e perfeição que naturalmente lhe convinha; então ficou o mesmo universo não só tão formoso e admiravel como o vemos, mas tão util e necessario á conservação do genero humano, como experimentamos e gosamos. A mesma luz creada desde seu principio em um globo informe e indigesto, tambem a digeriu Deus depois, repartida em sol, lua e estrellas: e a mesma vida, que com nome de espirito se movia escuramente sobre os abysmos, tambem a digeriu em tres vidas, vegetativa nas plantas, sensitiva nos animaes, racional no homem. E posto que nesta vida e nesta luz primeiro indigesta, e depois digerida em tres partes se nos offerecia uma boa e duplicada similhança para o que diziamos de Christo no Sacramento, que é o pão de vida, e a luz dos homens: *In ipso vita erat, et vita erat lux hominum:* [1] para mostrar a divindade desta obra, ou o divino do animo de Maria nella *(divini est animi)* ainda havemos de subir mais alto.

S. Zeno Veronense fallando de Deus, não fóra de si, como creador, mas dentro de si mesmo como increado, disse uma proposição singular, e muito notavel; cuja intelligencia tem fatigado variamente os Doutores modernos, e posto que estes lhe tenham dado muitos sentidos, ainda se deseja o proprio e verdadeiro. A proposição é esta: *Hic est Deus noster, qui se digessit in Deum:* [2] Este é o nosso Deus, o qual se digeriu em Deus. Se Deus se digeriu a si mesmo, e digeriu em Deus, logo havemos de suppor e considerar a Deus já indigesto, já digesto: indigesto antes de se digerir, e digesto depois que se digeriu. Mas que digestão e indigestão é ou póde ser esta, que caiba e se ache em Deus, e em Deus não fóra de sua divindade, senão dentro, nem em tempo, senão *ab æterno?* Eu acho que o Santo Padre na proposição fallou como tão theologo, na phrase como tão eloquente, e na metaphora, como quem nos quiz declarar com ella o que expressamente ensina a Fé, e o entendimento não alcança, senão escuramente. Não cremos todos que Deus é trino e uno? Sim: pois em quanto uno está Deus indigesto, e em quanto trino, digesto. Em quanto uno está indigesto;

---

[1] *Joan.*, I, 4.
[2] Celada, Escobar, etc.

porque com ser Deus uma essencia immensa e infinita, é um acto purissimo e simplicissimo sem divisão ou distincção alguma: e em quanto trino, está digesto; porque esse mesmo acto purissimo e simplicissimo, sem perder nada da sua unidade, se distingue realmente em tres Pessoas, tão oppostas entre si, que nem a primeira é a segunda, nem a segunda é a terceira, nem a terceira é a primeira ou a segunda. E quando fez Deus de si e em si mesmo esta digestão, ou como a fez? Quando *ab æterno*, e sem principio nem antecedencia, o Padre gerou o Filho, e o Padre e o Filho produziram o Espirito Santo: e multiplicado Deus por este modo ineffavel em tres Pessoas distinctas, o mesmo Deus que estava indigesto e indistincto na unidade divina, ficou digesto e distincto na multiplicação da Trindade.

Nesta fórma se verifica metaphoricamente, mas com excellente propriedade, que Deus se digeriu em Deus: *Deus noster se digessit in Deum:* porque *se digessit in Deum Patrem, se digessit in Deum Filium, se digessit in Deum Spiritum Sanctum.* E se Deus se digeriu a si mesmo, distinguindo a sua divindade, e multiplicando a sua unidade em tres Pessoas; porque não faria a Mãe de Deus outra obra similhante em Christo sacramentado, digerindo os mysterios de sua humanidade na ordem e divisão de outras tres partes distinctas? Santo Ambrosio, commentando o nosso Texto, diz que o trigo e as rosas ambos foram partos da Virgem Santissima: *In Virginis utero simul acervus tritici, et lilii floris grœia germinabat, quoniam et granum tritici generabat et lilium.* [1] Ao trigo, deu a Senhora como Mãe a materia; e ás rosas, tambem como Mãe, a fórma. Ao trigo deu a materia: porque deu a Christo a carne e sangue de que instituiu o Sacramento: e ás rosas deu a fórma; porque dos mysterios da vida, morte e resurreição do mesmo Christo formou e distinguiu o Rosario. Isso quer dizer, *Vallatus liliis;* porque os vallos não só se fizeram para cercar, senão tambem para dividir e distinguir. Formou a Senhora um vallo de rosas entre os mysterios Gososos e Dolorosos, formou outro vallo entre os Dolorosos, e Gloriosos e distinctos, e divididos assim, ficaram de tal modo di-

[1] Ambr. de instit. Virg. Cap. 4.º

gestos, que nós tambem os podessemos digerir nesta unidade e trindade humana, assim como se experimentou na divina.

Deus não só se digeriu *ab æterno*, senão tambem em tempo, segundo a menor ou maior distincção e clareza com que se deu a conhecer aos homens. Na Lei velha só revelou Deus expressamente ao povo de Israël a sua unidade, segundo aquelle Texto do Deuteronomio: *Audi Israel, Dominus Deus noster, Dominus unus est.* [1] E digo ao povo, porque Abrahão, Moysés, David, e os outros Patriarchas e Prophetas tambem tiveram conhecimento e fé explicita do mysterio da Trindade; porque conheceram a Encarnação do Filho de Deus por obra do Espirito Santo, a qual se não podia conhecer, sem se conhecerem tambem as tres divinas Pessoas. Porém na Lei da graça, e ao povo christão de tal maneira lhe revelou Deus o mesmo mysterio da Trindade, e com tal clareza e distincção, que esse é o primeiro principio de nossa fé, tão commum e vulgar a todos, que desde o Baptismo, em que começamos a ser christãos, o confessamos: *Baptizantes eos in nomine Patris, et Filii, et Spiritus Sancti.* [2] Supposta esta differença, caso é digno de grande admiração e reparo, que o povo de Israël em quanto durou aquella Lei, nunca jámais se aquietasse nem estivesse firme na fé da unidade de Deus, idolatrando sempre, e crendo em muitos deuses: e que o povo christão, pelo contrario, sem retroceder nem vacillar, esteja firmissimo na fé da unidade e trindade do mesmo Deus, crendo juntamente que em Deus ha tres Pessoas, cada uma dellas Deus, e que esse Deus é um só, e não tres Deuses. Conhecer que Deus é um só, é coisa tão clara, que até os philosophos gentios o alcançaram e demonstraram. Pelo contrario, crêr que o mesmo Deus, sendo um em essencia, seja juntamente trino em Pessoas, é coisa tão superior a todo o entendimento creado, que, ainda que haja razões para persuadir que não repugna; nenhuma ha nem póde haver que convença nem demonstre, que assim é, nem como é. Pois se o povo christão crê tão prompta e constantemente o que é tão sobrenatural e difficultoso: como o povo hebreu não cria, nem se aquietava com o

[1] *Deut.*, VI, 4.
[2] *Math.*, XXVIII, 19.

que era tão natural e tão facil? A razão natural desta differença, sendo uns e outros homens racionaes, e uns e outros com lume de fé, ninguem haverá que a dê cabalmente, porque é reservada só a Deus: mas o que a nós nos ensina e demonstra a evidencia experimental, é que em quanto Deus se deu indigesto, não o poderam digerir os homens; porém depois que se deu digesto, logo o digeriram. Já vimos que Deus em quanto uno era indigesto, e em quanto trino, digesto. E em quanto Deus se deu assim indigesto áquelle povo, era tão difficultoso de digerir, que mais facilmente digeriam paus e pedras, quaes eram os deuses porque deixavam ao verdadeiro Deus. Porém depois que se deu digesto nas tres Pessoas da Santissima Trindade, de tal maneira o abraçam, e digerem, e convertem na propria substancia as almas christãs, que antes perderão mil vezes a vida, que duvidar da verdade deste altissimo mysterio, quanto mais negal-o.

Na fé do divino Sacramento por mercê de Deus nenhum de nós duvída: mas quanto aos effeitos da nutrição espiritual, para que foi instituido, a mesma differença que se experimentou em Deus, se experimenta egualmente em Christo ou indigesto ou digerido. Ouvi uma sentença de S. Jeronymo, milagrosa a este intento. Naquelle famoso milagre dos cinco pães fez Christo Senhor nosso um como ensaio do que depois havia de fazer na consagração de seu Corpo: do primeiro diz S. Matheus: *Benedixit, et fregit, et dedit discipulis panes:* [1] E do segundo o mesmo S. Matheus: *Accepit panem, et benedixit, ac fregit, deditque discipulis.* [2] Que o Senhor no primeiro caso partisse o pão, assim era necessario, porque partido se havia de multiplicar e repartir á multidão de tanta gente: mas Christo no Sacramento não se parte: *Non confractus, non divisus, integer accipitur:* pois porque partiu aqui o Senhor o que já não era pão, assim como lá partiu o pão? Porque ainda que Christo no Sacramento se não parte, para nós o havermos de digerir, e elle nos haver de alimentar, convém e é necessario que do modo que póde ser, o dividamos em partes, e sendo um só mysterio o repartamos em muitas mysterios. Exquisita-

[1] *Math.*, XIV, 19.
[2] *Ibid.*, XXVI, 26.

mente S. Jeronymo: *In frusta discerpitur, et ejus in medium mysteria proferuntur, ut quod integrum non alebat, divisum in partes alat.* [1] Quando Christo partiu o pão consagrado, não se partiu a si mesmo, porque se não parte, nem póde partir no Sacramento; mas o que partiu e dividiu em varias partes, foram os mysterios que naquelle mysterio estão occultos e encerrados, querendo que sahissem á luz, e nos fossem manifestos: *In frusta discerpitur, et mysteria in medium proferuntur:* e isto a que fim, ou para que? Aqui está o milagroso do pensamento: *Ut quod integrum non alebat, divisum in partes alat.* Para que o mesmo Christo, que inteiro e indigesto não alimentava, partido e digesto nos mesmos mysterios, alimente e faça a nutrição, para que foi instituido. Não dissera mais, nem melhor o doutor Maximo, se já em seu tempo houvera o Rosario, e fallára delle. E isto foi o que finalmente fez a Virgem Santissima, manifestando o que estava occulto, dividindo o que estava inteiro, e digerindo o que estava indigesto em Christo sacramentado; e distinguindo com as rosas de seu Rosario o trigo, que estava em monte no Sacramento: *Sicut acervus tritico vallatus liliis.*

IV

Temos visto em commum como o Sacramento é o Rosario indigesto, e o Rosario o Sacramento digerido; e que assim como por meio do Sacramento comemos a Christo, por meio do Rosario o digerimos. Resta agora vêr como se faz esta soberana digestão; e como nós havemos de ajuntar o Rosario ao Sacramento, para que por meio della recebam nossas almas a nutrição e augmento espiritual, para que o mesmo Sacramento e o mesmo Rosario foram instituidos. Coisa notavel e não assaz ponderada é, que entendendo-se o nosso Texto de Christo sacramentado (como, além do já allegado S. Ambrosio, S. Ildefonso, Ricardo, Honorio, Guilhelmo, Alano, e outros, sentem hoje commummente todos os Expositores modernos) coisa muito notavel é, digo, que o mesmo Sacramento neste logar se compare

[1] D. Hieromy. in cap. 14.º *Math.*

a trigo, e não a pão: *Sicut acervus tritici.* Christo Senhor nosso consagrou seu corpo debaixo de especies de pão, e por isso lhe chama pão em muitos logares do Evangelho: pois porque razão no nosso Texto, em que se nos representa cercado de rosas, se não compára tambem a pão, senão a trigo? Porque assim como o trigo antes de chegar a ser pão, depende de muitas diligencias, que se hão de obrar, e fazer nelle, porque se ha de moer, amassar e cozer; assim para que as nossas almas recebam do divino Sacramento aquella perfeita nutrição e augmento de virtudes, que o mesmo Senhor deseja, e de que ellas estão tão faltas, como vimos, e por isso fracas e macilentas; não basta só que Christo tenha feito para nós este soberano alimento, mas é necessario tambem que nós o façamos. Não vos admire a proposição, porque é certa: e della ficareis entendendo um logar difficultoso do Evangelho, que póde ser não tenhaes entendido, nem ouvido.

No Capitulo sexto de S. João, tratando Christo Senhor nosso largamente do novo e nunca imaginado manjar, que havia de compôr de seu Corpo e Sangue para sustento de nossas almas, exhortando-nos ao caso que delle haviamos de fazer, diz assim; *Operamini non cibum, qui perit, sed qui permanet in vitam æternam, quem Filius hominis dabit vobis.* [1] Todos andaes occupados em buscar e fazer de comer para esta vida, que se acaba: o que vos aconselho é, que façaes o comer que eu vos hei de dar, o qual permanece por toda a vida eterna. Este comer, que permanece por toda a vida eterna, que Christo ainda não tinha dado, mas havia de dar, é o Santissimo Sacramento, de que fallava, e assim o entendem todos os Padres. Pois se este comer era o Santissimo Sacramento, e Christo é o que o fez, como diz que o façamos nós? *Operamini cibum, quem Filius hominis dabit vobis?* A razão já está dada, e é a que eu dizia. Porque ainda que Christo é o que fez este novo genero de comer, que é sustento da vida eterna, e da sua parte já está feito; para as nossas almas se nutrirem e augmentarem com elle quanto hão mister, é necessario da nossa parte que tambem nós o façamos. Da parte de Christo já está feito o que a theologia chama *ex opere operato;* mas da nossa parte é necessario que nós tambem façamos o que é

[1] *Joan.*, VI, 27.

e se chama *ex opere operantis: Operamini cibum, qui non perit, sed permanet in vitam æternam, quem Filius hominis dabit vobis.* Assim como o comer corporal por mais feito e bem preparado que esteja, não basta que o homem o coma, se as potencias interiores do mesmo homem, que são os instrumentos da nutrição, não obrarem; da mesma maneira para as nossas almas se nutrirem e cobrarem forças, não basta que communguem a Christo no Sacramento, se os mesmos mysterios que o Senhor tem obrado, ellas os não tornarem a obrar com todas suas potencias. E isto é o que se faz no Rosario.

Aristoteles e Galeno, descrevendo a fabrica da nutrição, para a qual formou a natureza varias officinas e instrumentos, reduzem toda a operação delles a tres potencias principaes, uma que recebendo retem, outra que alterando assimilla, outra que unindo converte. E tudo isto obra o Rosario por meio das tres potencias de nossa alma nos mysterios da Vida, Morte e Paixão de Christo, de que elle se compõe, e não só em todos, senão em cada um. Com a potencia da memoria recebe e retem o mysterio por meio da apprehensão; com a potencia do entendimento altera-o e assimilla-o a si (ou a si a elle) por meio da meditação: e com a potencia da vontade converteu e uniu em si mesma por meio da imitação. Parecer-vos-ha por ventura novo modo de rezar o Rosario, e não é novo, nem modo, senão a verdadeira substancia delle, e o fim para que a Virgem Senhora nossa o ordenou e instituiu. Não instituiu a Senhora o Rosario para o rezarmos só com a bocca, e com tanta pressa, como se passam as contas; mas para ter na memoria os mysterios, para os meditar e cuidar nelles com grande consideração, e para os tomar por exemplo, e os applicarmos a nossas vidas.

Quanto á memoria, esta foi a primeira que Christo Senhor nosso nos encommendou quando instituiu o Santissimo Sacramento: *Hæc quotiescumque feceritis, in mei memoriam facietis.* Não referem estas palavras os Evangelistas, mas recebeu-as a Igreja, que as põe no Canon da Missa por tradição dos Apostolos que se acharam presentes: e S. Paulo, que não esteve presente, as escreveu depois por revelação do mesmo Christo: *Hoc facite in meam commemorationem.* [1] E

[1] *1.ª ad Cor.*, XI, 24.

porque fez menção o Senhor sómente da memoria? Por ventura porque excluiu as outras duas potencias? Não; mas porque a memoria é aquella em que se faz a primeira decocção deste soberano manjar. Já S. Pedro Damião nos disse, que elle se recebe com grande suavidade no estomago da nossa alma: *Hæ epulæ mentis nostræ stomachum suaviter replent.* E qual é o estomago da alma? Santo Agostinho, excellente philosopho da memoria nol-o ensinou, e já antes delle o tinha definido Platão: *Memoria est animæ ventriculus.* O estomago da alma é a memoria; porque assim como no estomago do corpo se recebe e retem o comer corporal, e alli se faz a primeira decocção, assim esta potencia é a primeira que ha de receber e recolher dentro em si o divino Sacramento, lembrando-se não de passagem, senão muito de vagar (como se faz no corpo), e representando á alma quem é o que está presente naquelle mysterio, e os mysterios altissimos que nelle se encerram. E porque os accidentes sacramentaes nos encobrem e ausentam dos olhos a presença de Christo; a memoria cuja propriedade é fazer presentes as coisas ausentes, nol-o ha de fazer presente.

Porque cuidaes que disse Christo Senhor nosso, que elle está em quem o come, e quem o come está nelle: *Qui manducat meam carnem, et bibit meum sanguinem, in me manet, et ego in illo?* [1] S. Bernardino, com singular pensamento diz, que não só significou o Senhor nestas palavras o effeito da graça que nos communica no Sacramento, senão o da memoria que nos pedia nelle; porque o effeito da memoria é levar-nos aos ausentes, para que estejamos com elles, e trazel-os a elles a nós, para que estejam comnosco. Lembraes-vos do amigo ausente que está em Portugal, e no mesmo ponto vós estaes lá com elle, e elle está cá comvosco, porque lá vos levou a memoria, e cá o tendes no pensamento. O mesmo faz a memoria no divino Sacramento, e em todos seus mysterios: *Debemus Christum spiritualiter manducare* (diz o Santo) *incarnationem videlicet, conversationem, et ejus salutiferam Passionem devotè ruminando, sicut ipse nos docuit, dicens: qui manducat meam carnem, in me manet, et ego in illo.* [2] De sorte que estando nós em Christo, e

---

1 *Joan.*, VI, 57.
2 Bernard. tom. 2.º Serm. 55.

Christo em nós por memoria, em todos os mysterios de sua Encarnação, Vida, Morte e Resurreição, estamos presentes com elle. Se vos lembraes do mysterio da Encarnação, estaes com Christo em Nazareth: se do mysterio da Visitação, estaes com Christo nas montanhas de Judéa: se do mysterio do Nascimento, estaes com Christo no Presepio de Bethlem: se do mysterio da Apresentação, estaes com Christo no Templo de Jérusalem: se do mysterio do mesmo Senhor Menino perdido e achado, estaes com Christo outra vez no mesmo Templo. Passando dos mysterios Gososos aos Dolorosos; se vos lembraes de Christo orando e suando sangue, estaes com elle no horto de Gethsémani: se de Christo atado a uma columna, e affrontado com açoites, estaes com elle no Pretorio de Pilatos: se de Christo vestido por escarneo de purpura, e coroado de espinhos, estaes com elle em outra parte do mesmo Pretorio: se de Christo com a cruz ás costas, estaes com elle nas ruas de Jérusalem: se de Christo crucificado e morto, estaes com elle no Calvario. Finalmente, chegando aos mysterios Gloriosos, se vos lembraes de sua gloriosa Resurreição, estaes com Christo á porta do Sepulchro, no caminho de Emaus, e no Cenaculo dos Apostolos: se de sua admiravel Ascenção, estaes com Christo no Monte Olivete, e sobre as nuvens: se da vinda do Espirito Santo com enchente de dons e graças, estaes com Christo á dextra do Padre: se da Assumpção de sua Santissima Mãe, estaes com Christo acompanhando seu triumpho na entrada do céu: e se de sua Coroação e Exaltação, que é o ultimo mysterio, estaes com Christo coroando-a por Rainha dos Anjos na Gloria, e por Senhora e advogada nossa neste desterro.

Isto é o que obra a memoria só com a simples apprehensão dos mysterios. E o entendimento que faz? Olha para elles com grande consideração, meditando-os, e por meio desta vista considerada e attenta se assemelha ao que vê, que é o effeito da segunda decocção. Assim o diz e ensina S. Dyonisio Areopagita: *Aperiet enim, si communionem ejus cupimus, in vitam ejus, quam in carne vixit, intueri, et similitudine sanctitatis ad habitum divinæ virtutis recurrere.* Notae a palavra *intueri*, e a palavra *similitudine*, porque da vista com que o entendimento na communhão medita os mysterios de Christo, nasce a similhança, com

que alterando-se a alma, isto é, mudando-se em outra, os retrata em si, e se assemelha a elles. No céu diz S. João que havemos de ser similhantes a Deus, porque o havemos de vêr assim como é: *Similes ei erimus, quoniam videbimus eum sicut est.* [1] De sorte que Deus visto no céu é como um espelho ás avessas: porque não é elle o que se ha de fazer similhante a nós, senão nós os que havemos de ser similhantes á elle. E isto que então ha de ser por meio da visão beatifica, e vista clara de Deus, isso mesmo é o que agora fazemos por meio da meditação e vista escura do Sacramento. Oh se viramos e consideraramos attentamente o que debaixo daquelle divino pão se encerra, quão augmentadas e bem nutridas haviam de andar as nossos almas, que hoje se vêem tão desmedradas e desfallecidas! Comemos com os olhos do entendimento e da consideração fechados, e por isso se não luz, nem logra o que comemos. Ouvi a Salomão: *Aperi oculos tuos, et saturare panibus:* [2] Abri os olhos, e comei de tal modo o pão, que fiqueis abastado e satisfeito. E que pão é este, que não farta, nem satisfaz, nem se logra, se se não come com os olhos abertos? D'aqui infere S. Jeronymo, que este pão é o do Santissimo Sacramento, e não o pão commum, de que nos sustentamos: *Neque enim credendum est, quod præcipitur vestentibus, ut ad comedendum hunc panem, quo corpora nutriuntur, oculos aperire debeant.* Mas por esta mesma razão parece que nos havia de mandar Deus, que fechassemos os olhos, e não que os abrissemos; porque o Sacramento do altar é por antonomasia o mysterio da Fé, e a Fé ha-de ser cega, e crêr a olhos fechados. Assim é. Mas por isso mesmo nos manda Deus, que abramos os olhos: porque se não ha de contentar com o nosso entendimento só com crêr o que não vê naquelle mysterio com os olhos fechados; mas com vêr e considerar muito attentamente os mysterios que nelle se encerram, com os olhos abertos: *Oportet namque* (diz Euthymio) *non simpliciter eo intueri, sed aliud quidpiam imaginari, et interioribus oculis ea aspicere tanquam mysteria.*

Assim vê com os olhos interiores a alma, e assim

[1] *1.ª ad Joan.*, III, 2.
[2] *Prov.*, XX, 13.

contempla e considera os profundissimos mysterios da Vida, Morte e Resurreição de Christo, que naquelle compendio de maravilhas, não tanto da omnipotencia, quanto da bondade divina estão pelo Sacramento occultos, e pelo Rosario manifestos. E que alma haverá tão esquecida de seu aproveitamento espiritual, que vendo naquelle divino espelho umas imagens tão differentes da sua, não estranhe e aborreça a sua fealdade, e se procure assimilhar a ellas: *Vitam, quam in carne vixit, intueri, et similitudine ad habitum divinæ virtutis recurrere?* [1] Que alma haverá tão enferma ou queixosa da fragilidade da carne, que á vista do mysterio da Encarnação não conheça, que se quizer a póde fazer divina? Que alma tão envelhecida no peccado, que vendo a Christo ir sanctificar ao Baptista, e livral-o antes de nascer de um peccado, que não leva ao inferno, se não queira emendar dos seus para o resto da vida, que não sabe quanto ha de durar? Que alma tão cubiçosa dos bens deste mundo, que á vista do Creador della na pobreza de um presepio, se não contente com a sua fortuna, ainda que lhe pareça escassa? Que alma tão indevota, e pouco inclinada á Igreja e culto divino, que vendo a Christo menino de quarenta dias presentado e offerecido a Deus no Templo, se não venha presentar e offerecer diante de seus altares muito frequentemente? Que alma tão negligente em ouvir a palavra de Deus, que vendo a Sabedoria Eterna, não só ouvindo aos Doutores, mas perguntandolhes, como se não soubera, se não queira achar no logar da doutrina, onde o mesmo Senhor foi achado? Que direi dos mysterios Dolorosos? Que alma haverá tão pegada á propria vontade, que vendo ao Filho Unigenito do Padre dizer-lhe uma e tres vezes entre suores de sangue: Não se faça a minha vontade, senão a vossa; não sacrifique ao mesmo Padre, e ao mesmo Filho a sua? Que alma tão escrupulosa nas materias de honra, que vendo ao supremo Monarcha do universo atado a uma columna, e publicamente açoitado, não tenha pejo de tomar na bocca o nome de affronta? Que alma tão vã e altiva de pensamentos, que vendo aquella sacrosanta e tremenda Cabeça, que governa com um aceno o céu e a terra, trespassada de espi-

[1] Dion. Areop.

nhos, se atreva ainda a ser presumida? Que alma tão immortificada e inimiga de padecer, que vendo a seu Redemptor com uma cruz ás costas para o salvar, e ajoelhado com o pezo della, recuse fazer alguma penitencia por sua salvação? Que alma tão livre em suas entranhas, ou tão dissoluta em suas liberdades, que vendo ao Todo Poderoso com os pés e mãos pregadas em um madeiro por seu amôr, se não deixe prender do mesmo amôr, e se ate ao cravo de seus pés, para nunca mais se soltar? E se taes effeitos produz a consideração dos mysterios Dolorosos, que naturalmente causam horror, que fará a formosura e agrado dos Gloriosos? Que alma haverá tão enganada dos feitiços desta vida mortal cheia de tantas miserias, que á vista de um Christo resuscitado e glorioso, não aspire á immortal? Que alma tão pezada e abraçada com a terra, que á vista do mesmo Senhor subindo ao céu, não queira tambem voar e subir com elle? Que alma tão fria no espirito. e tão esquecida de que é alma, que á vista do fogo do Espirito Santo em chammas vivas, se não accenda em desejo de seus divinos dons, e de crescer em sua graça? Que alma em fim tão pusilanime, e pouco generosa, que á vista do triumpho da Mãe de Deus no dia de sua gloriosissima Assumpção, e da suprema corôa que recebeu á mão direita de seu Filho em premio dos trabalhos com que o serviu e acompanhou nesta vida, se não aliste na familia da mesma Senhora, ao menos com o fôro de escravo, debaixo de uma obrigação tão leve como a de rezar o seu Rosario, para ser participante das mesmas glorias?

Desta maneira se assemelha a alma ao manjar que come, com a meditação attenta de seus mysterios, e estando já similhante pela operação do entendimento, entra a terceira e ultima, que é a da vontade, na qual se aperfeiçoa e consumma a nutrição, unindo-se o que communga e medita, ao mesmo Christo comido e meditado, e incorporando-se nelle. Diga-nos isto compendiosamente S. Bernardino de Sena; porque do que fica declarado na primeira e segunda decocção se entende sem nova repetição esta ultima: *Ex tali recogitatione consurgit incorporatio, dum cogitans amorem Christi, resicitur, cui ex charitate conjungitur, eique magis ac magis assimilatur, et incorporatur.* Não podia concluir o Santo, nem com mais propriedade, nem com maior clareza o que digo. Com a meditação do en-

tendimento cresce, diz elle, o amôr na vontade (conforme o Texto de David: *Concaluit cor meum intra me, et in meditatione mea exardescet ignis);* [1] e com este calor sobrenatural, que é o instrumento immediato de todas as tres digestões, se une o que communga por caridade a Christo, e quanto mais se assemelha pelo entendimento a elle, tanto mais se incorpora pela vontade com elle: *Eique magis ac magis assimilatur, et incorporatur.*

E se me disserdes que commungaes, e não experimentaes estes effeitos; essa é a ultima confirmação de tudo o que tenho dito, e da razão que tive para prégar, mais que nenhuma outra, esta materia. E porque não creiaes a experiencia das vossas tibiezas, ouvi a de S. Bernardo, não rara, e só de alguma vez, ou muitas vezes, senão de todos os dias: *Quotiescumque ad hoc Sacramentum accedo, decoquor cum immutor, digeror cum transformor, unior cum conformor.* [2] Todas as vezes que chego ao Santissimo Sacramento, diz o devotissimo Bernardo, alli me mudo, alli me assemelho, alli me transformo. E porque modo se mudava; porque modo se assemelhava; porque modo se transformava aquella alma pura? Por digestão, por concocção, e por união; que são as tres operações com que se aperfeiçoa a nutrição da alma, como a do corpo: por digestão, *digeror:* por concocção, *decoquor:* por união, *unior.* E para que ninguem duvide, que tudo se consegue pela virtude do Rosario, e meditação delle; tudo isto disse S. Bernardo, commentando aquelle logar dos Cantares, em que se diz, que o Senhor Sacramentado se apascenta entre rosas: *Qui pascitur inter lilia:* [3] que é o mesmo sentido do nosso Texto: *Sicut acervus tritici, vallatus liliis.*

V

Tenho-vos mostrado, devotos do Santissimo Rosario, a harmonia que elle tem com o Santissimo Sacramento, diante de cujo Sacramento, e da imagem da

1 *Psalm.* XXXVIII, 4.
2 Bern Serm. 5.° in Canto.
3 *Cant.*, VI, 2.

Senhora o cantaes aqui, ou rezaes a coros todos os dias nesta hora. O que por conclusão vos peço em nome do mesmo Christo sacramentado, e da mesma Virgem do Rosario, é que para conseguir os effeitos daquelle divino manjar, vos não contenteis só com as vozes do que rezaes, senão com uma meditação mui attenta de seus soberanos mysterios. As rezes que Deus escolheu para os antigos sacrificios, em que se representava o de seu Corpo e Sangue, eram sómente aquellas, que depois de comer tornam a ruminar, ou remoer aquillo mesmo que comeram. E que nos quiz Deus significar nesta escolha e separação de animaes, excluindo todos os outros? S. Cypriano: *De cœna Domini celebrantes sacramenta, commonemur, quasi ruminans pecus, revocare ad fauces, quæ sumpsimus*, Quiz-nos Deus ensinar e admoestar com esta cerimonia (diz S. Cypriano, e o mesmo diz S. Gregorio) que todos aquelles que participam da Ceia do Senhor, que é o Santissimo Sacramento, hão de ser como os animaes escolhidos para o sacrificio, e que assim como estes depois de comer, tornam a remoer muito devagar o que comeram; assim nós depois de commungar havemos de meditar e considerar com muita attenção, de quem é aquelle Corpo e Sangue, e quaes são os mysterios de nossa redempção, que com elle e por elle foram obrados. Assim o tinha prophetisado já no tempo dos mesmos sacrificios o propheta Oseas: *Super triticum, et vinum ruminabunt.* [1] Hão-se de pôr a ruminar sobre o pão, e sobre o vinho: sobre o pão, que é o corpo de Christo consagrado debaixo de especies de pão; e sobre o vinho, que é o sangue do mesmo Christo consagrado debaixo de especies de vinho: e não só diz que o hão de comer, senão que sobre comido o hão de ruminar: *Super triticum, et vinum ruminabunt.*

Dirá porém algum critico, que parece não fallou o Propheta com propriedade: porque Christo Senhor nosso fallando deste pão, e deste vinho sacramentado, disse: *Qui manducat meam carnem, et bibit meum sanguinem:* Quem come a minha carne, e bebe o meu sangue: e o que se rumina, é o que se come, e não o que se bebe. Mas nesta mesma que parece impropriedade,

[1] *Oseas*, VII, 14.

declarou o Propheta admiravelmente, qual era o pão de que fallava, que é o corpo de Christo; e qual o vinho, que é o seu preciosissimo sangue derramado por nosso amôr, e por nosso remedio, e por isso dignissimo de ser ruminado e considerado com profundissima attenção. Olhae quão expressamente o disse a Alma santa, ajuntando o mesmo ruminar com o mesmo vinho: *Guttur tuum sicut vinum optimum dignum dilecto meo ad potandum, labiisque, et dentibus illius ad ruminandum.* [1] Para que se veja que o vinho de que fallava o Propheta, é o vinho que se bebe e se rumina: *Ad potandum, et ruminandum.* E declarando Alberto Magno que vinho é este que se ha de ruminar, e qual é o modo com que se ha de ruminar, diz assim: *Quia diu per cordis, et mentis iterationem debet ruminari sacramentum sæpe ad mentem revocando, et considerando.* De sorte que o vinho que se ha de ruminar, é o sangue de Christo, e o modo com que se ha de ruminar, é meditando e considerando não de passagem, e de corrida, senão muito devagar, e com grande attenção os mysterios do mesmo Sangue, preço de nossa Redempção, que são todos os do Rosario: porque na Encarnação tomou o Filho de Deus a nossa carne e sangue, na Paixão padeceu na carne, e derramou o sangue, e na Resurreição tornou a unir o sangue á carne, que é tudo o que contém no Sacramento o corpo e sangue de Christo, e tudo o que nós no Rosario digesta e distinctamente consideramos.

E se me perguntardes quando se ha de fazer esta meditação, e qual é o tempo em que se hão de ruminar estes mysterios (que é ponto muito essencial nesta materia): Não faltará por ventura quem cuide, que o tempo é sómente quando acabamos de receber a Christo no Sacramento: e assim parece que o quiz dizer S. Cypriano: *Quasi ruminans pecus, revocare ad fauces, quæ sumpsimus.* Mas eu digo, que ha de ser depois de commungar, e antes de commungar, e sempre e todos os dias. Não deixamos dito e provado, que o mesmo Christo que se come no Sacramento, se digere no Rosario? Pois assim como o Rosario se reza todos os dias, assim o Sacramento se digere todos os dias, e se ha de ruminar todos os dias. O primeiro que com-

[1] *Cant.*, VII, 9.

mungou o Sacramento, foi o mesmo Christo, quando o instituiu na Ceia: Que ruminasse o Senhor seu proprio corpo sacramentado, não ha duvida; porque aquella communhão foi a mais perfeita, e o exemplar das nossas: mas parece que o ruminou pouco tempo, porque depois de commungar teve poucas horas de vida. Assim o imaginava eu, quando S. Paulino, contemporaneo do mesmo S. Cypriano, me ensinou o que ultimamente vos disse, com estas admiraveis palavras: *Salvator noster simul hanc nobis escam et ruminavit docens, et prompsit impertiens.* Christo Salvador nosso (diz o Santo) deu-nos o Sacramento na hora em que o instituiu, mas ruminou o mesmo Sacramento em todo o tempo que nos ensinou. O tempo em que Christo nos ensinou, foram os ultimos tres annos de sua vida; a hora em que instituiu o Sacramento, foi pouco antes da sua morte; e aquelle mesmo Sacramento que instituiu e commungou uma só vez, e em uma hora, esse andou ruminando tres annos inteiros, em que nos ensinou os mysterios que nelle estão encerrados: *Nobis et ruminavit docens, et prompsit impertiens.* Quantas vezes ensinou Christo o mysterio de sua Encarnação, quantas o de sua Paixão, quantas o de sua Resurreição (que são os mesmos do Rosario) e tudo isto antes do Sacramento? Depois de instituir o Sacramento, e se commungar a si mesmo nelle, tudo o que ensinou aos Discipulos, foi uma repetição dos mesmos mysterios, os quaes tambem reduziu áquelle breve circulo, em que no principio mostrámos recopilados os do Rosario: *Exivi à Patre, et veni in mundum, iterum relinquo mundum, et vado ad Patrem.* [1] De maneira que antes do Sacramento e depois do Sacramento, sempre o Senhor o ruminou, para nos ensinar a que tambem o façamos assim, não só depois de commungar, senão antes, e sempre. Os que commungam de oito em oito dias, hão de ruminar aquelles mysterios todos os dias da semana: e os que commungam de mez em mez, todos os dias do mez: e isto sem mudar ou accrescentar outro exercicio, senão meditando e ruminando attentamente o mesmo Rosario que rezam. Dos que só commungam de anno em anno, não fallo, porque estes não são devotos do Rosario, nem do Sacramento; e se póde duvidar se são christãos.

---

[1] *Joan.*, XVI, 28.

Finalmente, para que conste a todos, quanta differença vae dos que meditam estes sagrados mysterios, aos que os não meditam; e dos que ruminam, ou não ruminam o que commungam e comem no Divinissimo Sacramento; vejam uns e outros o differente fôro em que o mesmo Senhor os recebe quando o recebem. Muito é de reparar, que quando Christo Redemptor nosso entrou neste mundo, não só entrou como humanado, senão como sacramentado, em fé de que elle era o pão vivo, que desceu do céu para nos dar vida: *Ego sum panis vivus, qui de cœlo descendi: si quis manducaverit ex hoc pane, vivet in æternum.* [1] Por isso não nasceu o Senhor em outra cidade, senão na de Belem, nem em outro logar de Belem, senão em um presepio. Em Belem, porque quer dizer, *Domus panis:* Casa de pão: e em um presepio ou mangedoura, como trigo que nasce entre as palhas. Assim que com verdadeira propriedade podemos dizer, que a lapa de Belem foi a primeira capella do Santissimo Sacramento, e a mangedoura ou presepio o primeiro sacrario. A um e outro lado deste pobre e riquissimo sacrario, parece que haviam de assistir dois Cherubins, como aos lados da Arca do Testamento; mas já o Propheta Habacuc tinha dito, que não haviam de ser senão dois animaes: *In medio duorum animalium cognoscéris.* [2] E se perguntarmos a Isaias, que animaes haviam de ser, ou foram estes, responde, que um boi, e um jumento: *Cognovit bos possessorem suum, et asinus præsepe Domini sui.* [3] Pois se Christo vinha em fórma ou representação de sacramentado, porque quiz que os animaes que o assistissem não fossem da mesma, senão de differente especie, e um delles nomeadamente boi, e outro jumento? Para que nesta mesma differença se conhecesse o differente fôro que tem na casa do pão do céu, os que de um modo e de outro se chegam a elle. O boi é um animal que rumina, o jumento é animal que não rumina: e da mesma maneira entre os que chegam á meza do divino Sacramento ha uns que ruminam, e meditam aquelles sagrados mysterios, e outros que os não ruminam, nem meditam. Mas assim como o boi

[1] *Joan.*, VI, 51 e 52.
[2] *Habac.*, III, 2.
[3] *Isai.*, I, 3.

que rumina, é animal estimado de Deus, e escolhido para o sacrificio, e o jumento que não rumina, reprovado e excluido; assim estima o mesmo Senhor, e se agrada muito dos que meditam e ruminam seus mysterios: e pelo contrario dos que os não ruminam, nem meditam, posto que os não exclua, não se agrada; porque mais commungam como jumentos, que como homens. Veja-se agora cada um se quer ficar neste fôro.

Da Virgem Senhora nossa no Presepio, diz o Evangelista, que dentro da sua alma meditava e conferia o mesmo mysterio, ponderando todas as circumstancias delle: *Maria autem conservabat omnia verba hæc, conferens in corde suo.* [1] E porque o mesmo fazia em todos os outros, e quer que nós tambem o façamos; como Mestra divina deste soberano exercicio da meditação e oração, as ajuntou ambas no seu Rosario: para que assim como por conta imos rezando as orações que lhe offerecemos em cada um dos passos da Vida, Morte e Resurreição do seu bemditissimo Filho, assim, e com muito mais vagar e attenção meditemos parte por parte os mysterios delles, e os vamos trasladando e imprimindo no mais interior de nossas almas. Oh ditosas e bemaventuradas aquellas, que por este modo verdadeiramente celestial, digerirem o pão do céu, que recebem no divinissimo Sacramento; porque assim o converterão, ou se converterão na sua propria substancia, e lograrão a perfeita e sobrenatural nutrição, que nas tibias, indevotas e miseraveis se não luz, pelo comerem indigesto.

O principal mysterio dos que se encerram no Santissimo Sacramento, é o de sua Morte e Paixão, porque se não morrêra, não importára o ter nascido, e tambem se não morrêra, não resuscitára, nem nos levára comsigo ao céu. Por esta razão nos encarrega tanto S. Paulo, que quando commungarmos, meditemos a morte do Senhor: *Quotiescumque enim manducabitis panem hunc, et calicem bibetis, mortem Domini annuntiabitis.* [2] E esta sacratissima morte de infinito preço, se com a meditação e consideração della a não digerirmos, aproveitar-nos-ha alguma coisa para a emenda da vida? Tão pouco como a nossa mesma morte, se a tomamos a vulto e indigesta, sem considerarmos o que

[1] *Luc.*, II, 19.
[2] *1.ª ad Cor.*, XI, 26.

é, e o que havemos de ser. Ouvi a S. Zeno fallando de Adão: *Sacræ arboris pomum malè dulce delibavit, lachrymas reperit, dolores, et gemitus, spinas, et tribulos sibimet comparavit, ultimoque sudore turbatus posteris hæreditatem indigestæ mortis dereliquit.* Comeu Adão da arvore vedada, e digeriu o pomo em lagrimas, em gemidos, em dôres, em espinhos, e nos suores a que foi condemnado para comer o triste pão, de que se sustentasse: e o peor de tudo foi, que a nós seus descendentes nos deixou por herança a morte indigesta: *Indigestæ mortis hæreditatem posteris dereliquit.* E que quer dizer, que Adão não só nos deixou por herança a morte, senão a morte indigesta? Quer dizer o que elle fez, e o que nós fazemos. Quando Deus notificou a Adão a sentença de morte no caso em que comesse; o que elle devia fazer era considerar muito de proposito, e digerir primeiro comsigo, que coisa era aquella a que Deus chamava morte, sendo certo que se bem o considerára, nunca se atreveria a comer: mas elle tragando indigestamente a morte, comeu o pomo cru sobre o indigesto; e porque esta morte assim indigesta foi a que elle nos deixou por herança, por isso peccamos tão sem temor, como elle peccou. O mais efficaz remedio para não peccar, é a consideração da morte, por onde havemos de entrar ou ao céu, ou ao inferno para sempre: *Memorare novissima tua, et in æternum non peccabis.* [1] E comtudo vendo nós cada dia morrer a tantos, não deixamos de peccar. Porque? Porque essa mesma morte vista não a consideramos, nem a digerimos. Pois assim como a nossa morte nos não emenda por falta de digestão e consideração; assim tambem a Morte e Paixão do mesmo Christo, a quem comemos no Sacramento, nos aproveita pouco, porque de tal modo o comem muitos, como se não estivera alli.

Seja pois a conclusão de tudo, que unindo a meditação do Rosario com o Santissimo Sacramento, e a communhão do Santissimo Sacramento com o Rosario, digiram as nossas almas em um, o que comem no outro; de tal sorte, que aquelle divino pão cresça em nós á grandeza de um monte: *Sicut acervus tritici.* E das rosas, com que a Virgem do Rosario o cerca nesta vida: *Vallatus liliis:* nos teça na outra, como faz a seus devotos, uma corôa de gloria, etc.

---

[1] *Eccles.*, VII, 40.

SERMÃO DECIMO SEXTO

Beatus venter, qui te portavit. [1]

I

Com razão comparou o seu Evangelho a divina sabedoria de Christo a um thesouro escondido no campo. Uma coisa é a que todos vêem na superficie, outra a que se occulta no interior da terra e onde menos se imaginam as riquezas, alli estão depositadas e escondidas. Não as descobre quem mais cava, só as achou quem teve maior ventura: e isto é o que me aconteceu (de que dou as graças á Virgem Santissima) com o presente Evangelho hoje. A occasião porque foram ditas as palavars que propuz, foi aquelle famoso milagre, vulgarmente chamado do demonio mudo: e neste caso, ao parecer tão diverso, nos deixou escripta o Evangelista toda a historia do Rosario e seus progressos, e não por allegorias ou metaphoras, senão propria e litteralmente. Alli temos litteralmente a primeira origem deste soberano invento: alli a guerra obstinada, que logo lhe intentou fazer o demonio: alli as victorias que por meio delle alcançamos contra o inferno: e alli finalmente, o panegyrico e louvores que devemos a Christo, e sua bemdita Mãe, como auctora de tão grande obra: *Beatus venter, qui te portavit.*

No principio pois deste Evangelho (que é o Cap. 11.° de S. Lucas) pediram os Discipulos a Christo Senhor nosso, que os ensinasse a orar: *Domine, doce nos orare.* E o modo de orar que o divino Mestre lhes en-

---

[1] *Luc.*, XI.

sinou, foi a oração do Padre Nosso: *Et ait illis: cum oratis, dicite: Pater, sanctificetur nomen tuum: Adveniat regnum tuum*, [1] etc. Não é esta a primeira oração que dizemos, quando rezamos o Rosario? Sim. Pois esta mesma, e neste mesmo dia, em que Christo a ensinou, foi a segunda e ultima com que se acabou de aperfeiçoar o Rosario. O Rosario começou na Ave Maria, quando o Anjo saudou a Virgem, dizendo: *Ave gratia plena: Dominus tecum.* [2] E quando Christo ensinou o Padre Nosso, dizendo: *Pater, sanctificetur nomen tuum: Adveniat regnum tuum:* então acabou de se aperfeiçoar o mesmo Rosario; porque o Rosario não é outra coisa senão um modo de orar composto de Padre Nossos, e Ave Marias. Lançados pois estes dois fundamentos do Rosario, e aperfeiçoada nestas duas orações a materia a que a Rainha dos Anjos, e Mãe do mesmo Christo depois deu a fórma: que é o que succedeu no mesmo ponto? Caso verdadeiramente maravilhoso, e mysterio profundissimo, mas não occulto, senão manifesto. No mesmo ponto em que o Evangelista S. Lucas acabou de referir a oração que Christo ensinára, sem interpôr palavra alguma, continúa, dizendo: *Et erat Jesus ejicens Dæmonium, et illud erat mutum:* [3] que estava Christo lançando de um homem endemoninhado um demonio mudo; o qual demonio se chama mudo, porque tinha emmudecido e tolhido a falla ao homem. Pois quando Christo acaba de ensinar o Padre Nosso: quando Christo acaba de fundar o Rosario, então (e só neste caso, e em nenhum outro) então (e no mesmo ponto sem metter tempo em meio) então trata o demonio de emmudecer o homem? Sim. Então. E com consequencia não só mysteriosa, senão litteral. Porque então se viu o demonio perdido, reconhecendo os poderes da oração e devoção do Rosario. Por isso quando Christo acaba de nos ensinar a orar, começa elle a se empenhar em nos emmudecer: Christo ensinando-nos a rezar o Rosario, e o demonio tolhendo-nos a falla, para que o não rezemos.

Porque cuidaes, senhores, que ha no mundo tantos homens com nome de christãos, que não rezam o Ro-

---

[1] *Luc.*, XI, 28.
[2] *Ibid.*, I, 28.
[3] *Ibid.*, XI, 14.

sario? Porque assim como o demonio emmudeceu aquelle homem, assim os emmudece a elles: *Mutus est, qui in Dei laudes labia sua aperire nescit*, diz aqui Eusebio Emisseno. Todas as nossas orações teme muito e aborrece o demonio; mas nenhuma persegue com tanto odio, como o Rosario. Lêde as Historias Ecclesiasticas, e não só vereis quanto o demonio perseguiu sempre o Rosario, e o procurou tirar do mundo por meio dos hereges de todo o genero, antigos e modernos; mas entre os mesmos catholicos achareis estupendos e temerosos exemplos das traças, dos empenhos, das promessas, e da applicação de todo seu saber e poder, com que o demonio tem apartado a muitos deste celestial exercicio. A quantos desesperados pela pobreza offereceu e descobriu thesouros, mas com condição de que não haviam de rezar o Rosario? A quantos cegos do appetite sensual prometteu o fim de seus deshonestos amores, mas com condição de que as contas do Rosario que levavam occultamente comsigo, as haviam de lançar fóra? A quantos assegurou a vingança de seus inimigos, e que nos perigos da guerra e das batalhas sahiriam com vida, e sem ferida, mas com condição que primeiro se haviam de deixar desarmar daquella mesma insignia, que é o balteo da milicia do céu? Ha Auctor grave, o qual affirma, que para o demonio servir a quem delle se quer valer, o pacto tacito ou expresso de que usa, são aquellas palavras de Sára: *Ejice ancillam, et filium ejus:* [1] entendendo por ancilla, a Virgem na Ave Maria, e por seu Filho, a Christo no Padre Nosso. Até aos mesmos devotos da Senhora, quando os não póde apartar da sua devoção, ao menos procura que deixem o Rosario, e o troquem por outras orações, ou mais novas, ou menos vulgares, como muitos fazem. Finalmente (este é o maior ardil, e tentação de todas), faz que os que rezam o Rosario, o rezem divertidos, e sem attenção: que é outro modo de emmudecer mais injurioso a Deus, como diz Santo Agostinho; porque em vez de fallarem com Deus, fallam com seus vãos pensamentos.

E como os empenhos do demonio em emmudecer os homens, mais neste genero de oração, que em nenhuma outra, se armam de todas suas artes, de todas suas

[1] *Galat.*, IV, 30.

astucias, e de todos seus poderes: essa é a razão e o mysterio, porque Christo no mesmo tempo em que acabava de lançar os primeiros fundamentos ao Rosario, não se diz que lançou fóra o demonio mudo, senão que o estava lançando: *Erat ejicens dæmonium, et illud erat mutum.* Notae a opposição de um *erat* contra outro *erat: Erat ejiciens, et erat mutum.* Tanta era a rebeldia, tanta a resistencia, tanta a obstinação do demonio, em se não querer render á omnipotencia de Christo, e teimar em não desempedir a lingua do homem, que tinha emmudecido. E se o mesmo Christo multiplicando uns impulsos sobre outros se deteve tanto em obrar este milagre; não é muito que nós tambem multipliquemos sermões e discursos, pois impugnamos o mesmo demonio, e tratamos de sarar os mesmos mudos. O mudo do Evangelho finalmente fallou com grande admiração dos circumstantes: *Loquutus est mutus, et admiratæ sunt turbæ:* [1] e eu espero que neste sermão se ouvirá tambem fallar o mudo, não só com egual admiração, mas com assombro e pasmo. Aquelle mudo fallou, mas não refere o Evangelho o que disse: este ha de fallar e dizer o que nunca ouvistes. Elle é o que ha de prégar, e não eu. E porque não é capaz de graça, não a peçamos para elle, senão para nós: *Ave Maria, etc.*

II

Suspensos vos considero na expectação do novo prégador, que haveis de ouvir hoje: e agora accrescento que é o mais sabio, o mais experimentado, e o mais eloquente que nunca ouvistes. Os pontos que ha de tratar são tres, sobre outras tantas questões, mas não levantadas por elle, senão por outro prégador, tambem grande, e pelo qual Deus nesta occasião obrou outro milagre tambem do demonio mudo, mas maior que o do mesmo Christo.

Uma das mais notaveis promessas que Christo fez

[1] *Luc.*, XI, 14.

aos que o seguiam, e lhe haviam de succeder neste mundo, foi que não só haviam de fazer obras tão grandes e tão maravilhosas como as suas, senão ainda maiores: *Opera, quæ ego facio, faciet, et maiora faciet.* [1] Tão generosa e tão confiada como isto é a verdadeira e soberana grandeza. Quem em tudo quer parecer maior, não é grande. Assim o prometteu o Senhor, e assim se cumpriu: porque, deixando outros exemplos, S. Pedro dava saude aos enfermos só com a sombra; o que Christo nunca fez: e convertendo Christo em tres annos só quinhentas almas, S. Pedro em um só sermão converteu cinco mil. Mas o que faz mais admiravel esta disposição da providencia de Christo, é a razão della, que o mesmo Senhor declarou: *Majora faciet: quia ad Patrem vado.* [2] Farão (diz) maiores obras que as minhas, porque eu vou para o Padre. Christo, Redemptor nosso, tão poderoso era em quanto viveu na terra, como depois de subir ao céu, e estar assentado á dextra do Padre: pois se havia de conceder este tão grande privilegio aos homens, depois de se ausentar delles, e estar no céu; porque lh'o não concedeu quando vivia neste mundo. A razão em summa é, porque esta prerogativa tão singular e relevante, de haverem de fazer os homens maiores obras que as do mesmo Christo, havia-nos de ser concedida em virtude dos mysterios e orações do Rosario. E estas duas condições, nem da parte de Christo, nem da nossa, se podiam cumprir, nem ter effeito, antes de o mesmo Senhor por meio da Morte e Resurreição ir deste mundo ao Padre: *Et maiora faciet: quia ad Patrem vado.*

Oiçamos ao Cardeal Caetano, que mais resumida e mais nervosamente que todos declarou a energia deste *porque: Mirabilis apparet promissio, sed cessabit admiratio libratis subsequentibus conditionibus adjunctis.* Se vos parece admiravel uma tão grande e extraordinaria promessa, ponderae as condições seguintes, que o mesmo Senhor ajuntou, e logo cessará a admiração. E quaes são estas condições? A primeira é a morte e glorificação de Christo, significadas nas palavras: *Quia ad Patrem vado. Clauditur efficacia mortis ejus, dicendo, vado: per mortem enim ibat ad Patrem:*

---

[1] *Joan.*, XIV, 12.
[2] *Ibid.*

et clauditur etiam glorificatio ejus, dicendo, ad Patrem: transire enim Jesum ex hoc mundo ad Patrem, est de statu mortali, et humili ad statum immortalitatis, gloriæ, et regni ire. Hinc et meritum mortis ejus, et tempus glorificationis ejus significatur in causa, quod credentes in ipsum facerent hæc, et maiora. De sorte que para os homens fazerem maiores obras que as de Christo, a primeira condição que necessariamente havia de preceder, era o merecimento de sua morte, e o tempo da sua glorificação: e estas mesmas eram a segunda e terceira parte dos mysterios do Rosario, que ainda faltavam para complemento delle. Em quanto Christo vivia neste mundo, não estava ainda cumprida e inteirada mais que a primeira parte dos mysterios do Rosario, que eram os Gososos: faltavam os Dolorosos, que se cumpriram na morte; e faltavam os Gloriosos, que se cumpriram na Ascenção. E como Christo havia de conceder este tão extraordinario privilegio aos homens por meio dos mysterios do Rosario; por isso o não podia conceder nesta vida, e neste mundo, senão depois que morresse e subisse ao Padre: *Maiora faciet, quia ad Patrem vado.*

Esta é a primeira condição da parte de Christo, que são os mysterios: a segunda qual é? E' a outra da nossa parte, que são as orações do mesmo Rosario. Assim continua e estende a sua razão o mesmo Christo sobre o mesmo *porque: Quia ad Patrem vado. Et quodcumque petieritis Patrem in nomine meo, hoc faciam:* [1] porque eu subo ao Padre. E porque elle vos ha de conceder tudo o que em meu nome pedirdes. Excellentemente o já allegado Caetano: *Explicatur amplissima facultas impetrandi, non aliquid, sed omne, quod petierint. Ubi diligentius cerne, et nota conjunctionem, et jungentem hanc causæ partem præcedenti. Ita quod contnentur hæc verba sub illa conjunctione causali, quia. Et significatur clarè per hoc, quod ut credens in Jesum faciat hæc, et maiora, concurrunt ut causa non solum quod ego vado ad Patrem, sed quod vos petatis.* Quer dizer que debaixo do mesmo *quia*, e do mesmo *porque*, ajuntou Christo a segunda parte da razão, porque os homens haviam de fazer maiores coisas

[1] *Joan.*, XIV, 13.

do que elle tinha obrado, e deste modo vem a concluir o Senhor, que a dita razão ou causa se compõe de duas condições, uma da parte do mesmo Christo, que são os mysterios do Rosario, para cujo complemento foi necessario que elle morresse e subisse ao Padre: *Quia vado ad Patrem:* e outra da parte nossa, que são as orações do mesmo Rosario, por meio das quaes impetramos e alcançamos do Padre, debaixo do nome de seu Filho, tudo o que pedimos: *Et quodcumque petieritis Patrem in nomine meo, hoc faciam.* De maneira que os mysterios e as orações do Rosario são as duas partes de que se compõem o motivo e razão total porque Christo concedeu aos homens o privilegio nunca imaginado de poderem fazer o que elle fez, e mais do que fez: conservando porém nisso mesmo a soberania propria, e a differença de Senhor a servos; porque Christo, como Senhor, obrava mandando, e os homens, como servos, haviam de obrar pedindo: *Et cum hoc declaratur etiam modus faciendi, nam ipse fecit imperando, credentibus autem in eum promittitur, quod facient hæc, et maiora, supplicando.*

Supposto pois que aos mysterios e orações do Rosario foi particularmente concedida esta tão admiravel prerogativa; em que pessoa, ou em que materia a podemos vêr mais propriamente praticada, que na pessoa do grande Patriarcha S. Domingos, e no caso de outro demonio tambem mudo. Na pessoa de S. Domingos, digo, que depois da Virgem Maria, foi o primeiro fundador, e o maior propagador do Rosario: e no caso de outro demonio mudo, o qual não só procurou de emmudecer um homem, mas com effeito tinha posto perpetuo silencio a muitos, para que não só não rezassem o Rosario, mas o desestimassem e blasphemassem. O milagre que obrou Christo no demonio mudo, foi muito grande; mas o que obrou S. Domingos, em cumprimento da sua mesma promessa, foi muito maior. Lá fallou o mudo: *Loquutus est mutus;* mas não fallou o demonio: cá fallou o mesmo demonio, e não só um demonio, mas muitos demonios. Lá não refere o Evangelista o que disse o mudo; sem duvida porque fallando não disse coisa de importancia: cá disseram os demonios coisas tão importantes, e de tanto pezo, que nenhum homem as podia saber, nem dizer similhantes. Lá disse o mudo o que quiz: cá disseram os demonios obrigados o que não queriam. Lá, sahindo o de-

monio de um, entrou em muitos, que foram os Escribas e Phariseus que blasphemaram o milagre: cá, antes de sahirem de um corpo, muitos homens os lançaram de suas almas. Lá, finalmente, admirados os circumstantes, só uma mulher exclamou: *Extollens vocem quædam mulier:* cá, não só admirados, mas attonitos, e pasmados todos, foram muitos mil os que com vozes que chegavam ao céu, louvavam e engrandeciam a virtude e poderes da Mãe de Deus, e de todo o coração se convertiam a elle. Mas vamos já ao caso, e oiçamos o novo prégador, com a attenção que elle saberá merecer.

III

Prégando em Carcassona, cidade de França, o glorioso S. Domingos, e prégando, como sempre costumava, a devoção do Rosario, trouxeram-lhe um endemoninhado furiosissimo, o qual se despedaçava a si mesmo; e posto que vinha atado com cadêas de ferro, não havia quem o podesse domar, nem ter mão. Mas o Santo tinha outra cadêa mais forte e mais poderosa, que era o Rosario. Lançou o seu Rosario ao pescoço do miseravel homem, e o demonio com grandes repugnancias e visagens, em que mostrava a nova força, de que se sentia opprimir, ficou domado. Agora entenderão os doutos uma boa interpretação daquelle Anjo do Apocalypse, sobre que os Expositores antigos e modernos se dividem em tantas opiniões. Diz S. João, que viu descer do céu um Anjo, o qual trazia na mão uma grande cadêa, e que com ella prendeu e atou aquella antiga serpente que enganou o genero humano, o qual por um nome se chama demonio, e por outro Satanaz: *Vidi angelum descendentem de cœlo, habentem catenam magnam in manu sua, et apprehendit draconem, serpentem antiquum, qui est diabolus, et Satanas, et ligavit eum.* [1] As outras palavras que accrescenta o Texto, póde ser que nos sirvam, e as expliquemos depois; o que só digo de presente é, que este Anjo descido do céu, é o Apostolo da Virgem Maria S. Domingos, varão por todas suas virtudes ange-

[1] *Apoc.*, xx, 1 e 2.

lico, e que a grande cadêa que do mesmo céu trouxe na mão, e com que prendeu a serpente, e atou o demonio, é o Rosario. Das mesmas Chronicas de S. Domingos, que em similhantes casos são os melhores Expositores, o provo.

Em um povo da ilha de Eviza exorcizava um filho do mesmo Santo uma mulher endemoninhada, e era o demonio tão protervo, tão rebelde, e tão obstinado, que a nenhuns esconjuros, nem orações se rendia: rendeu-se porém finalmente á invocação do Santissimo nome de Maria, e aos poderes insuperaveis do seu Rosario; mas com uma circumstancia muito notavel, a qual eu só pondero em prova do que digo. Quando lançaram o Rosario ao pescoço da afflicta mulher, começou a gritar o demonio: Tirem-me essa cadêa, que me abraza: Tirem-me essa cadêa, que me abraza. Já temos que o Rosario é cadêa que ata o demonio. Mas que seja cadêa que o abraza, como póde ser? Assim como os Anjos quando estão na terra, trazem comsigo a sua gloria, assim os demonios trazem tambem comsigo o seu inferno. Os Anjos trazem comsigo a sua gloria, porque em qualquer parte estão vendo a Deus; e os demonios trazem comsigo o seu inferno, porque em qualquer parte estão ardendo naquelles incendios eternos. Pois se este demonio estava ardendo em fogo, e em tal fogo, qual é o do inferno, como diz que o abrazava a cadêa do Rosario? Póde haver fogo mais penetrante, mais forte, e mais abrazador, que o do inferno? Sim. E estas novas chammas e labaredas são para os demonios as orações dos christãos. Assim o confessaram já antigamente os mesmos demonios, e o refere Minucio Felix naquella sua famosa Apologia contra os gentios: *Hæc omnia sciunt plerique vestrum, ipsos dæmones de semetipsis confiteri, quoties à nobis, et meritis verborum et orationum incendiis è corporibus exiguntur.* De sorte que mais queimam e mais abrazam aos demonios as orações do Rosario, que o mesmo fogo do inferno. E a razão natural é, porque do fogo do inferno vingam-se e alliviam-se com blasphemar de Deus: porém nas orações do Rosario cresce-lhes outro fogo maior, porque ouvem nellas os louvores de Deus. No inferno ouvem dizer: Maldito seja Christo e sua Mãe: no Rosario ouvem pelo contrario: *Benedicta tu in mulieribus, et benedictus fructus ventris tui:* e este é o fogo sobre fogo, e o incendio sobre incendio, que in-

toleravelmente os abraza. Assim como S. Miguel lançou no inferno aos demonios, dizendo: *Quis sicut Deus?* assim S. Gabriel accrescentou, e accrescenta cada dia o inferno aos mesmos demonios, dizendo: *Ave gratia plena.* Estes são pois os fuzis de maior e mais penetrante fogo, de que se fórma a cadêa do Rosario; e esta é a cadêa que S. Domingos trouxe do céu: e esta a com que domou o demonio, que lhe presentaram, que rompia e desfazia todas as outras.

IV

Socegado pois o demonio, e reduzido a estado de responder com este primeiro imperio do Rosario, que foi como exordio do sermão, começou S. Domingos a levantar as questões, e o demonio, ponto por ponto, a responder a ellas. Era tal o ruido que dentro no endemoninhado se ouvia de varias linguas, e confusas, e espantosas vozes, que bem mostravam não ser um só demonio o que alli residia. Perguntou-lhe pois o Santo, quantos eram, e qual tinha sido a causa porque entraram naquelle homem? Estou certo, que ninguem espera, nem imagina qual podia ser a resposta. Responderam, que elles eram quinze mil demonios, e que todos, por mandado de Deus, atormentavam aquelle mau homem, por ser inimigo capital do Rosario de Maria, e desprezar e desacreditar os sermões, em que o prégava Frei Domingos, e com seu exemplo e falsas exhortações persuadir o mesmo desprezo a muitos, e impedir com isso sua conversão. Instou o Santo, e perguntou, porque eram quinze mil precisamente, nem mais, nem menos? Responderam, que em reverencia dos quinze mysterios do Rosario, e em vingança e castigo da grande injuria e affronta de Deus, com que aquelle homem os blasphemava: accrescentando os mesmos demonios, que tinham entrado nelle muito contra sua vontade, e conveniencia; por ser um dos maiores ministros do inferno, e que mais favorecia suas partes, e os ajudava, sendo já muitas as almas que por seu meio se tinham condemnado. Este foi o primeiro ponto do sermão, attonitos, assombrados, e temerosamente compungidos dentro em si mesmos, todos os que taes coisas ouviam.

Não é maravilha, que tanta multidão de demonios coubesse em tão estreita morada, como a de um corpo humano, porque são espiritos, e não occupam logar; mas para atormentar um só homem quinze mil demonios? Se os homens foram quinze mil, um demonio sobejava, não só para os maltratar, mas para os matar a todos. Não tinha maiores forças naturaes, o que no exercito de Senaccherib matou em uma noite cento e oitenta e cinco mil homens. [1] A que fim logo tanto estrondo, tanto apparato, tantas levas de espiritos infernaes? Job, que bem lhe tinha tomado o pulso aos braços, diz que não ha poder no mundo, que se lhe possa comparar: *Non est super terram potestas, quæ comparetur ei.* [2] Um só demonio era, o que teve licença, não absoluta, mas limitada, para provar com elle as forças, e depois dos estragos que lhe fez nos gados, nos criados, nos filhos, na casa, olhae para o mesmo Job, e ouvi o que dizia. O corpo, desde o pé até á cabeça, era uma chaga viva, asquerosa, hedionda, e por fóra e por dentro, sem entrar nelle o demonio, eram tão agudas, tão insupportaveis, e tão continuas de dia e de noite as dôres que obrigavam ao mesmo exemplar da paciencia a chamar pela morte, e amaldiçoar a hora em que nascera. Tempo virá (que ainda não está cumprido) em que se desatem aquelles quatro demonios, que S. João viu no Apocalypse: *Quibus datum est nocére terræ, et mari.* [3] E se para revolver todo o globo do mar e da terra, e metter em confusão e ruina tudo quanto nelle vive, bastam quatro demonios, que fariam em tão estreito amphitheatro quinze mil leões desatados, que assim lhes chama S. Pedro, mais fero cada um que todas as feras? Se era para vingar a injuria commettida contra os quinze mysterios do Rosario nos quinze Padre Nossos, não bastavam quinze demonios? Se para desaffrontar as cento e cincoenta Saudações Angelicas, impugnadas e desprezadas nas cento e cincoenta Ave Marias, não bastava que elles tambem fossem cento e cincoenta?

A nós, parecer-nos-ha que sim, mas não o julgou nem o sentenciou assim Deus. Quiz que nos desaggravos do Rosario, fosse tão excessivo o numero dos

---

1 *4.º Livr. dos Reis*, XIX, 35.
2 *Job.*, XLI, 24.
3 *Apoc.*, VII, 2.

ministros de sua justiça, para que na mesma multidão dos executores se manifestasse tanto a grandeza da offensa, como a dignidade do offendido. Chegou Deus (vêde o que digo) chegou Deus a fazer em defeza da honra do Rosario, o que nunca fez, nem faria para defender a sua. E atrevo-me a dizer, o que não faria; porque o que Christo faria no maior perigo da sua honra e vida, para a defender, elle mesmo o declarou, e não é tanto. Quando S. Pedro quiz defender a Christo no Horto, mandou-lhe o Senhor que embainhasse a espada: e a razão com que o socegou, foi esta: *An putas, quia non possum rogare Patrem meum, et exhibebit mihi modo plusquam duodecim legiones Angelorum?* [1] Não sabes, que se eu me quizesse defender, posso pedir soccorro a meu Padre, e elle me mandaria logo mais de doze legiões de Anjos? Reparae neste numero, que é muito digno de reparo. Assim como o Senhor disse doze legiões de Anjos, assim podéra dizer, doze mil legiões, porque os Anjos são innumeraveis: pois porque disse doze legiões determinadamente? Porque com este numero de Espiritos angelicos ficava largamente encarecido o grande empenho que o Padre faria para defender a honra e vida de seu Filho, e o mesmo Filho a sua. A cohorte de soldados romanos que vieram prender a Christo, constava de mil soldados: e que partido podiam ter, diz S. Chrysostomo, contra doze legiões de Anjos mil homens? *Quid facerent duodecim legiones angelorum in mille viros?* Bastavam sobre todo o encarecimento doze Anjos, quanto mais doze legiões. Computae-me agora o numero das doze legiões dos Anjos, naquelle caso, com o dos quinze mil demonios no nosso. Cada legião romana constava de seis mil seiscentos e sessenta e seis soldados: com que doze legiões de Anjos vêm a montar oitenta mil Anjos: os quaes repartidos e contrapostos aos mil soldados, que vieram prender a Christo, vêm a caber oitenta Anjos para cada homem. E quando na mais encarecida supposição tudo o que o Eterno Padre faria para defender a honra e vida de seu Filho, e Christo para defender a sua, era oppor a cada homem oitenta Anjos; o que fez o mesmo Padre, e o mesmo Filho para defender a honra, e estabelecer a conser-

[1] *Math.*, XXVI, 53.

vação do Rosario, foi metter dentro em um só homem quinze mil demonios.

As forças e poder natural dos demonios, é egual ao dos Anjos: mas porque foram neste caso, não Anjos senão demonios, os que armou e mandou Deus em defeza do Rosario? Porque assim como quiz acreditar o Rosario no desaggravo de suas injurias, assim quiz atemorisar os homens no castigo de suas offensas. Quando Dathan e Abiron fizeram scisma no povo, e se rebellaram contra Moysés pela instituição e publicação do Summo Sacerdocio, fallou o mesmo Moysés ao povo desta maneira: Se o castigo com que Deus castigar estes rebeldes, fôr algum dos castigos com que ordinariamente costuma castigar os homens, não me deis credito: *Sin autem novam rem fecerit Dominus, ut aperiens terra os suum, deglutiat eos:... descenderintque viventes in infernum; scietis, quod blasphemaverint Dominum:* [1] porém se Deus executar nelles um castigo extraordinario e tão prodigioso, que a terra os trague, e desçam vivos ao inferno, então entendereis sem duvida, que blasphemaram a Deus no que disseram. O mesmo succedeu no nosso caso. Rebellou-se contra a prégação de S. Domingos aquelle herege, disse muitas blasphemias contra a devoção do Rosario, fez scisma no povo, levou apoz de si grande parte d'elle; e esta foi a culpa porque Deus o castigou com um tão extraordinario e temeroso castigo, não o entregando a um só demonio, mas com prodigio nunca visto, a quinze mil. Tendo commettido um christão da primitiva Igreja um peccado enorme, consultou S. Paulo a congregação dos Corinthios, d'onde elle era, sobre o modo com que devia ser castigado exemplarmente para terror dos demais: e qual vos parece que seria o castigo? Não o condemnou á morte, como S. Pedro a Ananias e Safira; mas com a auctoridade suprema, que tinha de Christo, julgou que fosse entregue a um demonio, para que vivo o atormentasse: *Congregatis vobis, et meo spiritu, cum virtute Domini nostri Jesu, judicavi tradere hujusmodi Satanæ.* [2] E se para atemorisar toda a Igreja com o castigo mais exemplar e tremendo, não se achou outro algoz mais cruel,

---

[1] *Num.*, XVI, 30.
[2] *1.ª ad Cor.*, V, 3, 4, 5.

nem se inventou outro tormento mais temeroso, que entregar um homem a um demonio: que temor e horror causaria agora este, entregue por sentença do mesmo Christo a quinze mil demonios? A circumstancia mais prodigiosa no castigo de Dathan e Abiron, foi, que a ordem do inferno se trocasse nelles, e que descessem ao inferno vivos, onde os outros homens não vão senão depois de mortos. E a mesma circumstancia de rigor, por outro modo não menos temeroso, executou a Justiça Divina neste inimigo e perseguidor do Rosario; porque o não mandou a elle ao inferno, senão que todo o inferno entrasse nelle. Que coisa era um homem com quinze mil demonios dentro em si, senão um inferno vivo, não occulto, e invisivel no centro, senão publico, e manifesto sobre a face da terra? E' provavel que no inferno a cada condemnado atormenta sómente o seu demonio tentador, a quem obedeceu e serviu na vida. Um homem, porém, condemnado a que o atormentassem quinze mil demonios, vêde que inferno seria o seu! Se os demonios, que não estavam ociosos, repartiram entre si aquelle corpo, quaes seriam os tormentos, que padeceria em cada minima parte? E se todos o atormentavam todo, quem poderá conceber, nem imaginar a immensidade de um tormento diabolico e infernal, quinze mil vezes reduplicado? Mas assim castiga Deus á vista de todo o mundo um inimigo do Rosario, para que conheçam o seu estado e tremam do seu perigo, os que o não rezam, que são os mudos.

Estou vendo, porém, que o mesmo demonio mudo os anima e consola, e ainda desculpa; e que estão dizendo dentro em si: eu, posto que não seja devoto do Rosario, não o persigo, nem sou seu inimigo. Enganaes-vos. A devoção do Rosario não admitte neutralidades: se o rezaes, sois amigo: se o não rezaes, inimigo. E' doutrina e sentença, não menos que do mesmo Christo neste mesmo Evangelho: *Qui non est mecum, contra me est:* [1] todo o que não está commigo, é contra mim. Como póde ser amigo de Christo, quem não quer meditar seus mysterios? E como póde ser devoto de sua Mãe, quem a não quer saudar muitas vezes? Mas passemos ao segundo ponto.

---

[1] *Luc.*, XI, 23.

V

A segunda questão que levantou S. Domingos, e a outra pergunta que fez aos demonios, foi esta: Quaes eram, entre todos os christãos, os que mais se condemnavam? E se dos seus companheiros, e dos de seu irmão Francisco, havia tambem alguns no inferno? Quanto á primeira parte responderam a multidão dos demonios na voz de um, que fallava por todos, desta maneira: dos nobres, dos poderosos, dos ricos e regalados, assim homens, como mulheres, temos grande numero; porque a soberba, a ambição, a inveja, a vaidade, o luxo, os deleites da carne, e os outros vicios que com estes se acompanham, em que continuam sem arrependimento, nem emenda até á morte, e os damnos que fazem com seu poder, aos pequenos, que raramente, ou nunca restituem, os levam quasi todos ao inferno. Porém da gente popular, humilde, e dos rusticos do campo em respeito d'este grande numero, são muito poucos os que se condemnam; porque ainda que não sejam santos, a sua pobreza, e o trabalho de suas mãos, com que sustentam a vida, e lhes leva todo o cuidado, os livram de muitos peccados, e dos mais graves, em que é facil a penitencia. E quanto aos teus companheiros, e de teu irmão Francisco, confessamos que atégora nenhum temos comnosco, mas esperamos, por meio de nossas industrias, que pouco a pouco se irão esquecendo de suas obrigações alguns d'elles, e virão, como os demais, a nossas mãos. Com esta clareza fallaram os demonios para grande confusão minha, e de outros que sobem a este logar, a quem tambem tenta e engana o demonio mudo, pois callamos (não sei porque) o que só deveramos dizer, e bradar: *Væ mihi, quia tacui, quia vir pollutus labiis ego sum.* [1]

Em summa, senhores christãos, que os grandes, os nobres, os ricos, os poderosos, não entre os gentios, senão entre nós, são os que mais se condemnam. Já nos não podemos queixar, como o rico avarento, de que não viesse a este mundo um prégador do inferno, que referisse o que lá se passa, pois Deus mandou

[1] *Isai.*, VI. 5.

nesta occasião quinze mil prégadores do inferno, em confirmação do que prégava um prégador da terra. Oh cegueira! oh miseria! Oh frieza e esquecimento da fé! De sorte, que as grandezas, as nobrezas, as riquezas, que tanto procuram os que são, ou desejam ser poderosos, e o fim porque desejam os mesmos poderes, estes são os meios certos, por onde negoceiam e solicitam sua condemnação, os que neste mundo se teem por maiores e melhores que os demais. Os outros requerem diante delles, e elles são perpetuos requerentes do seu proprio inferno; e quanto mais bem despachados, tanto mais mofinos. Tão cegos, porém, com o fumo desta vaidade, e tão saboreados deste enganoso veneno, que não só vivem alegres e contentes na sua miseria, e dão graças á sua fortuna; mas desprezam e teem por vil a dos que elles com a falsa voz do mundo chamam gente de baixa condição, sendo estes, aquelles verdadeiramente bemaventurados a quem Christo prometteu o Reino do Céu. Isto mesmo, que aqui prégaram os demonios, é o que prégou e ensinou Jesus-Christo. Não chamou bemaventurados os grandes, senão os pequenos: não os ricos, senão os pobres: não os que riem, senão os que choram: não os abundantes e fartos, senão os famintos: não os que passam a vida em prazeres e delicias, senão os que padecem: não os estimados e adorados, senão os desprezados e perseguidos. Que muito logo, que dos que em tudo seguem, amam, estimam, professam e idolatram o contrario, esteja cheio o inferno, e sejam muito poucos os que se salvam? Já que não somos christãos pela fé de Christo, porque o não seremos ao menos pelos desenganos do demonio?

Oiçamos a S. Paulo, e se queremos entender bem este ponto, entendamos, que falla comnosco: *Videte vocationem vestram, fratres, quia non multi sapientes secundum carnem, non multi potentes, non multi nobiles.* [1] Escrevia S. Paulo aos Corinthios, cuja republica na sciencia politica, na grandeza, na nobreza, no luxo e fausto dos poderosos, competia com Roma, e se chamava a Roma da Grecia: e para que esta pompa exterior da fortuna os não enganasse e desvanecesse, como costuma, manda-lhes o Apostolo, que abram os

[1] *1.ª ad Cor.*, I, 26.

olhos, e que os ponham: em que? Não na contumacia e pouca duração de tudo o que resplandece e parece grande no mundo, senão na sua vocação: *Videte vocationem vestram.* [1] A vocação dos Corinthios era a da fé e do christianismo, a que Deus os tinha chamado, e elles tinham recebido. E nesta vocação, que é o que haviam de advertir e notar? Coisa admiravel! Que não chamára Deus a ella, nem a muitos sabios segundo a carne, que são os politicos, nem a muitos poderosos, nem a muitos nobres: [2] *Quia non multi sapientes secundum carnem, non multi potentes, non multi nobiles.* Gloriem-se agora lá os poderosos e os nobres, e desprezem os que o não são. De todos os homens são muitos os chamados, e poucos os escolhidos: dos nobres e poderosos não só são poucos os escolhidos, senão poucos os chamados: *Videte vocationem vestram, non multi potentes, non multi nobiles.* Quereis saber quão poucos são? Christo Senhor nosso, como já dissemos, converteu neste mundo quinhentos discipulos, pouco mais: assim o diz e os conta nesta mesma Epistola o mesmo S. Paulo: *Visus est plusquam quingentis fratribus:* [3] e destes quinhentos convertidos, que seguiam a escola de Christo, quantos eram os nobres e poderosos? Coisa mais admiravel ainda. Apenas achareis um para cada cento. Um capitão, que era José: um senador, que era Nicodemus: um fidalgo, que era Lazaro: um regulo, que era o Cafarnaïta: e para chegar a encher o numero, é necessario que entre tambem Zacheu com o seu dinheiro, que ainda naquelle tempo não era fidalguia. De maneira, que da nobreza tão desvanecida, de cada cento, um; e da plebe humilde e desprezada, de cada cento, noventa e nove.

E qual é a razão desta differença? A primeira e mais visivel, é a que deram os demonios. Porque os grandes e poderosos teem muita materia, e muita liberdade para os vicios; os pequenos e que pouco podem, ou pouca ou nenhuma. D'onde se segue, que os grandes vão ao inferno, porque podem; e os pequenos vão ao céu, a mais não poder; porque se elles poderam tambem haviam de fazer como os demais.

---

[1] *1.ª ad Cor.*, I, 26.
[2] *Ibid.*
[3] *Ibid.*, XV, 6.

Poder fazer mal, e não o fazer, é milagre da graça, que ella faz poucas vezes: *Qui potuit transgredi, et non est transgressus: et facere mala, et non fecit. Quis est hic, et laudabimus eum? Fecit enim mirabilia in vita sua.* [1] Assim que, os grandes vão ao inferno pelas acções do que podem, e os pequenos ao céu, pelas omissões do que não podem. Esta é a razão mais publica. A mais occulta e mais alta, é porque esta mesma impotencia dos pequenos e populares, é effeito da sua predestinação.

Seguia todo o povo a Christo: e para impedir estes concursos e applausos mal soffridos de seus emulos os Principes dos Sacerdotes, mandaram elles bom numero de ministros, que fossem prender ao Senhor: foram, mas com successo tão encontrado, que em vez de prenderem, ficaram prezos. Tornando pois sem a desejada preza, perguntaram-lhes os Pontifices e Phariseus: *Quare non adduxistis illum?* Porque o não prendestes? *Responderunt ministri: nunquam sic loquutus est homo:* [2] não o prendemos, porque o ouvimos; e nunca houve homem que fallasse como este. Bemdito seja Deus, que já houve ministros que perdoassem a um prégador por fallar bem! Mas eram ministros inferiores. Oiçamos agora o que instaram e replicaram os Supremos: *Nunquid et vos seducti estis? Nunquid ex Principibus aliquis credit in eum, aut ex Pharisæis? Sed turba hæc, quæ non novit Legem:* [3] Basta, que tambem vós vos deixaes enganar? Por ventura a esse homem seguiu-o algum dos Principes e dos Grandes? Não. Os que o seguem e creem nelle, é a gente do povo, baixa e rude. Logo esse homem não é o Messias. Assim argumentavam e inferiam contra Christo, como emulos e inimigos, devendo inferir contra si, e desenganar-se como prudentes. Em similhante caso d'uns, que repudiaram a Christo, e outros, que abraçaram a sua fé, diz S. Lucas: *Et crediderunt, quotquot erant præordinati ad vitam æternam:* [4] e creram nelle todos os que eram predestinados para a vida eterna. Esta é a verdadeira consequencia, que deviam inferir

---

1 *Eccl.*, XXXI, 9, 10.
2 *Joan.*, VII, 46.
3 *Ibid.*, 47, 48.
4 *Act.*, XIII, 48.

os Principes e Grandes da Synagoga. Nós os Principes e Grandes não acceitamos a doutrina de Christo, nem o seguimos, e o povo sim; logo o povo é o predestinado, e nós não.

Esta theologia não será muito agradavel aos ouvidos costumados ás lisonjas alheias, e tambem á propria; mas é o mero espirito do Evangelho, e a summa de toda a doutrina de Christo. Não porque sempre e necessariamente haja de ser assim; mas porque as mais vezes, e pelo commum da Providencia Divina, é effeito e signal da predestinação, fazer Deus pequenos e de humilde condição, e não grandes e poderosos, aos que quer salvar. E se quereis vêr com os olhos a razão fundamental e divina desta providencia, olhae para a vida de Christo. Christo é a causa exemplar de todos os predestinados: *Quos præscivit et prædestinavit conformes fieri imaginis Filii sui.* [1] E qual foi o estado que Christo escolheu neste mundo? O de pobre, o de humilde, o da condição infima e plebeia, querendo o Filho de Deus ser reputado por filho de um official: *Fabri filius:* [2] e ajudando a ganhar o pão com o trabalho de suas mãos, e o suor do seu rosto. Logo o que veste a samarra no monte, o que rompe a terra com o arado no campo, o que maneja a serra, ou outro instrumento mecanico no povoado, esta gente humilde e popular, são os que Deus communmente predestinou para no céu lhe trocar a fortuna. Vêde-o nas acções ou affectos deste mesmo Evangelho. Houve quem admirou, houve quem louvou, houve quem blasphemou o milagre: mas quaes foram uns e outros? Os que blasphemaram, foram só os grandes e poderosos, os Escribas e Phariseus: os que admiraram e louvaram, todos foram do povo. Os que admiraram, do povo: *Admiratæ sunt turbæ*, os que louvaram, ou a que louvou, do povo: *Extollens vocem quædam mulier de turba.*

Oh quanto se enganou no que esperou, ou presumiu de nós S. João Baptista! Não estranheis a palavra. Os Prophetas eram prophetas e prégadores juntamente: como prophetas diziam o que havia de ser; como prégadores diziam o que era bom que fosse: e no successo d'isto se podiam enganar. Assim se en-

[1] *Rom.*, VIII, 29.
[2] *Math.*, XIII, 55.

ganou comnosco o Baptista. Cuidou que tanto que os homens vissem a Deus feito pequeno, não havia de haver quem quizesse ser grande, e que haviam de contender a quem havia de ser menor que todos, assim como hoje contendem a qual ha de ser maior: *Omnis vallis implebitur: et omnis mons et collis humiliabitur.* [1] Tanto que Deus apparecer no mundo, tão pequeno como um cordeiro, como eu o hei de mostrar com o dedo, os montes, e oiteiros se hão de abater, e derrubar por si mesmos, e encher os valles, e não ha de haver altos e baixos na terra, tudo ha de ser egual. E que montes e oiteiros são estes? Os montes são os da primeira nobreza, e do primeiro poder; os oiteiros são os da segunda. E posto que na christandade temos exemplos de alguns, que voluntariamente se abateram, os demais estão tão fóra disso e os mesmos valles tambem, que os valles aspiram a ser oiteiros, os oiteiros a ser montes, os montes a ser Olympos, e exceder as nuvens. Mas nem por isso estão mais perto do céu, senão muito mais longe. O Baptista disse: *Omnis mons et collis:* fallando de todos: e por isso se enganou nas suas esperanças.

VI

A terceira e ultima questão que excitou S. Domingos, foi perguntar e mandar aos demonios, que dissessem publicamente, se tudo o que elle prégava da devoção do Rosario era verdade: e qual era no céu o santo a quem elles mais temessem, e a quem os homens mais se deviam encommendar, glorificar, amar e honrar. Ouvindo esta pergunta todos os quinze mil demonios, levantaram taes clamores, e fizeram taes alaridos, que muitos dos circumstantes assombrados cahiram por terra de pavor e espanto. Mas não foi esta só a demonstração da sua grande repugnancia e sentimento. Lançam-se aos pés do Santo, e rogam-lhe que se contente de que lhe descubram aquellas coisas á parte, e só a elle em segredo, mas de nenhum modo em publico, e em presença de tanta multidão de gente.

[1] *Luc.*, III, 5.

Venceu porém esta grande resistencia a oração de S. Domingos, e por imperio da mesma Mãe de Deus foram constrangidos os demonios a responder e confessar a verdade publicamente, e em altas vozes, que fossem ouvidas de todos.

Primeiramente raivando, e mordendo muitas vezes a lingua do endemoninhado disseram, que a maior e mais poderosa inimiga, que tinham no céu, era Maria a Mãe de Deus, que de lá os lançara. Ella é (dizem) a que como luz desfaz as trevas de nossos enganos: ella a que converte em nada todas as nossas machinas e intentos: e se não fôra pela protecção, vigilancia e dominio, com que reprime nossa potencia, e desbarata nossas traças, já tiveramos destruido a christandade e enganado e pervertido a maior parte dos Estados da Igreja. Vale mais um suspiro, um aceno, e qualquer significação da sua vontade diante do throno de Deus, que as orações e petições de todas as gerarchias dos Anjos, e todos os Santos juntos. E como somos forçados muito a nosso pezar a vos descobrir este segredo, sabei, christãos, que nenhum dos que perseveram fielmente na devoção e serviço desta Senhora, se condemna; porque, ou antes da morte lhe alcança verdadeira contrição e arrependimento de seus peccados, ou ainda depois de mortos, e quando já os temos em nossas mãos, podendo mais a sua valia que o nosso direito, os livra por varios modos de irem ao inferno. Assim que, tudo o que vos prega e ensina Frei Domingos, é verdade; e pela experiencia que já temos, vos seja notorio a todos, que nenhum devoto do Rosario, que continuar e perseverar firmemente nesta devoção da Mãe de Deus, se condemnará.

Isto é o que disse a uma voz toda aquella multidão de demonios, os quaes, posto que sejam paes da mentira, e não mereçam credito; quando porém fallam mandados e obrigados por Deus (como neste caso) não dizem o que voluntaria e maliciosamente fingiriam, senão o que certa e verdadeiramente é, como instrumentos, posto que forçados, da verdade divina. Quanto mais, que tudo o que aqui affirmaram ou prégaram os demonios, é conforme a Sagrada Escriptura e doutrina dos Santos. Disseram que a maior inimiga que tinham, é a Virgem Maria: e esta verdade é parte da mesma sentença, que ouviram da bocca de Deus, quando por bocca da serpente enganaram os primeiros ho-

mens: *Inimicitias ponam inter te et mulierem:* [1] Porei inimizades entre ti e a mulher. Para a sentença ser mais rigorosa, e a execução della mais temida, parece que não havia de dizer, entre ti e a mulher; senão, entre ti e o homem. Porque não diz logo Deus, que porá as inimizades entre a serpente e o homem, senão entre a serpente e a mulher: *Inter te et mulierem?* Porque esta mulher era, e havia de ser, Maria; e Maria, a Mãe de Deus, é a maior e mais poderosa inimiga que teem e temem os demonios, como elles mesmo confessam. Se a mulher de que fallava, fôra outra, então diria Deus: porei as inimizades entre ti e o homem; porque os homens são os que matam as serpentes, e as mulheres fogem dellas. Mas esta mulher, mais que homem, era tão differente das outras, e havia de ser tão temida das serpentes e dos demonios como na segunda parte da sentença lhe notificou o mesmo Deus: *Tu insidiaberis calcaneo ejus. Ipsa conteret caput tuum.* [2] Será tão grande o medo que terás desta mulher, que jámais te atreverás contra ella de rosto a rosto. Isso quer dizer, *Insidiaberis calcaneo ejus.* A' traição e por cilada abrirás, quando muito, contra ella a bocca, como fazes pela dos hereges, mas nunca a poderás morder: tuas serão as traições, mas suas as victorias: tu machinarás na cabeça astuta como serpente; mas ella te metterá a cabeça debaixo dos pés: *Ipsa conteret caput tuum.* Vêde se fallaram verdade, e verdade canonica, os demonios?

Disseram mais, que basta qualquer significação da vontade de Maria, para que Deus faça promptamente quanto ella quer. Não fôra Deus seu Filho, se assim o não fizera. Por isso a pôz como Rainha do céu, da terra, e do inferno á sua mão direita: *Astitit Regina á dextris tuis.* [3] Entrou em palacio Bersabé, mãe d'El-rei Salomão, e diz o Texto sagrado, que descendo-se o rei do seu throno, a sahiu a receber com grande reverencia, e lhe mandou pôr outro throno á mão direita, em que se assentasse: *Surrexit rex in occursum ejus, adoravitque eam: positusque est thronus ma-*

1 *Gen.*, III, 15.
2 *Ibid.*
3 *Psalm.* XLIV, 10.

tri Regis, quæ sedit ad dexteram ejus. [1] Toda esta, nem mais, nem menos, é a historia da Mãe de Deus no magestoso recebimento, com que entrou no céu, e no throno e supremo logar que lá tem á mão direita de seu Filho. E como Bersabé dissesse a Salomão, que tinha uma petição que lhe fazer; que responderia o sapientissimo rei? *Pete, mater mea: neque enim fas est, ut avertam faciem tuam.* [2] Pedi, mãe minha; porque não é licito, que eu vos negue coisa alguma, que me pedirdes. Não é licito, disse o rei mais sabio, e maior jurisconsulto do mundo; porque negar um filho a sua mãe o que lhe pedisse seria contra a lei natural, da qual não estão isentas as maiores magestades. E depois que Deus teve Mãe, tem tambem logar esta regra em Deus? Tambem, diz S. Gregorio Nicomediense, fallando com a mesma Senhora: *Tuam enim gloriam Creator existimans esse propriam, et tanquam Filius ea exultans, quasi solvens debitum implet petitiones.* [3] Não se isenta a suprema soberania do Creador de pagar este tributo de obsequio a sua Mãe, antes se preza e gloría tanto de fazer quanto lhe pede como Filho, que não despacha as suas petições como graça, senão como divida: *Quasi solvens debitum implet petitiones.* Alta e verdadeiramente dito: quando Deus despacha as petições dos outros Santos, é graça, porque faz o que póde, porque quer: quando despacha as de sua Mãe, é justiça, porque faz o que não póde deixar de querer, porque paga o que deve. E d'aqui infere o mesmo Santo, que os rogos de Maria para com Deus, são imperios, as petições são decretos, as execuções obediencias: *Nihil tuæ resistit potentiæ, nihil repugnat tuis viribus, omnia cedunt tuo jussui, omnia tuo obediunt imperio, omnia tuæ potestati serviunt.* Isto é o que dizem os Santos, e isto o que confessaram os demonios.

Só uma coisa das que disseram, parece difficultosa: e é, affirmarem com tanta asseveração, que nenhum devoto da Virgem Maria, se persevera na sua devoção, se condemna. Se nos quereriam os demonios enganar com esta grande confiança? E' certo e certissimo, se-

---

1 *3.º Livr. dos Reis*, II, 19.
2 *Ibid.*, 20.
3 Greg. Nicomed, Orat de oblat. Virg. Deiparæ.

gundo o insaciavel desejo que teem de nossa perdição, que assim o fariam, se podessem; mas como fallavam obrigados e constrangidos por Deus, disseram muito a seu pezar, o que não poderam negar. Oiçamos, purificado pela bocca dos Santos, o mesmo que as venenosas dos demonios vomitaram forçadas. Santo Anselmo, tão devoto da Senhora, como allumiado do céu, diz esta sentença notavel, mas recebida, e approvada de todos os Theologos: *Sicut, ó Beatissima Virgo, omnis à te aversus, et despectus, necesse est, ut intereat: ita omnis ad te conversus, et à te respectus, impossibile est, ut pereat.* Quer dizer: Assim como todo aquelle que se aparta de vós, ó Beatissima Virgem, e por isso se faz indigno de vossa protecção e amparo, necessariamente se condemna; assim todo aquelle que se converte a vós, e se faz digno de que ponhaes nelle os olhos de vossa misericordia e piedade, impossivel é que se perca. O mesmo dizem fallando pelos mesmos termos de salvação e condemnação, entre os Padres Gregos, S. Germano, S. Efrem, S. Epiphanio; e entre os Latinos, S. Pedro Damião, S. Boaventura, S. Bernardo, o qual declara o modo destes dois impossiveis, com uma, não só comparação, mas figura da mesma Senhora, tão elegante, como evidente: *Arca Noë significavit excellentiam Mariæ. Illam Noë, ut diluvium evaderet, fabricavit: istam Christus, ut humanum genus redimeret, præparavit. Per illam octo tantum animæ salvantur: per istam omnes ad æternam vitam vocantur.* [1] Na Arca de Noé foi significada a excellencia de Maria (diz S. Bernardo). Aquella fabricada por Noé, esta por Christo: aquella para se salvarem então os poucos que conservaram a vida temporal; esta para se salvarem depois todos os que alcançaram a vida eterna. Notae agora a propriedade da similhança, que não póde ser maior, nem mais adequada. No diluvio de Noé todos os que estiveram dentro na Arca se salvaram, e todos os que ficaram fóra, se perderam: e com tal necessidade de se salvar, ou perder no meio de dois impossiveis, que nem os de fóra podiam deixar de se perder, nem os de dentro podiam deixar de se salvar; porque para que uns não podessem entrar, nem outros sahir, tinha Deus por si

[1] D. Bern. in Psalm. *Qui habitat.*

mesmo fechado a Arca. Do mesmo modo nesta tempestade universal da vida e do mundo, em que todos fluctuamos e tantos naufragam. Os que estão dentro na Arca, isto é, debaixo da protecção de Maria, todos se salvam: os que estão fóra della todos se perdem: e uma ou outra coisa tão infallivelmente, debaixo desta supposição (a qual depende de nós) que os que se perdem: *Necesse est, ut intereat;* e os que se salvam, impossivel é que se não salvem: *Impossibile est, ut pereat.*

Mas quaes e quantos foram os que se salvaram na Arca? Bemdita seja, e infinitamente bemdita a misericordia de Deus, e de sua Mãe! *Homines, et jumenta salvabis, Domine. Quemadmodum multiplicasti misericordiam tuam.* [1] Os que se salvaram na Arca, ou eram homens racionaes, como Noé e sua familia, em que são significados os justos, que vivem conforme a razão e obedecem e servem a Deus; ou eram os animaes brutos de todas as especies, uns feros, outros venenosos, outros de rapina, em que são significados os peccadores em todo o genero de vicios, que vivem sem freio de razão, levados só do impeto dos appetites. E todos estes se salvaram na Arca, porque debaixo da protecção de Maria (se foram tão venturosos, ou tão diligentes, que a souberam procurar) não só os justos senão tambem os peccadores, por mais e maiores peccadores que sejam, todos se salvam. Isto é o que confessaram e prégaram os demonios. E se accrescentaram confirmando a doutrina de S. Domingos, que entre todos os devotos da Senhora, os que rezam o seu Rosario, são os que gosam esta soberana prerogativa com especial assistencia do céu, e respeito á mesma devoção: na mesma Arca, e no mesmo diluvio temos conta por conta as do Rosario. O diluvio, diz o Texto sagrado, que durou cento e cincoenta dias: *Obtinuerunt aquæ terram centum quinquaginta diebus:* [2] e a Arca, diz o mesmo Texto, que nadou por cima dos mais altos montes quinze covados: *Quindecim cubitis altior fuit aqua super montes, quos operuerat: porrò arca ferebatur super aquas.* [3] De sorte, que a providencia da

---

1 *Psalm.* 35, VII, 8.
2 *Gen.*, VII, 24.
3 *Ibid.*, XX, 18.

salvação, e os numeros do Rosario se ajustaram de tal fórma, que o diluvio durou cento e cincoenta dias; e as aguas cresceram sobre os montes quinze covados, para que a Arca não tocasse em algum delles, e se perdesse, e todos os que iam nella se salvassem. E deste modo pereceram todos, e só os que estavam na Arca se salvaram: *Cuncta, in quibus sp raculum vitæ est in terra, mortua sunt. Remansit autem solus Noe, et qui cum eo erant in arca.* [1]

VII

Depois que os demonios fallaram, e satisfizeram a todas as perguntas, e prégaram aquelles tres grandes desenganos a todo o concurso dos ouvintes, que no principio eram mais de dois mil, e sempre foi crescendo; chega-se S. Domingos ao herege endemoninhado, manda-lhe imperialmente que o siga em virtude do Santo Rosario. Parece-me que estou vendo, não fabulosa, mas verdadeiramente, a historia de Hercules, quando tirou por força do inferno, e trouxe apoz si o cão Cerbero de tres cabeças. O Hercules dos catholicos, era Domingos: o cão Cerbero, o herege, propriamente trifauce, que por tres boccas, e com tres linguas, todas blasphemas, ladrava contra o Santo, contra a Santissima Virgem, e contra a devoção do Rosario: e assim como se diz de Hercules, *Cerberum traxit triplici catena;* assim levava o Santo prezo apoz si aquelle cão infernal, e a cadèa era o Rosario, que são tres cadèas em uma, ou uma cadea de tres ramaes: *Triplici catena.* Posto o endemoninhado no meio do auditorio, diz o Santo e pede a todos, que para que Deus livre aquelle miseravel homem da multidão de demonios, que o atormentavam, se ponham todos de joelhos, e em alta voz rezem o Rosario. Oh prodigio! Oh caso inaudito! Oh maravilha propria, não só da Omnipotencia, mas da Sabedoria divina, com que tudo dispõe, e executa efficaz e ordenadamente! Tanto que se rezou a primeira Ave-Maria, em figura de carvões accezos sahiram da bocca do endemoninhado cem demonios.

---

[1] *Gen.*, VII, 22 e 23.

Rezou-se a segunda, e sahiram outros cento, outros cento á terceira, outros cento á quarta; e sahindo desta maneira cento a cento a cada Ave-Maria, no ponto em que se acabaram de rezar as cento e cincoenta Ave-Marias das quinze decadas, ficou totalmente livre o homem dos quinze mil demonios, e não só livre no corpo, senão na alma, já desenganado, já convertido, já allumiado e reconhecido de seus erros, já devoto, e devotissimo (como todos os que se acharam presentes ao milagre) da purissima e poderosissima Mãe de Deus, e do seu Rosario. Oh bemditissimo Filho de Maria, quanto honrastes, e honraes a vossa Santissima Mãe, e com quantos excessos de gloria quizestes se cumprisse nesta acção a verdade daquella vossa grande promessa: *Maiora faciet?* Vós detiveste-vos, e gastastes tempo em lançar um só demonio: *Erat Jesus ejiciens dæmonium:* e o nome de vossa Mãe, no mesmo momento em que se pronunciava, lançava cem demonios; dez vezes pronunciado, mil; cento e cincoenta vezes pronunciado, quinze mil. E se o Rosario se pronunciára no inferno, ainda que sejam tantos milhares os demonios que o habitam, cedo ficaria despovoado.

VIII

Tenho dito o que basta para a admiração. E que posso dizer de novo para a doutrina? A primeira coisa que digo, é o que tantas vezes dizia e prégava S. Paulo. Como os demonios são espiritos invisiveis, e não os vemos, parece que não acabamos de persuadir que ha demonios, e que perpetuamente andamos cercados delles, sendo assim que porque são invisiveis, por isso mesmo os devemos temer muito mais. Se um soldado tivesse arte de se fazer invisivel, entrar, sahir, e obrar o que quizesse, sem ser visto; este se devera temer mais que os grandes exercitos: e os demonios pelo contrario não são um só contra muitos homens, senão muitos contra cada um, e todos invisiveis. Isto é o que sobre tudo ponderava S. Paulo: *Quoniam non est nobis colluctatio adversus carnem et sanguinem; sed adversus principes et potestates, adversus mundi rectores tenebrarum harum, contra spiritualia nequi-*

tiæ, in cœlestibus. [1] Tres coisas nota o Apostolo nestas palavras, todas muito para temer. A primeira, que luctamos, com quem não tem corpo, e por isso com partido muito desegual; porque elles teem por onde nos pegar, e nós não: *Non est nobis colluctatio adversus carnem et sanguinem.* A segunda, que nós pelejamos ás escuras, e elles com luz, porque elles veem-nos a nós, e veem-nas por fóra e por dentro, e nós não os vemos a elles: *Adversus mundi rectores tenebrarum harum.* A terceira, que nós temos os pés na terra, e elles não teem pés, senão azas velocissimas, com que voam pelo ar, o qual occupam desde a terra até o céu: *Contra spiritualia nequitiæ, in cœlestibus.* E se perguntarmos a razão, porque aquella parte dos demonios, que não estão prezos e aferrolhados no inferno, e permittiu Deus, que ficassem cá em cima para nos tentarem, o sitio que occupam é todo o elemento do ar, quanto se estende desde a terra até o céu? A razão é, diz S. Bernardo, porque deste modo nos quizeram cercar e sitiar totalmente, assim da parte d'onde só nos podem vir e entrar os soccorros, que é o céu; como da parte d'onde nós os podemos procurar com nossas orações, que é a terra: *In aere esse delectantur, ut dona Dei ad nos descendere, vel nostras orationes ad Deum ferri impediant.* [2]

Que faremos nós logo, estando assim sitiados de tantos e tão poderosos inimigos? Defender-nos só, é pouco. O que devemos fazer, é fortificar-nos, e armar-nos de tal sorte, que não só os demonios desesperem a victoria, mas que nos temam, e fujam de nós: e isto só o podemos conseguir, pondo-nos á sombra da torre de David, de que pendem milhares de escudos, que é a Virgem Maria, e só dentro do recinto do seu Rosario. *Quasi platanus exaltata sum juxta aquam in plateis:* [3] diz a mesma Senhora fallando de si. Compara-se ao platano alto, fresco, copado e sombrio, não plantado só para amenidade e delicia dentro dos jardins, senão fóra e no meio das estradas, ou ruas largas: *In plateis.* Esta distincção das ruas largas ás estreitas, é da Alma santa, quando buscava o Esposo: *Per vicos, et plateas*

---

[1] *Ephes.*, VI, 12.
[2] D. Bernard.
[3] *Eccl.*, XXIV, 18.

quæram illum: [1] e a significação de umas e outras, é do mesmo Esposo Christo: *Arcta via est, quæ ducit ad vitam: lata, quæ ducit ad perditionem.* [2] As ruas largas, são aquellas por onde os máus caminham ao inferno; e as estreitas, por onde os bons vão ao céu. E porque as ruas e estradas largas são os logares onde os demonios principalmente nos tentam, onde nos fazem a maior guerra, e por onde nos levam á perdição; esse é o motivo, e o mysterio porque a Virgem Maria assiste, e se levanta como platano nas mesmas estradas, para alli nos defender dos demonios, e os pôr em fugida. Pois como platano para nos defender, e como platano para pôr em fugida os demonios? Sim. Que essas coisas são as virtudes, e propriedades do platano: *Platanus quod habet folia, tot habet scuta.* [3] O platano, diz Hugo, tantos escudos tem, quantas folhas; porque esta é a fórma, que a natureza deu ás folhas do platano, podendo-se dizer daquella arvore, ou castello verde, o que se diz da Torre de David: *Mille clypei pendent ex ea:* [4] e por isso figura da Virgem Santissima, em quanto nos defende dos demonios. E em quanto os faz fugir, tambem platano; porque, como diz Pierio: *Platani folia arcent vesperlitiones:* [5] as mesmas folhas do platano teem virtude de afugentar os morcegos, filhos das trevas e inimigos da luz, e por isso feios e funestos, symbolos dos mesmos demonios. Dos quaes affirma por experiencia S. Bernardino, que com tal extremo temem a Rainha dos Anjos, e fogem de sua presença, que a nenhum logar onde esta Senhora assista, se atrevem elles a chegar, nem de muito longe: *Dæmones ne de magno spatio audent illi appropinquare.* [6]

A prova da Escriptura nos dará o principe dos mesmos demonios, e só a elle a poderá inventar, quanto é encarecida. Christo, Senhor nosso, até á edade de trinta annos assistiu sempre com sua Santissima Mãe, obedecendo-a e servindo-a, e depois da morte de S. José

---

1 *Cant.*, III, 2.
2 *Math.*, VII, 13 e 14
3 Hugo Cardin.
4 *Cant.*, IV, 4.
5 Pierius.
6 D. Bernard.

sustentando-a, como bom Filho, com o trabalho de suas mãos e suor de seu rosto. Houve em fim de sahir o Divino Sol a allumiar o mundo, e para começar pelo primeiro e mais necessario documento, ensinando-nos com seu exemplo a vencer o demonio e suas tentações, diz o Texto sagrado, que se retirou a um deserto para alli ser tentado: *Ductus est Jesus in desertum, ut tentaretur á diabolo.* [1] Parece que nem da parte de Christo para o exemplo, nem da parte do demonio para a tentação, se havia ella de guardar para tão tarde. A edade mais sujeita, e ainda inclinada ás tentações, e a menos forte e mais bisonha para as resistencias, é muito antes dos trinta annos. Pois porque não tentou o demonio a Christo, nem Christo o buscou, ou desafiou para ser tentado nos primeiros ou ultimos verdores da adolescencia, edade que nos outros homens é a mais ardente, a menos desenganada, e a mais apparelhada e prompta para ser vencida? Respondem douta e devotamente graves Auctores, que naquella edade, e em todos os annos seguintes até aos trinta, assistia sempre o Senhor e morava com sua Santissima Mãe, e debaixo da sua sujeição e obediencia, como consta dos Evangelistas, e por isso o demonio em todo este tempo não teve ousadia para o tentar, nem esperança de o vencer; porque onde assiste, ou é assistida Maria, não só não se atrevem a chegar os demonios, mas fogem d'ahi muito longe: *De longo spatio non audent appropinquare.* De muito longe, digo com S. Bernardino, e o provo do mesmo Texto. Se o demonio se não atreveu a accommetter a Christo, em quanto estava em casa de sua Mãe; porque o não accommetteu fóra della na cidade de Nazareth, ou em outra visinha, nem Christo o buscou para ser tentado, senão no deserto de além do Jordão em tantas leguas de distancia? Porque conhecia o Senhor o grande medo que os demonios teem ao Sagrado fortissimo de Maria e quanto fogem, não só á presença, senão a qualquer visinhança daquella Soberana Magestade, para elles tremenda. Prevendo pois que assim como o demonio em tantos annos se não atreveu a o tentar em sua casa; tambem agora não teria ousadia para o accommetter ainda em logar apartado e distante, se

[1] *Math.*, IV, 1.

não fosse muito longe della, por isso se retirou áquelle deserto, onde desacompanhado de sua Mãe, e muito longe de sua presença, désse animo e confiança ao demonio de o accommetter, e lá podesse ser tentado como queria: *Ductus et in desertum, ut tentaretur à diabolo.*

Ainda não está ponderado o maior encarecimento do caso. Tenta finalmente o demonio a Christo, e as palavras por onde começou a primeira e segunda tentação, foram: *Si Filius Dei es:* [1] Se és Filho de Deus. Não só do jejum de quarenta dias (porque tambem Moysés e Elias tinham jejuado outros quarenta), mas de todas as outras circumstancias sobrehumanas, que Christo tinha obrado no deserto, julgou o demonio, que aquelle homem era mais que homem, e não podia ser menos que o Filho de Deus promettido nas Escripturas. A este principio attribuem muitos a noticia que o demonio teve da divindade de Christo; mas o certo e infallivel fundamento, foi a voz do Eterno Padre, quando disse sobre o Jordão: *Hic est Filius meus dilectus:* [2] que o demonio muito bem ouviu. Pois se o demonio tenta a Christo, uma, duas e tres vezes, quando o reconhece Filho de Deus; como se não atreve a o tentar nem uma só vez debaixo da sujeição de sua Mãe, e em sua casa, quando só o considerava homem? Esta mesma pergunta ou admiração, é o maior encarecimento, que se póde dizer, nem imaginar, de quanto o demonio respeita, foge e teme, não só a Pessoa e presença daquella Mulher, a que foi sentenciado que lhe pizaria a cabeça, mas a assistencia sómente, e protecção dos que vivem á sombra da mesma Senhora, e ella tem debaixo de sua sujeição e amparo. De sorte que o mesmo Christo considerado só como homem, não se atreve o demonio a o tentar, porque o vê acompanhado e assistido de Maria; e depois que o reconhece por Filho de Deus, porque o vê só e desacompanhado della, não teme de o accommetter, nem receia de o tentar uma, e muitas vezes: como se fôra mais formidavel ao demonio a companhia e assistencia só daquella prodigiosa mulher, que a união e presença da mesma Divindade! Basta, demonio, que ao

[1] *Math.*, IV, 3.
[2] *Ibid.*, III, 17.

Filho de Deus, conhecido por tal, esperas tu e presumes vencer; e ao Filho de Maria, suppondo só que é homem, em quanto está com ella, não te atreves tentar? Mas permittiu Deus, que tu o entendesses assim, para que nós entendamos, que debaixo da sua protecção e amparo, nunca tu, nem todo o inferno nos poderá offender. Infinitas são as coisas que se poderam dizer, e altissimos os pensamentos que sobre este grande parallelo se poderam levantar; mas para mim sem nenhuma outra consideração basta só a simples verdade e certeza do succedido. E qual é? E' certo que em quanto Christo esteve com sua Mãe, não o tentou o demonio, e é certo que depois que se apartou della, logo o tentou.

IX

O que pois devemos fazer para nos defender do demonio, e suas tentações, ou para que elle, e ellas fujam de nós e nos temam; é, como dizia, recolhermonos á sombra da Torre de David, a Virgem Senhora nossa, e dentro do recinto do seu Rosario: porque assim fortificados, nenhum demonio haverá nas tres gerarchias do inferno, nem todos juntos, que, se chegarem a nos tentar, nos possam vencer. Disse nas tres gerarchias, porque esta é a fórma em que se repartem, como em tres terços, todos os demonios, e dividem entre si o dia natural, para que em nenhuma hora delle cesse a bateria com que nos combatem. Os primeiros chamam-se demonios matutinos, e a estes pertencem as horas da madrugada e da manhã: os segundos chamam-se meridianos, e a estes pertencem as horas do meio dia e de todo elle: os terceiros chamam-se demonios vespertinos, e a estes pertencem as horas da tarde e o resto da noite. Vêde agora a singular energia e propriedade, com que a estes tres terços do inferno contrapôz a Senhora os tres terços do seu Rosario, dividindo na mesma fórma o dia, e respondendo horas a horas. Aos demonios vespertinos respondem os mysterios da Encarnação, que foi obrada na ultima hora da tarde. Aos demonios meridianos respondem os mysterios da Paixão, que foi obrada nas horas do meio dia: e aos demonios matutinos respon-

dem os mysterios da Resurreição, que foi obrada na primeira hora da manhã. E para que nos não falte a prova da Escriptura com as mesmas tres differenças de demonios no mesmo dia, oiçamos o Parafraste Chaldéu sobre aquelles palavras dos Canticos: *Donec aspiret dies, et inclinentur umbræ.* [1]

Omni tempore, quo populus domus Israel tenebat manibus suis artem Patrum suorum, fugiebant nocentes spiritus tenebricosiores, et vespertini, et matutini dæmones de medio eorum. Quer dizer: Em todo o tempo em que o povo fiel da casa de Israël trazia nas mãos a arte de seus paes, fugiam delle todos os maus espiritos. E que maus espiritos eram estes? *Tenebricosiores, et vespertini et matutini dæmones.* Eram os demonios vespertinos, os demonios matutinos, e os demonios meridianos. E para que ninguem duvide qual era o poder de que temiam, e a virtude que os fazia fugir, continúa assim o mesmo Parafraste: *Eò quod majestas Domini residebat in domo sanctuarii, quæ ædificata est in monte Moriah, et omnes dæmones, et nocentes spiritus fugiebant ab odore incensi aromatum.* E a razão, diz, era porque a Arca do Testamento residia na casa do santuario, edificada no monte Moria, e todos os maus espiritos e demonios fugiam do cheiro do incenso aromatico, que se offerecia e queimava diante della. Todos sabem que a Arca do Testamento significa a Virgem, Senhora nossa, e tambem sabem que o incenso significa a oração, e os aromas de que era composto, os mysterios que a acompanham: logo toda aquella representação no Templo antigo, que tambem significava a Igreja, era uma figura prophetica, ou uma prophecia em figuras, de que a mesma Senhora por meio da devoção, e orações do seu Rosario, havia de atemorisar, dissipar e pôr em fugida os demonios, para que se não atrevam a tentar a seus devotos, ou quando os tentem, os não possam vencer. Aos quaes devotos só digo e aconselho, que repartindo o dia na mesma fórma em que os demonios o teem repartido, e applicando os mysterios ás mesmas horas em que foram obrados, os da Encarnação os meditem á noite, os da Paixão ao meio dia, e os da Resurreição pela manhã. Assim o fazia com o mesmo espirito, e

[1] *Cant.*, IV, 6.

nas mesmas horas David: *Vesperè, et manè et meridi enarrabo, et annuntiabo, et exaudiet vocem meam:* [1] Eu orarei, e Deus me ouvirá, á tarde, pela manhã, e ao meio dia: *Vesperè*, contra os demonios vespertinos: *Manè*, contra os matutinos: *Et meridie*, contra os demonios meredianos.

Repartindo nesta fórma o Rosario, não só triumpharemos dos mesmos demonios, mas confundiremos os baldões e blasphemias, com que elles calumniam a Deus, lançando-lhe em rosto o fazer-se homem, pela má paga que lhe dão os homens. Este é o sentido daquelle verso tão encarecido e repetido do Propheta: *Quod exprobraverunt inimici tui, Domine, quod exprobraverunt commutationem Christi tui:* [2] Como se disseram os demonios (discorre S. Cypriano): Porque nós, ó Deus, não approvamos o decreto de vos fazerdes homem, nos lançastes no inferno; mas agora mostra bem a experiencia, quanto mais acertado foi o nosso parecer. E senão, olhae para as commutações do vosso Christo, e vêde o que elle deu, e o que recebe; o que fez, e como lhe pagam. E para que esta differença seja mais manifesta, comparae os poucos que o servem a elle, e os muitos que nos servem a nós, dizem os demonios. Elle padeceu pobrezas, injurias, affrontas, bofetadas, açoites. e a mesma morte pelos homens; nós nenhuma coisa padecemos por elles: elle fez-lhes infinitos beneficios; nós fazemos-lhes todo o mal, que podemos: elle promette-lhes logo, e de contado o céu para a alma, e para depois da resurreição tambem lhes assegura a gloria do corpo; nós assim para a alma. como para o corpo, o que lhes promettemos e aseguramos, é o fogo e tormentos eternos: e comtudo a sua doutrina é desprezada, e a nossa abraçada e seguida: elle querido, mas não amado; nós não amados, mas obedecidos: elle servido de poucos, e como forçados; nós livre, e voluntariamente de quasi todos: elle emfim tão mal pago, e tão desegualmente correspondido, que o seu amôr se paga com desamôr, as suas finezas com offensas, os seus beneficios com ingratidões; e nós triumphando e zombando de quanto fez pelos homens, os quaes antes querem o inferno comnosco, que o céu

---

[1] *Psalm.* LIV, 18.
[2] *Psalm.* LXXXVIII, 52.

com elle. Isto é o que dizem os demonios. E conclue S. Cypriano o seu discurso, perguntando-nos a nós os christãos, que é o que respondemos a isto? *Quid ad hæc respondebimus, fratres charissimi?*

Não ha duvida, que muitos são obrigados a confessar, que posto que os demonios no que arguem contra Deus, mentem impia e blasphemamente; no que dizem de nossas ingratidões e da má paga que damos ao amôr, aos beneficios, ao sangue e morte de Christo, fallam muita verdade com grande confusão da fé, e affronta do nome christão. Desta porém nos desaffrontam gloriosamente, e os dementem com infinitos euges todos os devotos do Rosario, em todo o mundo; porque tudo o que meditam em seus mysterios, e tudo o que repetem em suas orações, são reconhecimentos, louvores e graças pelo que o Filho de Deus feito homem nos amou em sua Encarnação, pelo que padeceu por nós em sua Paixão, e pelo que nos promette e assegura em sua Resurreição; pagando-lhe desta maneira nossos entendimentos, nossos corações e nossas linguas, não o que devem, mas comtudo o que podem. Confundam-se pois e emmudeçam as calumnias e blasphemias do demonio. E assim como a oradora do Evangelho pelo demonio mudo que fallou, levantou a voz; assim nós pelos demonios, que tão insolentemente fallam, emmudecidos, ajuntemos as nossas vozes com a sua, e digamos ao Filho de Deus, em perpetuo louvor seu, e da bemditissima Mãe de quem nasceu homem: *Beatus venter, qui te portavit.*

SERMÃO DECIMO-SETIMO

Extollens vocem quædam mulier de turba, dixit illi: Beatus venter, qui te portavit. [1]

I

Como não ha communidade tão boa, em que se não ache algum mau, de que foi o maior escandalo Judas; assim não ha communidade tão má, em que se não ache algum bom, de que é o melhor exemplo esta boa mulher que do meio da turba levantou a voz em louvor de Christo: *Extollens vocem quædam mulier de turba.* [2] A mulher louvou o Filho pela Mãe, e a Mãe pelo Filho: porém a turba nem louvou o Filho, nem louvou a Mãe. Assim se dividiram em partes contrarias, a mulher e a turba: e assim havia de ser, para que o louvor ficasse inteiro. Antes digo, que tanto louvou a turba em não louvar, como a mulher louvando: porque se a turba tambem louvára, ficava o louvor desauctorisado e suspeitoso. Os louvores da turba não só são turbados, mas turbulentos, que tal é o seu juizo. Quereis saber, diz Seneca, o que é, não só peor, mas pessimo neste mundo? Vêde o que segue, e ouvi o que diz a turba, e d'ahi fazei argumento: *Argumentum pessimi turba est.* Esta é a razão, porque levantando a voz a mulher discreta, não houve uma só lingua, que a seguisse. Ou foi, porque reprovaram o que dizia, ou porque temeram de o approvar. Se porque o reprovaram, foi erro; se porque temeram, covardia; e tudo isso é ser turba, multidão sem juizo e sem valor.

---

[1] *Luc.*, XI.
[2] *Ibid.*

Mas que tem isto com o meu Rosario? Muito. Porque o Rosario, ou se póde rezar com a turba, isto é, juntamente com muitos; ou se póde rezar como a mulher, isto é, cada um comsigo, e por si só. No caso do Evangelho ninguem houve naquelle confuso ajuntamento, que seguisse o exemplo e voz da devota oradora, que publicamente a levantou sobre todos em louvor de Christo, e sua Mãe: porém hoje em todas as quatro partes do mundo vemos tão refutado aquelle erro, tão condemnada aquella covardia, e tão emendada aquella impiedade, que em toda a monarchia de Portugal e suas Conquistas, apenas ha parochia, convento, ou qulquer outro menor logar dedicado ao culto divino, em que todos os dias, em publicas e altas vozes, se não cantem os louvores do mesmo Filho e da mesma Mãe, na devoção do Rosario. Assim succederam áquella turba indevota e impia, tantas outras turbas ou ajuntamentos christãos, devotos e pios; e áquelle silencio e murmuração infernal, tantos outros córos celestiaes e divinos em que juntamente com a propagação universal da Fé se repete no mesmo Rosario a confissão dos principaes mysterios della, não encontrados já, e discordes entre si, a mulher e a turba, senão concordes na mesma devoção as turbas com a mulher, e a mulher com as turbas.

Comtudo, porque a devoção bem entendida, e bem intencionada, não só deve pôr os olhos exteriores na gloria de Deus, senão os interiores na sua maior gloria; eu sobre as palavras, *Mulier quædam de turba*, determino hoje distinguir e apartar, não a turba e a mulher, senão o *quædam* e a *turba*. Porei de uma parte o *quædam*, que é uma pessoa rezando só, e da outra o *turba*, que são muitos rezando juntos; e nesta differença (que parecendo só do modo, pertence muito á substancia da oração) disputarei em problema por uma e outra parte, se é mais util a nossas almas, e mais agradavel á Senhora do Rosario, rezal-o cada um retiradamente comsigo, ou publicamente com muitos? A resolução será a que Deus e a mesma Senhora nos inspirarem com sua graça.

Ave Maria.

II

Mulier quædam de turba.

A mesma questão que eu propuz para disputar hoje, altercou já antigamente em presença do imperador Constantino o grande Doutor da Igreja Santo Athanasio: *Quid rectius putas particulatim, et dissociatim populum sinaxes facere, an potius ut in locum unum conveniat, et unam, eamdemque sine dissonantia vocem reddat?* [1] E que resolveu Athanasio? Resolveu que a oração de muitos juntamente é a que mais convém aos homens, e a que mais agrada a Deus: e assim o affirma, não como conclusão mais provavel, senão totalmente certa: *Certè ad rectius est.* Antes delle tinha seguido esta mesma sentença Tertulliano, e antes de Tertulliano Santo Ignacio Martyr, e pelo mesmo tempo de Athanasio S. João Chrysostomo, Santo Ambrosio, e depois destes muitos outros Santos Doutores, e entre todos o grande Lume da Igreja Santo Thomaz, o qual não duvidou dizer que a oração de muitos é impossivel que não alcance de Deus tudo o que se póde impetrar: *Multorum preces impossibile est, quod non impetrent illud quod est impetrabile.*

Passando dos Doutores ás Escripturas Sagradas, e fazendo a comparação expressamente de um a muitos; S. Paulo na Epistola aos Philippenses se encommenda nas suas orações, e diz, que sabe de certo que por ellas lhe concederá Deus tudo o que mais conveniente fôr á sua saude, assim temporal como espiritual: *Scio quia hoc mihi proveniet ad salutem, per vestram orationem.* [2] E na Epistola segunda aos Corinthios lhes dá as graças, e pede que elles as dêem a Deus pelos grandes perigos de que o tem livrado por suas orações; accrescentando que por ellas o livrará tambem de outros muitos que ainda o aguardam: *Qui de tantis periculis nos eripuit, et eruit: in quem speramus, quoniam et adhuc eripiet, adjuvantibus et vobis in oratione pro nobis.* [3] E na Epistola aos Romanos

---

1 Athanas. in Apologet. ad Constant.
2 *Philip.*, I, 16.
3 *2.ª ad Cor.*, I, 10 e 11.

os roga instantissimamente, e protesta que por amôr de Jesus Christo e pela caridade do Espirito Santo o ajudem diante de Deus com suas orações: *Obsecro vos, fratres, per Dominum nostrum Jesum Christum, et per charitatem Sancti Spiritu, ut adjuvetis me in orationibus vestris pro me ad Deum.* [1] Estes tres Textos tão notaveis, quando não houvera outros na Escriptura Sagrada, bastavam, não só para fé e credito, mas para um singularissimo encarecimento, de quanto valem diante do acatamento divino, e quanto importam, não só a quaesquer homens, senão ainda aos maiores Santos, e ás mais altas e firmes columnas da Igreja, as orações de muitos; pois o mesmo vaso da eleição, o mesmo Apostolo do terceiro céu, e o mesmo Paulo, por amôr do qual desceu o Filho de Deus segunda vez do céu á terra, não se fiando só das suas orações, as pede tão repetidamente a tantos, e a elles confessa dever quanto tem alcançado e espera alcançar de Deus. Isto só bastava, como digo, para encarecimento de quanto podem com Deus as orações de muitos: mas ainda no mesmo Apostolo temos outro encarecimento.

Pediu S. Paulo a Deus que o livrasse de certas molestias do demonio, que ainda não está averiguado quaes fossem, e não só pediu, mas rogou, que é mais, nem só uma vez, senão muitas: *Propter quod ter Dominum rogavi:* [2] e comtudo nem as suas petições, nem os seus rogos, nem as suas instancias alcançaram de Deus o que pretendia. Pois se Paulo não alcançou de Deus por suas orações o que pede, porque espera de o alcançar pelas orações dos Romanos, dos Corinthios e dos Philippenses, que eram uns homens seus discipulos, que elle pouco antes tinha convertido á fé? E se Paulo se fundava na experiencia das mercês que tinha alcançado por meio das suas orações, como elle mesmo confessa e lhe agradece, aqui se reforça muito mais a duvida. E' possivel que ouve Deus aos discipulos, e não ouve ao Mestre? Defere ás orações dos que hontem eram gentios, e não defere ás orações do Doutor dos gentios? Sim. E porque? Porque esses mesmos discipulos quando oravam em Roma, em Philippos e em Corin-

[1] *Rom.*, XV, 30.
[2] *2.ª ad Cor.*, XII, 8.

tho, oravam muitos juntos; e Paulo quando fazia aquella sua oração, orava só. E é tanto mais poderosa diante de Deus a oração de muitos, que a oração de um só, que ainda que a oração do que ora só seja de um S. Paulo, e a oração dos que oram juntos seja dos que hontem eram gentios e hoje começam a ser christãos, a oração destes alcançará o que pede, porque são muitos, e a oração de Paulo não, porque é um só. O mesmo S. Paulo o declarou assim aos Corinthios, accrescentando ao Texto, que já referi, que elle era uma só pessoa, mas elles muitas: *Ut ex multorum personis, ejus quæ in nobis est donationis, per multos gratiæ agantur pro nobis.* [1]

E porque esta razão de differença não pareça difficultosa, vejamol-a em outro amôr e merecimento, que só póde competir com o de S. Paulo. Na manhã da Resurreição, quando a Magdalena, debaixo dos disfarces em que lhe tinha apparecido, reconheceu o seu Divino Mestre, quiz-se lançar aos pés, onde tambem ella tinha resuscitado, e o Senhor lhe impediu este affecto, posto que tão devido, dizendo: *Noli me tangere, nondum enim ascendi ad Patrem meum:* [2] não me toques, porque ainda não subi a meu Padre. As exposições que deram a estas palavras os Santos Padres e Interpretes, são quasi tantas como os mesmos Auctores: mas todas ellas padecem uma manifesta instancia; porque dalli a poucas horas, vindo a mesma Magdalena juntamente com as outras Marias, o mesmo Senhor lhes consentiu que se lançassem a seus sagrados pés, e os abraçassem apertadamente: *Illæ autem accesserunt, et tenuerunt pedes ejus.* [3] Pois se agora permitte Christo, e concede á Magdalena e ás outras Marias que se lancem a seus pés, e lh'os abracem; porque prohibiu tão severamente á mesma Magdalena, que lh'os tocasse: *Noli me tangere?* A razão que o Senhor lhe tinha dado desta prohibição, *Nondum enim ascendi ad Patrem meum*, ainda era e subsistia a mesma; porque Christo nem tinha subido, nem havia de subir ao Padre senão d'alli a quarenta dias. Pois se á Magdalena se negou este favor, e por

---

1 *2.ª ad Cor.*, I, 11.
2 *Joan.*, XX, 17.
3 *Math.*, XXVIII, 9.

esta causa, por que razão agora subsistindo a mesma causa se concede o mesmo favor a ella, e ás demais tão facil e tão liberalmente? Porque agora as devotas mulheres eram muitas, e d'antes a Magdalena, ainda que devotissima, era uma só. A Magdalena quando só, nem era menos amante, nem menos amada de Christo (como tambem S. Paulo); mas para o mesmo Christo conceder o que delle se espera, não importa tanto o amar ou merecer muito, quanto o serem muitos os que o procuram. Por isso a mesma razão que bastou para se negar o favor a uma, depois que junta com as demais foram muitas, nem bastou, nem foi razão, nem o Senhor se valeu della. E isto que á Magalena succedeu com os seus affectos, é o mesmo que S. Paulo experimentou e confessou das suas orações.

Mas o caso que agora ponderarei é sobre todos admiravel, e não em outrem, senão no mesmo Christo. Quando este Senhor se retirou ao Horto para orar a seu eterno Padre, encommendou muito aos tres mais amados Discipulos, que daquella pouca distancia em que se apartava delles, o acompanhassem: *Sustinete hic, et vigilate mecum.* [1] E porque quiz e ordenou Christo, que indo orar ao Padre o assistissem e acompanhassem estes Discipulos? Sem duvida, porque quiz o Senhor confirmar com o exemplo o que tinha ensinado com a doutrina, quando nos prometteu, que se dois ou tres se unissem a pedir a Deus alguma coisa, seu Padre lh'a concederia infallivelmente. De maneira que até o mesmo Filho de Deus, para impetrar de seu Pae o que pedia, não quiz que fosse a sua oração só sua, senão acompanhada de outras. Com esta prevenção começou o Senhor a orar: *Pater mi, si possibile est, transeat a me calix iste:* [2] Se é possivel, Pae meu, passe de mim este calix. E porque disse, se é possivel? Agora nos devemos lembrar do que referimos de Santo Thomaz, que é impossivel não impetrar de Deus a oração de muitos tudo o que é possivel. E como a oração de Christo naquelle caso era sua, e mais dos Discipulos, a quem encommendou o acompanhassem nella, por isso allegou a condição do possivel: *Si possibile est;* porque sendo a sua oração de

[1] *Math.*, XXVI, 38.
[2] *Ibid.*, 39.

muitos, não lhe podia o Padre negar tudo o que fosse possivel: *Multorum preces impossibile est, quod non impetrent illud, quod est impetrabile.*

Até aqui bem fundadas esperanças tinha o Senhor de impetrar o que pedia. Porém como experimentasse, que orando uma, duas, e tres vezes, o Pae não deferia á sua petição, quantas vezes orou, e não foi ouvido, outras tantas se levantou da oração, e veiu vêr se o acompanhavam e assistiam nella os Discipulos, como lhe tinha encarregado. E porque? Porque inferiu o mesmo Senhor, segundo a verdade da sua promessa, que supposto não deferir o Pae á sua oração, era signal que o não acompanhavam nella os que tinha escolhido por companheiros. E assim foi, porque sempre os achou, não orando, senão dormindo: *Invenit eos dormientes.* [1] Reparae agora em duas grandes considerações, uma da parte de Christo, e a outra da parte do Padre. Da parte de Christo, que achando os Discipulos dormindo, os exhortou a que vigiassem e orassem com elle: *Sic non potuistis una hora vigilare mecum? Vigilate et orate.* Da parte do Padre, que não obstante estas recommendações, e serem os Discipulos os que mais obrigados eram e mais amavam a seu Mestre, permittisse comtudo que todos dormissem e não orassem. Porque razão pois faz Christo tantas diligencias para que vigiem e orem os que tinha escolhido por companheiros de sua oração; e porque razão o Padre pelo contrario lhes infunde um tal lethargo: *Erant enim oculi eorum gravati:* para que não vigiem nem orem? Assim Christo, como o Padre, ambos obravam direitamente ao fim cada um de seus intentos. Christo obrou como quem desejava e pedia, e o Padre como quem tinha decretado de não conceder. Christo, como quem desejava e pedia, procurava que os Discipulos orassem juntamente com elle, tendo por certo que se a sua oração fosse de muitos, não podia o Padre negar o que se pedisse: e pelo contrario, o Padre como quem tinha decretado de não conceder, impedia que elles orassem; porque sendo a oração, não de muitos, senão de um só, ainda que fosse seu proprio Filho, lhe ficava livre o negar, como com effeito negou.

[1] *Math.*, XXVI, 43.

Parecia-me a mim que este era o maior encarecimento de quanto póde com Deus a oração de muitos; mas ainda em certo modo nos resta por vêr outro maior. Tendo Deus concedido tantas licenças ao demonio contra Job, disse ao mesmo Job, que já não havia de conceder ao demonio coisa alguma que lhe pedisse, por mais bem compostas e efficazes que fossem as palavras com que lh'o propuzesse: *Non parcam ei, et verbis potentibus, et ad deprecandum compositis.* [1] Passemos agora ao Evangelho, e acharemos que pedindo os demonios a Christo duas coisas, ambas lhes concedeu. Lançando-os do corpo de um endemoninhado, rogaram-lhe que os não mandasse para o inferno: *Rogabant illum, ne imperaret illis, ut in abyssum irent:* [2] e o Senhor lhes concedeu que ficassem embora neste mundo. Rogaram-lhe mais que lhes permittisse entrar em grande multidão de animaes immundos que pastavam por aquelles campos: *Et rogabant eum, ut permitteret eis' in illos ingredi:* [3] e tambem lh'o concedeu: *Et permisit illis.* [4] Pois se Deus tinha promettido a Job, que não havia de conceder ao demonio coisa alguma que lhe pedisse, como agora fazendo-lhe duas petições, lhe concede ambas? Leamos bem todo o Texto, e acharemos a razão da differença. Perguntou Christo ao demonio, que atormentava este endemoninhado, como se chamava? E elle respondeu: *Legio mihi nomen est, qu'a multi sumus:* [5] chamo-me Legião, porque não sou um só demonio, mas somos muitos. E como estes demonios eram muitos, e o de Job era um só, por isso ao de Job prometteu o mesmo Senhor, que lhe não havia de conceder coisa alguma que lhe pedisse, e a estes concedeu o que pediam. Tanto podem com Deus os rogos de muitos, que ainda aos mesmos demonios não nega Christo o que lhe pedem. *Dæmones ipsi, cum Dominum obsecrant, sua petitione fraudati non sunt,* disse excellentemente Santo Antiocho. E se lermos attentamente a consequencia de ambos os Textos, assim de S. Marcos, como

---

1 *Job.*, XLI, 3.
2 *Luc.*, VIII, 3.
3 *Ibid.*, 32.
4 *Ibid.*
5 *Marc.*, V, 9.

de S. Lucas, acharemos que a confiança que os demonios tiveram para esperar que o Senhor lhes havia de conceder o que pediam, foi fundada em serem muitos. S. Marcos: *Legio mihi nomen est, quia multi sumus.* [1] *Et deprecabatur eum.* S. Lucas: [2] *Intraverant dæmonia multa in eum. Et rogabant illum.* E se até aos demonios, quando são muitos os que o rogam, lhes concede Deus suas petições, como as não concederá aos devotos do Rosario, que juntos e com tanto exemplo e piedade o rezam nas nossas Igrejas?

III

Mas antes que deixemos esta primeira parte do nosso problema, e a demos por bastantemente provada, vamos ás razões della. Qual é a razão ou razões, por que tem tanto valor e poder com Deus a oração de muitos? Muitas e varias são as que deram os Santos Padres, e todas por suas e por si mesmas dignas de se não passarem em silencio. S. João Chrysostomo funda esta differença na mesma qualidade natural da voz e das vozes. Ainda que as vozes sejam egualmente intensas, se a voz é uma só, ouve-se pouco, se são muitas, ouvem-se muito: e por isso ainda naturalmente ouve Deus mais as vozes e as orações de muitos, que a voz de um só: *Longe magis eam orationem, quæ ex ore multorum valere consentaneum est: plus enim nervorum in ea est, et audientia maior.* [3] Desta razão, que parece vulgar, passa o mesmo Santo a outra muito mais alta e encarecida, e diz assim: *Reveretur Deus multitudinem unanimem, et consentientem in precando: ut veluti pudore victus, non audeat illis negare.* Sabeis porque póde tanto com Deus a oração de muitos? E' porque á multidão dos que oram se deve tão grande respeito, que até a mesma Magestade Divina a reverenceia: *Reveretur Deus multitudinem unanimem, et consentientem in precando.* E é tal a força desta reverencia em Deus, que por isso não ousa nem se atreve a negar coisa alguma, quando são mui-

[1] *Marc.*, IX, 10.
[2] *Luc.*, 8, 30.
[3] Chrysost. Hom. 3.ª de incomprehensibile Dei natura.

tos os que lh'a pedem: tanto assim (notae, ou não noteis a palavra) tanto assim, que quando Deus o não fizera por vontade, o faria por vergonha: *Ut veluti pudore victus, non audeat illis negare.*

Santo Athanasio, nas palavras que já citámos, *Particulatim, et Dissociatim*, diz que a razão é porque a oração que cada um faz em particular, vae desacompanhada, e a que faz juntamente com muitos, leva comsigo o acompanhamento de todos. Cá nas côrtes da terra, se o requerente é só, e vae só, acha grandes difficuldades em ser admittido; mas se vae com grande acompanhamento, todas as entradas tem muito francas. E quasi este mesmo é o estylo do céu Se a oração vae acompanhada de muitos, sempre tem as portas abertas, mas se vae só e desacompanhada, não acha a entrada tão facil. A isto alludia cortezãmente David, quando dizia a Deus uma vez: *Intret in conspectu tuo oratio mea:* e outra vez; *Intret postulatio mea in conspectu tuo.* [1] Como se dissera: A oração, Senhor, que vos faço, é só minha: *Oratio mea:* e a petição tambem só minha: *Postulatio mea:* e como seja de um só, e não de muitos, o favor particular que espero de vossa piedade e grandeza é que, sem embargo de ir só e desacompanhada, se lhe não negue a entrada a vosso conspecto: *Intret oratio mea. Intret postulatio mea in conspectu tuo.* E isto é o que chama Santo Athanasio, *Particulatim, et Dissociatim.*

Tertulliano á Africena vae por outro rumo. Responde aos gentios, que estranhavam aos christãos ora-rem juntos nas suas congregações, e diz assim pomposamente: *Coîmus in cœtum, et congregationem, ut Deum quasi manu facta precationibus ambiamus orantes. Hæc vis Deo grata est.* [2] Concorremos os christãos, e congregamo-nos a orar todos juntos, como de mão armada, e deste modo sitiamos e pomos de cêrco a Deus com nossas orações: para que apertado de todas as partes, não tenha, nem lhe fique logar de resistir a ellas, e como obrigado por força, nos conceda quanto lhe pedimos. E sabei que esta mesma que parece força e violencia, é muito acceita e agradavel ao nosso Deus: *Hæc vis Deo grata est.*

Santo Thomaz, como tão singular no engenho e na

---

[1] *Psalm.* LXXXVII, 3, e *Psalm.* CXVIII, 170.
[2] Tertull. de Oratione Dominica et in Apol.

doutrina, dá outra razão tambem singular: *Multi enim minimi, dum congregantur, fiunt magni.* Póde tanto com Deus a oração de muitos, porque ainda que cada um dos que oram por si mesmo, e por si só, seja pequeno, quando se ajunta com os demais, faz-se grande. Se não déra esta razão um tão grande theologo e philosopho, como Santo Thomaz, não me admirára tanto, quanto parece difficultosa de se entender. A união de muitos juntamente congregados faz numero e multidão, mas não faz grandeza. Como diz logo o Doutor Angelico, que juntos em oração os pequenos, ainda que sejam minimos, se fazem grandes? Para se fazerem grandes os pequenos, é necessario que cresçam: e como podem crescer, só porque elles se ajuntam aos demais, ou os demais a elles? Entendo que entendeu Santo Thomaz, que crescem *per juxta positionem.* Os homens, os brutos, as arvores crescem, porque teem vida vegetativa: as pedras não teem vida vegetativa, e tambem crescem: mas como? Dizem os philosophos, que *per justa positionem*, convertendo cada uma em si, e accrescentando a si o que tem junto de si. E isto mesmo é o que faz a união reciproca dos que oram, quando oram muitos juntos: *Multi enim minimi, dum congregantur, fiunt magni.*

Em um facho composto de muitas canas, quando arde, se vê o mesmo, porque cada uma arde com o seu fogo e com o das outras. E esta é a razão que dá S. Vicente Ferrer, [2] para ser mais forte e mais poderosa a oração de muitos, e levantar ao céu e a Deus mais fervorosa e maior labareda: *Ideo congregamur, ut inflammemur, et oratio ascendat ad Deum.* Finalmente a grande misericordia de Deus é uma multidão de misericordias: *Secundum magnam misericordiam tuam: et secundum multitudinem miserationum tuarum:* [2] e para a multidão das misericordias se render ás nossas orações, necessario é que tambem as orações sejam da multidão. Quanto mais que do mesmo Deus diz Isaias: *Quoniam multus est ad ignoscendum.* [3] E se Deus para perdoar e fazer mercês é muitos, ou muito, *Quoniam multus est*, bem se deixa vêr que só

---

1 S. Vicente Ferrer. Serm. in 5.ª Dom. post Trinit.
2 *Psalm.* L, 2.
3 *Isai.*, LV, 7.

os muitos podem ter proporção com o muito, e quanto valerão para com elle as orações e deprecações de muitos.

De tudo isto colhe por conclusão S. Chrysostomo; que concorrerem os fieis á Igreja para alli orarem juntos, como se faz no Rosario, não só é o melhor e mais conveniente modo de orar, senão que o contrario é grande erro: *O' frigidam excusationem, quam à pluribus reddi audio! Orare domi possumus. Te, homo, decipis, et magno in errore versaris.* Escusam-se muitos (diz o Santo) de vir orar á Igreja, dizendo que tambem podem orar em sua casa, e esta escusa é muita fria e muito errada, com que o homem se engana a si mesmo. E porque? *Nam et si domi quoque detur orandi facultas, tamen fieri non potest, ut domi tam bene ores, quàm in ecclesia, ubi clamor felici societate excitatus ad Deum defertur:* porque ainda que cada um possa orar em sua casa, é certo que nem orará tão bem, nem com tanto merecimento e fructo; porque lhe falta a feliz companhia de muitos juntos, com que as vozes da oração de todos se excitam mais altamente, e sobem mais promptamente a Deus. E isto basta quanto á primeira parte da nossa questão.

IV

Entrando na segunda, seja o primeiro fundamento della o conselho do Doutor de todos os doutores, e do Mestre de todos os mestres, Christo, Senhor e Deus nosso: *Tu autem cum oraveris, intra in cubiculum tuum, et clauso ostio, ora Patrem tuum, in abscondito:* [1] Tu quando quizeres orar, entra no aposento mais retirado de tua casa, e com a porta cerrada ora em secreto a teu Padre. *Tu cum oraveris.* Tu, diz, e não vós: porque o que ora, ha de ser um só, e não muitos: *Intra in cubiculum tuum:* entra no aposento mais retirado; porque ainda que seja na propria casa, não ha de ser em logar publico: *Et clauso ostio:* e com a porta cerrada, para não vêr, nem ser visto de quem o divirta. Finalmente, *Ora Patrem tuum in abscondito:* ora a Deus em segredo: porque elle ouve mais os corações que as vozes.

---

[1] *Math.*, VI, 5.

Isto é o que Christo nos ensinou de palavra, e parece que o não podia ensinar por obra, porque desde o dia em que entrou neste mundo, não teve casa, e muito menos apartamento retirado nella onde se recolher a orar. Comtudo são, não só muitos, mas continuos os exemplos que o mesmo Senhor nos deixou deste retiro e desta soledade, orando sempre retirado e sempre só. Os retiros de quem não tem casa são os desertos. Não professava Christo vida eremitica; mas comtudo se nas cidades vivia, nos desertos orava: nas cidades tratava com os homens, nos desertos com Deus. Depois de obrar em Cafarnaüm infinitos milagres, para que não bastou o dia, senão parte da noite: *Egressus*, diz S. Marcos, *abiit in desertum locum, ibique orabat.* [1] Depois de dar de comer com cinco pães aos cinco mil que o seguiam: *Dimissa turba*, diz S. Matheus, *ascendit in montem solus orare:* [2] Antes de perguntar aos Discipulos qual fosse a opinião que delle tinham os homens: *Et factum est*, diz S. Lucas, *cum solus esset orans.* [3] E antes da Transfiguração, diz o mesmo Evangelista: *Ascendit in montem, ut oraret.* [4] Em summa, que quando não era alguma oração breve, em caso publico e forçoso, sempre Christo orava só, e sempre em logar secreto e retirado.

Mas isto mesmo, mais interiormente considerado, não carece de difficuldade. Porque assim o retiro do logar, como a soledade da Pessoa, ainda em quanto homem, parece que encontra muito as soberanas perfeições de Christo. Quando Moysés orava no monte, Josuë pelejava na campanha: quando Maria contemplava aos pés de Christo, Martha ministrava o que era necessario para a meza: e porque? Porque segundo a limitação da natureza humana, as acções da vida activa encontram muito as attenções da contemplativa, e porque no mesmo sugeito e no mesmo tempo mui difficultosamente se compadecem e concordam estas duas obras, ou estes dois cuidados juntos; por isso a oração e as armas se dividem entre Josuë e Moysés, e a

---

[1] *Marc.*, I, 35.
[2] *Math.*, XIV, 23.
[3] *Luc.*, IX, 18.
[4] *Ibid.*, 28.

contemplação e acção entre Martha e Maria. Porém em Christo não era assim. Tanto podia contemplar no meio dos maiores concursos de Jérusalem, como no retiro dos montes, e na soledade dos desertos. E não só podia, mas com effeito assim obrava. Dos nossos Anjos da guarda diz o mesmo Christo, que *Semper vident faciem Patris.* [1] Pois se os Anjos sempre estão vendo e contemplando a Deus, e no mesmo tempo assistindo a todas as acções dos homens; quanto mais a alma de Christo, a qual posto que era da mesma especie que as nossas, nos dotes e perfeições excedia com superioridade quasi infinita as de todos os Espiritos angelicos. Quando prégava, quando obrava os milagres, e quando padecia os trabalhos e os tormentos, sempre e no mesmo tempo contemplava o Senhor, e orava juntamente, sem que as acções exteriores impedissem a oração, nem a oração as acções exteriores. Mas se isto era assim; porque se retirava aos montes e aos desertos, e não só deixava, mas fugia da companhia dos homens para orar só: *Fugit..... in montem ipse solus?* [2] Porque ainda que o seu retiro não era necessario á sua oração, a sua oração e o seu retiro era necessario ao nosso exemplo. Obrava assim, para nos ensinar a obrar assim. Orava, para que orassemos, e retirava-se, para que nos retiremos: e orava retirado e só, para que entendamos que o orar só, e não juntamente com muitos, é o mais agradavel a Deus e o mais conveniente aos homens.

Nem cuide alguem, que por ser um só o que ora, por isso serão menos poderosas com Deus as suas orações. Se as orações de muitos, por serem muitos, cercam e apertam a Deus, e quasi o obrigam por força a que conceda quanto lhe pedem, como dizia Tertulliano: *Ut Deum quasi manu facta precationibus ambiamus orantes:* vêde quanto mais apertam e mais fortemente prendem ao mesmo Deus as orações de um só. Voltando Jacob para a patria com tão numerosa familia, que se dividia em duas grandes tropas: *Cum duabus turmis:* [3] diz o Texto sagrado, que mandou passar diante todos os que levava comsigo, e elle se deixou ficar só no deserto: *Traductis omnibus, quæ*

[1] *Math.*, XVIII, 10.
[2] *Joan.*, VI, 15.
[3] *Genes.*, XXXII, 10.

ad se pertinebant, mansit solus. [1] Dá a razão Oleastro, e diz com a sentença de todos os Padres, que foi para trafar só por só com Deus, e orar sem impedimento: *Quia oratio requirit locum secretum, et qui orat, debet requirere secretiora loca, ubi nemo eum possit impedire.* Este foi o fim, porque Jacob se deixou ficar só, que é tudo o que atégora temos dito. Mas qual foi o effeito? Qual nunca jámais viu, nem se podia imaginar: *Et ecce vir luctabatur cum eo.* [2] No mesmo ponto, diz o Texto, appareceu Deus alli em fórma humana, e começou a luctar com Jacob. Pois porque Jacob se retira de toda a sua familia, e se deixa ficar em um deserto para orar sem impedimento, e tratar só por só com Deus: Deus como se fôra provocado a desafio, em vez de lhe lançar os braços por agradecimento da fineza, se põe a luctar com elle? Sim: e por isso mesmo. Porque a oração é uma batalha de abraços, em que o homem por uma parte se abraça com Deus, e por outra lucta com elle para o render, a que lhe conceda quanto deseja e pede. E neste caso foi Deus o auctor da lucta, sendo elle o que lhe deu o principio: para mostrar quanto póde com a Magestade Divina a oração de um homem, quando se retira de todos e de tudo, para orar sem estorvo, e tratar só por só com Deus.

Mas que foi o que fez Jacob, e o que pôde nesta lucta? Agora se segue o que nem imaginar se podia. Pôde tanto, que arcando Deus com elle, elle tambem arcou com Deus: *Luctabatur eum eo:* pôde tanto, que o não pôde Deus derrubar, nem cançar, nem enfraquecer em uma noite inteira: *Usque manè:* [3] pôde tanto, que obrigou ao mesmo Deus a que, desenganado de o não poder render, lhe pedisse partido: *Dimitte me:* [4] pôde tanto, que elle Jacob como superior na batalha foi o que pôz a Deus as condições da tregua: *Non dimittam te, nisi benedixeris mihi:* [5] pôde tanto, que effectivamente conseguiu de Deus, e logo e no mesmo logar, quanto delle pretendeu: *Et benedixit*

---

[1] *Gen.*, XXXII, 23.
[2] *Genes.*, XXXII, 24.
[3] *Ibid.*
[4] *Ibid.*, 26.
[5] *Ibid.*

ei in eodem loco. [1] Finalmente, póde tanto, que com victoria, e triumpho nunca imaginado, o mesmo Deus se confessou por vencido, e a Jacob por invencivel: *Si contra Deum fortis fuisti, quanto magis, contra homines prævalebis?* [2] Que dirão agora os que tanto encarecem a oração de muitos juntos? Tudo isto, que não poderiam conseguir todos os homens do mundo, póde um homem só, e só, porque soube orar só e retirado dos homens; *Traductis omnibus quæ ad se pertinebant, mansit solus.*

E quanto a serem melhor ouvidas as vozes de muitos, a que S. Chrysostomo chamou *audientia maior;* a mesma palavra audiencia nos abre as portas á evidente razão e differença, porque a oração de um só é melhor ouvida de Deus. Os principes dão dois generos de audiencia, uma geral e publica, outra particular e secreta. A geral e publica pertence á magestade, e á justiça; a particular e secreta é propria da familiaridade e do favor: a geral e publica é para todos; a particular e secreta é só para os privados e validos, que gosam os privilegios da graça, e são participantes dos arcanos do principe. E tal é a grata e interior audiencia, em que Deus ouve e se communica aos que na oração secreta e retirada tratam só por só com elle. Que valido ha que não possa mais com o rei em uma hora do gabinete, que todos os vassallos da monarchia, ainda juntos em côrtes? José só podia mais com Pharaõ, que todos os conselheiros e ministros do Egypto: Daniel só podia mais com Dario, que todos os satrapas dos Persas e Médos: Amanso, e depois Mardocheu só, podiam mais com Assuero, que todas as cento e dezesete provincias, de que era monarcha. E não é menor o poder e valia que tem com a Magestade Divina todo aquelle que a portas cerradas trata só por só com Deus, não no gabinete do mesmo Deus, senão no proprio: *Intra in cubiculum tuum et ora.*

Vêde, vêde, se communicou Deus jámais a alguma communidade e congresso de muitos os secretos de sua Providencia, e as revelações de seus decretos, como os fiou sempre de um só, e de um só, excluidos os muitos. Com muitos estava Daniel, e nota elle,

---

[1] *Gen.*, XXXII, 29.
[2] *Ibid.*, 28.

que depois que os muitos foram excluidos, e elle deixado só, então lhe communicou Deus a famosa revelação das Hebdomadas, e de quanto no preciso termo dellas havia de succeder: *Ego autem relictus solus vidi visionem grandem hanc.* [1] Tambem S. Paulo caminhava para Damasco acompanhado de muitos, quando Christo lhe appareceu a elle só, e a elle só lhe disse o que delle pretendia, em modo que nenhum dos companheiros ouviu a voz, nem viu quem fosse o que fallava: *Et qui mecum erant, lumen quidem viderunt, vocem autem non audierunt ejus, qui loquebatur mecum.* [2] Assim Abrahão, estando só, viu no valle de Mambré os tres Anjos, que representavam a Trindade. Assim Jacob, estando só, viu no caminho de Mesopotamia, a escada que chegava da terra ao céu. Assim Moysés, estando só, viu no deserto de Madian a sarça, que ardia, e não se queimava. Assim S. Pedro, estando só, viu no terrado de Joppe o mappa de todas as feras que havia de matar e comer. E assim finalmente, S. João, estando só, viu no seu desterro, e ilha de Pathmos, os mysterios do Apocalypse, e nelles toda a historia do futuro até ao fim do mundo.

V

E se perguntarmos tambem nesta segunda parte do nosso problema a razão porque Deus sempre evita a frequencia e ajuntamento de muitos, e só se communica e manifesta aos que estão sós? A razão em que não ha opiniões, nem póde haver duvida, é porque Deus não se communica familiarmente, senão aos que perfeitamente oram, e a alma da perfeita oração é a attenção, a qual se não póde conservar entre muitos. A multidão por isso se chama turba, porque perturba, inquieta, diverte: e a attenção divertida, inquieta e perturbada, como póde ser capaz de Deus, nem de ouvir e receber seus secretos? S. Bernardino, fallando da oração vocal, divide a attenção em tres partes, ou em tres attenções: a primeira ás palavras, a se-

[1] *Daniel*, x, 8.
[2] *Act.*, xxii, 9.

gunda ao sentido, a terceira ao objecto: *Triplex est in oratione attentio procuranda: prima ad verbum, secunda ad sensum, tertia ad objectum.* Todas estas attenções requer a oração, e muito particular a nossa do Rosario. Attenção ás palavras, que na Ave Maria são angelicas, e no Padre Nosso divinas: attenção ao sentido dellas, para que o coração responda com os affectos ao que soa e pronuncía a lingua: attenção ao objecto, porque o objecto que se representa em cada decada, são os mysterios da Vida, Morte, e Resurreição do Filho de Deus, em que a attenção deve ser mais firme, mais applicada, e mais attenta. Por isso accrescenta o mesmo S. Bernardino: *Bona quidem est attentio prima; melior est secunda: tertia optima reputatur*, que a primeira attenção é boa, a segunda melhor, e a terceira em gráu superlativo optima. Se todas estas attenções concorrem e se ajuntam na nossa oração, então será ella perfeita e digna de que Deus, muito interior e muito familiarmente, se communique á alma: mas se faltar qualquer dellas, e muito mais se faltarem todas, nem será attenção, nem oração: senão que? Uma grave injuria que fazemos a Deus, com quem fallamos.

Ouvi a S. Bernardo: *Magnam injuriam Deo facio, cum illum precor, ut meam vocem audiat, quam ego, qui fundo, non audio: deprecor illum, ut mihi intendat, ego verò nec mihi, nec illi intendo.* Quando oro sem a devida attenção faço uma grande injuria a Deus: e porque? Porque lhe peço que me oiça a mim, quando eu mesmo me não oiço: e porque lhe rogo que attenda ao que digo, quando eu nem ao que digo, nem a mim, nem a elle attendo. Isto é orar, ou zombar de Deus? Não só é zombar, mas desprezal-o, diz S. Efrem: *Cum ad orandum te composueris, noli vaga, aut distracta mente esse, ne quando contemnens inveniaris.* Quando oraes, orae com a devida attenção, e não divertido e distrahido em outros pensamentos; porque não sejaes comprehendido no maior crime de lesa Magestade Divina, como desprezador do mesmo Deus: *Ne quando contemnens inveniaris.* Deus diz, que está com os que oram: *Ibi sum in medio eorum.* [1] Mas vêde como argue Eusebio Emisseno aos que orando por divertidos e

[1] *Math.*, 18, 20.

desattentos, nem estão com Deus, nem comsigo: *Quomodo erit Deus in medio tui, si tecum ipse non fueris? Si deest ille, qui poscit, quomodo aderit ille qui poscitur?* Como ha de estar Deus comvosco, se vós não estaes em vós? E se o que roga está ausente, como ha de estar presente o que é rogado? Tão contraria é do que pretende, e tanto desfaz o que faz, a desattenção de quem ora. E como a alma, que na oração devia estar toda recolhida e dentro em si, abertas as portas dos sentidos, sae fóra e se derrama e distrahe com outros cuidados: e a companhia dos homens e ajuntamento de muitos são outras tantas occasiões de divertimento e distracção, e o maior impedimento que tem a attenção dos que oram; por isso Christo os manda encerrar no retiro mais secreto de sua casa, e Elle, que a não tinha, não só ia orar aos montes e aos desertos, mas escolhia para a oração o silencio mais secreto das noites: *Erat pernoctans in oratione Dei:* [1] para que com a soledade do logar, e com a soledade da Pessoa nos ensinasse a orar sós.

Que dirão agora a isto os Santos e Doutores, que tanto nos encareciam a oração de muitos juntos? S. João Chrysostomo, que foi o primeiro e o ultimo, e o que mais empenhado mostrou sua eloquencia pelo acompanhamento da oração; [2] não retratando aquellas suas razões, mas obrigado das evidencias desta, nos aconselha que no tempo e no logar busquemos as commodidades da oração mais quieta: accrescentando que o ermo e a soledade é só o porto quieto e seguro de toda a perturbação: *Tam à loco, quàm à tempore tranquillitatem orandi quæramus. Tranquillitatis quippe mater eremus est, quietis portus, et omnis perturbationis expultrix.* E S. Jeronymo fallando de si mesmo na Epistola a Eustochio: *Sic ubi aspera montium, concava vallium, rupium prærupta cernebam, ibi meæ orationis locus.* Se em alguma parte via o aspero dos montes, o concavo dos valles, o talhado dos rochedos, alli me mettia, e alli era o logar da minha oração. De sorte que não só buscava Jeronymo os ermos, os desertos, as soledades, senão no ermo o mais occulto, no deserto o mais escondido, e na soledade o mais só.

---

[1] *Luc.*, VI, 12.
[2] Chrysost. Homil. 51. in Mat. 14.

Isto mesmo dizem S. Dionysio Areopagita, S. Basilio, Santo Agostinho, Santo Ambrosio, Béda, e todos os Padres, entre os quaes S. Gregorio Nazianzeno [1] com particular reparo entre as acções e orações de Christo pondéra, que para as acções buscava os homens, e para as orações se retirava delles: *Jesus ipse ut actiones multitudini, hominumque frequentiæ, ita preces quieti, locisque ab hominum commercio semotis fere tribuebat.*

Mas porque a auctoridade da Sagrada Escriptura, como divina, excede sem comparação a de todos os Santos e Doutores, vejamos o que nos diz e ensina o mesmo Texto sagrado ácerca desta soledade, assim de Deus para com os homens, como dos homens para com Deus, no trato e commercio da oração, sempre só por só. No Capitulo terceiro dos Canticos, declarando a soledade do logar, nota o retiro do deserto: *Quæ est ista, quæ ascendit per desertum, sicut virgula fumi... et thuris?* [2] No Capitulo dezoito da Sapiencia, declarando a soledade do tempo, nota o silencio da meia noite: *Cum quietum silentium contineret omnia, et nox in suo curso medium iter haberet, Omnipotens sermo tuus... a regalibus sedibus... prosilivit.* [3] No Capitulo terceiro dos Threnos, declarando a soledade da pessoa, nota a quietação elevada e elevação quieta do solitario: *Sedebit solitarius, et tacebit: quia levavit se super se.* [4] Só no logar, só no tempo, só na pessoa, e sempre só por só o homem com Deus. Finalmente, o mesmo Deus querendo-se communicar muito e interior e familiarmente com uma alma, diz que a retirará e apartará comsigo, e a levará a uma soledade para lá lhe fallar ao coração: *Ecce ego lactabo eam, et ducam eam in solitudinem: et loquar ad cor ejus.* [5] E sendo Moysés vice-Deus na terra, quando Pharaö lhe pediu que fizesse oração, para que cessasse a praga dos trovões e tempestade que destruia todo o Egypto, respondeu, que depois que sahisse da cidade, então oraria a Deus e cessaria aquelle castigo:

---

[1] Nazianzenus. Orat. ad Maxim.
[2] *Cant.*, III, 6.
[3] *Sap.*, XVIII, 14 e 15.
[4] *Thren.*, III, 28.
[5] *Osea.*, II, 14.

Cum egressus fuero de urbe, extendam palmas meas ad Dominum, et cessabunt tonitrua, et grando non erit. [1] E porque não orou Moysés logo e na cidade, senão depois que sahiu della? Porque sendo vice-Deus, como dizia, não teve confiança para esperar que o mesmo Deus, que lhe déra as suas vozes, ouviria a sua oração, senão quando orasse só. Tanto importa ainda aos mais valídos de Deus a soledade do logar e da pessoa, quando lhe hão de fazer oração!

De tudo o dito se colhe por ultima conclusão com S. Lourenço Justiniano, que a oração de um só é mais efficaz e mais segura que a oração de muitos juntos; porque se a frequencia e companhia de muitos lhe accrescenta o valor, a mesma companhia e frequencia lhe diminue a attenção: *Minus vanis cogitationibus stimulatur, qui orat, ubi non est hominum frequentia, quandiu namque animus permixtus est turbis, non vacat soli Deo.*

VI

Temos disputado o nosso problema por uma e outra parte. E como cada uma dellas se defende, e tem por si grandes Textos, muitos Doutores e efficazes razões, ambas são provaveis. O que agora resta, como no principio propuz, é fazer juizo de uma e outra, e resolver qual se deve seguir na reza do Rosario, como mais proveitosa a nossas almas, e mais a Deus e a sua Santissima Mãe. Não fallo nos casos de necessidade, porque então devemos orar em qualquer tempo, em qualquer logar, e em qualquer estado que nos acharmos. Moysés orou na campanha, Job orou no muladar, Ezechias orou na cama, S. Paulo orou no carcere, Daniel orou no lago dos leões, Jonas orou no ventre da balêa, o Bom Ladrão orou na cruz: e todos estes oraram, ou sós, ou entre muitos, conforme o caso o permittia. Havendo pois de orar, não por necessidade, senão por eleição, e havendo de ser a oração, não outra, senão a do Rosario, de que particularmente tratamos; sendo muito provavel o modo de orar só, e tambem muito provavel o modo de orar juntamente com muitos: o que se pergunta agora por ultima conclusão, é:

[1] *Exod.*, IX, 29.

Qual destas partes deve seguir o devoto do Rosario? Será melhor rezar em publico, e juntamente com muitos na Igreja, ou rezar só e retirado em sua casa? Respondo com distinção. Aos homens digo, que rezem, ou na Igreja, ou em sua casa, onde experimentarem maior devoção, e onde tiverem maior commodidade. A's mulheres porém absolutamente digo, que cada uma deve rezar em sua casa, e de nenhum modo fóra della: os homens sejam embora muitos, a mulher sempre uma só. E isto é o que diz o nosso Texto: *Mulier? Quædam.* A mulher uma. E onde houver turba, não com ella, mas separada della: *Mulier quædam de turba.*

O fundamento desta distinção não é de grande louvor para as mulheres, mas de grande conveniencia e decencia, sim. Porque? Porque muitas vezes quando a mulher sae a rezar o Rosario, ou, como se diz vulgarmente, o Terço, mais sae a sahir, que a rezar. Quando Deus creou o homem e a mulher, foi com grande differença, ainda nos termos com que o refere a Escriptura. Do homem diz que o formou Deus: da mulher que a edificou: *Ædificavit... costam... in mulierem.* Não quiz o Auctor da natureza que a mulher se contasse entre os bens moveis. O edificio não se move do logar onde o puzeram: e assim deve ser a mulher; tão amiga de estar em casa, como se a casa e a mulher foram a mesma coisa. Mas a sua inclinação correspondeu tão pouco aos mysterio ou documento com que fóra creada, que, como se viu edificio sem alicerces, o maior appetite da mulher é andar e sahir. Na mesma creação de Eva, e no mesmo momento em que foi creada, temos o exemplo. Formou Deus a Eva da costa de Adão, e depois de formada não diz o Texto sagrado que o Senhor lh'a mostrou, ou que lh'a entregou, senão que? Coisa verdadeiramente digna de grande admiração e reparo. Diz que a trouxe Deus a Adão: *Ædificavit... costam, quam tulerat de Adam, in mulierem: et adduxit eam ad Adam.* [1] Se a trouxe, signal é que estava n'outro logar, e não alli. Pois se alli tirou Deus a costa a Adão, e alli formou a Eva, porque não estava Eva alli, senão em outra parte, onde Deus a foi buscar e a trouxe? Porque a

[1] *Genes.*, II, 22.

primeira coisa que fez Eva, no mesmo instante em que teve ser, foi, não parar no mesmo logar um só momento, senão sahir e andar. Para não sahir d'alli tinha Eva as duas mais fortes razões que se podem imaginar: porque alli estava Deus, que acabava de a crear, e alli estava o esposo, de cujo lado fôra creada. Mas é tal a inclinação, e tão impaciente na mulher o appetite de sahir e andar, que por sahir e andar deixou a Deus. Oh quantas vezes por este mesmo appetite vemos deixado a Deus, e os esposos peor que deixados!

Mas ainda Eva depois de trazida não aquietou. Perdeu-se Eva a si, a seu marido, e a seus filhos e a todo o mundo, porque fallou com a serpente, e a ouviu: mas como podia Eva fallar com a serpente? Esta duvida excitou Ruperto Abbade, tão bem fundada, como subtilmente arguida. [1] Dentro da cêrca do Paraizo Terreal, que depois defendeu o Cherubim com a espada de fogo, não podiam entrar as serpentes; porque se as serpentes entrassem, tambem entrariam os lobos, os tigres, e todos os outros animaes, o que era contra a dignidade, limpeza e asseio do mesmo Paraizo plantado pelas mãos de Deus, como um céu na terra. Quanto mais que ao mesmo Adão tinha Deus mandado que o guardasse; e naquelle tempo não havia de quem o guardar, senão dos mesmos animaes, os quaes tambem não se póde dizer que furtivamente entrassem no Paraizo, porque eram obedientes ao homem. Pois se a serpente não entrou, nem podia entrar no Paraizo, como lhe fallou Eva, e onde? Excellentemente o mesmo Ruperto: *Libera nobis relinquitur facultas asserendi, quod non serpens in paradiso fuerit, sed mulier corpore, et oculis vaga, dum incontinenter deambulat, forte prospectans qualis extra paradisum mundus haberetur, locus datus est, et occasio, unde serpens tentaret.* Sabeis (diz Ruperto) porque teve occasião Eva de fallar com a serpente, e onde lhe fallou? Não foi dentro do Paraizo, senão fóra. Dentro não, porque a serpente não podia entrar lá: mas fóra da cêrca do Paraizo sim: porque a mulher tão vagabunda nos olhos, como nos passos, teve appetite de vêr o mundo cá por fóra, e este foi o logar em que se encontrou com a serpente, e a serpente a tentou e fez cahir:

[1] Rupert. lib. 3. in Genes. cap. 29.

Dum incontinenter deambulat, prospectans qualis extra paradisum mundus haberetur. Se Eva se contivera dentro do Paraizo que Deus lhe tinha dado por morada, e não quizera vêr mais mundo, ella se livrara dos encontros em que viu e ouviu o que lhe não convinha: mas porque quiz sahir e andar por fóra, por amôr do mundo que fóra melhor não vêr, não só perdeu o mesmo mundo, senão tambem o Paraizo, e a si e a nós. E isto é o que succede cada dia ás filhas de Eva:

VII

Não quero dizer com isto que quando sahem as que sahem, seja sempre com má tenção: mas é certo que muitas vezes começa com boa tenção o que acaba em tentação. Peregrinando Jacob com toda a sua familia, fez assento em um logar (que então se chamou Socoth, e depois Scythopolis) e alli, diz a Historia, que Dina, filha do mesmo Jacob, sahiu um dia de casa para vêr as mulheres daquella terra: *Egressa est autem Dina, ut videret mulieres regionis illius.* [1] Esta foi a tenção com que sahiu da casa de seu pae aquella donzella: e qual foi o successo? O successo foi que Sichem, principe da mesma terra, vendo a Dina, e agradando-se della, a tomou ou roubou por força; e Simeão e Leví, irmãos de Dina, vendo-se affrontados, tiveram traça com que matar por traição ao mesmo principe Sichem e a todos os Sichimitas: e se Deus com especial providencia não guardára a Jacob, tambem elle pereceria e acabaria alli com todos seus doze filhos, de que nasceram as doze Tribus de Israël. Pois se a tenção com que Dina sahiu da casa de seu pae, não foi mais que de vêr as mulheres daquella terra: *Egressa est, ut videret mulieres regionis illius:* [2] como veiu a parar esta honesta tenção em tamanhas desgraças, a que só por milagre do céu se não seguiram outras maiores? Porque uma mulher que sae a vêr mulheres, tambem sae a ser vista de homens. E se no vêr não ha perigo nem indecencia, no ser vista periga

[1] *Genes.*, XXXIV, 1.
[2] *Ibid.*

a honra, periga a pessoa, periga a familia, e periga talvez toda a republica, e não só uma, senão muitas, como neste caso. A tenção de Dina em querer sómente vêr mulheres, podia ser innocente, mas no risco e occasião de ser vista de homens, tambem foi culpada; porque, como gravemente disse Tertulliano: *Ejusdem libidinis est videre et videri.* Por isso S. Jeronymo, com o exemplo da mesma Dina, exhortava á Virgem Eustochio a nunca sahir de casa: *Cave, ne domum exeas, et velis videre mulieres regionis alienæ: Dina egressa corrumpitur.* Até o Poeta gentio, notando discretamente similhantes sahidas, disse que sahiam Penelopes e tornavam Helenas: *Penelope venit, abit Helene.* [1] E isto é o que succedeu á filha de Jacob, que sahiu Dina e tornou Indina.

Nem se evitam estes inconvenientes com irem sobre dourados com o nome de devoção; porque muitas vezes as que se chamam devoções, são verdadeiramente devassidões. As contas do Rosario tambem podem ter seus descontos, e as rosas suas espinhas: e assim succede, quando o rezar é sómente pretexto de sahir, de vêr e de fallar, e do que se não póde fallar nem vêr. Não fallo por bocca do vulgo malicioso e maldizente, porque o que digo não é murmuração, nem malicia, senão proverbio de Salomão expresso. Descreve elle uma mulher inquieta e vã, da qual diz primeiro que tudo, que é tão amiga de sahir, ou tão impaciente de não sahir, que não póde ter os pés dentro em casa: *Quietis impatiens, nec valens in domo consistere pedibus suis.* [2] Em fim sahiu de casa esta mulher, e que fez ou que disse? O que verdadeiramente era, posto que parecia outra coisa. Parecia devoção, e era (como dizia) devassidão. Encontrou-se com quem a trazia inquieta, e tão fóra de si, como de casa, e o que lhe disse, foram estas formaes palavras: *Victimas pro salute devovi, hodie reddidi vota mea. Idcirco egressa sum in occursum tuum, desiderans te videri.* [3] Fui hoje á Igreja a offerecer sacrificio, e dar cumprimento a um voto que tinha feito a Deus; e por isso sahi a me encontrar comvosco, tendo grandes saudades e desejos de vos vêr. Notae muito aquelle, *por isso*, *Idcirco.* De ma-

1 Martialis.
2 *Ibid.*, XIV, 15.
3 *Prov.*, VII, 11.

neira que o pretexto de sahir á Igreja era dar cumprimento ao voto; e o verdadeiro fim e intento era vêr a quem buscava. O voto era o pretexto de ir á Igreja: *Victimas pro salute devovi, hodie reddidi vota mea:* e o devoto, e o desejo de o vêr, era a verdadeira causa de sahir de casa: *Idcirco egressa sum in occursum tuum, desiderans te videre.*

Oh quantas vezes succede isso mesmo na nossa terra, sendo o Rosario o pretexto das hypocrisias, e o Terço o terceiro destes sacrilegios! E porque não pareça que fallo de longe, em que as conjecturas são incertas, quero fechar este discurso com o parecer e sentença de um grande Auctor, não de outra nação, senão portuguez, nem de outra profissão, senão dos prégadores do Rosario, nem de outro convento, senão do de Lisboa, nem de outra Igreja, senão da antiquissima e famosa de S. Domingos, onde o terço do Rosario se reza todos os dias com tão particulares concursos, e d'onde esta tão louvavel devoção se propagou por todo o reino e reinos de Portugal. O auctor é Frei Jeronymo de Azambuja, mais conhecido no mundo pelo nome de Oleastro, tão pio, como douto, e doutissimo commentador do Pentateucho. E para que se veja o fundamento da sua sentença, no Capitulo trinta e quatro do Exodo mandava Deus que tres vezes no anno fossem todos ao Templo (que naquelle tempo era um só) e apparecessem em sua presença. Mas nota a mesma Lei, que este preceito fallava só com as pessoas do genero masculino: *Tribus temporibus anni apparebit omne masculinum tuum in conspectu Omnipotentis Domini Dei Israel.* [1] Repara pois nesta limitação Oleastro, e dando a razão porque a Lei obrigava os do genero masculino, e não do feminino, os homens, e não as mulheres, diz assim: *Femininum genus docet non hinc inde discurrere etiam pietatis, et religionis prætextu. Amat hoc genus exire, amat hinc inde discurrere: sed quia à viris suis sæpius arcentur; causam religionis, et pietatis mentiuntur. Ut ergo licentiosum genus teneret in officio, occasiones vagandi præcludit:* Quer dizer o douto, Religioso e experimentado commentador, que na limitação desta lei quiz Deus ensinar a todos aquelles a quem pertence, que as

[1] *Exod.*, XXXIV, 23.

mulheres não devem sahir de casa, ainda com pretexto de piedade e religião; porque a gente deste genero (diz elle como testemunha ocular) é muito amiga de sahir e de andar por fóra; e porque talvez lh'o prohibem os que têm o mando da casa, fingem devoções falsas e mentirosas: *Causam religionis, et pietatis mentiuntur.* Assim que, desobrigou Deus as mulheres desta Lei do Templo, para lhes tirar a occasião, não de orar, mas de sahir, estimando mais o seu recolhimento, que as suas romarias.

VIII

E para que saibamos sem duvida que este recolhimento é o que mais approva, e o que mais lhe agrada á mesma Senhora do Rosario, ponhamo-nos entre os Mysterios Dolorosos, e Gloriosos, e vejamos o que então fez, ou não fez, a mais qualificada piedade. Na manhã da Resurreição foram as Marias com grande devoção e diligencia ao sepulchro para ungir o Sagrado Corpo. Agora pergunto: E foi tambem com as outras Marias a Virgem Maria Senhora Nossa? Não. Pois porque não foi tambem a Senhora? Era menos devota? Amava menos a Christo? Considerava com menor dôr os tormentos de sua Paixão e as ausencias da sua morte?. Claro está que o amôr de Salomé, de Jacob, e da Magdalena, em comparação dos ardentissimos affectos da Virgem, eram tibiezas. Pois porque não foi tambem a Senhora com as outras Marias? Porque teve por melhor e mais decente o seu recolhimento; e porque sabia que era mais agradavel ao proprio Filho o contemplar seus mysterios entre quatro paredes, que il-o buscar ao sepulchro. As Marias no sepulchro tiveram grandes visões de Anjos: e se é melhor devoção a de não ir onde só se vêem Anjos; quanto mais onde não são Anjos os que se vêem?

Em conclusão: A mulher? Só. *Mulier? Quædam.* Só e apartada da multidão e dos concursos: *De turba.* Assim o faz o mesmo Christo, quando quer converter mulheres. Primeiro aparta a multidão e as turbas, e quando ficam separadas e sós, então as converte. Levaram a Christo aquella mulher criminosa para que a condemnasse; e o Senhor que a não quiz condemnar,

senão absolvel-a, e reduzil-a de peccadora a santa, que fez? Poz-se a escrever na terra os peccados dos accusadores; e depois que todos se foram: *Remansit solus Jesus, et mulier in medio stans:* (diz o Evangelista) [1] ficou Christo só, e a mulher só com Christo: e agora que estava só, lhe fallou o Senhor, e não só lhe perdoou os peccados passados, mas com suas divinas palavras lhe deu alentos para não commetter outros: *Vade, et jam amplius noli peccare.* [2] Chegando Christo ao poço de Sichar, fatigado do caminho, a horas do meio dia, despediu de si a todos os Apostolos, e mandou-os que fossem buscar de comer á cidade. Para ir buscar de comer bastava um: e porque mandou o Senhor todos? Porque havia de vir alli a Samaritana, a quem o Divino Mestre havia de converter e revelar grandes mysterios. E posto que a multidão dos Apostolos era de homens santos, bastava ser multidão para estorvar o que sómente estando só podia uma mulher ter confiança para perguntar, liberdade para ouvir, e capacidade e socego para entender. Por isso a Magdalena em sua casa se retirou até de uma irmã, tão santa como Martha, e se recolheu, tambem só, aos pés de Christo. E por isso antes de Christo vir ao mundo, lemos da famosa Judith, que no alto do seu palacio fez um aposento secreto, em que dentro da propria casa, e longe das inquietações della, se retirava com Deus, e comsigo: *In superioribus domus suæ fecit sibi secretum cubiculum.* [3]

Isto é o que nos préga o Evangelho nas palavras, *Mulier quædam.* E se esta unidade e solidão de uma, e só, foi necessaria ás que não eram santas, para que o fossem; e depois de serem santas, para se conservarem na perfeição e pureza da vida, nenhuma mulher haverá em qualquer estado da sua, que o não tenha por errado, se seguir o modo ou appetite de querer orar entre muitos. Finalmente, para que todos entendam e se persuadam que a devoção e oração do Rosario, de si mesmo, e por si mesmo, as obriga a este retiro; saibam que assim nasceu e começou o Rosario, e que assim se deve continuar. O principio e nascimento do

---

[1] *Joan.*, VIII, 9.
[2] *Ibid.*, 11.
[3] *Judith.*, VIII, 5.

Rosario foi o mysterio da Encarnação: e como nasceu e começou por este mysterio, senão no retiro e soledade da mesma Senhora delle? *Sola in penetralibus, sola sine comite, sola sine teste*, diz Santo Ambrosio. Assim começou o Rosario na Bemdita entre todas as mulheres, e assim deve continuar em todas e em cada uma: *Mulier quædam.*

FIM DO VOLUME XI

INDICE

Sermões do Rosario

	PAG.
Sermão sexto	5
Sermão setimo	43
Sermão oitavo	71
Sermão nono	95
Sermão decimo	125
Sermão decimo-primeiro	151
Sermão decimo-segundo	191
Sermão decimo-terceiro	229
Sermão decimo-quarto	255
Sermão decimo-quinto	287
Sermão decimo-sexto	315
Sermão decimo-setimo	352

ST. IGNATIUS' CHURCH,
3220-43RD ST. S.E.
PORTLAND, OREGON